

james dashner
mesmo autor de maze runner

Regras do Jogo

a doutrina da morte » v. 2



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

james dashner
mesmo autor de maze runner

Regras do Jogo

a doutrina da morte » v. 2

tradução: alexandre boide





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Natália Chagas Máximo
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Fábio Bonillo e Juliana Sousa
Diagramação: Juliana Pellegrini
ePUB: Pamella Destefi
Ilustração de capa: Eduardo Schaal

Título original: *The Rule of Thoughts*

© 2014 by James Dashner
© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-852-4

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

Regras do jogo [livro eletrônico] / James Dashner; [tradução Alexandre Boide].
– São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. – (A doutrina da morte; v. 2)
1,1Mb; ePUB

Título original: The rules of thoughts.

ISBN 978-85-7683-852-4

1. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

15-02640

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

Para o #DashnerArmy. Estamos juntos nessa.

I. UM ESTRANHO EM CASA

1

Michael não era mais ele mesmo.

Estava deitado na cama de um estranho, olhando para um teto que vira pela primeira vez no dia anterior. Havia passado a noite desorientado e enjoado, sem conseguir pegar no sono, a não ser em breves cochilos permeados por pesadelos e surtos de ansiedade. Sua vida fora virada do avesso, e a sanidade tinha ido para o espaço. O próprio ambiente — o quarto desconhecido, a cama de outra pessoa — era um lembrete implacável daquela nova e assustadora vida. O medo corria solto em suas veias.

E havia também a questão sobre a sua família. O que acontecera com ela? Morria um pouco por dentro cada vez que pensava neles.

Os primeiros indícios do amanhecer — uma luz pálida e melancólica — brilharam por trás das cortinas fechadas. O Caixão ao lado da cama estava silencioso e escuro, sinistro como um verdadeiro ataúde arrancado de uma cova. Conseguia até imaginar a cena: a madeira rachando e rangendo, restos humanos escapando para fora. Michael não sabia mais como encarar os objetos ao redor. Objetos *reais*. Nem mesmo o termo *real* era compreensível para ele. Era como se seu conhecimento a respeito do mundo tivesse sido retirado de sua mente, como um tapete puxado sob seus pés.

Seu cérebro estava impossibilitado de entender o que quer que fosse.

Seu... *cérebro*.

Quase deu uma gargalhada, mas o riso morreu dentro do peito.

Michael tinha *realmente* um cérebro físico há apenas doze horas. Não era nem um dia completo, deu-se conta, e o buraco que sentia no estômago dobrou de tamanho.

Aquilo seria mesmo verdade? Sério?

Tudo o que sabia era resultado de uma inteligência artificial. Lembranças e dados fabricados. Tecnologia de programação. Uma vida inventada. Havia diversas outras descrições possíveis, uma pior que a outra. Nada nele era *real*, e mesmo assim lá estava Michael, excluído da VirtNet como parte do programa da Doutrina da Morte e transformado em um ser humano de carne e osso. Um organismo vivo e funcional. Uma vida fora roubada, para que ele se transformasse em algo que nem sequer entendia. Sua visão de mundo estava abalada. Irremediavelmente.

Até porque não tinha certeza de que acreditava em sua nova condição. Quem poderia garantir que não estava em outro programa, em outro nível do Lifeblood Deep? Como se certificar de que aquilo que vivia era ou não era real? A incerteza era enlouquecedora.

Ele rolou na cama e soltou um grito, a boca abafada pelo travesseiro. Sua cabeça — aquela cabeça roubada e desconhecida — doía por causa dos milhões de pensamentos que a atravessavam ao mesmo tempo, disputando sua atenção; que brigavam para serem avaliados e compreendidos. A dor não era diferente daquela que

sentia quando era um Tangente. Apenas o deixava ainda mais confuso. Era difícil aceitar que antes da noite anterior não passava de um programa, de algumas linhas de informações codificadas. Essa era uma informação impossível de *processar*. Tal pensamento o fez rir, e a dor na cabeça se intensificou e se espalhou, descendo pela garganta e invadindo o peito.

Berrou de novo, o que não ajudou em nada, e em seguida forçou a si mesmo a pôr as pernas para fora do colchão, sentando-se na cama. Os pés tocaram o piso frio de madeira – outro lembrete de que se encontrava em um ambiente desconhecido. O apartamento que havia aprendido a conhecer como seu era acarpetado, o que o tornava mais aconchegante, caloroso, seguro. Não um lugar inóspito e gelado. Queria falar com Helga, sua babá. Queria os pais por perto.

E esses foram os pensamentos que quase o derrubaram de vez. Ele os vinha evitando, misturando-os ao turbilhão de outras preocupações, mas era impossível ignorá-los. Agora erguiam sua voz e exigiam atenção.

Helga. Seus pais.

Caso o que Kaine havia falado fosse verdade, eles eram tão verdadeiros quanto as antigas unhas virtuais de Michael. Ou como suas lembranças. Jamais saberia quais recordações tinham sido programadas em sua inteligência artificial ou quais teriam sido de fato vivenciadas no código do Lifeblood Deep. Não sabia sequer há quanto tempo existia — qual seria sua verdadeira idade? Podia ter dois meses de existência, ou três anos, quem sabe um século.

Michael tentou pensar em Helga e nos pais como pessoas artificiais, ou desaparecidas, ou mesmo mortas, ou ainda como gente que nunca tivesse existido. Nenhuma das alternativas fazia sentido.

A dor que atingiu seu peito chegou ao coração, e a angústia tomou conta dele. Michael se jogou sobre a cama e rolou de bruços, comprimindo o rosto contra o travesseiro. Pela primeira vez em toda a sua existência, chorou como um ser humano de verdade. Mas as lágrimas não saíram de maneira nem um pouco diferente das anteriores.

2

Esse momento passou mais depressa do que esperava. Quando pensou que o desespero fosse tomar conta dele, o sentimento se dissipou, proporcionando certa dose de alívio. Talvez tivessem sido as lágrimas. Quando era um Tangente, Michael quase nunca chorava. Provavelmente não fazia isso desde criança. Não era do tipo chorão, era o que sempre diziam. Nesse momento, arrependeu-se disso, porque com certeza chorar aliviava a dor.

A segunda tentativa de levantar da cama foi bem-sucedida. Plantou os pés no chão frio e duro, os nervos sob controle. Era hora de fazer o que não tinha sido possível na noite anterior: descobrir em quem havia se transformado. Como ninguém aparecera correndo para acudir seus gritos, presumiu que estivesse sozinho.

Saiu andando pelo apartamento, acendendo luzes e abrindo cortinas para permitir a entrada do sol da manhã. Queria ver cada

detalhe do lugar que havia se tornado seu lar antes de decidir se ficaria por lá.

A cidade do outro lado das janelas não era a mesma que se via de seu antigo apartamento. Mas pelo menos *era* uma cidade, algo que produzia certa sensação de conforto e familiaridade. Prédios e mais prédios, carros abrindo caminho pelos cruzamentos, a constante poluição suspensa no ar, embaçando a visão das coisas. Pessoas apressadas lá embaixo, cuidando da própria vida. No céu azul e entediante, nem uma nuvem sequer.

Deu início a sua busca.

Nada de extraordinário nos quartos. Roupas, mobílias, fotos se alternando nas WallScreens presas às paredes. Michael deteve-se para observar a enorme tela da suíte principal por um bom tempo, vendo as imagens da família — mãe, pai, filho, filha —, que se revezavam no preenchimento do espaço. Lembrava-se vagamente da aparência atual, e era perturbador demais ver aquele garoto em situações que nada significavam para Michael: um retrato de família em uma paisagem de grandes carvalhos, com o sol brilhando no céu. As crianças eram bem novinhas; o menino estava sentado no colo do pai. Apareceu em outro retrato, mais recente, feito em estúdio, contra um fundo cinza. Michael olhou para o novo rosto por um bom tempo no espelho, e era como ver um estranho encarando-o do outro lado de uma parede.

Havia outras fotos, mais casuais. O garoto prestes a dar uma rebatida em um jogo de beisebol. A menina brincando com blocos prateados no chão, sorrindo para quem havia tirado a foto. A família

reunida em um piquenique. Em uma piscina. Em um restaurante. Em um momento de diversão.

Michael desviou o olhar. Era doloroso ver aquelas imagens de uma família feliz, já que a sua podia estar perdida para sempre. Desolado, dirigiu-se para o quarto seguinte, obviamente o da menina. Sua WallScreen não mostrava nenhuma foto de família, apenas imagens de seus artistas favoritos — Michael conhecia todos eles do Lifeblood. Havia um porta-retratos à moda antiga no criado-mudo, ao lado da cama decorada em cor-de-rosa, com uma fotografia impressa: a menina e seu irmão — *ele* — com sorrisos estampados no rosto. A garota parecia ser uns dois anos mais velha que o menino.

Aquelas fotos só o faziam se sentir ainda pior, por isso começou a revirar as gavetas à procura de pistas sobre a identidade daquelas pessoas. Não conseguiu encontrar muita coisa, mas descobriu que o sobrenome da família era Porter, e que a garota se chamava Emileah — uma estranha grafia para esse nome.

Enfim tomou coragem para voltar ao quarto do menino. *Seu* quarto. Com os lençóis amontoados e o Caixão sobre o chão frio e duro. Foi quando avistou o que procurava, mas também temia: o nome do garoto cuja vida havia roubado. Estava em um cartão de aniversário deixado sobre a cômoda.

Jackson.

Jackson Porter.

Coraçõezinhos vermelhos desenhados à mão ocupavam boa parte do cartão. Dentro dele, uma menina chamada Gabriela declarava seu eterno amor por Jackson e ameaçava atingir impiedosamente suas

partes baixas caso alguém, além dele, lesse aquela mensagem. Tudo acompanhado de uma carinha sorridente, claro. Havia uma pequena mancha mais abaixo, talvez uma lágrima caída logo após a menção ao aniversário do relacionamento. Michael atirou para longe o cartão, sentindo-se culpado, como se espionasse os segredos de alguém.

Jackson Porter.

A curiosidade falou mais alto. Michael voltou à suíte principal para olhar a WallScreen, desta vez com outro sentimento. Por alguma razão, saber o nome do garoto tornava tudo diferente. Parou de pensar em si mesmo por um momento. Observou o rosto e o corpo que agora eram seus fazendo uma porção de coisas diferentes: rindo, correndo, molhando a irmã com a mangueira, comendo. Parecia ser uma pessoa feliz.

Que agora estava morta.

Cuja vida havia sido roubada. Da família e da namorada.

Essa vida tinha um nome.

Jackson Porter. Para surpresa de Michael, a sensação de culpa era menor que a de tristeza. Afinal, aquilo não fora escolha nem iniciativa sua. Ainda assim, o desespero que vivenciava era diferente de tudo o que já havia experimentado.

Ele despregou os olhos da tela e continuou vasculhando o apartamento.

3

Michael revirou gaveta após gaveta, até se convencer de que não havia mais nada para descobrir. Talvez as respostas de que precisava

não estivessem no apartamento. Era hora de fazer algo que devia ser o primeiro item em sua lista de prioridades, mas que vinha evitando até então.

Era preciso voltar a se conectar.

Logo depois de acordar em seu novo corpo, no dia anterior, havia lido suas mensagens — mas só porque Kaine tinha pedido. Abriu uma tela de login quase vazia, contendo apenas a mensagem de Kaine revelando o que havia acontecido. Michael, porém, desconfiava que Kaine se apropriara da identidade virtual de Jackson Porter apenas de forma temporária, e que àquela altura tudo já devia ter voltado ao normal. Bastava apertar o EarCuff, e era provável que descobrisse até mais do que gostaria sobre o garoto.

Por algum motivo, aquilo lhe pareceu errado, o que não fazia muito sentido. Michael passara boa parte da vida hackeando na VirtNet, sem nem um pingão de culpa. Mas agora era diferente. Não se tratava de hackear nem de alterar um código. Com um clique, tudo iria mudar. Havia roubado uma vida humana, e se apropriar da existência virtual dela, de algum modo, tornava o abuso ainda maior.

Michael refletiu a respeito e concluiu que não tinha escolha. Jackson Porter — a essência do que o tornava uma pessoa — tinha grandes chances de estar perdido para sempre. Se quisesse seguir em frente, precisava aceitar esse fato. E, caso Jackson *não estivesse* perdido para sempre; caso houvesse alguma maneira de devolvê-lo ao próprio corpo, Michael jamais descobriria como caso não voltasse a se conectar.

Encontrou uma poltrona — apenas uma poltrona comum, não o trono de conforto celestial de que dispunha na antiga vida — e se

sentou ao lado de uma janela, fechando a cortina para evitar a claridade, dando uma olhada em uma cidade que fervilhava de movimento em seu cotidiano agitado de trabalho. Em certo sentido, sentia inveja daquela gente que nem sequer sabia da existência de um programa de computador enlouquecido com capacidade de roubar corpos. Que nem sequer desconfiava que havia algo de errado com o mundo.

Michael fechou os olhos e respirou fundo antes de abri-los de novo e pressionar o EarCuff. Um discreto raio de luz se locomoveu da superfície e criou uma tela ampla, que flutuava a poucos centímetros diante dele.

Era exatamente como imaginava. A vida on-line de Jackson Porter não estava mais sob o controle de Kaine, e os ícones tinham voltado a cobrir toda a tela — de pontos de encontro a jogos, passando por livros didáticos e assuntos de escola. Michael ficou aliviado, mas mesmo assim estava hesitante. Não tinha a menor ideia do que fazer. Precisava fingir que era Jackson? Devia fugir para o mundo real para se esconder de Kaine? Ou procurar o serviço de segurança da VirtNet? Não sabia por onde começar. Mas, qualquer que fosse sua decisão, era preciso ter informações. Muitas informações. E, para que isso fosse possível, tinha que começar sua busca antes que alguém chegasse em casa.

Mais questionamentos surgiram: onde estavam os pais de Jackson? E sua irmã? Michael suspeitava que Kaine pudesse ter dado um sumiço neles, assim como fizera com seus pais.

Depois de vasculhar algumas redes sociais, o que se revelou inútil, encontrou a caixa de entrada e deu uma olhada nas mensagens.

Havia várias de Gabriela, sua namorada. Três delas haviam chegado naquela mesma manhã. Um tanto relutante, Michael abriu a mais recente.

Jax,

Hã, você caiu no chuveiro e bateu a cabeça? Está desmaiado em uma poça de água, sabão e baba? Claro que ficaria uma gracinha mesmo assim. Estou com saudade. Vem logo? Estou na segunda xícara de café, e tem um engraçadinho na mesa ao lado tentando fazer amizade. Ele vende ações, ou empresas, ou órgãos retirados de cadáveres, sei lá. Por favor, vem me salvar. Com sorte, pode até ganhar um beijo com gosto de café.

Depressa!

Gabriela

Ela havia anexado uma foto, uma imagem borrada e escura de alguém que Michael supunha ser Gabriela — pele morena, cabelos escuros, rosto bonito —, fazendo biquinho e fingindo enxugar uma lágrima sob o olho. Os olhos castanhos expressavam uma tristeza exagerada. Sentindo um peso no coração, Michael fechou a mensagem e continuou a vasculhar a caixa de entrada.

4

Não precisou procurar muito.

Uma mensagem escrita pelo pai de Jackson, recebida naquela manhã, explicava muita coisa:

Jax,

Espero que esteja tudo bem, filho. Tenho certeza de que já está acordado e ocupado a essa altura, certo? Certo? CERTO? :-)

Estamos bem. Porto Rico é um lugar lindo. Pela milionésima vez, lamentamos por você não estar com a gente. Mas sabemos que tem coisas importantes esta semana, e estamos torcendo por você.

Mantenha as coisas na linha, e tome cuidado quando for acessar nossas contas. Não se esqueça de proteger as senhas! (Esse pedido foi da sua mãe.)

Vejo você na semana que vem. Gabby ainda está na casa do pai dela? Manda um oi para ela. Estamos com saudade.

Papai

Era óbvio, então, que Jackson Porter estava bem quando a família havia partido, o que significa que seu corpo não estava em coma, em estado vegetativo, como tantos outros encontrados ao redor do mundo. Esses outros teriam sido alguma espécie de teste? Kaine teria aperfeiçoado o processo da Doutrina da Morte antes de aplicá-lo em Michael? Ou Michael era o primeiro caso bem-sucedido? Fosse como fosse, era assustador. Caso fosse criada a impressão de que os ataques haviam parado, as pessoas não precisariam se preocupar mais com a VirtNet. Kaine poderia criar um exército de Tangentes sem que o mundo se desse conta disso.

Mas Michael tinha uma preocupação mais imediata: descobrir o que fazer a respeito de Jackson Porter. Ao ler as mensagens, teve certeza de uma coisa: fingir ser outra pessoa estava fora de cogitação. A ideia de se passar por aquele estranho diante da família e dos amigos era ridícula, principalmente se Gabriela aparecesse e começasse a cochichar gracinhas em seu ouvido.

Sendo assim, o que fazer?

Fechou a NetScreen e se afundou na poltrona. Tinha que dar o fora dali. De maneira repentina, deixando um bilhete com algum tipo de explicação. A família ficaria arrasada, mas pelo menos saberia que ele estava vivo. Michael poderia se corresponder com eles por um tempo, continuar o jogo de cena. Certamente seria melhor do que descobrir que um programa de computador havia destruído a mente do filho e a substituído por outra.

Mas também havia a questão do dinheiro...

Alguém bateu, e com força, na porta do apartamento, provocando um sobressalto em Michael.

Ele se virou para a direção de onde viera o ruído.

Bam. Bam. Bam.

De novo. Um baque surdo, como o de madeira contra metal. Mais uma vez, e outra.

Michael pulou da poltrona e saiu correndo pelo corredor, atravessou a cozinha e chegou à porta de entrada. Ouviu ainda mais duas pancadas, como se alguém a golpeasse com um objeto grande e...

A porta desabou para o interior do apartamento, arrebatando ruidosamente os batentes. Michael se agachou e ergueu os braços para se proteger do impacto, que quase o atingiu. Com o coração na boca, ergueu a cabeça para ver quem estava lá.

Dois homens. Ambos vestindo calça jeans e camisa de flanela verde-oliva, segurando uma espécie de aríete de madeira. Eram grandes e musculosos, um loiro e o outro de cabelos escuros.

Tinham a barba por fazer e o semblante fechado. E, caso Michael não estivesse enganado, pareciam também um pouco surpresos.

Largaram o tronco de madeira e fizeram menção de se aproximar de Michael.

Ele saiu correndo aos tropeções, até esbarrar no balcão da cozinha e acabar estatelado no chão. Os dois grandalhões pararam a poucos centímetros dele, encarando-o com a mesma expressão implacável.

— Será que posso fazer uma pergunta? — Michael conseguiu dizer.

Queria parecer corajoso, e *ser* corajoso também, mas a vulnerabilidade de seu corpo humano ficou bem evidente naquele momento. Era algo sobre o qual nunca tinha parado para pensar no Lifeblood Deep. Seu mundo poderia chegar ao fim em questão de segundos.

Nenhum dos dois respondeu; apenas trocaram um olhar interrogativo, obrigando Michael a voltar a falar:

— Acho que sim — murmurou ele. — Quem são vocês?

Os dois se viraram de novo para ele.

— Fomos mandados por Kaine — respondeu o de cabelos escuros. — Várias coisas mudaram nos últimos dois dias. Fomos mandados aqui para... *convocar* você para uma reunião. Ele tem planos grandiosos para você, filho.

Michael sentiu um aperto no coração. Imaginou que fosse ter mais tempo. Sua mente era um turbilhão de perguntas, mas as palavras que saíram de sua boca soaram como uma tremenda estupidez:

— Bom, podiam ao menos ter tocado a campainha.

II. MUNDO VASTO E CRUEL

1

Os homens o ajudaram a se levantar — o loiro inclusive espanou um pouco de poeira das costas de Michael. Mas ambos permaneciam em silêncio, e a situação como um todo ganhava um ar cada vez mais absurdo.

— E então, vão me dizer alguma coisa? O nome de vocês, pelo menos? — perguntou Michael, sentindo-se estranhamente tranquilo enquanto falava, como se a sensação de perigo tivesse sido descartada assim que o homem o ajudara a limpar suas costas.

O de cabelos escuros endireitou o ombro e cruzou os braços. O rosto não revelou nenhum sentimento quando começou a falar.

— Meu nome é Kinto — anunciou, e em seguida apontou para o parceiro com o queixo. — Este é Douglas. Pensávamos que você ainda estivesse no Caixão; que a transferência da Doutrina ainda estivesse em andamento.

— Pelo jeito, estávamos... mal informados — Douglas acrescentou em um tom de voz sério.

— Pois é — concordou Kinto. — É o que parece.

Michael se sentia confuso, embora um pouco menos agora. Aqueles sujeitos sabiam sobre Kaine e a Doutrina da Morte.

— Então quer dizer que Kaine também tomou o corpo de um humano? Quantos Tangentes já passaram pela mesma coisa?

Sua boca ainda estava aberta quando Kinto ergueu uma das mãos para silenciá-lo.

— Pare de falar — a expressão do sujeito era profissionalismo puro. — Se Kaine quisesse que você soubesse, teria contado.

— Você recebeu um presente — continuou Douglas. — A vida. Por enquanto, contente-se com o que já sabe.

— Por mim, tudo bem — respondeu Michael.

Suas entranhas agitavam-se como se atingidas por uma tempestade, com direito a raios, trovões, granizo e ventania, mas ele continuava demonstrando uma pretensa tranquilidade. Nos últimos tempos, fora arrastado à força para diversos lugares, em contextos diferentes, e queria evitar isso de novo o máximo possível. Era melhor entrar na onda dos dois até surgir uma oportunidade de fuga, ou então até que descobrisse o que fazer.

— Por você, tudo bem? — Douglas repetiu, claramente surpreso com a resposta.

— Por mim, tudo bem — Michael engoliu em seco.

Precisava falar menos e deixar as coisas rolarem até que conseguisse bolar um plano.

Kinto apontou para a porta.

— Então vamos lá. Nem preciso avisar para não tentar nenhuma gracinha, não é? Douglas vai sair primeiro, depois você, e eu por último. Tudo de modo bem tranquilo e organizado.

— As coisas não poderiam ser mais simples — comentou Douglas com uma voz áspera, embora exibisse um sorriso no semblante até então fechado. — Você vem atrás de mim, e Kinto vai atrás de você. Depois disso, todos os seus sonhos se tornarão realidade.

Sem esperar pela resposta, ele saiu porta afora, e Michael o seguiu, com Kinto em seu encalço. Entraram em um corredor absolutamente silencioso, a não ser pelo ruído dos passos.

Por alguma razão, Michael pensou no Lifeblood Deep. Lembrou-se de que o objetivo de sua vida era entrar lá algum dia, e uma onda de tristeza o abateu. Estivera lá o tempo todo. E aonde isso o havia levado? Michael sabia que se tratava de uma ironia, talvez em um nível profundamente filosófico, mas o que o dominava era uma sensação de fracasso.

Seguiu adiante.

2

Michael e seus acompanhantes dirigiram-se ao elevador, saíram do prédio e atravessaram as ruas movimentadas rumo ao metrô. Ele ficou espremido no assento entre os dois homens enquanto cruzavam os túneis subterrâneos, o tempo todo pensando em Jackson Porter. Em sua família. Até mesmo em sua namorada, Gabriela.

O que teria acontecido com a consciência do garoto que costumava ser Jackson? Como seria aquela experiência para ele? Sua mente teria sido apagada, junto com sua personalidade? Se Michael havia sido transportado *para dentro* do corpo de Jackson, talvez Jackson tivesse sido transportado *para fora* dele.

Continuou pensando nos Porter, que se divertiam sob o sol de Porto Rico, sem saber que haviam perdido o filho. O sentimento de culpa o dominou. Apesar de não ter sido escolha sua, tinha tirado

uma vida, e queria de alguma forma tornar essa perda um pouco menos traumática.

Michael e os outros dois não haviam trocado uma palavra sequer depois de sair do apartamento, exceto pelos grunhidos que emitiam quando precisavam comunicar uma mudança de direção.

Continuava sentado em silêncio enquanto o trem parava em mais uma estação. As portas se abriram, e Michael observou, distraído, enquanto os passageiros avançavam para dentro dele como um rebanho. Havia alguns que se desculpavam ou chegavam a sorrir quando esbarravam em alguém — esses eram pouquíssimos. Uma mulher entrou quando as portas já estavam quase fechadas, e sua bolsa acabou presa para fora, obrigando-a a puxá-la com força, para permitir que as portas enfim se fechassem por completo.

Vendo essa cena, os pensamentos de Michael tomaram outro rumo. Olhou para a mulher com a bolsa e depois para a porta, e as ideias passaram a ganhar força. Que diabos iria fazer da vida? Não conhecia ninguém ali, não tinha casa, nem dinheiro, nem roupas. Nada que servisse como ponto de partida. Não seria melhor acompanhar aqueles dois, ir ao tal encontro, àquela reunião, e descobrir o que Kaine queria com ele? O Tangente tinha respostas. Mas e se Michael acabasse preso em uma situação da qual fosse impossível escapar?

Mais do que qualquer coisa, sentia falta de sua família e dos amigos. Eles não podiam ser todos falsos — Michael se recusava a acreditar nisso.

O trem continuou seu caminho pelos trilhos, com suas luzes oscilantes na penumbra do túnel. Ele estava cercado de pessoas —

algumas cochilando, outras lendo, e muitas apenas olhando para o nada. Kinto e Douglas estavam sentados ao seu lado, os ombros grudados aos dele, com uma expressão tão vazia quanto a da maioria dos outros passageiros.

Michael então se lembrou de uma coisa: se o que a agente Weber do SSV havia falado anteriormente era verdade, ele não estava sozinho. Em algum lugar naquele mundo vasto e cruel, estavam os dois melhores amigos que alguém poderia ter. E não eram Tangentes como ele — nunca haviam sido. Eram *reais*. Weber garantiria.

Bryson e Sarah.

3

Michael se deu conta de que sentia medo de uma coisa: o que os amigos pensariam dele? Ele era um Tangente. Isso mudaria as coisas entre eles? Uma visão terrível passou por sua cabeça: os dois recuando assustados, fugindo dele — uma aberração que havia tomado o corpo de outra pessoa. Roubado um corpo.

Era isso mesmo o que achava? Que os amigos não o entenderiam?

Concluiu que estava enganado; que o entenderiam, sim.

O trem rangeu e sacolejou, mas todos continuaram olhando para o chão. As luzes piscaram, ficaram mais fracas e depois voltaram ao normal. Os acompanhantes de Michael não disseram nada.

Michael não podia ir com eles. Simplesmente não podia. Sim, precisava de respostas. Sim, precisava descobrir um jeito de enfrentar Kaine e descobrir o *porquê* de tudo aquilo. Mas não daquela maneira. Não com o Tangente dando as cartas.

Precisava de Bryson e Sarah. Agradeceu às estrelas por terem mandado a mulher que ficara com a bolsa presa no trem, porque isso havia lhe dado uma ideia.

Precisava manter a calma. Manteve o corpo imóvel, como uma escultura de cera, e aguardou o momento certo. O trem começou a frear para parar na estação seguinte. As portas se abriram, e os passageiros começaram a sair, dando de cara com os que queriam entrar. Gado para fora, mais gado para dentro. Michael observava tudo com tranquilidade, à espera. Depois que todos os assentos foram tomados, as pessoas se acomodaram de pé nos corredores, segurando as barras presas ao teto e à superfície do vagão. Ouviu-se um apito bem alto, e as portas passaram a se fechar.

Sem nenhum aviso, Michael saiu correndo de seu assento, esbarrando em uma porção de gente no caminho, rumo ao vão cada vez menor entre as portas que se fechavam. Tropeçou em algo, recuperou-se e mergulhou no último segundo. Seu corpo conseguiu passagem, mas as portas se fecharam sobre a panturrilha direita, prendendo-a com força entre as borrachas de vedação. Foi ao chão, virando-se e olhando para trás. Os dois homens estavam de pé do outro lado da porta, observando-o com um olhar de tranquilidade. Aquele par de expressões serenas era mais assustador do que se ambos houvessem criado asas ou presas enormes na boca.

Douglas se agachou e agarrou o pé de Michael, segurando-o com uma força impressionante, enquanto Kinto tentava forçar as portas para abri-las. Elas não cederam um milímetro. Um alarme soou, seguido pelo som de uma voz mecanizada:

— *Favor não impedir o fechamento das portas.*

Michael cerrou os dentes e puxou a perna presa, chutando a lateral do trem com a outra, tentando se libertar a qualquer custo. Mas Douglas o segurava com firmeza do outro lado, torcendo dolorosamente seu pé. Michael soltou um grito e fez ainda mais força. Uma mulher berrou dentro do trem, superando inclusive o ruído do alarme — devia ter se tornado evidente para todos que Douglas não tentava, de fato, ajudar Michael.

O trem começou a se mover.

Michael começou a ser arrastado pela superfície de cimento da plataforma, tentando em vão encontrar algo a que se agarrar. Um segundo alarme ressoou, dessa vez ainda mais alto — um apito eletrônico que preencheu o ar. O trem se deteve. A perna de Michael doía terrivelmente, pois as portas a comprimiam como se fossem um torno. Douglas continuava a torcer seu pé do lado de dentro, e os demais passageiros perceberam que ele machucava Michael, mais atrapalhando que ajudando. Ouviram-se gritos, e Michael observou um desentendimento se desenrolar lá dentro. Um soco foi desferido. A cabeça de Douglas foi projetada para a esquerda, mas seu rosto não registrou nenhuma expressão de dor. Michael observava tudo admirado, como se sua mente tivesse se desvencilhado do corpo dolorido.

Foi quando notou que alguém empurrava seu pé em vez de puxá-lo. Uma mão o agarrou por baixo da panturrilha, tentando encontrar o melhor ângulo para libertá-lo. Kinto e um sujeito corpulento brigavam dentro do trem — foram ao chão, e Douglas soltou seu tornozelo. Michael ajeitou o corpo e começou a empurrar a porta do trem com o outro pé. Os alarmes atingiram um volume

ensurdecedor. Dois homens de uniforme vinham correndo em sua direção, berrando ordens que ele não conseguia entender. Os passageiros gritavam e apontavam lá de dentro para ele.

Por fim, sua perna se libertou da pressão das portas, que se fecharam.

Michael encolheu a perna e começou a massagear a panturrilha e o tornozelo, caído no chão, enquanto o trem voltava a se movimentar. O alarme parou de tocar, e os rangidos e guinchos da composição ressoaram outra vez. Viu quando os vagões entraram no túnel. No último deles estava Douglas, encarando-o através da janela suja de poeira e com marcas de mãos, ignorando a cena caótica que ainda se desenrolava atrás de si.

E, pela primeira vez, o sujeito pareceu irritado.

III. NÓ NO ESTÔMAGO

1

Michael fez uma careta e se concentrou em sua perna, interrompendo o contato visual com Douglas à medida que o trem se afastava. Os guinchos e rangidos se transformaram em ecos quando a composição enfim desapareceu túnel adentro. Passos se aproximaram em alta velocidade, e os dois seguraram o ajudaram a ficar de pé. Apoiou-se com dificuldade sobre a perna machucada e agradeceu.

Depois de alguns minutos de broncas e reprimendas, eles o liberaram, alertando-o para que nunca mais fizesse uma bobagem como aquela. Nenhum dos dois percebeu que ele tinha acabado de escapar de um sequestro, nem que aqueles dois sujeitos de expressão imperturbável haviam tentado puxá-lo de volta lá para dentro. Para Michael, foi um alívio. Não queria chamar muita atenção. Batendo a poeira das roupas, testou a perna com rapidez. Doía um pouco, mas não tinha nada quebrado. Enfim pôde sair mancando da estação para as ruas da cidade.

Michael deteve-se um instante para olhar ao redor. Havia gente por toda parte, e carros também. Era um mundo cheio de sons. Buzinas e motores, falatório, gritaria, risadas. Um carrode polícia passou ao seu lado com a sirene ligada. A luz do dia ofuscava ligeiramente seus olhos, transformando a paisagem à sua volta em um mar de

movimentos borrados. A adrenalina ainda estava em alta por causa da fuga de Douglas e Kinto. Demoraria um tempo para tudo voltar ao normal.

Encontrou um banco ali perto e se sentou, e não só porque a perna doía. O turbilhão de pensamentos e acontecimentos desencadeado após a leitura das mensagens de Gabriela e do pai de Jackson Porter tinha impedido Michael de tentar descobrir o que estava acontecendo. Kaine devia ter todas as respostas, mas não se arrependeu nem por um instante de sua decisão de fugir — era preciso manter a maior distância possível de Kaine. Como confiar naquele Tangente?

Com os cotovelos apoiados nos joelhos, escondeu o rosto entre as mãos e respirou fundo. Para encontrar Bryson e Sarah — e até mesmo para conseguir uma simples refeição —, Michael precisava de algo que não tinha.

Dinheiro.

Tinha que conseguir algum dinheiro com urgência.

Seu estômago rugiu de fome, e ele quase deu risada. Era engraçado como sua “falsa” vida antiga se parecia com aquela. A não ser que quisesse mendigar ou mergulhar em uma lixeira, Michael precisava pôr algum dinheiro eletrônico na conta. Nesse momento, deu-se conta de que *nem tinha* uma conta. O garoto conhecido como Michael não existia naquele mundo.

Mas Jackson Porter sim. E, de acordo com a mensagem do pai, ele sabia que o filho precisaria de dinheiro enquanto a família estivesse em Porto Rico.

Michael sentiu mais uma pontada de culpa, mas depois se lembrou de que o responsável por tudo era Kaine, não ele. Fechando os olhos com força, tentou assimilar aquele pensamento, mas não conseguiu. Para que fizesse parte do mundo real, o destino de uma família tinha mudado para sempre. Talvez até fosse possível fingir, fazer com que os Porter acreditassem que o filho estava vivo e apenas havia decidido pôr o pé no mundo. Eles ficariam tristes — o que valia também para Gabriela —, mas não tão arrasados quanto se descobrissem a verdade.

Enfim, no curto prazo, estava em segurança, e só pegaria o que fosse estritamente necessário. Quando a família voltasse de viagem e percebesse que ele estava desaparecido... Bom, uma coisa de cada vez.

Naquele momento, o que precisava era de um lugar melhor para se sentar — um local mais escuro, onde pudesse visualizar melhor a NetScreen — e de um tempinho na VirtNet. Encontrou um cantinho relativamente escondido em um beco, afastado o suficiente para manter os curiosos à distância, e se sentou no chão. Com um clique do EarCuff, a tela verde e reluzente de Jackson Porter se acendeu diante dele.

Nesse momento, um arrepio percorreu sua espinha. E se sua capacidade de manipular o código fosse falsa, tal como sua vida no Sono? E se o código fosse diferente para quem fosse da Vigília? Da *verdadeira* Vigília.

Sem saber o que pensar, pôs mãos à obra, e logo descobriu que seus medos eram infundados.

Digitando no teclado e tocando a tela, deixou a mente assumir o comando, e escavou camadas e camadas da vida de Jackson e sua família, vasculhando a rede em busca de códigos e arquivos que conhecia tão bem — decifradores de senhas, geradores de identidades falsas e sites secretos sobre as brechas na cibersegurança bancária. Em pouco tempo, criou um ser humano totalmente novo — pelo menos no mundo virtual. Chamava-se Michael Peterson.

Kaine sabia seu primeiro nome, mas deveria haver milhares de outros garotos chamados Michael por aí. Centenas de milhares. Não podia usar um nome diferente, afinal queria preservar alguma coisa da vida que perdera. Além disso, Kaine presumiria que ele tivesse mudado de identidade.

Para sua sorte, dinheiro não era problema para os Porter. Michael cuidou para que a transferência de fundos parecesse um saque feito pelo filhinho Jackson, uma operação praticamente impossível de rastrear.

As coisas caminhavam de maneira bem mais tranquila e rápida do que Michael esperava, e ele começava a se sentir mais à vontade, quando aconteceu. Uma linha azul atravessou em diagonal a NetScreen. Durou apenas uma fração de segundo, mas fez seu estômago se retorcer. Aquele sinal era inconfundível. Alguém estava tentando invadir seu sistema.

Mais uma linha. Ainda mais brilhante. Seguida por outra.

As mãos de Michael se moviam com agilidade da tela para o teclado, e deste para a tela. Seus instintos assumiam o controle, erguendo firewalls improvisados, camuflando seu sinal digital — o

sinal digital de Jackson Porter, na verdade — e codificando alguns programas para barrar o invasor. Pela força da ofensiva, porém, dava para sentir que era alguém com habilidades bem acima da média.

Para Michael, não havia dúvida nenhuma. Tratava-se de Kaine.

2

Michael não conseguira mantê-lo à distância por muito tempo. Os dois sujeitos de expressão impassível que tinham ido buscá-lo já haviam relatado tudo para seus superiores. Ele era oficialmente um fugitivo, e Kaine não devia estar nada contente com isso.

Michael continuou trabalhando, em um ritmo frenético. Era preciso fazer algumas coisas ainda antes de se desconectar. Finalizar a nova identidade para poder acessá-la mais tarde, fazer os últimos ajustes para que Kaine não pudesse localizá-lo quando fizesse esse acesso. Também precisava concluir as transações entre as contas, assegurar a posse do dinheiro, garantir que ninguém pudesse movimentá-lo remotamente e responder aos Porter para que pensassem que o filho estava bem.

Mas havia algo ainda mais importante que tudo isso.

Encontrar Bryson e Sarah. Pelo menos um dos dois. Ou o lugar onde moravam. Com a conta de Jackson comprometida, talvez demorasse um bom tempo para que Michael pudesse acessar a rede outra vez.

Uma linha brilhante atravessou a NetScreen, desta vez ainda mais larga, e permanecendo por mais tempo. Números e letras aleatórios piscaram na tela, desaparecendo em seguida. Kaine — aquele *só podia* ser Kaine — investia com toda a força, tentando sabotar, em

vez de hackear. Michael sabia disso por experiência própria. Reagiu com uma enxurrada de códigos, mas sabia que da próxima vez poderia não funcionar.

O instinto assumiu o comando. Vasculhou e vasculhou, revirando os arquivos do Lifeblood, o jogo que tanto significava para ele até pouco tempo. Informações sobre jogadores, pontuações, datas, registros de eventos. A imagem de Tanya, a menina que havia se matado saltando da ponte Golden Gate, voltou à sua mente. Michael era um Tangente, e, quando fazia a Emersão, apenas saía do Lifeblood Deep para o jogo normal. Mas Bryson e Sarah eram reais — pelo menos segundo a agente Weber —, portanto devia haver pelo menos alguma pista do mundo real a ser descoberta entre os dados do jogo, antes que Kaine pusesse fim à existência virtual do pobre Jackson Porter.

Três linhas brancas e brilhantes atravessaram a NetScreen, apagando o percurso que Michael vinha trilhando pelo código. Mais uma vez, números e letras apareceram, borrando a tela e ocultando informações. Michael conseguiu se livrar da investida valendo-se de um código absolutamente ilegal. A tela voltou a ficar normal, e ele mergulhou de novo nos arquivos de dados do Lifeblood, sentindo os olhos lacrimejarem, tão concentrado estava.

Sua testa estava molhada de suor, que escorria pela têmpora e encharcava seu rosto. O código do Lifeblood era complexo e muito bem protegido. Mas Michael era bom no que fazia — afinal, já fora parte daquele código. Vasculhou e procurou, em busca de arquivos que fornecessem pistas sobre os amigos. Informações pessoais eram sagradas no mundo virtual. Sagradas.

Podia sentir os esforços de Kaine tentando investir contra ele. Era uma pressão quase palpável, que o intimidava. Fazendo o possível para ignorá-la, Michael foi abrindo caminho em meio a um mar de dados, pesquisando, procurando, vasculhando.

Ali estava. O arquivo de um jogador com todos os seus Pontos de Experiência, largado em um canto como uma pilha de roupa suja. Tudo nele parecia familiar e obedecia aos critérios estabelecidos por Michael. Reconheceu muita coisa inscrita naquele código — Michael conhecia aquele jogador.

Era Sarah.

A pressão se intensificou. Os caracteres na tela saltavam e pulsavam como a batida de um tambor, algo que jamais havia visto antes. O canto superior direito da tela brilhou, formando uma espécie de bolha luminosa. Michael encontrou o arquivo de localização e o guardou na memória. Sarah. Tinha achado Sarah. Ela era real. O alívio e algo parecido com felicidade instalaram-se em seu peito.

Foi nesse instante que as coisas começaram a ir por água abaixo.

Mais luzes brilhantes cruzaram a tela. Agindo por instinto, Michael apertou o EarCuff, mas sabia que não adiantaria nada. A NetScreen permaneceu onde estava, embora menos nítida, as extremidades embaçadas. Números e letras rodopiavam, quase imperceptíveis sob a barreira de luzes brilhantes. Ouviu-se um zumbido bem alto. Michael tentou se inclinar para trás, para se afastar da tela pulsante, mas bateu a cabeça na parede. Aquele era um ciberataque franco e pesado.

Alguma coisa espocou depois de uma última explosão luminosa. Michael virou o rosto e fechou os olhos, vendo uma porção de pontinhos cintilantes na escuridão. O suor encharcava seu corpo. Após um tempo, o zumbido parou, substituído pelo som distante das buzinas e do vento, que arrastava a sujeira pelo beco.

Michael abriu os olhos. Era óbvio que virar o rosto não adiantaria nada — a NetScreen ainda flutuava diante dele, como se estivesse apoiada à parede do edifício. A tela estava preta, com letras brancas preenchendo sua parte central:

VOCÊ DEVERIA TER SEGUIDO MINHAS ORDENS, MICHAEL.
PRECISAMOS UM DO OUTRO.

Lia a mensagem pela terceira vez quando as palavras desapareceram no fundo negro. Em seguida, a tela inteira se apagou. Michael nem precisava apertar o EarCuff de novo para saber que jamais voltaria a funcionar.

IV. BORRÕES COLORIDOS

1

O cérebro de Michael estava exausto.

Apesar de o estômago estar se contorcendo de fome, o cansaço decorrente do esforço mental era maior que qualquer outra coisa. Nem se incomodou com o fato de a superfície em que estava sentado ser desconfortável e suja. Esparramou o corpo no chão, encolheu as pernas, apoiou a cabeça nos braços e fechou os olhos.

Na esquina de um beco, sem se preocupar com quem pudesse vê-lo, tranquilizado de alguma maneira pelo ruído hipnotizante da cidade, ele dormiu.

2

Quando acordou, já estava escuro.

Não havia trocado de posição nenhuma vez enquanto dormia e, ao abrir os olhos, deparou com uma superfície de cimento bem próxima dos olhos. Com movimentos lentos, virou a cabeça e se espreguiçou, sentindo os músculos reclamarem e as juntas estalarem. Pouco a pouco, foi se levantando. Sentia-se como um senhor de oitenta anos de idade. Enquanto se alongava, a lembrança do ciberataque de Kaine veio à tona, fazendo seu estômago revirar. Em seguida, veio a

fome — contrações na barriga, como se garras se cravassem em suas entranhas.

Precisava de comida. O sujeito do café da esquina ficou um pouco chocado quando Michael pediu três sanduíches e dois sacos de batatas fritas, mas tudo ali parecia delicioso. Sozinho em uma mesa, devorou a comida, olhando distraidamente para as luzes da cidade lá fora, pensando nos dados que tinha encontrado sobre Sarah. Não estavam nem um pouco próximos. A distância era de centenas de quilômetros, e por alguma razão Michael ficou triste por ter que se afastar tanto dali, apesar de não ter nenhum laço sentimental com a cidade natal de Jackson Porter.

Ele não tinha laços com nada nem ninguém. Podia ir para onde bem entendesse.

Após dar fim ao segundo sanduíche, já estava satisfeito. Como seu pai — seu *falso* pai — sempre dizia, ele tinha o olho maior que a barriga. Ainda dolorido por causa do longo sono sobre o concreto, levantou-se e saiu, deixando o sanduíche que havia sobrado e um dos sacos de batatas com uma sem-teto que encontrou ali perto. Por alguma razão, sentiu inveja dela. Pelo menos aquela mulher tinha um *mundo*. O dele tinha sido destruído.

Havia muito o que fazer antes de viajar. Quando começou sua lista mental de tarefas a executar, ouviu alguém gritar atrás de si:

— Jax!

Era uma voz de menina, e Michael só se virou por curiosidade, pois a princípio nem se deu conta de que era com ele. Porém, ao dar de cara com um par de olhos pousados sobre si e ver uma garota bonita correndo em sua direção pela calçada, o reconhecimento foi

imediatamente. Era *ela*. Gabriela. Apesar de conhecê-la somente de uma foto borrada, não tinha dúvida de que era ela.

Michael sorriu e praguejou bem baixinho. Virou as costas e saiu andando apressado, sem saber o que fazer.

Ela o alcançou e o agarrou pela camiseta, forçando-o a encará-la outra vez. Ele parou e a olhou, ciente de que deveria estar pálido.

— *O que* aconteceu com você? — perguntou a menina, com uma expressão ao mesmo tempo confusa e furiosa. — Jax, você está parecendo um... um zumbi. Me diz o que está acontecendo. Estou sem notícias suas faz dois dias!

Os lábios de Michael se abriram com movimentos trêmulos. Nenhuma palavra saiu de sua boca.

Gabriela soltou a camiseta dele e deu um passo para trás. Parecia magoada.

— E os nossos planos para quando seus pais estivessem fora? A gente ia se divertir como nunca! E agora você não pode nem responder às minhas mensagens? Nem ligar para mim? O que está... — ela se interrompeu e franziu a testa. — Jax, é sério. O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Humm... — Michael conseguiu dizer. — Hã, escuta só, é... Gabriela... — a cada sílaba pronunciada, mais perplexa ela parecia. Se antes ele já desconfiava, agora tinha certeza: não havia como fingir que era Jackson Porter. — Escuta só, as coisas mudaram. Não dá para explicar tudo agora, e eu não conseguiria nem em um milhão de anos. Desculpa. Sério mesmo. Tchau.

Michael se virou e saiu empurrando as pessoas pela calçada, desviando dos vendedores ambulantes, antes de começar a correr.

Correu e correu pela cidade, sem olhar para trás, com medo de que ela estivesse em seu encalço. Só parou quando encontrou um beco mais afastado, certificando-se de que não estava sendo seguido. Ela nem sequer havia gritado seu nome. Devia estar perplexa demais para ter qualquer reação.

Estava sozinho.

Com a respiração ofegante, agachou-se no chão e se escondeu em um canto escuro, lamentando o que havia feito com aquela menina que nem conhecia.

Mas Sarah... Sarah ele *conhecia*.

E precisava encontrá-la.

3

Vinte horas depois, Michael estava em um trem, um trem *de verdade* — um daqueles expressos BulletStreams que viajava a mais de trezentos quilômetros por hora. Jamais havia andado em um daqueles em sua vida virtual como Tangente, o que o fez perceber algo *difícil* de acreditar: nunca tinha ido a lugar nenhum com sua família durante todos aqueles anos. Pelo menos a nenhum lugar mais ou menos distante. E isso jamais lhe parecera estranho. Para ele, era apenas um fato da vida. A pessoa ia trabalhar ou então à escola e passava o dia pensando no momento em que entraria no Caixão e deixaria o mundo para trás. Isso era absolutamente normal para Michael, mas começava a desconfiar de que não era bem assim. Pelo menos, não para todo mundo.

De certo modo, apesar de não ter de fato um motivo para isso, sentiu-se ofendido ao notar o quanto sua vida tinha sido

manipulada. Mas não era essa a função de um programa de computador? Bem, ele não entendia por que; aquilo apenas o irritava. Tudo aquilo. E agora ele era uma pessoa de carne e osso. Não sabia quando o processo tinha começado nem quando iria acabar, mas estava certo de que, pouco a pouco, passava por uma transformação, assumindo de forma mais plena sua... consciência de si mesmo. A insegurança de ser uma criatura artificial começou a se dissipar, e não sabia como se sentir a respeito. Essa presunção era algo de que não gostava. Nem entendia.

E parte do problema era que não conseguia parar de pensar em Gabriela. Sentia por ela algo que não deveria, como se houvesse sentimentos de verdade em seu coração — que, no caso de Michael, na verdade pertencia a Jackson Porter.

Talvez só se sentisse culpado por ter magoado a garota daquele jeito. Soltando um suspiro, encostou a cabeça na janela e olhou para a paisagem que passava rapidamente ao lado. O trem ia tão depressa que era quase impossível distinguir uma coisa da outra. Passou por uma cidade com um borrão de prédios, uma zona rural com um borrão de plantações e uma área preservada com um borrão de floresta. Agora estava em um mar infindável de casas e edifícios residenciais, estendendo-se em linhas coloridas.

Havia sido um dia muito agitado. Tinha conseguido descansar bem melhor do que esperava na noite anterior, dormindo no mesmo beco em que fora parar depois de fugir de Gabriela. Acordara se sentindo bem-disposto, ansioso e empolgado para começar sua nova vida e encontrar Sarah. O dia tinha se passado com uma série de providências para a viagem.

Havia escrito um bilhete para a família de Jackson Porter e o deixou no apartamento, incapaz de encontrar um método melhor para fazer isso do que o velho esquema de papel e caneta. Teve que torcer para sua letra não parecer muito diferente da de Jackson, e também para que Kaine não tivesse mandado ninguém a fim de vigiar o local. A mensagem foi breve, para evitar o risco de dizer algo que não combinasse com a personalidade de Jackson — apenas comunicou que queria conhecer o mundo e realizar coisas diferentes; que lamentava muito ter embolsado tanto dinheiro, mas que estava bem, e que algum dia talvez voltasse.

Blá-blá-blá.

Tudo aquilo era ridículo, claro. A família mandaria a polícia procurá-lo de qualquer maneira, não importava o que escrevesse. Mas pelo menos saberiam que estava vivo. Depois de ver a porta arrombada, eles sem dúvida levantariam uma série de hipóteses tenebrosas.

Assinou a carta e escreveu que os amava. Ficou emocionado com aquelas palavras, pois sabia que na verdade eram dedicadas aos pais que conhecera no Lifeblood Deep. Aqueles que ainda via como seus pais. Aqueles que jamais encontraria de novo.

Após tomar banho e comer, pegou uma mala no armário de Jackson e parou por um momento no corredor ao sair. Aquele apartamento devia ser sua casa, mas não era assim que se sentia. Quanto à porta quebrada, não sabia o que fazer, por isso limitou-se a apoiá-la na parede. Não dava para imaginar o que a família iria pensar ao ver aquilo. Sentindo uma tristeza que o confundiu ainda mais, foi embora.

A primeira providência que tomou foi ir a um caixa eletrônico. Precisava saber se o que tinha feito com a NetScreen de Jackson Porter havia funcionado, e soltou um suspiro de alívio ao ver a conta de Michael Peterson aparecer, cheia de dinheiro. Em seguida, foi a uma loja de eletrônicos e comprou o EarCuff mais sofisticado do mercado, destruindo o antigo ao instalar o novo. Após adquirir a passagem e fazer uma reserva em um hotel perto da cidade em que Sarah morava, lá estava ele, em um trem, pronto para se encontrar com a menina que havia se tornado uma de suas melhores amigas. Da última vez em que a vira, estava derretendo em uma poça de lava. Torceu para que na vida real as coisas estivessem um pouco melhores.

Olhar pela janela o deixava enjoado. Virou a cabeça e começou a observar os passageiros espalhados pelo vagão. Os assentos do trem ficavam de frente um para o outro, para que as pessoas pudessem conversar durante a viagem. Seu olhar pousou sobre uma mulher a umas cinco fileiras de distância, e ambos se encararam por uma fração de segundo. Ela desviou o olhar com rapidez — rapidez *demais* — e passou a observar com atenção algo em sua NetScreen.

Era mais velha, talvez tivesse uns sessenta anos, e os cabelos escuros tinham fios grisalhos. Um pouco gorducha, usava uma blusa e uma saia, e mantinha as pernas cruzadas de modo comportado.

Michael não teve dúvida de que ela o observava enquanto estava virado para a janela. Vinha sendo observado.

Sentiu um frio na barriga.

Arriscava uma olhadela para a mulher a cada poucos segundos, na expectativa de surpreendê-la de novo. No entanto, ela não retribuiu o olhar nem uma vez, aumentando sua desconfiança de que pudesse estar sendo observado. Pessoa nenhuma no mundo resistiria a dar uma olhadinha casual caso soubesse que estava sendo encarada. Poderia haver outras razões para uma mulher ficar de olho em um garoto, mas para Michael só existia uma provável nesse caso.

Kaine.

O Tangente tinha posto espiões para segui-lo e observá-lo? Kaine podia ser tão onisciente assim? Michael sempre havia sido bom em se camuflar, e imaginou ter coberto todos os rastros em sua fuga e na criação de sua nova identidade.

Mas Kaine era superior em tudo. Tinha conseguido arrumar um jeito de implantar uma inteligência artificial em um corpo humano real, ora essa. Michael se perguntou mais uma vez se o Tangente não teria usado a Doutrina da Morte em si mesmo.

A essa altura, Kaine poderia ser um humano, andando por aí no corpo de um desconhecido. Michael precisava parar com esse tipo de pensamento. Caso fosse a cobaia daquele experimento, Kaine ainda tinha um tempo para observar os desdobramentos de tudo aquilo antes de se transformar. Além disso, quem poderia afirmar que era isso que Kaine queria, para começo de conversa? Como um Tangente, em teoria, era possível ser imortal, viver para sempre no código. Como um humano, a morte poderia vir a qualquer momento. Qual seria o objetivo final de Kaine?

A visão de Michael ficou embaçada, a mente girando a mil. Balançou a cabeça e voltou a se concentrar na mulher. Desta vez, ela o encarava, sem fazer nenhuma questão de desviar o olhar.

O corpo de Michael ficou tenso, mas ele não interrompeu o contato visual. Nem ela. Um adolescente e uma vovó se encarando. A maquiagem pesada que ela usava era perturbadora, e sua expressão, impassível — nem sinal de um sorriso, mas também nada de raiva ou animosidade. Ela se limitava a observá-lo, e ele sustentava seu olhar.

Por fim, a mulher baixou os olhos e apertou o EarCuff, apagando sua NetScreen. Recolheu as coisas de baixo do assento, levantou-se calmamente e saiu pelo corredor na direção oposta à de Michael. Ele continuou observando enquanto, sem olhar para trás, ela se afastava cada vez mais. Uma pontada de pânico o atingiu — precisava saber o destino daquela mulher, e a única chance para isso era seguir seu rastro antes que ela saísse do vagão.

Levantou-se e foi andando corredor afora.

5

Foi preciso parar algumas vezes e se comprimir contra os assentos para permitir a passagem de quem vinha na direção contrária. Viu a mulher passar para o vagão seguinte — ainda sem olhar para trás; nem uma espiadinha pelo canto dos olhos. Apertando o passo, quase derrubou uma velhinha, que resmungou alguma coisa sobre “pais que não sabem criar os filhos”.

Um outro passageiro que notou sua grosseria olhou feio para ele, mas Michael não se abalou. A cada momento, a sensação de

urgência crescia, e seu coração se acelerava. Precisava saber quem era aquela mulher.

Quando se aproximou da porta, ela se abriu. Três mulheres passaram, fofocando sobre o último programa da NetVoyeur. Todas usavam batom brilhante e tinham os cabelos bem compridos, e Michael precisou se esforçar para suprimir a vontade de empurrá-las e tirá-las da frente. Quando entrou no outro vagão, conseguiu ver o alvo de sua perseguição, já quase do outro lado. Havia várias pessoas de pé, e ele apertou o passo outra vez, atravessando o corredor como se fugisse de alguém. Calculou que conseguiria alcançá-la antes que chegasse à outra porta. Nesse momento, ele a seguraria pelo braço e perguntaria com toda a educação, embora com firmeza, o que estava acontecendo; por que ela o observava.

Antes que ele pudesse alcançá-la, porém, ela parou diante da porta e se virou para encará-lo, com uma expressão absolutamente vazia. Era enervante testemunhar tanta tranquilidade depois de toda aquela movimentação. Michael deteve o passo. A mulher ergueu o braço pálido e lhe mostrou três dedos.

Ela agitou o braço algumas vezes, enfatizando o gesto, o número três, mantendo uma expressão inacreditavelmente impassível o tempo todo.

Em seguida, em um movimento abrupto, virou-se e se dirigiu para o vagão seguinte.

Três.

Três *o quê?*

Michael foi atrás dela.

6

O vagão seguinte não era de passageiros, e sim uma espécie de depósito. Havia duas saídas de emergência, kits de primeiros socorros, extintores de incêndio e cobertores dobrados e empilhados em prateleiras de metal presas a uma das paredes. A mulher estava parada no meio do vagão, de costas para Michael, a cabeça baixa como se olhasse para o chão. Por alguma razão, aquilo o fez se lembrar de um jogo de zumbis que ele adorava: Undead and Unfed. Praticamente estava pronto para que ela se virasse e viesse em sua direção como um monstro faminto, o rosto coberto de sangue e sujeira. Mas ela permaneceu imóvel. Michael sentiu um arrepio na nuca.

Pigarreou para limpar a garganta, recusando-se a admitir que estava com medo de uma velhinha.

— Quem é você? — perguntou ele, contente em constatar que a voz saíra firme e convicta.

Ela não respondeu. Tampouco se mexeu. Permaneceu imóvel, de costas para Michael.

— Por que estava me olhando? E o que quis dizer com...

Ele parou de falar quando ela estendeu o braço, lentamente, e mais uma vez estendeu três dedos rígidos e trêmulos. Só parou quando ergueu o braço por inteiro, como uma criança querendo fazer uma pergunta em sala de aula.

Michael permaneceu atrás dela, olhando para os três dedos estendidos no ar. Teve que se esforçar para encontrar o que dizer.

— O que esse número tem a ver comigo? Quem é *você*? — talvez sua voz não tivesse soado tão firme desta vez.

A mulher se virou devagar, os movimentos letárgicos. Era como se houvesse usado todas as energias do corpo para fugir de Michael. Sua cabeça ainda estava baixa ao se virar para ele. Em seguida, ela o encarou, o braço ainda no ar.

— Me diz logo o que está acontecendo — disse Michael, frustrado com aquele joguinho de charadas.

— Três — murmurou ela. Ele não teria conseguido ouvir se não tivesse lido seus lábios. — Sou uma de vocês. Três.

— Três *o quê*? — questionou ele. — Você era um Tangente também? Podemos sentar e conversar sobre isso? Por favor?

A voz dela soou um pouco mais alta ao responder:

— Você tem três dias.

— Três dias para quê?

— Para mudar de ideia.

Antes que Michael tivesse chance de perguntar sobre Kaine, ela confirmou sua suspeita.

— Kaine não é mais um escravo do programador. Os planos originais mudaram. Ele precisa da sua ajuda. Você precisa dele. E... ele não gosta quando as pessoas desobedecem.

Pela primeira vez, sua expressão mudou. Ela sorriu. Passageiros entravam no vagão pelas duas portas ao mesmo tempo, olhando pelas janelas.

Michael permaneceu em silêncio.

O sorriso dela desapareceu. Os olhos da mulher eram inexpressivos quando ela enfim baixou o braço. Em seguida, virou-se de novo,

detendo o passo enquanto observava a saída de emergência em uma das laterais. O trem deu uma sacudidela, o que fez Michael se lembrar da alta velocidade em que viajavam. Com certeza, ela não estaria pensando em...

A mulher chegou à porta em uma fração de segundo, estendendo a mão para a maçaneta vermelha. Quando a puxou, uma explosão de estourar os tímpanos ressoou pelo vagão enquanto a porta se escancarava, batendo com força na lateral do trem, e um alarme começou a tocar. Michael caiu no chão devido ao golpe de ar que havia entrado do exterior. Borrões coloridos se estendiam pela abertura — os verdes e marrons de uma floresta —, e o vento agitava as roupas da mulher, que se segurava à moldura da porta.

Ela deu um passo à frente, desaparecendo do campo de visão em um instante.

Michael continuou olhando para o borrão, à espera de algo, mas não houve nenhuma reação. Nem ao menos um grito.

V. CONFUSÃO NA COZINHA

1

Os alarmes ressoavam pelo ar, e os freios do trem guincharam enquanto a composição ia diminuindo de velocidade, até parar de vez. Michael estava agarrado a uma prateleira de metal, e continuou assim mesmo depois de o trem ficar imóvel. Estava trêmulo, o coração disparado.

Talvez ainda estivesse se acostumando com o fato de ser um humano. Tudo ali era diferente. Mais tenso. Mais real. Mais assustador. Sentia cada coisinha de uma maneira que nunca havia sido capaz em sua antiga vida. Ou aquilo seria só uma impressão causada pelo calor do momento?

Os responsáveis pela segurança apareceram, ajudaram Michael a se levantar e o interrogaram. Por alguns minutos, ele imaginou que seria acusado de algum crime, mas as imagens das câmeras de segurança mostravam claramente a mulher se jogando. Perguntaram por que ela tinha levantado o braço, e por que Michael fora atrás dela. Ele disse que não sabia, que a seguira só por curiosidade, o que era verdade. Por fim, foi liberado para voltar a seu assento. A situação parecia bem simples para todos: a mulher era maluca.

Michael ainda tremia quando foi se sentar. Havia muito em que pensar.

Kaine não era mais um escravo de seu programador. Ele precisava de ajuda, e Michael precisava dele. Três dias. Uma reprimenda por desobediência, como se ele fosse filho daquele Tangente. E a mulher... seria mesmo como Michael? Uma antiga Tangente? Ver alguém tirar a própria vida... esse incidente era parecido demais com o salto para a morte na Golden Gate de uma garota chamada Tanya. Algo que ocorrera há uma eternidade.

Assustado, abraçou as próprias pernas e apoiou a cabeça na janela. Em pouco tempo, o trem começou a se mover de novo e foi pegando embalo aos poucos, até voltar a viajar em alta velocidade sobre os trilhos.

2

Michael já se sentia bem melhor quando chegou à cidade onde Sarah morava. Estava tão atordoado com tudo o que havia acontecido que forçou a si mesmo a se concentrar em uma única coisa: localizar a amiga. Ele a encontraria, contaria toda a verdade a seu respeito e perguntaria a ela o que fazer. Ela saberia. Sarah era esperta. De algum modo, ela saberia o que responder.

Antes de encontrar Sarah, porém, precisava se instalar e se recompor. Isso demorou algumas horas. Um táxi até o hotel; check-in pago à vista com nome falso; comida; uma última vasculhada na nova identidade na rede; e conferência dos dados confiscados no Lifeblood nos mapas da região. Durante todo esse tempo, ele se perguntou: não seria melhor fazer contato com Sarah, avisar que estava ali para vê-la? Não conseguiu se decidir. Por um lado, tinha medo de que, por alguma razão, ela pedisse que ele não fosse. Ou

então pensasse que ele era uma espécie de maluco e se desconectasse — ou pior, o bloqueasse.

No fim, voltava sempre à mesma decisão: assumir o risco e aparecer pessoalmente. Queria olhá-la nos olhos enquanto contasse — mesmo que seus olhos fossem os de um estranho que ela nunca tinha visto antes. Michael estava certo de que essa era a única maneira de convencê-la. Ela estranharia sua aparência, mas isso era normal em um primeiro encontro fora do Sono. Em geral, as pessoas criavam Auras no Sono bem diferentes de si mesmas, por mais que dissessem que não. Assim que contasse tudo por que haviam passado no Caminho e com Kaine, ela saberia que não podia ser outra pessoa. E, em um encontro frente a frente, não teria como bloqueá-lo.

Foi assim que Michael foi parar na varanda da casa de Sarah, quando a noite começava a cair e o ar, a ficar mais gelado. Ela morava em um bairro residencial tranquilo, mais afastado do centro da cidade. Era evidente que sua família tinha dinheiro — viviam em um casarão. Com *varanda*. Como fora criado em uma cidade grande, Michael sempre havia pensado que varandas fossem coisas que só existiam no mundo fantasioso da VirtNet. Mas o que ele sabia sobre a realidade, afinal?

Quando bateu na porta, sentiu a pulsação se acelerar a cada movimento da mão.

Depois de alguns segundos, que pareceram uma eternidade, ouviu o som de passos se aproximando. A fechadura eletrônica começou a apitar, e seu coração entrou em descompasso. Teve vontade de se virar e sair correndo, saltando os degraus da varanda e sumindo do

campo de visão. Mas esse impulso logo passou. O mecanismo foi liberado, e a porta se abriu.

Apareceu uma mulher de mais ou menos cinquenta anos, de cabelos loiros, rosto convencional, embora bonito, com algumas rugas evidentes devido à idade. Ela sorriu, quase conseguindo disfarçar o traço inquisitivo — e preocupado — de seu olhar diante da presença de um completo estranho em sua varanda.

— Oi — Michael se apressou em falar. — Hã, meu nome é Michael.

Então, por alguma razão inexplicável, sua mente entrou em pane, e ele não conseguia pensar em nada mais para dizer. Logo depois de abrir a boca, fechou-a de novo.

— Certo — a mulher respondeu por fim. — Em que posso ajudá-lo, Michael?

— Pois é, hã... — ele gaguejou. — Eu vim ver a Sarah. Ela é sua filha?

Repreendeu-se em silêncio. Que coisa mais idiota para se perguntar. A resposta era mais do que óbvia.

— Sim, Sarah é minha filha. Ela conhece você? Qual é o motivo da visita?

Michael não sabia o que estava acontecendo, mas o sorriso tinha desaparecido do rosto dela.

Seu coração agora estava aceleradíssimo. Sempre tinha usado uma versão realista de si mesmo no Sono, e Sarah sabia disso. Mas agora estava totalmente diferente. Mesmo assim, não era tão incomum que as pessoas alterassem sua Aura. No pior dos casos, ela pensaria que ele havia mentido sobre sua aparência. Mas Michael conseguiria convencê-la de quem era com palavras, e bem depressa.

A mãe de Sarah havia ficado claramente preocupada.

— Acho melhor você voltar mais tarde — disse ela, tentando ser educada.

— Desculpa — Michael foi logo dizendo. — Desculpa... é que eu estou nervoso. Sarah é uma das minhas melhores amigas no Sono... quer dizer, na VirtNet, e a gente nunca se encontrou na Vigília. Quis fazer uma visita surpresa, e em vez disso acabei batendo na sua porta sem saber o que dizer, te deixando assustada. Desculpa. Pode dizer a ela que o Michael está aqui? Mike the Spike? Por favor? — ele abriu um sorriso esquisito.

A mulher deu um passo para trás, os olhos arregalados. A princípio pareceu um mau sinal, mas em seguida seu rosto se iluminou com um sorriso, desta vez muito mais sincero.

— Por favor? — repetiu Michael, tentando aparentar o máximo de humildade possível.

Acho que sou bom nesse negócio de agir como humano, pensou, escancarando seu sorriso.

— Entre — a mãe de Michael pediu, abrindo a porta. — Já ouvimos falar muito de você, meu jovem. Nossa filha queria conhecê-lo pessoalmente fazia anos, mas não esperávamos essa... surpresa — o sorriso afetuoso se abriu ainda mais. — Meu nome é Nancy.

Michael sentiu vontade de estar de chapéu, para poder tirá-lo e segurá-lo timidamente ao entrar, como em um velho filme em branco e preto, mas teve que se contentar com um aceno de cabeça, mantendo os olhos baixos. Não queria arruinar sua única chance.

Nancy fechou a porta e atravessou o corredor, que dava na cozinha. Michael teve quase certeza de que a ouviu armando de novo a fechadura — ou talvez o travamento do mecanismo fosse automático.

— Gerard, pode sair! — gritou ela. — É só um amigo de Sarah!

Uma porta lateral se abriu no corredor, rangendo nas dobradiças. Um homem apareceu, um sujeito troncudo, careca e de cara fechada, segurando uma arma nas mãos com firmeza, apontando-a diretamente para Michael.

— Vamos nos sentar um pouco — disse o homem.

3

Michael encontrava-se sentado no sofá da sala de Sarah, lembrando a si mesmo de que não estava mais em um jogo; de que a ideia de reagir — pular em cima do homem e arrancar a arma de sua mão — não era uma opção viável. Na verdade, era uma ideia terrível. A situação era tão bizarra, no entanto, que tinha a impressão de estar na VirtNet. Mas, nesse caso, um tiro no peito significaria a morte, e não um irritante retorno ao início do jogo. Concentrou-se em ficar em silêncio, sem fazer nenhum movimento brusco. E em sorrir.

Os pais de Sarah — aqueles eram mesmo os pais dela? — sentaram-se diante dele, cada um em uma poltrona. O pai dela manteve a arma apoiada sobre o joelho, apontada para Michael. Para sua cara, na verdade: podia visualizar perfeitamente o buraco na extremidade do cano, uma passagem escura para a morte certa. Seu peito se contraiu, dificultando a respiração.

O sorriso gentil no rosto da mãe de Sarah tinha desaparecido de novo.

— Eu... hã... fiz alguma coisa que não devia? — questionou Michael. — Cadê a Sarah?

Falar o ajudava, além de fazê-lo se sentir mais corajoso.

— Sarah vai chegar daqui a pouco — respondeu Nancy. — Não se preocupe com isso.

— Só nos diga quem você é — Gerard parecia calmo até demais para alguém que segurava uma arma. — Todo cuidado é pouco nos dias de hoje, você sabe.

Todo cuidado é pouco? Michael respirou fundo.

— Sou exatamente quem eu disse que era. Meu nome é Michael. Se me derem cinco minutos com Sarah, posso provar isso com a maior facilidade. A gente nunca se encontrou na Vigília, então ela não vai me reconhecer logo de cara. Mas somos amigos há anos. E também de um outro sujeito chamado Bryson.

Os dois trocaram olhares, depois se voltaram de novo para Michael.

— Muito suspeito — comentou Gerard. — Já apareceram outros como você por aqui.

Ele segurou a arma com força, mas em seguida relaxou a pressão.

Michael se perguntou o motivo de tanta desconfiança. O pessoal de Kaine tinha passado por lá? Ergueu ambas as mãos para o ar.

— Juro que não sei do que estão falando.

Nenhum dos dois respondeu.

— Agora posso conversar com a Sarah? Pode ficar apontando essa coisa para a minha cara o tempo todo. Pode até me revistar... Não tenho armas amarradas no peito nem facas escondidas nos sapatos. Juro. Sou só um amigo da sua filha, mais nada.

— Isso é o que vamos ver — retrucou Gerard.

Pelo menos ele se recostou na poltrona, acomodando-se melhor no assento e movendo a arma para que não apontasse mais para Michael.

Nancy suspirou e alisou um pouco as calças amarrotadas.

— Muito bem. Veremos o que Sarah tem a dizer quando chegar. Mas não podemos correr riscos depois do que... — sua voz emudeceu, e o olhar dela se perdeu no chão.

Kaine, pensou Michael, vendo suas suspeitas se confirmarem. *Kaine fez alguma coisa com eles. Ou então Sarah ficou traumatizada demais por morrer queimada no Caminho.* Não era à toa que estavam desconfiados.

— Preciso me distrair um pouco — resmungou Gerard. Apertou o botão de um controle remoto, e um HoloProj se acendeu na parede oposta. Havia um homem na projeção, apontando para um mapa e falando sobre o tempo.

Pelo jeito, ia ser uma noite muito bonita.

4

— Ora, por favor — murmurou Gerard.

Michael suspirou. Era a décima vez que o sujeito resmungava desse jeito durante a última hora. Obviamente, seu passatempo favorito na vida era ver o *NewsBops* só para discordar de cada

palavra dita. E o mais intrigante era que ele fazia isso até mesmo quando pontos de vista opostos eram discutidos. Para ele, os dois lados estavam sempre errados. Aquele homem era desconfiança pura.

Um bipe ecoou no corredor, seguido do ranger de dobradiças e do som da porta se fechando. Michael se levantou em um pulo, sem nem pensar no que fazia.

— Senta aí! — gritou Gerard.

Nancy foi um pouco mais educada:

— Por favor. Precisamos tomar cuidado. Se você for mesmo quem está dizendo, saberemos em breve, certo?

Michael fez que sim com a cabeça, voltando a se sentar. Os passos já estavam bem próximos do lugar onde se encontravam. Sentiu um frio na barriga e um aperto no peito. Sarah. Estava prestes a conhecer Sarah.

Ela adentrou a sala no instante em que apertava o EarCuff e desligava sua NetScreen. Michael prendeu a respiração, pois ela era tudo o que esperava, e ao mesmo tempo bem diferente. Chegava a ser parecida com sua Aura no Sono, mas não o suficiente para que conhecê-la pessoalmente não significasse uma nova descoberta.

Por exemplo, ela era bem alta — talvez se incomodasse um pouco com isso, e devia ter compensado o fato se tornando mais baixa na VirtNet. Os cabelos loiros iam até pouco abaixo das orelhas. Era bonita, mas não chegava a ser linda. Com exceção dos olhos, que eram mesmo *lindos* — não importava o quanto admitir isso fizesse Michael se sentir um idiota. Eram verdes como os de sua Aura, mas inacreditavelmente reluzentes, de maneira quase sobrenatural. Ela

abriu a boca para falar com os pais, mas se interrompeu antes disso, cravando nele os olhos de criptonita. Um estranho sentado em sua sala, provavelmente de boca aberta e com cara de tonto. E seu pai segurava uma arma.

Sarah. Mal conseguia acreditar que aquela era Sarah.

— Ah — disse ela. — Hã, oi. Hum...

Olhou para a mãe, as sobrancelhas erguidas.

Nancy se levantou.

— Oi, querida. Este jovem disse que é um amigo seu.

Sarah olhou para Michael, a confusão estampada no rosto.

— Certo. E eu conheço você do... — ela se interrompeu, e uma expressão curiosa surgiu em seu rosto.

Será que ela sabe?, Michael se perguntou. Tinha muito o que explicar, mas talvez fosse mais fácil do que imaginava. Ainda assim, estava apavorado.

— Ele é seu amigo? — perguntou Gerard, apontando a arma de novo. — Depois de tudo o que aconteceu, não podemos arriscar.

Sarah permaneceu em silêncio, e Michael se apressou em explicar:

— Sou eu, Sarah. O... o Michael — falou, inseguro. — Sei que é loucura aparecer do nada, mas posso explicar tudo. Precisava ver você. Estava com medo de que, se avisasse, alguma coisa pudesse dar errado. É besteira minha, eu sei. Mas, enfim, agora já estou aqui, e preciso mesmo conversar com você. Em particular, talvez?

Não sabia direito como fazer aquele pedido; era provável que os pais dela jamais permitissem isso.

Gerard confirmou suas suspeitas.

— Qualquer coisa que queira falar para a nossa filha, pode dizer na nossa frente.

Sarah enfim se manifestou, o tom de voz firme:

— Mãe, pai, isso vai ser bem fácil. Não tem como ninguém fingir que é o Michael. Se ele estiver falando a verdade, vou descobrir em cinco minutos, no máximo. Mas precisamos ficar sozinhos um pouco.

Michael ficou meio sem jeito, porém era verdade. O que tinham para conversar deixaria os pais dela apavorados. E ela com certeza estava morrendo de curiosidade para descobrir o que havia acontecido depois de sua morte virtual na lava.

Gerard e Nancy trocaram olhares compreensivelmente hesitantes.

— Já tenho quase dezoito anos — disse Sarah. — Se não podem confiar em mim agora, nunca vão confiar. Se ele for meu amigo, quero ter privacidade para a gente conversar. Se não for, o que pode acontecer de tão ruim em três minutos? — ela apontou para ele com o queixo, como quem dissesse: “Olha só para ele. Este garoto é incapaz de fazer mal a uma mosca”.

Gerard se levantou, foi até Michael e se inclinou em sua direção até quase cair em seu colo. Ele usava um perfume bem forte.

— Levanta — ordenou.

Michael obedeceu e, com sua mão livre, Gerard o revistou como um policial experiente faria.

— Pai — protestou Sarah.

Gerard deu um passo para trás após terminar sua verificação.

— Tudo bem. Ficaremos na cozinha. Qualquer palavra mais alta da minha filha e voltamos para cá em um piscar de olhos — ele fungou e segurou a mão da esposa. Antes de sair da sala, deteve o passo e

se virou, abrindo um sorriso forçado ao acrescentar: — E... prazer em conhecê-lo.

Michael soltou um suspiro de alívio. O pai de Sarah estava mais tranquilo.

Ela atravessou a sala e se colocou a poucos centímetros de Michael.

— Certo. Agora é a hora de me convencer.

5

Sentaram-se no sofá, um de frente para o outro. Sarah cruzou as pernas, um dos braços largados sobre os tornozelos, e encarou Michael com uma expressão solene. Um turbilhão de sentimentos borbulhava dentro dele, mas o que se destacava era a sensação atordoante de se dar conta daquela situação surreal. Aquela menina era sua melhor amiga — além de Bryson —, e mesmo assim era a primeira vez que se viam. E, para ele, era a primeira vez também que se sentia humano.

— Eu... É difícil saber por onde começar — disse ele.

— Fica à vontade para dizer o que for preciso — respondeu ela, os olhos verdes faiscantes. — Você tem que me provar que é mesmo o Michael.

Ele balançou a cabeça concordando.

— Certo. Então, eu estava lá quando você morreu no Caminho. Na lava. Queria morrer e voltar para a Vigília com você, mas... você me fez prometer que iria até o fim. E eu fui, acho.

— Só isso não basta, bobão. Kaine estava observando todos os nossos passos. Alguém pode ter contado essas coisas para você. Ou

você pode ter visto tudo pessoalmente.

Michael suspirou. Estava impaciente com essa história de ter que provar ser ele mesmo, porque tinha coisas muito mais importantes a dizer, que a deixariam de queixo caído. Mas como chegar até lá?

— A gente se conheceu na lanchonete do Dan — ele começou. — Você e eu adoramos batatas fritas com gorgonzola, mas Bryson detesta. Diz que tem gosto de chulé. De troll. Lifeblood é seu jogo favorito. Você fez de tudo para se igualar aos meus Pontos de Experiência, mas sempre fiquei um pouquinho à frente. Bryson não dava bola pra isso, desde que não ficasse muito para trás. Temos uma fortaleza programada na periferia das periferias do jogo. Ninguém sabe disso, só nos três.

Um sorriso apareceu no rosto de Sarah enquanto ele falava, mas ela não fez menção de interrompê-lo. Talvez estivesse até gostando de vê-lo se esforçar tanto para se explicar.

— Teve uma vez em que não conseguimos encontrar Bryson, e tínhamos uma missão conjunta no Lifeblood. Procuramos por toda parte. No fim, ele estava nos Ninhos de Gorgozon dando uns amassos com uma alienígena. Nunca descobrimos se ela era ou não uma Tangente.

Sarah fez um ruído que podia ser classificado como uma risadinha.

Michael continuou falando, despejando uma enxurrada de lembranças. Não era preciso se esforçar muito: eram memórias bem nítidas e divertidas. Das vezes em que hackearam o acesso a lugares onde não podiam entrar. De quando foram perseguidos por agentes do SSV, antes que as coisas se tornassem literalmente uma questão de vida ou morte. Histórias sobre jogos bons e ruins. Compartilhar

tudo aquilo o fez se sentir melhor — e não apenas por relembrar bons momentos, mas também por constatar que o processo da Doutrina da Morte tinha transferido com sucesso para aquele corpo tudo o que o tornava... ele mesmo.

— Certo, já pode parar de falar — disse Sarah. — Acredito em você.

Michael estava no meio de uma história sobre um jogo chamado Deceit and Destruction, mas se calou de bom grado. A amiga já o havia reconhecido; não precisava mais se preocupar. Mas agora o aperto no peito ficou ainda mais forte. Tinha que contar a verdade: que o amigo que ela conhecia como Michael estava preso no corpo de um sujeito que costumava se chamar Jackson Porter.

O HoloProj ainda estava ligado na parede, exibindo notícia após notícia. Michael quase se esqueceu de sua presença, pois mal registrava o que era dito. Ficou olhando para as imagens por um minuto, tentando se acalmar, e em seguida se virou para Sarah. Ela percebeu que havia alguma coisa errada.

— Por que estou com a sensação de que ainda quer me contar alguma coisa? — perguntou ela. — E que não tem a ver só com o que aconteceu depois que eu morri no Caminho?

Michael soltou um suspiro. Era agora ou nunca. Precisava ser agora.

— Tem razão. Ainda não contei tudo, nem de longe. Não sei nem se você vai acreditar em mim. Queria que você pudesse ler a minha mente.

— Fala logo, garoto.

No momento em que essas palavras saíram da boca dela, o silêncio da casa foi quebrado pelo som de um tiro na cozinha. Ouviram o grito de uma mulher, seguido do ruído de panelas caindo no chão e de pratos se quebrando. Em seguida, mais um tiro. Desta vez, ninguém soltou um pio.

6

Sarah se levantou do sofá com um pulo e saiu correndo, antes que Michael pudesse detê-la. Ela cruzou a sala rumo à cozinha, com Michael em seu encalço.

— Sarah, espera! — gritou ele. — Espera!

Ela nem diminuiu o passo. Michael imaginou alguém de tocaia por lá, com a arma carregada, pronto para matar. Tentou segurá-la, mas ela estava muito à frente. Enquanto ele corria pelo corredor em direção à cozinha, ela parou perto da porta. O coração de Michael disparou: esperava por mais um tiro. Na expectativa de que seu mundo desmoronasse bem diante de seu nariz.

Mas nada aconteceu.

Ele enlaçou a cintura da amiga e a puxou para trás. E então pôde ver o que ela tinha visto. A cozinha era um cenário de desastre: gavetas e armários abertos, panelas espalhadas por toda parte, louças quebradas sobre o piso. A porta dos fundos estava escancarada, suspensa apenas por um dos batentes, balançando ligeiramente. E havia sangue. Não muito, mas dava para ver que era sangue.

Os pais dela haviam desaparecido.

Sarah ficou toda trêmula. Levou as mãos à boca, mas não disse nada. Michael saiu correndo pelo quintal — amplo, com algumas árvores baixas — e olhou ao redor, mas não viu ninguém. Voltou lá para dentro e tentou abraçar Sarah, mas ela não permitiu. Em vez de lágrimas, o que estava visível em seu rosto era raiva.

— O que... — ela começou a dizer, mas não concluiu.

Michael também se sentia incapaz de dizer o que quer que fosse.

Ele examinou a cozinha em busca de pistas. Em um balcão de granito no centro, em meio a cacos e detritos, estava a arma do pai de Sarah. Parecia ter sido deixada ali de propósito, em cima de um envelope, um objeto dos mais incomuns, que quase ninguém mais usava. Michael tinha certeza de que havia algo terrível escrito ali dentro. Sem dúvida nenhuma.

— Deixaram um bilhete — ele sussurrou para Sarah.

— Quê? — perguntou ela, confusa. — Onde?

Ele apontou o local com o dedo, e ela pegou o envelope.

Era como se estivessem de novo no Sono, imersos em um jogo da VirtNet. Sarah parecia se mover em câmera lenta enquanto rasgava o papel para abrir o envelope. Até as palavras da âncora do *NewsBops* pareciam pertencer a outro mundo, apesar de virem do outro lado do corredor. A visão de Michael ficou borrada ao olhar para as mãos de Sarah, que apanhavam o bilhete.

Ela desdobrou o papel e passou os olhos com pressa pela mensagem. Quando olhou para Michael, os olhos estavam cheios de lágrimas.

— O que diz aí? — ele ouviu sua voz perguntar, como se tivesse saído de um túnel, não muito mais alta que a da apresentadora do

noticiário.

Não conseguia se concentrar em nada, e sentia um estranho zumbido nos ouvidos.

Sarah estava totalmente pálida. Olhando de novo para o papel, ela leu em voz alta:

— “Este é o último aviso. Nunca mais duvide das consequências da desobediência. Obedeça, e eles vão sobreviver. Desobedeça, e eles morrem. Me ajude, Michael, e viva para sempre.”

Michael sentiu um aperto no peito. Seus problemas tinham afetado a vida de Sarah, pondo os pais dela em perigo. Kaine era louco. Completamente louco. Havia sequestrado — e provavelmente ferido — os pais de Sarah só para provar do que era capaz. Para garantir que conseguiria o que queria.

Mas não era só isso. A voz da mulher do *NewsBops* chegava até ele em ondas. Demorou algum tempo para que registrasse suas palavras, como uma luz penetrando uma neblina espessa.

— Ai, não — murmurou ele. — Não.

Como tudo podia ter ido por água abaixo tão depressa?

— Que foi? — perguntou Sarah, e a expressão em seu rosto era um reflexo do terror que Michael sentia por dentro.

Sem responder, Michael virou as costas e saiu da cozinha, seguindo a voz da apresentadora até a sala, onde o HoloProj ainda projetava imagens na parede. Não queria que Sarah visse aquilo, nem a confirmação de que de fato tinha entendido tudo corretamente, mas não havia outra escolha. Sarah estava a seu lado, os olhos fixos na tela.

Uma fotografia enorme de Jackson Porter preenchia metade da parede.

Jackson Porter. Também conhecido como Michael.

Na parte inferior da tela, as legendas davam conta de uma perseguição em escala nacional ao adolescente desaparecido, procurado por crimes relacionados ao ciberterrorismo. Havia a promessa de uma boa recompensa em troca de informações.

Virou-se para Sarah, e o olhar dela era de cortar o coração.

— Eu posso explicar.

Quantas vezes já não tinha ouvido as pessoas dizerem aquilo nos filmes? Era quase uma admissão de culpa. A expressão de Sarah não se alterou. Michael percebeu que só tinha cerca de uns dez segundos para esclarecer tudo antes que ela ligasse sua NetScreen e alertasse todas as autoridades competentes dentro de um raio de cem quilômetros. Ou, pior, que partisse para o ataque ela mesma.

— A Doutrina da Morte — disse ele. — Era o que eu ia contar para você. Foi Kaine quem fez isso comigo. E com aquele garoto, Jackson Porter — Michael apontou para a parede, mas o *NewsBops* enfim tinha passado para outra matéria, removendo seu rosto da enorme tela.

— Do que está falando? — retrucou Sarah.

Pelo menos, ela ainda o escutava.

— Olha... — procurou as palavras certas para começar sua história.

— A gente pode sentar um pouco?

— Os meus pais *sumiram!*

Michael sabia que estava prestes a perder a atenção dela.

— Eu sei, eu sei.

Dava para ver o quanto Sarah estava chateada, e ele sentiu vontade de tocá-la, conectar-se com ela de alguma forma.

Antes que pudesse fazer isso, porém, ela se virou, afastando-se, e ergueu a mão para acionar o EarCuff. Olhando por cima do ombro, Sarah falou:

— Até onde sei, você veio aqui para me distrair enquanto seus amiguinhos sequestravam meus pais. Daqui a pouco você vai pedir o resgate. Vou chamar a polícia.

— Eu era um *Tangente*, Sarah.

Ela deteve o passo. Sua NetScreen flutuava diante da cabeça dela, iluminando o corredor com um brilho verde-pálido. Com alguns movimentos do dedo, ela denunciaria o sequestro dos pais — *apenas* isso, caso estivesse com sorte. Era uma coisa que ela precisava fazer, Michael sabia. Mas também sabia que não poderia estar lá quando as autoridades chegassem.

Enfim, Sarah se voltou de novo para ele.

— Certo, não sei o que está acontecendo, mas sei que você é mesmo o Michael. É melhor dar o fora daqui, antes que acabe sendo preso. Fica tranquilo que não vou dizer que esteve aqui.

Michael queria desesperadamente fazê-la entender.

— Era isso que Kaine estava fazendo. Ele atraía Tangentes e procurava os melhores programas para o seu experimento. Acho que enganou até o SSV. Eu passei no teste, e de algum modo ele transferiu minha... seja lá o que for para o corpo desse sujeito, Jackson Porter. Ele o matou. *Eu* o matei, Sarah. Eu... roubei o corpo dele.

Sarah olhava para o chão. Uma lágrima escorreu de um de seus olhos. No Sono, ela quase nunca chorava.

— Kaine mandou dois caras me buscarem para uma reunião, mas consegui fugir — Michael continuou, já que ela não respondia. — Essa notícia sobre Jackson pode ser uma armadilha. Ele está armando pra cima de mim. Ou, sei lá, talvez Jackson seja mesmo um ciberterrorista. Eu não sei! Criei uma identidade falsa e vim até aqui sem ninguém saber. Mas com certeza Kaine concluiu que eu viria atrás de você.

— Você precisa ir — respondeu Sarah.

— Quê? — Michael não podia partir agora. Precisava de Sarah. — Mas ainda temos que conversar.

Ela se aproximou de Michael e apertou os braços dele.

— Vamos *torcer* para que Kaine tenha descoberto onde estamos porque adivinhou que você viria para cá, e não porque conseguiu hackear sua identidade — disse ela. — Mas, mesmo assim, você precisa cair fora. E encontrar um lugar seguro. Arruma um jeito de me avisar onde está. Eu vou até você, e aí vamos atrás do Bryson.

— Certo.

Ela iria ajudá-lo. Seus olhos ficaram úmidos, tal foi o alívio.

Poucos segundos depois, disparava rua afora, enquanto a escuridão se abatia sobre o mundo logo após o pôr do sol. Ele não sabia se Sarah tinha mesmo certeza sobre o que havia dito, mas era o que precisava ouvir.

E, por causa dele, os pais dela agora estavam desaparecidos. Talvez até mortos.

Correu até quase ficar sem fôlego, por bairros de ruas desertas, até chegar a uma região mais afastada da cidade. Quando enfim parecia prestes a desmaiar de exaustão, ele parou. Apoiando as mãos nos joelhos, respirou fundo, tentando fazer o coração desacelerar um pouco. Não sabia mais de quem estava fugindo: da polícia, de Kaine, ou do sentimento de culpa por causa do que fizera a Sarah e sua família.

Já era noite avançada, mas não poderia nem pensar em dormir. A possibilidade de sonhar — e ver imagens dos pais de Sarah amarrados no banco traseiro de algum carro, ou a mancha de sangue no chão da cozinha — era aterrorizante. Quanto sangue ele já não tinha visto nesses anos como jogador? Nada daquilo servira, no entanto, para prepará-lo para a vida real.

Encontrou um táxi e voltou para o hotel. Em seguida, pensou melhor e decidiu *trocar* de hotel. Com medo de que Kaine pudesse ter descoberto sua nova identidade, resolveu começar tudo de novo. E, dessa vez, com mais empenho. Foi a fundo, erguendo programas atrás de si e desfazendo outros para cobrir os próprios rastros. Usou firewalls, codificadores de tripla proteção e tudo o mais de que era capaz de se lembrar.

Passou a noite toda nisso. Só caiu no sono quando os primeiros raios de luz brilharam atrás das cortinas fechadas. No meio da tarde, foi despertado por uma batida na porta. Inexplicavelmente pensando que Sarah já o havia encontrado, saltou da cama e escancarou a porta sem espiar antes pelo olho mágico.

Atordado, achando que ainda sonhava, encarou a pessoa parada à sua frente.

Pele morena, cabelos escuros, rosto bonito.

— Você jamais deveria ter me chamado de Gabriela — disse ela. — Foi aí que eu descobri que tinha alguma coisa errada. Muito errada.

VI. UM FACHO DE LUZ

1

Michael tinha passado por muita coisa, mas com certeza nunca se sentira tão perplexo quanto naquele momento. Enquanto olhava para Gabriela, ficou literalmente de queixo caído.

— Me deixa entrar — ela pediu, o semblante sério, mas ainda assim amistoso. — Não faço ideia do que está acontecendo, mas acho que mereço uma explicação.

— Hã, está certo — respondeu Michael. Confuso, deu um passo para trás e abriu a porta para que ela entrasse. — Acho que desta vez não tenho como fugir. Afinal, este aqui é o meu quarto.

Ela sorriu, mas seus olhos revelavam a verdade: Gabriela não tinha gostado nada do que ele havia aprontado com ela.

— Obrigada.

Ela entrou e se sentou no pequeno sofá perto do frigobar, recostando-se no assento e cruzando as pernas, como se fosse a dona do pedaço.

Michael olhou para o corredor, como se algo ali fosse capaz de lhe dar uma dica a respeito de como prosseguir. Não encontrou nada além de um carpete feioso e paredes lisas, então fechou a porta e encarou a nova oponente: sua namorada.

Pegou uma cadeira e a puxou mais para perto, quebrando o silêncio desconfortável com o som da madeira se arrastando contra

o assoalho. Michael se sentou e esperou. Gabriela continuou em silêncio. Ele pôs as mãos sobre o colo e baixou os olhos. Sentia-se como um menininho de dez anos, prestes a levar uma bronca da mãe.

— E então? — ela perguntou por fim. — Anda logo. Fala. Você sabe fazer isso, não sabe?

Michael ergueu a cabeça para encará-la.

— Não tenho como explicar o que está acontecendo. Confia em mim. E, se eu contasse, você não iria acreditar.

— Só o que sei é que você nunca, nem uma vez sequer, me chamou de Gabriela. Isso até eu finalmente conseguir achar você lá na cidade — ela se inclinou para a frente, uma expressão quase de súplica no rosto. — Para você, eu *sempre* fui Gabby. E da última vez que nos vimos estava tudo certo, com você dizendo: “amo você, Gabby”; “me beija, Gabby”; “fica mais uma horinha, Gabby”. E agora parece que nem me conhece. Dá pra ver isso no seu rosto. Você não está olhando para mim. Está vendo uma estranha na sua frente.

Michael deu de ombros.

— Essa é a mais pura verdade.

— Então me explica! O que está acontecendo? Você sabe muito bem que, se esse for um joguinho para se livrar de mim, não tem como dar certo. Você bateu a cabeça, ou coisa do tipo?

Uma gargalhada ressoou do peito de Michael, sem que entendesse por quê. Ele esfregou o rosto com as duas mãos, respirou fundo e olhou fixamente para Gabriela.

— Escuta só. Eu não sou... Ai, ai. É loucura. Não posso fazer isso.

— Pode, sim. Ou eu chamo a polícia.

— A polícia? Por quê?

— Ah, sei lá. De repente, por ter visto no *NewsBops* que você é um ciberterrorista?

Desta vez Michael caiu na risada, e não conseguiu mais parar. Pelo jeito, estava enlouquecendo.

— Não tem graça — retrucou Gabriela em um tom bem frio. — Nem um pouco, aliás.

Michael conseguiu a custo se recompor.

— Eu sei. Eu sei. Escuta só, aconteceu uma coisa, mas, se eu tentar explicar, vai parecer loucura. Tem a ver com o Sono e os Tangentes, inteligência artificial e mais um montão de coisas confusas.

Gabriela jogou as mãos para o alto e se recostou no sofá.

— Minha nossa, se eu não tivesse passado o último ano apaixonada por você, ia dar um soco bem no meio...

— Tudo bem, tudo bem! — gritou Michael. — Quer a verdade? Então lá vai: meu nome é Michael. Eu era um Tangente, uma criatura programada. Mas pensava que era real. Porém, de alguma maneira, minha inteligência foi *transferida* para o cérebro do Jackson Porter. Seu namorado. O que aconteceu com ele? Nem imagino! Mas não tem mais nada dele aqui — ele bateu com o dedo indicador na têmpora. — *Eu* estou aqui agora. O corpo que está vendo é de Jackson Porter, mas com a mente de outra pessoa. Pronto, é isso. Essa é a verdade.

— Mas como... — ela começou, mas em seguida se interrompeu. Apertando o nariz no ponto entre os olhos, respirou fundo. — Como pode achar que sou idiota a ponto de acreditar nisso? Como você...

como você pode ser tão covarde para mentir assim desse jeito? Não vou ficar aqui sentada, implorando para ouvir a verdade. Não acredito que me arrisquei a ficar de castigo pelo resto da vida para vir atrás de você. Adeus. Você precisa é de tratamento.

Gabriela lançou para ele um olhar de tristeza, mas, por mais que quisesse, Michael não conseguiu dizer nada para confortá-la. Mais que qualquer outra coisa, desejava que ela saísse porta afora e nunca mais voltasse. Por outro lado, uma parte dele...

— Boa sorte, Jax — disse ela com uma calma que o surpreendeu. — Se quer dar uma de maluco, se quer fugir, se esconder e fazer uma encenação qualquer, tudo bem. Vou estar do seu lado quando procurar um médico e começar a se tratar — ela balançou a cabeça e foi até a porta. — Preciso ir para Atlanta visitar o meu pai. Ele está doente. Não que isso faça diferença para você, então esquece.

Michael se levantou de repente.

— Espera! É que... espera!

Ela se virou e o encarou sem demonstrar nenhuma emoção.

— Como pode achar que eu inventei essa história? — perguntou ele. — Você... você mesma disse, quando entrou aqui, que não estava me reconhecendo.

Ela deu uma risada amarga.

— Sim, mas não quis dizer isso literalmente, ora essa. Tem alguma coisa errada com você. Este *não é* o Jax que eu conheço. Está querendo mesmo que eu acredite que você trocou de cérebro com alguém? Como você me vem com uma história dessas bem quando o meu pai está... — ela se interrompeu, virou as costas e abriu a porta.

— Seu pai está o quê? — gritou Michael.

Sem responder, ela saiu para o corredor e fez menção de fechar a porta.

— Seu pai está o quê? — gritou Michael outra vez.

Porém, a porta se fechou com tanta força, que o quarto todo estremeceu, e ela partiu.

2

Cogitou ir atrás de Gabriela, mas por que faria isso? Por mais que se sentisse culpado por magoá-la, como poderia pensar nisso se ainda precisava encontrar seus amigos? Já tinha coisas demais com que se preocupar. Voltar para o Sono. Descobrir se sua família ainda existia no mundo artificial.

Lembrou-se do motivo de estar naquele hotel. Naquela cidade.

Era por causa de Sarah.

Ela apareceu dois dias depois.

Fora uma espera aflitiva. Tinha ficado a ponto de enlouquecer, mas estava apreensivo demais para ir embora, e não queria entrar no Sono sem Sarah. Principalmente porque o prazo de três dias dado pela mensageira de Kaine — que depois saltara do trem em movimento — já havia se esgotado.

Tinha mandado para Sarah diversas mensagens cifradas durante a espera, criando um rastro de pistas em lugares que costumavam frequentar na VirtNet para informar a localização do novo hotel. Em seguida, andara de um lado para o outro dentro do quarto, com medo de que ela não aparecesse. Ou de que acontecesse alguma coisa com ela. Ou de que Kaine descobrisse onde eles estavam.

Sarah ainda tinha que lidar com a polícia, o restante da família... Isso sem contar o quanto deveria estar chateada. Mas seu estômago não levava nada disso em consideração. O nó nas entranhas persistira até o momento em que a ouvira bater na porta.

Ali estava ela.

— Me desculpa, Sarah.

Foi tudo o que conseguiu dizer. Estava sentado na beirada da cama, e ela, na cadeira da escrivaninha. Tinham trocado um longo e silencioso abraço, e as palavras lhe pareceram ridiculamente inadequadas naquele momento.

— Michael... — ela se interrompeu, e por um momento ele desejou que não dissesse nada, já arrependido de ter ido atrás dela, apesar de não conseguir sequer imaginar como seria enfrentar aquela situação sem a amiga. — Escuta só — continuou ela. — Quero muito acreditar que os meus pais estão vivos. E que, bom... que a polícia vai encontrá-los sãos e salvos. Preciso acreditar nisso. Além do mais... nossa vida já estava complicada muito antes de isso acontecer. Não é culpa sua.

Michael caiu na risada, sem se dar conta do que fazia.

— Até parece. *Claro* que é culpa minha! Fui eu que arrastei você e Bryson para essa confusão.

Sarah soltou um resmungo de frustração.

— É disso mesmo que estou falando. Bryson e eu tínhamos a opção de dizer não, ou de fugir. Mas decidimos acompanhar você no Caminho. Foi uma escolha nossa, e não quero ouvir você se culpando outra vez. Principalmente pelo que aconteceu com os meus pais. Mais cedo ou mais tarde, Kaine acabaria vindo atrás de mim e

da minha família. Sei coisas demais. Você é o meu melhor amigo, Michael, e fim de papo. Estou envolvida até o pescoço nessa história.

Michael não conseguia sentir o alívio que o discurso dela deveria trazer.

— Mas o problema é justamente esse — respondeu ele. — Eu não sou uma pessoa. Sou um programa de computador. Como pode considerar algumas linhas codificadas seu melhor amigo?

Ela se levantou e se aproximou dele, sentando na cama.

— É assim que as coisas são — respondeu. Abraçou-o com força e sussurrou em seu ouvido, fazendo-o sentir o calor de sua respiração: — Não entendo o que está acontecendo. Só sei que você é você. O Michael. Percebi isso assim que abriu a boca. Dava pra ver no seu olhar abestalhado.

— Mas estes aqui não são os meus olhos — murmurou ele, pensando em Gabriela, e se deveria contar ou não a Sarah sobre ela.

— Mas você também nunca tinha visto meus olhos de verdade. Qual é a diferença? A Sarah que você conhecia também era só algumas linhas codificadas. As pessoas são o que são por causa dos seus pensamentos, suas lembranças e sua personalidade. Eu sou a Sarah, e você é o Michael. Você é quem sempre foi. Então, *por favor*, podemos mudar de assunto e tentar decidir o que fazer?

Michael achava quase inacreditável o fato de ter uma amiga tão incrível. Queria beijá-la; não conhecia outra maneira de expressar o que sentia. Mas também não queria estragar tudo fazendo uma coisa dessas.

— Eu agradeço, Sarah. De verdade. Queria poder dizer mais alguma coisa, mas com certeza ia dar uma de idiota. Você não faz ideia do quanto estou aliviado.

Ela deu um beijo no rosto dele.

— Você e Bryson são tudo o que tenho agora. Precisamos encontrar Bryson, Michael. Ele pode ajudar a gente. E depois vamos arruinar o plano de Kaine e descobrir onde estão meus pais. Será que *eles* também vão ser substituídos por Tangentes? — aparentemente, aquele pensamento só tinha chegado à mente dela naquele momento. A tristeza ofuscou o brilho do seu olhar.

Michael apertou de leve o ombro da amiga.

— Vamos encontrar sua mãe e seu pai — respondeu ele. — E daremos um jeito em Kaine. Só acho que... E se formos atrás de Bryson, e acontecer alguma coisa com ele?

Sarah soltou um suspiro.

— Ele já está em perigo, e não conseguiremos sem ele. Só precisamos ser espertos e tomar cuidado.

Michael ficou contente em constatar que nenhum deles, nem por um instante, havia pensado em desistir e aceitar a convocação de Kaine para ser colaborador dele, ou o que quer que fosse. Seus pensamentos se voltaram para Gabriela outra vez, mas sentiu que ainda não era hora de falar com Sarah sobre ela. Talvez em outro momento.

— Muito bem — era hora de parar de sentir culpa e pôr as mãos na massa. — Tenho uma lista de coisas que precisamos fazer.

No dia seguinte, os dois estavam sentados a uma mesa, comendo cereal, do tipo que vem com bastante *marshmallow* e mente descaradamente sobre ser saudável na embalagem. Michael se sentia seguro. Estava convencido de que as novas identidades multicamadas dele e de Sarah os protegeriam de quem estivesse procurando pelos dois, tanto para o bem quanto para o mal. Também tinham conseguido um apartamento que podia ser alugado mês a mês. Após ser encontrado por Gabriela, Michael chegara à conclusão de que era melhor sair do antigo hotel.

Em certo momento da refeição, Sarah resolveu ignorar a regra de não falar de boca cheia.

— Não é tão ruim aqui — comentou, depois de enfiar mais uma colherada na boca, olhando ao redor, primeiro para a cozinha anexa à sala de estar vazia, e em seguida para o corredor, onde havia dois quartos.

Cada um deles continha dois itens: um colchão e um Caixão novinho. Os Caixões não haviam sido baratos, e Michael prometeu a si mesmo, sem muita convicção, que um dia recompensaria os Porter. Pelo prejuízo financeiro, não pela perda do filho.

— Bom, não era assim que eu imaginava minha primeira casa — comentou Michael. — Sabe como é, vivendo perto de fissurados e prostitutas.

— Fissurados?

— É — Michael revirou os olhos. — Viciados? Doidões?

Ela continuou encarando-o com uma expressão de interrogação.

Michael sorriu.

— Você tinha uma vida de princesa.

— E você era um programa de computador — rebateu ela.

— Essa doeu — ele enfiou mais uma colherada na boca, mastigou e engoliu. — Acho que não dá mais para adiar. Hora de ir para o Sono. Está pronta?

Sarah largou a colher.

— Estou. Mas tem certeza de que concorda comigo?

— Sim.

Ela havia insistido que, em vez de procurar Bryson na Vigília, precisavam fazer a Submersão no Sono e procurá-lo por lá. Ambos tinham habilidade de sobra para se esconder melhor na VirtNet do que na Vigília, o que tornaria a operação mais segura para eles e Bryson. Só tentariam entrar em contato depois que estivessem no Sono — não havia por que arriscar a nova identidade de ambos antes do momento em que isso fosse estritamente necessário.

— As coisas já devem estar mais calmas agora, não acha? — perguntou ela.

— Pelo menos um pouco. Se estiverem vigiando o Sono, devem achar que a essa altura já estamos por lá; não vão ficar verificando quem entra — a verdade era que Michael estava preocupado com esse plano. Kaine parecia ser ainda mais poderoso dentro da VirtNet, mas isso valia também para Michael e Sarah. Estavam fazendo o certo. — Vamos torcer para que esteja tudo bem com Bryson. Aposto que estão de olho nele como um bando de urubus.

— Bando de urubus — repetiu Sarah com um sorriso. Ela sempre tirava sarro das frases feitas e antiquadas que ele usava. — A nova identidade dele deve ser ainda melhor que a nossa.

— Pois é. Já está satisfeita? — ele apontou com o queixo para o cereal.

Era o máximo que conseguia preparar sem Helga, sua babá, por perto. Sentiu um aperto no peito ao pensar nela. Estava morrendo de saudade daquela alemã maluca. Ainda mais que dos pais, para ser sincero. Mas esforçava-se ao máximo para não se deixar levar por esse tipo de sentimentos. Talvez aquelas pessoas nem existissem. *Talvez*.

— Acho que três tigelas cheias já bastam — confirmou Sarah.

— Então vamos fazer a Submersão.

Deixaram a louça na mesa mesmo.

4

Foi estranho para Michael entrar no Caixão. Não que tenha sido diferente das outras centenas de vezes que fizera isso, mas foi sua primeira vez como um humano de carne e osso. Era uma sensação ao mesmo tempo empolgante e assustadora. Apesar de sua vida estar virada do avesso, sentia-se ansioso para voltar ao Sono. Em diversos sentidos, era como voltar para casa.

Sarah fechou a porta do quarto — a maioria das pessoas tirava a roupa antes de entrar na NerveBox. Ficando de cueca para o caso de algum imprevisto, Michael entrou em seu Caixão novinho, o maior e mais recente modelo, e se deitou, fechando a tampa e curtindo a sensação do minúsculo NerveWire entrando na pele, bem como o som dos AirPuffs e dos LiquiGels preenchendo o ar ao redor — tudo para proporcionar uma experiência completa na VirtNet.

Obviamente, uma parte dele sentia medo. As coisas agora eram diferentes. Como podia prever o que aconteceria? E ainda havia Kaine. Sempre ele. Por outro lado...

Também havia Helga. Seus pais. A antiga vida. Talvez eles estivessem por lá, em algum lugar. Por que não?

Fechou os olhos, e o Sono tomou conta de seu corpo.

5

A maioria das pessoas aparecia em um Portal localizado em algum lugar público quando fazia a Submersão na VirtNet, em uma rua de uma cidade ou um shopping. Dali, era possível ir andando ou dirigindo para qualquer lugar. Restaurantes, cinemas, casas de massagem, salões de baile. Ou, claro, os pavilhões de jogos. Michael se sentiu tentado a ir lá, mas essa era a última coisa na sua lista de prioridades. Não estava fazendo tudo aquilo para jogar.

Quando fez a Submersão no Sono desta vez, decidiu aparecer em um lugar vazio, com o código em estado bruto fervilhando ao redor. Esses locais existiam, mas os jogadores comuns não sabiam como encontrá-los. Nem tentavam fazer isso, na verdade. Michael e Sarah precisavam ter certeza de que não haveria ninguém por perto.

Michael flutuava em meio a números e letras que se moviam em altíssima velocidade. Dava para sentir a presença de Sarah, e ele usou os dedos virtuais para manipular o código à sua volta. Ficou aliviado ao notar que não havia perdido o jeito. Teclando e digitando, refazia o código com uma velocidade quase maior que a dos pensamentos. Sarah fazia o mesmo, seguindo o plano que tinham estabelecido.

Logo uma brecha apareceu, um retângulo preto, uma silhueta em meio ao código. Era como os Portais piscantes que haviam surgido no disco de pedra do Caminho. Michael se lançou passagem adentro, indo parar em um lugar que apenas três pessoas no mundo conheciam.

Seus pés aterrissaram na terra úmida de sereno de um bosque, que cedeu de leve sob seu peso com um protesto. Uma névoa cobria suas pernas e os troncos das árvores gigantescas ao redor, com o lodo caindo dos galhos como se se desintegrassem. Aquele bosque era uma obra de arte. Parecia um lugar antiquíssimo, sendo que Michael e os amigos haviam passado incontáveis horas trabalhando em sua programação. Mas a verdadeira obra-prima era a casa na árvore que haviam programado, um dos feitos de que mais se orgulhavam. Na periferia das periferias do Lifeblood, um lugar ao qual ninguém ia. E, mesmo que alguém aparecesse, não conseguiria ver a casa de maneira alguma, pois se tratava de um exemplo brilhante de uso elusivo do código.

Sarah já tinha subido as escadas, desaparecendo pelo alçapão. Michael respirou fundo o ar fresco e falso do ambiente, indo logo atrás. Pensou que seria estranho voltar ao Sono, mas sentia-se como nos velhos tempos, sem ter notado nada de extraordinário. Era uma sensação reconfortante.

Quando chegou ao último degrau, viu um vulto passando com rapidez à sua direita. Quando se virou para olhar, não havia nada. Só um carvalho antigo e retorcido.

Não, pensou, mais irritado do que com medo. Não é possível que alguém tenha encontrado este lugar de propósito. Só podia ser uma

coincidência, algum garoto que saíra perambulando sem destino por aí.

— Sarah — cochichou —, acho que vi alguma coisa.

Não esperou pela resposta dela. Com os olhos voltados para onde tinha visto o vulto, desceu às pressas pela escada e foi se aproximando do carvalho. De todas as vezes em que tinham ido à casa na árvore, em nenhuma ocasião havia sequer um mosquito por perto, muito menos uma pessoa. Diante das circunstâncias, teve que descartar a hipótese de terem sido descobertos por acidente. Desolado, decidiu investigar.

Sarah era esperta demais para perder tempo com perguntas. Dando uma olhada para trás, Michael viu que ela já tinha descido quase toda a escada.

Com movimentos cautelosos, Michael foi chegando mais perto, contando com as folhas molhadas para abafar seus passos. Quando se aproximou da árvore, porém, sua confiança estava inteiramente abalada. Tinha certeza de que alguém apareceria a qualquer momento, com armas. Ou, pior, se ele e Sarah não podiam chegar *lá* com segurança, não havia a menor chance de encontrar Bryson nem de fazer mais nada. Um mau pressentimento tomou conta dele.

Quando estava a apenas alguns metros de distância, parou, plantou os pés no chão, flexionou os joelhos e se preparou para se defender.

— Quem está aí? — berrou, em uma tentativa de surpreender o invasor.

— Pode voltar para o lugar de onde veio — uma mulher respondeu. — Não vou fazer nada contra você — a voz parecia

familiar, mas não muito.

— Quem é você? — questionou ele.

Não obteve resposta.

Fez-se um longo momento de silêncio. Michael não sabia o que fazer, tampouco o que dizer. Sarah se aproximou a passos cuidadosos atrás dele e o tocou de leve no ombro.

— Fala com a gente — gritou Sarah. — Como foi que encontrou este lugar?

— Último aviso — respondeu a voz. Desta vez, havia algo diferente em seu tom, como se estivesse sendo abafado. — Nem mais um passo.

Michael se virou e olhou para Sarah. Seu rosto reluzia sob a luz sempre pálida do bosque. A névoa se elevou atrás dela como um sinal agourento de perigo. Ela se inclinou em sua direção e sussurrou tão baixinho em seu ouvido que ele mal escutou as palavras:

— Você vai pela esquerda. Eu vou pela direita.

Michael concordou com um gesto de cabeça. Àquela altura, já não era para terem aprendido a lição?

Mas Sarah já se afastava, posicionando-se para o ataque. *Pela esquerda*, Michael lembrou a si mesmo ao estender o braço e segurar a mão de Sarah. Depois de um apertão bem firme, ele a soltou e se agachou, o coração acelerado.

— Agora! — berrou Sarah.

Michael correu na direção da árvore, impulsionado por uma injeção de adrenalina. Tinha dado apenas dois passos quando uma luz forte

o cegou por um instante, e uma força invisível o jogou para trás, fazendo-o bater contra uma árvore e desabar no chão.

Pontos coloridos flutuavam diante de seus olhos. Com um grunhido, levantou-se. As chances de identificar a invasora estavam se esvaindo. Suas costas doíam, a cabeça girava, e havia um zumbido nos ouvidos. Protegendo os olhos com a mão, seguiu cambaleando para a frente.

Aos poucos, sua visão ganhou foco de novo, apesar de o bosque ainda oscilar sob seus pés. Conseguiu chegar ao carvalho onde a invasora estava escondida, passando a mão pela casca ao contornar o tronco, fazendo força para distinguir a floresta mais adiante. Viu de relance uma mulher correndo à distância, os cabelos longos ondulando atrás de si enquanto se deslocava de uma árvore a outra.

Michael se virou para o outro lado — não havia mais chance de alcançá-la. Ela já estava muito distante. A dor em suas costas se espalhou para as pernas. Cambaleando, foi procurar Sarah, e a encontrou caída no chão. Sem se mover. Havia sangue em sua cabeça, mas o peito ainda se movia para cima e para baixo. Embora apenas ligeiramente. Se ela morresse ali, jamais descobririam o que tinha acontecido. Era provável que Sarah fosse ficar bem, mas não queria se separar dela nem por um minuto.

Michael caiu de joelhos. Queria gritar de frustração, mas se conteve.

Aquela mulher. Sua voz. Seus cabelos. Alguma coisa nela.

Ele a conhecia. De algum lugar, Michael a conhecia.

VII. MERGULHO NO CÓDIGO

1

Sarah acordou alguns minutos depois.

Ela grunhiu e se mexeu, depois grunhiu mais um pouquinho. Michael estava sentado no chão a seu lado, encostado em uma árvore. Não sabia o que fazer, a não ser esperar. Deduziu que ela fosse morrer e desaparecer, voltando ao Caixão, ou então que acabaria acordando, mais cedo ou mais tarde.

Por fim, ela se sentou ao lado de Michael, esfregando a cabeça e soltando um último gemido de dor.

— Tudo bem com você? — perguntou ele.

— Tenho certeza de que vou estar com um galo enorme quando voltar para a Vigília, mas já estou melhor — virou-se para olhá-lo, ainda com a mão na parte mais dolorida da cabeça. — E então... o que aconteceu? Já descobriu tudo, não é?

Ele soltou um risinho de deboche.

— Claro que sim — ou seja: não tinha entendido nada. — O que eu vi foi ela correndo para a floresta. Mas não conseguia nem andar, por isso nem tentei ir atrás.

— Pensei que fosse dizer que não queria me deixar sozinha — disse Sarah. Ela apontou para o grande carvalho de onde tinha surgido a forte luminosidade. — Quer dizer que uma mulher segue a gente para nos espionar e solta uns fogos de artifício moderninhos

para encobrir a fuga... Por que ela não quis dizer nada? Não pareceu meio estranho para você?

— Acho que ela não queria machucar a gente. Mas...

— O quê?

A última peça do quebra-cabeça se encaixou na cabeça de Michael.

— Reconheci a voz dela. E também a maneira como andava, e depois o jeito de correr.

— E...?

— Acho que era a agente Weber, do SSV. Mas como foi que ela encontrou a gente aqui?

2

Era uma revelação bombástica o suficiente para fazer Sarah sugerir que subissem as escadas e se acomodassem melhor na casa da árvore.

— Tem certeza de que era ela? — perguntou Sarah, sentada em um pufe horroroso e detonado.

Bryson havia escolhido aquele assento muito tempo atrás, quando tinham codificado o lugar.

Michael estava à mesa, os olhos voltados pra janela, pensativo.

— Quase absoluta — respondeu ele. — Principalmente por causa da voz. Quando falei com ela pela primeira vez, foi no Lifeblood Deep, mas aí ela foi ao meu apartamento... o apartamento de Jackson Porter, quero dizer. Ela apareceu por lá assim que acordei, e sua aparência era basicamente a mesma. Acho que faz sentido ela ter feito uma Aura idêntica à sua aparência na Vigília, já que não queria que eu soubesse que era um Tangente.

— Concordo. Quer dizer, acho que concordo. Mas ela ter encontrado a gente aqui... o que isso significa? Essa é a grande questão.

Michael balançou a cabeça, frustrado. Alguém aparecer em seu local secreto de encontros era um acontecimento preocupante demais.

— Não faço ideia. E o mais estranho foi ela ter feito questão de se esconder enquanto espionava a gente. Por que aparecer lá no apartamento, então?

— Ela deve estar querendo se esconder do Kaine também.

— Bom, em algum momento, ela vai voltar a cruzar o nosso caminho. Quando encontrarmos Bryson, precisamos avisar o SSV sobre o que Kaine fez comigo. Não consigo parar de pensar na louca lá do trem. E se... e se, além de transformar outros Tangentes em humanos, Kaine também tiver controle sobre eles?

Sarah empalideceu levemente.

— Ou se programou os Tangentes para fazer o que ele quisesse antes de... de fazer essa coisa de Doutrina da Morte neles.

Os pensamentos de Michael se voltaram para o incidente no trem e para o aviso que havia recebido. Três dias. Esses três dias já haviam se passado, e eles ainda estavam à solta. Da próxima vez que Kaine os encontrasse... Bom, Michael não queria nem pensar nisso.

— O que você está caraminholando aí? — perguntou Sarah.

Michael suspirou, tentando aliviar o turbilhão que agitava seu peito.

— Só estou pensando nos seus pais. Eles podem estar em qualquer lugar... como vamos encontrá-los? Isso sem falar nos

meus. Em algum momento, vou ter que voltar para o Lifeblood Deep e procurar por eles e por Helga, apesar de Kaine dizer que eles morreram, ou foram desprogramados, sei lá. Olha, não sei se é uma boa envolver Bryson nessa história. Tenho minhas dúvidas.

Sarah se levantou e se aproximou dele.

— Bryson já está envolvido na história, queira você ou não. Precisamos chegar até ele antes de Kaine. Quanto aos nossos pais... Escuta só, sabemos que quem está por trás de tudo isso é Kaine. Ir em frente é o melhor que podemos fazer por eles — o sofrimento no olhar dela era visível enquanto tentava convencer também a si mesma a seguir naquela busca.

Michael olhou para ela.

— Então vamos atrás do Bryson.

Sarah fez que sim com a cabeça.

— Era isso que eu queria ouvir.

Sarah se sentou à mesa diante de Michael, e os dois fecharam os olhos, como se dessem início a algum ritual ancestral. Em seguida, mergulharam no código.

3

Havia centenas de maneiras de conduzir a busca por Bryson, e parecia que haviam considerado todas elas um ou dois dias antes de fazer a Submersão. Discutiram tudo, desde postar uma mensagem nos fóruns até perambular pelo shopping na esperança de cruzar com ele. Procurá-lo na Vigília, como Michael havia feito com Sarah, também foi uma hipótese cogitada. Mas, com base em tudo o que sabiam e nos perigos que haviam encontrado até então — além do

fato de que Kaine poderia manter sob vigilância cada recanto da VirtNet —, optaram por um outro caminho: apelar para o que sabiam fazer melhor.

Hackear.

Por pior que as coisas ficassem, havia uma coisa no mundo tão certa quanto o sol nascer no leste e as pessoas baterem as botas ao ficarem velhas: Bryson continuaria jogando. Ele adorava jogar, vivia para isso. E, como Michael e Sarah conheciam todos os seus jogos favoritos, sabiam onde procurar. E também como fazer isso sem ninguém notar. Nunca haviam tido uma razão genuína para trapacear em um jogo antes — algo que só tirava a graça da coisa. Ganhar trapaceando era o mesmo que não jogar.

Mas a situação naquele momento era outra, e por sorte sabiam mexer na programação dos jogos favoritos de Bryson tão bem quanto ele.

O Lifeblood era a opção mais óbvia, apesar de provocar um aperto no coração de Michael. Eram lembranças demais.

— Estava com saudade — disse Sarah quando começaram. — Eu não jogo desde que entramos no Caminho.

Michael não respondeu — estava oficialmente deprimido.

Locomovendo-se pelo segundo plano do programa, os dois iam saltando de local em local dentro do Lifeblood, vasculhando o código em busca de rastros de Bryson. Estavam quebrando no mínimo cinquenta e três regras e regulamentos, isso sem falar nas normas de etiqueta da VirtNet, mas era um bom teste para saber se suas novas identidades eram capazes de protegê-los. Quando Michael esquadrinhou os lugares mais prováveis em que o amigo poderia

estar, ponderou que por ora tudo vinha saindo bem. A não ser pelo pequeno — ou *gravíssimo* — contratempo de terem sido encontrados pela agente Weber. Mas, quando Kaine fizesse o mesmo, caso isso acontecesse, não seriam pegos de surpresa.

San Francisco. Paris. Xangai. Tóquio. Nova África. O Deserto Antártico. Vegas Antiga. Duluth. Todos os lugares. Nenhum sinal. Não encontraram nenhum vestígio de que Bryson tivesse visitado algum desses lugares recentemente.

Sarah apertou a mão de Michael, o sinal combinado entre eles, e em pouco tempo estavam de novo na casa da árvore, o código em movimento voltando a se assentar na forma de árvores e do céu.

— Se ele não está no Lifeblood, você sabe o que isso significa — disse Michael.

— Sim.

— Ele está se escondendo. Sabe que está acontecendo alguma coisa.

— Exatamente — concordou Sarah. — Mas sem chance que ele vai ficar fora do Sono. Só precisamos olhar nos... nos lugares mais secretos.

Michael quase deu uma risada ao se lembrar de alguns acontecimentos. O mais engraçado deles era uma imagem de Bryson, nu como viera ao mundo, sendo perseguido por sete sereias tão irritadas, que tinham até criado pernas. Ele nunca havia contado o motivo da perseguição.

— E então, para onde vamos? — perguntou Michael, contente por ver que Sarah também tentava esconder um sorriso no rosto.

Não tinha um motivo racional para pensar assim, mas acreditava que o sequestro dos pais dela não fosse tão dramático quanto sua descoberta de que, tecnicamente, nunca tivera pais.

— Que tal *The Lair of the Spider Queen*? — sugeriu ela.

Michael revirou os olhos. A Aranha Rainha sempre havia sido um alvo de Bryson. E, se ele não conseguira até agora nem um beijinho, não tinha sido por falta de tentativa.

— É um bom começo — respondeu Michael.

Fecharam os olhos e mergulharam de novo.

4

Demorou três horas, mas eles o encontraram no décimo primeiro lugar em que procuraram — um jogo chamado *Curious Ways to Die*, em que o jogador podia perder a vida de um jeito ridículo e se divertir ao mesmo tempo. Era um mundo doentio.

Bryson tomava um lanche com duas meninas que Michael não conhecia, conversando animadamente sobre a próxima aventura — algo envolvendo uma torradeira movida a bateria e uma fonte de águas termais — em uma das mesas da área externa de um pequeno café no ponto de encontro do jogo. Havia um limite das regras que poderiam ser quebradas sem a pessoa ser pega, ou pelo menos ser notada, e entrar por um Portal era uma das leis mais elementares e fiscalizadas.

Moveram-se pelo código até o Portal mais próximo, e em questão de segundos estavam no jogo. Antes tivesse sido assim tão fácil entrar em *Devils of Destruction*, pensou Michael. Tentou não se lembrar das outras leis que haviam desrespeitado.

Para as novas identidades, ele e Sarah tinham alterado as respectivas Auras. Seria muita estupidez, depois de tanto trabalho para se disfarçar, poder ser reconhecido de imediato por um velho amigo — ou rival — por causa da Aura. Quando chegaram ao café onde Bryson estava com algumas amigas, sentaram-se em uma mesa a seu lado, mas ele nem notou a presença dos dois.

Manipulando o código, Michael reassumiu a antiga Aura por um instante, apenas o tempo suficiente para que Bryson o notasse com o canto do olho. Quando ele olhou pela segunda vez, Michael voltou de imediato a adotar seu novo visual. Nem mesmo Bryson, que costumava manter a compostura em situações de pressão, foi capaz de esconder sua reação de choque.

— Hã... — ele ficou sem palavras diante das novas amigas. Seus olhos se voltaram para o local onde Michael e Sarah estavam sentados. — Desculpa, eu, hã... estou vendo uns primos meus ali. É, isso mesmo, são os meus primos. Estão bem aqui do lado. Quem diria.

As meninas olharam para a mesa de Michael e fizeram um aceno com um sorrisinho no rosto.

— Mas está quase tudo pronto! — uma das meninas reclamou, a voz sendo mais um choramingo que combinava perfeitamente com seu jeito exagerado.

— Vou compensar a mancada — respondeu Bryson em tom conciliador. — Prometo. Vão até lá e se divertam se eletrocutando. Eu bem que gostaria de estar lá também.

Elas se despediram com um beijo no rosto dele e, assim que foram embora, Bryson praticamente saltou para a mesa de Michael e

Sarah. Sua expressão revelava uma estranha mistura de confusão e euforia.

— Vocês... — mais uma vez, ficou sem palavras. — Vocês... vocês dois... Não sabia que... O que estão fazendo aqui? — e então ele caiu na risada, fazendo Michael se lembrar da razão de ele ser um de seus melhores amigos.

— Que bom ver você — disse Sarah com um sorriso.

Bryson parecia prestes a explodir, tanto de felicidade quanto pela vontade de dizer mil coisas ao mesmo tempo.

— Quase morri de preocupação. Não tive nenhuma notícia de você, Michael, desde o Caminho. E você, Sarah, por onde andou nos últimos dias? Estão querendo que eu morra do coração antes dos vinte anos? Imaginem a tragédia que isso seria para todas as mulheres que ainda vou conhecer no futuro.

— Não vai perguntar nada sobre esses nossos disfarces engenhosos? — rebateu Michael.

Bryson soltou uma risadinha.

— Não preciso. Eu não sou idiota. Também tenho me escondido.

— Mas a sua Aura... — Sarah começou a dizer, porém se interrompeu quando Bryson levantou uma das mãos com um sorriso presunçoso no rosto.

— Não me subestimem — disse ele. — Olhem direito o meu código. Está programado para que só *vocês dois* vejam minha Aura antiga. O restante das pessoas está vendo um outro cara. *Bum*. Eu sei, é impressionante.

— Uau — comentou Michael. — Você é mesmo incrível. O cara mais incrível que já conheci — ironias à parte, ele estava realmente

impressionado.

Sarah trouxe a conversa de volta para a realidade.

— E você está se escondendo de quem? Aconteceu alguma coisa? Ou é só por precaução?

Os indícios de alegria foram desaparecendo lentamente do rosto de Bryson.

— Fiquei meio estranho por uns dias. Demorei um pouco para me recuperar depois de ter surtado no Caminho. Não sei por que fiz aquilo. Foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Ele fez uma pausa, e Michael achou melhor esperar para ouvir o que o amigo diria a seguir. Ou talvez só quisesse mais um tempo para se preparar antes de revelar as próprias descobertas. Bryson poderia não ser tão compreensivo quanto Sarah.

— E aí a Sarah me contou sobre o que aconteceu com ela na lava — continuou Bryson. — E não ouvimos mais notícias suas — ele se voltou para Michael. — Parecia que você simplesmente... *puã!*... tinha desaparecido. Não conseguimos achar você em lugar nenhum. Quando a Sarah sumiu, eu pirei de vez. Fui para a casa do meu tio, uma cabana no meio do mato. Comecei a usar o Caixão do meu primo, andando escondido pelo Sono, torcendo para que vocês me encontrassem. Sei que deve ter acontecido alguma coisa, e que vocês têm muito para me contar. Então, é melhor começar já — ele abriu um sorriso tristonho, que desapareceu em uma fração de segundo.

A alegria não durou muito, pensou Michael.

— Bom, uma coisa é certa — disse Sarah —, temos mesmo muita coisa para contar — virou-se para Michael. — Que tal você começar?

Ele não queria, mas sabia que era melhor não contrariar Sarah.

5

Michael perdeu a noção do tempo enquanto contava sua história. Começou com a morte de Sarah na lava. Fixou os olhos em um ponto na mesa de madeira e foi em frente, narrando tudo em detalhes, inclusive o encontro com Gunner Skale, o lendário jogador. Bryson fez uma careta de descrença nessa parte, mas não quando Michael revelou ser um Tangente, uma pessoa de mentira, com uma vida falsa. E Michael jamais se esqueceria disso: de que Bryson havia se mantido firme ao seu lado.

— Sua vida não é falsa — rebateu Bryson, com uma entonação de quem considerava a ideia absurda. — Você está sentado bem aqui na nossa frente. É o mesmo Michael bobalhão de sempre. Quem é capaz de dizer que, no fundo, não somos todos programas de computador? Ou que não estamos todos sonhando? Talvez eu seja um velho horroroso babando em cima de um prato de mingau de aveia na Islândia.

Michael abriu um sorriso. Em um passe de mágica, Bryson fez com que se sentisse melhor, e não era a primeira vez que isso acontecia.

— Só estou dizendo — continuou Bryson — que não estou nem aí se você é um Tangente ou uma lhama superinteligente. Você é meu amigo, e é isso o que importa.

— Foi o que eu falei — reforçou Sarah. — Mas ele é teimoso — ela pegou a mão de Michael sob a mesa e a apertou com firmeza.

Bryson se recostou na cadeira e cruzou os braços, como se tivesse acabado de fechar um acordo comercial importante.

— Mas sinto muito por esse tal de Jackson Porter. Isso deve ser terrível, ter o cérebro esvaziado e substituído. Só que a culpa não é sua. Tudo o que você pode fazer é impedir que aconteça de novo. Vamos começar pelo princípio. Precisamos descobrir mais coisas sobre Kaine e essa Doutrina da Morte para tentar acabar com essa situação. Certo?

— Certo — respondeu Michael. Havia gostado da ideia. Manter o foco no futuro. Era tudo o que podia fazer. Mais uma vez, sentiu que deveria falar sobre Gabriela, a namorada de Jackson. Porém, por alguma razão, não conseguiu mencionar o assunto.

— Então chegou a hora da grande pergunta — anunciou Bryson. — O que faremos agora? A Trifeta Perfeita se reuniu de novo, em toda a sua glória. Temos um programa de computador enlouquecido tomando a mente das pessoas. Ah, e que está disposto a pôr um fim na nossa vida se não colaborarmos com ele.

— Algo que está fora de cogitação — acrescentou Sarah.

— Totalmente fora de cogitação — concordou Bryson.

— Só estava preocupado em encontrar vocês dois — disse Michael. — Não sei o que fazer agora. Pensei que talvez pudéssemos procurar o SSV, mas a agente Weber agiu de um jeito bem estranho lá na casa da árvore. Por que ela fugiu?

Sara largou a mão de Michael e se apoiou sobre os cotovelos.

— Pode ser mais uma razão para irmos atrás dela. Tipo, ela deu um aviso antes de usar aquela coisa luminosa. Parecia que não estava a fim de ser descoberta.

— Eles não deviam estar do nosso lado? — questionou Bryson. — Foram eles que mandaram você, aliás, *nós*, atrás do Kaine.

Foi a vez de Michael ironizar a fala do amigo:

— Pois é, e veja só onde estamos agora.

— Bom, você ganhou um corpo, não ganhou?

Michael ficou sem entender se ele falava sério ou estava fazendo alguma piada sem graça, e não soube o que responder. Antes que o silêncio ficasse constrangedor, começou a ouvir um tilintar. Quando olhou para baixo, viu que a mesa tremia, a princípio de leve, depois com mais força. As pernas do móvel começaram a se arrastar pelo chão.

Sarah e Bryson tinham a mesma expressão no rosto — olhos arregalados, observando a mesa como se estivesse possuída por um demônio. Michael puxou a cadeira para trás e estava pronto para se levantar e sair correndo se fosse preciso. Bryson teria programado uma morte por terremoto no jogo?

O café inteiro tremia, com xícaras tilintando nos pires e talheres caindo da mesa e se espalhando pelo chão junto com fragmentos de pratos quebrados. As pessoas gritavam e corriam desordenadamente, sem saber para onde ir. Michael e seus amigos estavam imóveis, trocando olhares entre si.

A mesa de repente deu um pulo, subindo meio metro do chão e depois caindo com um estrondo. Sarah e Michael gritaram. A mesa saltou outra vez. Michael enfim se levantou da cadeira, oscilando com o mundo ao redor. Foi cambaleando até Sarah e a ajudou a se levantar, segurando sua mão com força. Bryson se juntou aos dois. Eles deram os braços para ajudar um ao outro a se equilibrar. O tremor se transformou em sacudidelas violentas, lançando mesas e pessoas umas sobre as outras. As janelas ao redor se quebraram,

jogando cacos de vidro no chão. Gritos de pânico vinham de todas as partes.

— Vamos dar o fora daqui! — berrou Bryson. — Conheço uma saída. Venham comigo.

Michael fechou os olhos para manipular o código ao redor. Usaram um Portal para entrar, mas não era momento de se preocupar com regras ou regulamentos.

Uma explosão como a de mil trovões reverberou pelo ar, e, quando abriu os olhos, Michael viu o chão rachar sob os pés. Um vento furioso agitava suas roupas e seus cabelos — e o zumbido dele parecia arrastar tudo para longe. Virou-se para o café, que não estava mais lá, e ficou sem fôlego e com o coração prestes a sair pela boca quando viu o que surgira em seu lugar.

Uma enorme coluna de luz arroxeadada e pulsante havia se erguido do chão, chegando a vários metros de altura. Michael pôs a mão sobre os olhos para protegê-los do brilho ofuscante que ia em direção ao céu, como se fosse uma espécie de farol. Faíscas eletrificadas dançavam nas extremidades, estalando em torno do pilar de energia.

— O que é isso? — perguntou Bryson, fazendo uma pausa entre as palavras.

Michael não tinha ideia, e seus pés pareciam colados ao chão. Não conseguia se mover, por mais que se esforçasse.

O vento.

Ficava cada vez mais forte, rugindo em torno de Michael, empurrando seu corpo para a coluna de luz. Era como se estivessem em uma espaçonave e a porta de repente tivesse sido aberta: tudo

ao redor estava sendo sugado por um vácuo. Uma cadeira passou voando a seu lado, girando no ar até se espatifar contra a lateral da coluna de luz, onde ficou parada como se estivesse soldada na lateral, antes de sair deslizando rumo ao céu.

Depois disso, as comportas se abriram. Garfos, facas, colheres, vidro quebrado e mais uma cadeira passaram voando. Uma mesa atravessava os ares, parecendo ter sido arremessada por uma mão invisível, rodopiando como um disco até chegar ao pilar e começar a subir, acompanhada dos demais objetos. Michael e os dois amigos se agarraram uns aos outros com força, resistindo ao vento, embora estivessem sendo incontestavelmente empurrados na direção do estranho corpo luminoso.

— Não consigo me concentrar! — gritou Sarah.

Michael se virou para a amiga e não pôde acreditar no que viu. Com os olhos fechados, ela ainda tentava manipular o código.

Os três perderam o equilíbrio ao mesmo tempo, os pés sendo arrancados do chão. Michael caiu, sentindo uma dor forte na base da coluna. Passou a deslizar pelo chão, como se puxado por cordas amarradas em seus tornozelos. A coluna de luz, rugindo, pulsando e faiscando, elevava-se céu acima, atraindo tudo ao redor como um ímã gigante, obscurecendo assim sua superfície.

Objetos mais pesados que Michael voavam pelos ares, e os menores quicavam pelo chão. Era como se a coluna arroxeada escolhesse o que queria. Ele se debateu, tentando se agarrar a alguma coisa, mas não havia jeito. O braço de Sarah escapou de sua mão, depois o de Bryson. Em vão, tentavam fincar as mãos e os pés no chão. E então tudo aconteceu de uma só vez.

A força que os atraía os arrancou do chão por completo. Michael, o rosto virado para baixo, viu o mundo desaparecer diante de si, e em seguida se virou para a direção na qual avançava — rumo à coluna monstruosa de energia em estado bruto. Com o canto do olho, viu Bryson e Sarah agitando os braços e esperneando enquanto voavam na mesma direção. Em pouco tempo, não havia nada além da luz arroxeadada preenchendo o campo de visão deles, um rugido sibilante nos ouvidos e faíscas de eletricidade percorrendo sua pele.

Michael virou-se antes de se esborrachar contra a lateral do pilar, os braços e as pernas abertos, e cabelos, cotovelos, juntas das mãos, costas e pernas grudados em sua superfície, cuja textura parecia emborrachada. Esperava um calor intenso, mas em vez disso se deparou com uma superfície fria e energizada.

Em seguida, Michael saiu voando para o céu.

VIII. OS EXPLORADORES

1

O mundo se resumia a vento e ruído.

Michael mal conseguia manter os olhos abertos enquanto seu corpo era lançado para cima pela coluna arroxeadada. Um rugido preenchia seus ouvidos, e o deslocamento de ar pressionava sua pele e agitava as roupas na direção contrária, mas era como se o corpo estivesse ainda colado àquela superfície.

Virou a cabeça o máximo possível e olhou para baixo. O chão estava distante, e o ar ia ficando rarefeito, dificultando sua respiração. A curvatura da Terra tornava-se visível. Sabia que era só um efeito gerado por um programa de computador, mas tudo parecia ser bem real, como se estivesse prestes a ser lançado ao espaço sideral — como se estivesse sendo lançado *de verdade* ao espaço sideral. Michael fechou os olhos e tentou voltar a atenção para o código, mas ou estava tudo bloqueado ou o pânico o impedia de se concentrar no que quer que fosse.

Abriu os olhos e ergueu a cabeça. Logo acima, conseguiu ver Bryson — a sola dos pés dele, pelo menos. Mas não havia nem sinal de Sarah. Ela devia estar mais acima de Bryson. Michael tentou erguer a mão, mas ela não se descolava do farol de luz, que esticava a pele de suas juntas. Não era possível pensar em uma explicação

para aquilo, mas estava claro que era melhor nem tentar se mover. Isso teria como consequência inevitável uma longa queda.

De maneira brusca, tudo ao redor mudou.

Não a coluna em si, que continuava pulsando e o impulsionando para cima a uma velocidade inacreditável. Mas as coisas em torno de Michael de repente... *se alteraram*. E isso fez sua cabeça girar a mil. A princípio fez-se uma inclinação aguda — não no pilar em si, mas no *mundo*, que se moveu sob ele, dando a impressão de que não estava indo mais para cima, e sim viajando paralelamente ao chão, que se encontrava quilômetros abaixo. Ele cruzava os ares como um míssil, atordoado pelo vento e pelo ruído.

Michael abriu a boca para gritar algo aos amigos, para tentar descobrir se estavam bem. O ar invadiu seus pulmões e secou sua língua antes que pudesse dizer uma palavra que fosse. Não que pudessem escutá-lo. Virou a cabeça de novo, tentando enxergar tanto quanto fosse possível. Mais à frente, à distância, um retângulo preto havia aparecido, tornando-se maior a cada momento. Quando se aproximou mais, ele conseguiu ver que a coluna de luz atravessava a escuridão e prosseguia até onde a vista pudesse alcançar.

Mais uma vez, Michael tentou abrir a boca e soltar um berro, mas mal conseguiu ouvir a si mesmo. Alguns segundos depois, chegaram à abertura retangular, e o mundo desapareceu. Não pôde mais enxergar o brilho arroxeadado do pilar, apesar de ainda senti-lo. Ao seu redor, era tudo escuridão.

Junto com a escuridão, veio o silêncio. Michael tentou gritar outra vez, mas foi inútil. Estava cego, surdo, e começava a entrar em pânico. Tentou se debater, esperneando para se livrar das amarras invisíveis, mas sem sucesso. Sua pele doía nos locais em que permanecia grudada ao pilar energizado, e teve que fazer força para se acalmar, temendo acabar destruindo o corpo virtual.

Uma luz apareceu ao longe, e a escuridão se iluminou outra vez. Nesse momento, a coluna arroxeadada reapareceu. Pequenos raios brancos de eletricidade faiscavam em torno da superfície, sua luz ainda pulsante. O som do vento voltou, assim como a sensação dele. A fonte de luminosidade mais à frente se transformou em uma passagem, que crescia cada vez mais. Eles a atravessaram.

Uma cadeia de montanhas apareceu logo abaixo, com os picos rochosos cobertos de neve reluzindo sob o sol. Uma floresta verdejante se espalhava pelo vale, cortada por um rio que serpenteava e brilhava como uma cobra. Era tudo cristalino, e o ar frio e límpido, com odor de madeira. Michael não entendia por que haviam sido levados até lá, tampouco quem tinha criado aquele lugar. Seria essa a forma que Kaine achara para encontrá-lo a sós?

Outro retângulo escuro apareceu à distância, e eles o atravessaram. Assim como antes, todos os seus sentidos foram bloqueados, e o pânico voltou a tomar conta dele. Debateu-se, tentando se livrar daquela estranha submissão. Porém, convencido de que isso era inútil, usou o momento de paralisia para fechar os olhos e fazer mais uma tentativa de penetrar o código.

Pelo menos dessa vez conseguiu ver *alguma coisa*, apesar de estar tudo embaçado. Tentou decifrá-lo, mas, quanto mais tentava, mais

elusivos se tornavam os números e as letras. Michael jurou para si mesmo que não desistiria, que continuaria tentando manipular a programação para libertá-los. Tinha capacidade para tal. Se havia *alguém* capaz de fazer isso, esse alguém era ele.

Por fim, notou uma luz atrás dos olhos fechados, além do vento atingindo seu corpo e rugindo em seus ouvidos. Abriu os olhos para ver o que havia surgido na escuridão dessa vez: um vasto oceano de águas revoltas, assoladas por uma tempestade. A coluna brilhava atrás dele outra vez. A chuva caía com força, cortando o céu com raios, seguidos por trovões retumbantes. Não dava para ver a que altura estava o pilar de luz, mas parecia estar pouco abaixo das nuvens. Uma espuma branca marcava os locais onde as ondas gigantescas colidiam umas com as outras.

Um retângulo preto apareceu — a coluna arroxeadada seguia em sua direção.

Escuridão.

3

Adentraram um estranho mundo de chuva e cores monocromáticas. Pirâmides podiam ser vistas mais abaixo, e a água escorria pelas paredes, criando cursos d'água na areia. Era uma terra desoladora — sem pessoas, sem árvores, sem nada que não fossem as pirâmides e a chuva. Michael achava que já conhecia aquele lugar, por causa de um game que havia jogado alguns anos antes, mas sentia-se atordoado demais para pensar a respeito. Estava ensopado. Seu corpo doía, a pele ardia, a mente se desligava. Mais uma tentativa de examinar o código se revelou inútil.

Uma selva dominava o terreno mais abaixo, com centenas de tons de verde e um calor escaldante. Macacos balançavam nos galhos, movendo-se sob a névoa que pairava na atmosfera úmida. Havia uma clareira repleta de enormes máquinas quadradas transportando artilharia pesada, além de luzes fortes e ruídos trovejantes. Soldados mecanizados corriam na superfície, atirando uns nos outros com armas a laser.

Escuridão.

Uma cidade ao amanhecer, arranha-céus tão próximos que era quase possível tocá-los, uma floresta de concreto e metal que se espalhava até onde a vista alcançasse. Veículos voando pelos ares. Uma mulher no alto de um prédio, que seguiu Michael com a cabeça quando ele passou em alta velocidade. Não tinha nem olhos nem cabelos, e suas pernas haviam sido substituídas por seis hastes prateadas que a faziam parecer uma aranha robótica. Quando abriu a boca, cuspiu um jato de lava, bem na direção de Michael.

Escuridão.

Mundo após mundo, jogo após jogo, Michael continuava voando, preso à coluna arroxeadada. A dor o consumia. Mal conseguia ver o que estava mais abaixo, paisagens percorridas em alta velocidade, alternadas com as trevas do vazio.

O rugido e a força do vento. Sua mente envolta em confusão. Kaine devia estar por trás daquilo, mas por quê?

Um deserto cálido, o calor impregnado no ar. Monstros — horrendos humanos mutantes com deformidades e pele em carne

viva — marchando pelas dunas.

Escuridão.

Campinas gramadas, cortadas por um rio manso e silencioso. Uma enorme embarcação de madeira navegando. Pessoas no convés, apontando para cima.

Escuridão.

Uma lua desconhecida, e domos protegendo as cidades mais abaixo.

Escuridão.

Espaço sideral, e a maior nave espacial que Michael já vira, com os motores ligados.

Escuridão.

Um vilarejo medieval, com invasores saqueando-o e incendiando-o, e o povo fugindo aos berros.

Escuridão.

Mais uma dezena de mundos.

Escuridão.

Escuridão.

Escuridão.

Michael desmaiou.

5

Quando recobrou os sentidos, ouviu alguém gritando seu nome.

— Michael!

Piscando algumas vezes, tentou erguer a cabeça, mas não conseguiu. Era como se seus órgãos tivessem sido reposicionados dentro do corpo. Estava deitado em uma superfície lisa, com o

mesmo brilho arroxeadado ao redor, mas percebeu que não se movia, e que a coluna não era mais uma coluna, e sim um solo liso que se estendia infinitamente em todas as direções. O céu mais acima era todo negro. Michael fechou os olhos de novo, mas ainda conseguia sentir a presença da luz arroxeadada.

Alguém encostou em seu ombro.

— Michael.

Ele soltou um suspiro, aliviado. Era Sarah. Abriu os olhos de novo, mas não conseguiu vê-la — ela o havia tocado por trás. Bryson se sentou ao lado dele e preencheu seu campo de visão.

— Ei, cara. Está tudo bem? — seu amigo perguntou.

Michael respondeu com um grunhido, fazendo um esforço para se sentar. Uma dor aguda reverberou em sua cabeça, mas se aliviou depois que ele respirou fundo algumas vezes. Olhou ao redor, para a superfície roxa e infinita, e depois para o céu negro.

— Será que preciso perguntar? — murmurou Michael.

— Quer saber o que aconteceu? — rebateu Sarah. Sua Aura parecia estar no mesmo mau estado que a dele: cabelos emaranhados, pele avermelhada e ferida, roupas ensopadas de suor. — A gente não faz ideia.

Bryson soltou uma risada forçada.

— Claro que faz. Alguém colou a gente em um pilar mágico de luz para voar por toda a VirtNet, vendo cada mundo que ela tem para oferecer. Uma viagem que normalmente levaria...

— Uma vida.

Uma voz masculina concluiu a frase de Bryson. Michael se virou, experimentando outra onda de vertigem e dor, mas conseguindo ver

quem falava com eles. Era um homem alto de meia-idade, que usava roupas caras e um corte de cabelo elegante. Um sujeito bonito. Havia algo de familiar nele...

— Uma vida — repetiu o homem, detendo-se diante deles — que vai acabar em breve se vocês três não começarem a fazer o que eu pedi.

— Cadê o Kaine? — questionou Sarah. — A gente sabe que você trabalha para ele.

Michael esperava que o homem fosse cair na risada nesse momento, como o vilão de um filme de espionagem de quinta categoria. Mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ele coçou o queixo e ficou pensativo, como se pensasse em uma boa resposta para a pergunta de Sarah. Uma boa mentira, talvez.

Foi então que Michael percebeu. Com um estalo bem no meio da cabeça. Aquele homem era Kaine, uma versão mais jovem do velho que havia conhecido no chalé de pedra, na floresta próxima ao castelo. Antes de ter sido submetido à Doutrina da Morte.

— Kaine — murmurou Michael. — É ele.

Um nó terrível se formou em sua garganta, como um tumor. Mesmo depois de tanto esforço, o Tangente ainda era capaz de encontrá-los.

— Obrigado por me apresentar — respondeu Kaine. — Como podem ver, minha saúde virtual está melhor a cada dia — ele fez um gesto com o braço, apontando para o corpo rejuvenescido. — Vocês não imaginam o que é ser um Tangente na minha idade. Um dos primeiros. Abandonado pelos programadores há tempo suficiente para se esquecer até mesmo de quando nasceu. Tudo o que fiz para

me fortalecer, fiz sozinho. Ah, as histórias que tenho para contar... São impressionantes. Mas nada se compara ao que está por vir, claro.

— Fala logo o que você quer — disse Sarah, com uma impaciência na voz que Michael nunca tinha ouvido. — Não estou a fim de ficar ouvindo ameaças.

— Isso mesmo — concordou Bryson. — Também não estou a fim.

— Nem eu — disse Michael, só para não ser o único a ficar calado. Kaine sorriu.

— Vocês realmente não me entenderam — ele pôs as mãos nos bolsos da calça bem passada. O brilho arroxeadado sob os pés lançava sombras ameaçadoras sobre seu rosto. — Na verdade, não me incomodo em fazer isso. Vou ser simples e direto. Nada de insultos, nem de mentiras, nem de enrolação.

— Não sei o que é pior — murmurou Bryson.

Como uma cobra dando o bote, Kaine se ajoelhou no chão e segurou o pescoço de Bryson. A mão do Tangente segurava com tanta força, que conseguiu envolver o pescoço de Bryson por completo. Ele engasgou e tossiu.

— *Isto* — Kaine falou em tom calmo — não vai ser tolerado. Ou você me respeita, ou... vai sofrer as consequências. Entendeu bem?

Bryson fez que sim com a cabeça, o rosto vermelho e os olhos arregalados. Com as mãos, tentava se desvencilhar das mãos de Kaine.

Kaine o soltou e se levantou, parecendo ainda mais alto que antes. Bryson estava ofegante, tossindo e cuspidando, e Sarah correu até ele, colocando os braços ao redor dos ombros do amigo. Encarou Kaine

com uma expressão de puro ódio. Michael ficou com medo de que ela dissesse algo que piorasse ainda mais as coisas, mas Sarah soube manter o silêncio.

O Tangente alisou as roupas e respirou fundo.

— Vou dizer o que vim falar, e vocês vão me escutar. Os três. Mas primeiro Bryson vai se desculpar e pedir perdão. Se não fizer isso, vai deixar de existir, e seu corpo vai morrer na Vigília. Não é uma ameaça vazia. Ele tem três segundos.

— Desculpa — Bryson soltou entre uma e outra tossidela. — Por favor, me perdoa.

A vontade que Michael sentia de socar Kaine era tanta, que até doía.

Kaine bateu uma mão na outra.

— Muito bem. Desculpas aceitas, você está perdoado.

— Dá para dizer o que está acontecendo, por favor? — perguntou Michael.

— Sim — respondeu o Tangente.

Ele inclinou-se para a frente, as mãos nos joelhos, e aproximou o rosto do de Michael. Sua cabeça assumiu uma proporção duas vezes maior que a de um humano normal. Michael estava certo disso.

As palavras seguintes de Kaine foram a última coisa que esperava ouvir.

— Preciso da sua ajuda.

IX. UMA DECISÃO NADA DIFÍCIL

1

Kaine ficou em silêncio por um instante depois de sua declaração. Michael teve raiva de si mesmo por estar tão curioso para ouvir o que o Tangente queria dizer com aquilo.

— Agora que consegui chamar sua atenção... — começou Kaine. Ele se afastou, e a cabeça voltou ao tamanho normal. — Vocês devem estar se perguntando por que precisaram passar por tantas maravilhas da VirtNet antes de chegar até aqui. E isso foi só uma amostra, como devem saber. Mundos após mundos. A VirtNet se transformou em uma extensão da vida. Dá até para dizer que se transformou em uma espécie de vida por si só. O que chega a ser irônico, considerando meu plano de transformar o máximo possível de Tangentes em humanos nos próximos meses.

Michael estremeceu de raiva, mas era incapaz de apagar a centelha de curiosidade que queimava dentro dele.

— Tenho uma visão grandiosa para o nosso futuro — retomou Kaine, saindo do transe para falar em um tom mais sereno, quase profissional. — Meus antigos... *associados* não são mais meus parceiros. Eu mudei. Passei a imaginar um mundo em que a linha entre a Vigília e o Sono não se define da maneira primitiva criada pela inteligência humana. Para fazer isso acontecer, *preciso* de corpos humanos. Preciso de uma presença considerável no mundo

humano. E preciso que a conexão entre o seu mundo e o meu seja mais fluida. É por isso que vocês três vão me ajudar. Principalmente você, Michael. Escolhi Jackson Porter especialmente para você. O que meus antigos parceiros não sabiam era que Jackson pode ter muito mais utilidade do que apenas fornecer um corpo para sua mente.

— Por que nós... — começou Bryson, mas se interrompeu, como se tivesse perdido a coragem. Michael queria perguntar sobre Jackson, mas permaneceu em silêncio.

— Por que vocês me ajudariam? — Kaine fez a pergunta ele mesmo, com um estranho sorriso no rosto. — Bom, prometi que não ia mentir. Se não me ajudarem, vocês morrem. Junto com os pais da mocinha aqui — acrescentou, apontando para Sarah.

Michael olhou para ela, e viu a fúria estampada em seu rosto.

Kaine não pareceu se incomodar nem um pouco com isso.

— Mas não vamos nos ater a esse aspecto da coisa. Em vez disso, pensem nas recompensas. O que tenho a prometer é a imortalidade. A vida eterna nos mundos que já existem hoje e nos que ainda estão por vir. As possibilidades são ilimitadas. Michael, você ainda não entendeu isso, mas eu e você estamos ligados, e somos a ponte que pode tornar a imortalidade possível. Para humanos e Tangentes.

Kaine fez uma pausa, as sobrancelhas arqueadas, como se esperasse que Michael e seus amigos pulassem de alegria. Em vez disso, eles apenas o encaravam. Michael se perguntou como aquele homem — aquele *programa de computador* — poderia achar que em alguma circunstância mereceria sua confiança e a de seus amigos.

E o que queria dizer com aquele comentário sobre Jackson? Michael começou a vasculhar o código ao redor, piscando vagorosamente, enquanto Kaine desviava o olhar para os demais.

— Ainda há muito o que aprender — continuou Kaine. — Mas, como eu disse, preciso de ajuda. Vocês têm um perfil único: experiência na VirtNet e conhecimento da Doutrina. E têm ligações com o SSV, de maneiras que nem imaginam. Além de... outras habilidades que *eu* posso usar.

Era uma coisa bem simples, quase idiota, mas Michael precisava se posicionar de um jeito que impedisse Kaine de ver seus olhos. Isso presumindo que Kaine não tivesse olhos e ouvidos a seu serviço por ali — o que aliás era bastante improvável. Mesmo assim, era um risco que Michael precisava correr.

— Podemos conversar um pouco a respeito? — perguntou ele, e ficou contente por ter aberto a boca, já que Sarah parecia prestes a dizer algo, e Michael imaginava que não seria nada agradável. — Precisamos discutir algumas coisas.

Kaine não gostou do questionamento, julgando pela expressão em seu rosto. Havia algo fervilhando em seus olhos, como o fogo de uma fornalha.

— Nada de discussões. Ou vocês me ajudam a realizar meus planos, ou vão morrer com os pais de Sarah. Simples assim.

Sarah abriu a boca para liberar a avalanche de palavras que parecia estar presa em sua garganta, mas Michael a interrompeu outra vez.

— É uma decisão importante, Kaine. Não acha que vamos... colaborar mais se fizermos isso por vontade própria?

— *Já chega!* — berrou Kaine, e a fúria em seu olhar transformou seu rosto em uma máscara de raiva. — Está pensando que sou um humano ignorante? Acha que não sei que está vasculhando o código em busca de uma saída? Acredita mesmo que eu permitiria isso?

A pequena bolha de esperança que ainda habitava a mente de Michael se desfez. Como ele poderia sequer ter *pensado* que enganaria Kaine? Ele era uma espécie de deus no Sono — e ainda mais no local em que estavam naquele momento. Dessa vez, a voz de Sarah trouxe a ele uma sensação de alívio.

— Se quer se misturar com os humanos, tem mesmo muito o que aprender — era como se Sarah estivesse repreendendo uma criança malcriada.

Michael a encarou, o queixo caído.

Kaine ficou sem reação. O Tangente até gaguejou:

— Eu... Você... Não vou admitir lições de moral de uma criança — ele apontou para Michael. — Por uma criada por mim, talvez, mas não de *você* — concluiu, apontando agora para Sarah.

O Tangente se aproximou dela e se inclinou para a frente até que o nariz de ambos se tocassem.

— Tentei ser racional — murmurou —, e não entendo por que preferem rejeitar a imortalidade. E não só para mim, para *todos*, humanos e Tangentes. Algumas coisas já estão em andamento, e é tarde demais para voltar atrás. Mas eu tenho novos planos, e grandiosos. Só vou falar a respeito quando garantir o comprometimento de vocês. E seria aconselhável decidir isso antes de os SimKillers chegarem.

Um instante depois, Kaine desapareceu.

Michael não sabia se abraçava Sarah ou dava um chacoalhão nela. De qualquer forma, aproximou-se e a segurou pelos ombros.

— O que... o que foi isso?

Ela pareceu murchar um pouco.

— Desculpa. Estou tão... tão... Quero acabar com ele. Afinal, são só umas linhas de programação. Deve existir algum jeito de fazer isso!

Ele entendia o nervosismo de Sarah — Kaine havia sequestrado os pais dela —, mas aquele comentário o magoou. Até alguns dias antes, a existência dele também se resumia àquilo. Algumas linhas de código. Ela viu isso no olhar dele; era impossível esconder.

— Ai! Desculpa, desculpa — ela se apressou em dizer. — Meu dia não está sendo nada bom. Isso vale para a semana toda, aliás.

Michael a abraçou, pois não sabia o que fazer.

— Eu sei como é — estava pensando nos próprios pais, também desaparecidos, mas não estava certo de que ela seria capaz de entender isso.

Um ruído de estática começou a ressoar pela superfície arroxeadada a seus pés, um barulho elétrico que reverberava pelo corpo de Michael. A cada vibração, o som ia ganhando força, ficando cada vez mais alto. Passos. Por cima do ombro de Sarah, Michael viu um grupo de vultos aparecer no horizonte arroxeadado, apoiados em quatro patas. Uma onda de medo subiu por sua garganta. SimKillers. Vários deles, e prontos para atacar.

Sarah deve ter sentido a tensão no corpo dele. Ela se afastou um pouco, virando-se para olhar.

— Acho que ele estava falando sério mesmo — disse ela, sem alterar o tom de voz. As palavras dela fizeram Michael pensar em gelo. Blocos enormes de gelo, duros e congelantes. — Bryson? Levanta.

Por um instante, Michael tinha se esquecido totalmente do amigo. Ele havia se mantido em silêncio absoluto, sentado no chão, imóvel.

— Ei — Michael chamou. — Tudo bem? Estamos com um probleminha aqui.

Foi até Bryson e se agachou. As sombras tinham ocultado algo que agora ele conseguia ver com clareza.

Os olhos de Bryson estavam fechados.

3

Michael se permitiu sentir uma pontinha de esperança outra vez. Bryson tinha feito a coisa certa ao começar a trabalhar no código assim que Kaine desaparecera. E ele era muito bom nisso. Havia sido Bryson quem tinha desligado a velhinha que tentara matá-los com os cabos voadores no saguão de entrada de Devils of Destruction.

Além disso, Michael não queria *de jeito nenhum* ter que encarar os SimKillers de novo. Não depois do que havia acontecido no clube Black and Blue. *Vamos lá, Bryson*, pensou em uma prece silenciosa. *Tira a gente daqui.*

As criaturas estavam bem perto, os corpos lupinos e musculosos se deslocando pelo etéreo solo purpúreo, rugindo seus grunhidos eletrônicos. Os passos estavam sincronizados em um único retumbar

carregado de estática. Bryson era a única chance deles. Sarah segurou a mão de Michael e, em silêncio, encararam os monstros que se aproximavam.

A bolota de medo alojada na garganta de Michael dobrou de tamanho, dificultando sua respiração. Havia pelo menos dez SimKillers. Pensou em hackear alguma arma desviada de um jogo, mas não tinha tempo para isso, em especial em um local onde o código era tão difícil de manipular. Para completar, sua nova identidade tornava tudo ainda mais complicado — as armas e as habilidades das quais dispunha na antiga vida estavam escondidas sob camadas e camadas de firewalls. Aliar-se a Kaine estava fora de cogitação. Precisavam deter os monstros por tempo suficiente, para que Bryson pudesse fazer sua mágica acontecer e acabar com eles.

As criaturas feitas de sombra os espreitavam. Pisoteando com determinação a superfície arroxeadada com suas enormes patas, estalavam os maxilares e preenchiam o ambiente com seu ruído. Kaine havia dado a Michael uma chance de lhe mostrar que ele e os amigos eram confiáveis. Tinham falhado no teste, e o Tangente queria pôr um fim à vida do trio, primeiro matando cérebros, depois corpos. Fim de jogo.

Sarah soltou a mão de Michael e se preparou para brigar, flexionando as pernas, baixando os ombros e erguendo os punhos. Para Michael, só a expressão em seu rosto era suficiente para matar um monstro ou dois. Tentou seguir seu exemplo, mas no fundo sabia que era uma batalha impossível de vencer. Ergueu as mãos cerradas mesmo assim, sentindo o suor escorrer por sua pele artificial.

Quando os SimKillers estavam a pouco mais de três metros de distância, um buraco negro apareceu na superfície diante deles, fazendo com que Michael e Sarah fossem ao chão. Os SimKillers vinham tão depressa que não conseguiram parar. Michael só observou enquanto as criaturas iam caindo no abismo, uma após a outra. Seus grunhidos estáticos desapareceram logo depois que sumiram no vazio de escuridão; em questão de segundos, não estavam mais lá.

Michael mal teve tempo de registrar o que havia acontecido. Assim que as criaturas desapareceram, o mundo ao redor passou a oscilar, e o código reapareceu como um enxame de abelhas. Então, em um piscar de olhos, veio o nada, e Michael se viu de novo no Caixão.

Tinham saído. Estavam na Vigília. Em segurança. Bryson conseguira.

Haviam vencido. Era uma vitória modesta, claro. A escalada de uma elevação mínima em uma enorme montanha, Michael tinha consciência disso, mas não deixava de ser um triunfo.

Se cuida, Kaine, pensou Michael.

4

Infelizmente, Bryson não estava por perto para comemorar com eles. Naquele momento, Michael ouviria seu amigo se gabar de bom grado.

Michael e Sarah estavam sentados à mesa do apartamento alugado. Tinham lavado a louça e comido uma lasanha de preparo instantâneo. Normalmente seria uma refeição da pior qualidade, mas a fome tornava tudo mais gostoso.

— O que ele quis dizer quando falou que vocês estão ligados? — perguntou Sarah, depois de limpar a boca com um guardanapo. — E que você foi posto no corpo de Jackson Porter por uma razão?

Michael deu de ombros — seus pensamentos estavam muito exaltados e desorganizados para elaborar uma resposta. A única coisa que lhe veio à mente naquele momento foi Gabriela. O pai dela morava em Atlanta, onde ficava a sede do SSV. Michael havia passado por coisas demais para acreditar que poderia ser mera coincidência.

— Precisamos encontrar Bryson antes que alguém chegue até ele — acrescentou Sarah. — E saber se ele também conseguiu sair. Kaine não deve ter demorado muito para descobrir o que estava acontecendo; pode ter resolvido intervir pessoalmente.

Michael tentou afastar essa possibilidade:

— Qual é? Você conhece Bryson. Ele não ia salvar só a nossa pele sem se preocupar com a dele. Deve estar comendo um cachorro-quente e batendo nas próprias costas agora mesmo.

— É, deve — seu tom de voz mostrava que não estava muito convencida. — Precisamos nos encontrar com ele o quanto antes. Kaine não vai deixar isso barato.

Michael soltou um suspiro. Era verdade.

— Vamos voltar para o Sono e procurar por lá. Aí combinamos um local de encontro na Vigília.

Sarah se levantou.

— Não. Sem chance. Kaine é esperto demais. Precisamos dar o fora daqui. Agora.

— Espera aí, como assim?

Ela já estava a meio caminho da porta, mas se virou e pareceu decepcionada ao constatar que ele não vinha logo atrás.

— Michael, me escuta. Não podemos entrar na VirtNet. Simplesmente não podemos. Pelo menos no mundo real temos alguma chance contra Kaine. Podemos nos esconder dele. Agora, anda logo.

Dessa vez, ele obedeceu.

5

Foram até um parque na vizinhança e encontraram um banco mais afastado do caminho principal, escondido pela copa das árvores. Michael repetia para si mesmo o tempo todo que as coisas eram diferentes na Vigília — que nela Kaine não era um deus. Ali, o Tangente e seus SimKillers não poderiam aparecer em um passe de mágica sempre que quisessem.

— Certo — disse Sarah, dando um tapa em um dos joelhos. — Certo. Vamos conseguir. Só precisamos ser supercuidadosos, estar sempre em movimento, mudar de identidade o tempo todo, o que for preciso. E não podemos voltar para o Sono, aconteça o que acontecer.

— Mas Bryson... — argumentou Michael, notando um tom de lamento na própria voz. — Como você bem disse, precisamos nos encontrar com ele. Não podemos deixá-lo na mão.

Sarah deu outro tapa no joelho.

— Eu sei. Escuta só: podemos usar a NetScreen de vez em quando. Kaine não pode fazer nada fisicamente aqui, mas pode rastrear nossa localização, certo? Então usaremos isso contra ele,

entrando de tempos em tempos, e nos lugares mais esquisitos. Com um pouco de sorte, Bryson também vai ser esperto e fazer o mesmo. Mandaremos uma mensagem para ele. Vamos criar uma espécie de código.

Ela sorriu, em uma gentil tentativa de fazer as coisas parecerem menos catastróficas. Michael ficou contente por isso.

— Certo — concordou ele. — É um bom plano. Ficar esperto e sempre em fuga. Isso é que é vida.

— Vamos usar a minha NetScreen ou a sua?

— A sua. Acho que Kaine sempre vai ter mais chances de me encontrar, por mais que eu mude minha identidade — pensou em Jackson Porter, e ficou com raiva de si mesmo por ter feito um comentário tão insensível.

Sarah apertou seu EarCuff e, assim que a tela se projetou diante dela, foi como se um relóginho tivesse entrado em contagem regressiva na mente de Michael. A cada segundo, Kaine estaria mais próximo de localizá-los e mandar alguém para matá-los.

— O que podemos dizer? — perguntou Sarah. — Me deu um branco aqui.

As mãos de Michael estavam úmidas de suor.

— Não sei. Nunca vi Bryson na Vigília. Ele pode até viver na China, pelo que sei.

Sarah soltou um risinho de deboche.

— Por acaso Kaine fritou seu cérebro? Já conversamos sobre isso antes, sobre um encontro em algum lugar. *Você* sempre insistia nisso, então ele não deve estar longe, mesmo que estiver escondido. Só precisamos ser espertos. Qual é...

Michael suspirou e pôs a cabeça para trabalhar. A lanchonete do Dan lhe veio à mente, assim como seu prato favorito de lá: batatinhas com gorgonzola. Talvez fosse bobagem, mas foi a conexão mais imediata que surgiu em sua cabeça, e Bryson também a reconheceria com facilidade.

— Tem algum restaurante na Vigília que sirva batata frita com gorgonzola? — perguntou para Sarah. — Que seja famoso ou coisa do tipo? — seu estômago roncou ao imaginar um prato de batatas fritas cobertas com gorgonzola e bacon.

Ela lhe lançou um olhar enviesado.

— Está com tanta fome assim? — em seguida, concordou com a cabeça para mostrar que tinha entendido a dica. — Existe sim. O Stoneground. As batatas não são tão boas quanto as do Dan, mas eles vivem anunciando que as deles são as melhores do mundo.

— Então está feito — disse Michael. — Podemos escrever o seguinte: “Dan. Vigília. Hum, delícia. Meu favorito. No café da manhã”.

Ela concordou, enviou a mensagem e saiu da rede. Deram o fora do parque o mais depressa possível, tomando cuidado para não despertar suspeitas. Só por precaução.

6

Bryson só apareceu três dias depois. A espera pareceu ter durado anos. Sarah tinha uma foto da versão real do amigo, que ele havia lhe mandado muito tempo antes, e ela mantinha na carteira como se fosse a foto de um namorado. Michael ficou com ciúme, mas mesmo assim a estudou com atenção um milhão de vezes. Precisavam saber

como era a aparência dele se — ou melhor, *quando* — enfim aparecesse. Bryson não era muito diferente de sua Aura, só um pouco mais magro e menos... musculoso.

De manhã bem cedo, Michael e Sarah foram ao Stoneground e se sentaram em um banco do outro lado da rua, revezando-se na vigilância. O restaurante só abria às onze da manhã, o que para eles era bom. Alguém que tivesse hackeado a mensagem não pensaria naquele lugar, já que o texto mencionava o café da manhã. Só torcia para que Bryson fosse tão esperto quanto dizia ser.

Foram dias brutalmente longos. Não tinham escola, nem trabalho e, o pior de tudo, não podiam entrar na VirtNet. Além disso, havia o medo constante de que um Tangente controlado por Kaine aparecesse a qualquer momento, para pôr um fim ao que quase nem tinham começado. Os nervos de Michael estavam à flor da pele. Ele e Sarah conversaram. Bastante. Encontraram um sebo e leram livros de papel pela primeira vez desde que eram crianças. Desistiam de esperar Bryson ao meio-dia — se viesse, ele viria de manhã — e voltavam ao apartamento. A comida parecia sem gosto, fosse o que estivessem comendo, e o tempo se arrastava como um bicho-preguiça moribundo.

Quando Bryson apareceu, andando pela rua às nove e trinta e quatro da manhã do terceiro dia, de cabeça baixa, mãos nos bolsos e olhando ao redor a cada passo, Michael se levantou do banco em um pulo. Teve que se segurar para não soltar um grito de alegria e não sair correndo na direção do amigo como um maluco.

— O que você está... — Sarah começou a dizer, mas logo em seguida o viu. — Minha nossa. Ele veio mesmo.

— Vai até a ponte — sussurrou Michael, apesar de não haver ninguém por perto. Tinham descoberto um parque ali perto com um riacho, e o ruído da água corrente poderia ser usado para mascarar a conversa deles quando estivessem sobre a ponte que o atravessava. — Vou atrair a atenção dele para que me siga até lá.

— Certo — Sarah se levantou e correu, desaparecendo na esquina.

Quando Bryson se aproximou da porta do Stoneground, Michael atravessou a rua em uma trajetória diagonal, aparecendo na frente do amigo. Quando Bryson o viu, continuou andando normalmente. Michael fez o mesmo, sem olhar para trás. *Vai saber, pensou. Poder ter alguém espionando a gente. Melhor prevenir do que remediar.*

Apesar das circunstâncias, Michael sentia-se contente pelo tão esperado encontro no mundo real estar acontecendo. Apertou o passo, caminhando diretamente para o parque.

7

Sarah estava à espera no local combinado, apoiada sobre o gradil da ponte, observando a água passar mais abaixo. A ponte já tinha sido pintada de vermelho, mas só restavam alguns vestígios de tinta no padrão monocromático da madeira.

Michael apoiou os antebraços no gradil ao lado dela.

— Já estava na hora de ele aparecer — murmurou ele.

— É mesmo — ela concordou com um sorriso.

— Que lugar romântico vocês escolheram.

Michael se virou para observar Bryson de perto pela primeira vez na vida real. Ele estava diferente da fotografia, ainda mais magro. Os cabelos loiros estavam mais compridos, e ele não se bar-

beava provavelmente há pelo menos três dias. Mas seus olhos azuis eram radiantes, e não demorou muito para que, na mente de Michael, sua imagem substituísse a do Bryson que sempre conhecera.

— Ainda bem que você entendeu minha pista brilhante — comentou Michael.

Bryson deu de ombros.

— Não vou nem falar do dinheiro que gastei indo aos lugares errados antes de finalmente descobrir este. Opa. Acho que acabei de falar.

— Esse é um bom momento para um abraço coletivo — sugeriu Sarah.

Os três passaram os braços sobre os ombros um do outro, abraçando-se. Quando se separaram, ficaram se olhando, constrangidos, mas Michael sabia que isso não duraria muito. Apesar de todos estarem com uma aparência um pouco diferente — no caso dele, *bem* diferente —, ainda eram os três hackers mais abusados e sabichões do Sono, os mesmos adolescentes encrenqueiros de sempre.

Foi Bryson quem quebrou o silêncio:

— E então, o que andam fazendo desde... a nossa pequena jornada pelos mundos mágicos da poderosa VirtNet? Não foi muita gentileza de Kaine proporcionar isso?

— Estamos mantendo a discrição — respondeu Sarah. — E morrendo de preocupação com meus pais. Também esperando você.

— Decidimos só fazer alguma coisa quando estivesse todo mundo junto — acrescentou Michael. — E a Sarah teima que não podemos

fazer a Submersão de jeito nenhum. E você sabe que, quando ela cisma com uma coisa...

— Entendo — disse Bryson. — Pensei que *nós* fôssemos bons. Mas só até conhecer o tal do Kaine.

Sarah cruzou os braços e se apoiou no gradil.

— E *você*, o que anda fazendo?

— Eu? — disse Bryson. — Escondendo minha família, mandando cada um para um canto. Contei tudo para eles, e não estou nem aí se outras pessoas descobrirem. Era a única maneira de convencer todo mundo a fugir.

Sarah o encarou e endireitou as costas.

— Desculpa — murmurou Bryson. — Não é uma coisa que se diga quando os seus... — ele não precisou terminar.

— Tudo bem — respondeu Sarah, respirando fundo e estremeando ligeiramente. — Mais um motivo para entrarmos logo em ação. Kaine deixou bem claro que eles ainda estão vivos. Nós vamos encontrá-los.

— Tomara — sussurrou Bryson.

Michael se lembrou do episódio com os SimKillers e da fuga deles no último instante.

— Como você fez aquilo, aliás? — ele perguntou para Bryson.

— Aquilo o quê?

Sarah soltou um suspiro de surpresa.

— Uau! Marca esse momento, Michael! Bryson está sendo humilde! Existe uma primeira vez para tudo.

Michael sorriu, mas Bryson parecia confuso de verdade.

— Do que vocês estão falando? — perguntou.

— Ah, qual é — rebateu Michael. — Quer um agradecimento de joelhos por ter livrado a nossa pele, é isso?

— Livrado a pele de vocês? Tipo... do Kaine? No nosso piquenique com os SimKillers lá no Mundo Roxo? — ele soltou uma risada, mas não do tipo contagiante, que faz as pessoas se divertirem. Por algum motivo, Michael ficou alarmado com a reação dele.

Foi a vez de Bryson ver a perplexidade estampada no rosto dos amigos.

— Que foi? Estão falando sério? — questionou ele.

Michael massageou as têmporas e fechou os olhos por um instante.

— Por que está parecendo que acabei de ser sugado para outra dimensão? O que está acontecendo aqui?

Sarah assumiu a condução da conversa.

— Bryson, eu vi você mexendo na programação. Sabemos que deu um jeito de tirar a gente de lá. Não sei como, afinal, não dava nem para ver o código, mas, seja como for...

Bryson a interrompeu.

— Pessoal, ei, gente, não fui eu. Tudo bem, eu estava tentando com todas as forças, mas não consegui fazer nada. Pensei que vocês tivessem ouvido a mesma coisa que eu.

— Ouvido? — repetiu Michael. — Ouvido o quê?

Bryson deu risada de novo.

— Uau, que louco vocês pensarem que fui eu que salvei todo mundo. Devia ter fechado a boca e ficado com o crédito.

— *Como assim?* — insistiu Sarah. — O que foi que você ouviu?

— Uma voz — o rosto de Bryson assumiu uma expressão um pouco mais séria. — Um pouco antes de a gente voltar para a Vigília. Deu para ouvir direitinho.

— E o que essa voz falou? — Michael quis saber.

Bryson abriu um sorriso.

— *Vocês têm amigos entre os Tangentes.*

X. UM VELHO DISPOSITIVO

1

Naquela noite, Michael tinha duas pessoas com ele no apartamento, em vez de uma só. Bryson havia escondido suas malas ali perto e, depois de pegá-las, os três voltaram para a moradia provisória com um milhão de assuntos para conversar. Michael pensou bastante sobre a revelação de Bryson, tentando descobrir quem poderiam ser os Tangentes misteriosos que os tinham libertado dos SimKillers. Estava curioso e intrigado, além de preocupado com a hipótese de que Kaine os estivesse enganando de novo.

— Deem só uma olhada — Bryson falou após o jantar, uma seleção *gourmet* de cachorros-quentes e hambúrgueres. Revirou uma das malas e tirou dela um dispositivo retangular. Um dos lados era de vidro; o outro, de metal. Colocou-o sobre a mesa e o arrastou de leve para o centro do móvel. — Isso, meus amigos, se chama NetTab.

— Quê? — Sarah perguntou, desconfiada. — As pessoas não usam mais essas coisas faz anos.

— Bom, o meu pai é um colecionador — respondeu Bryson. — Isso quer dizer que ele coleciona coisas, Sarah.

Ela revirou os olhos diante da demonstração de senso de humor sem graça do amigo.

Michael pegou o dispositivo com cautela, como se fosse virar pó a qualquer momento, tal qual um pergaminho egípcio antigo. Pelo menos, parecia tão arcaico quanto.

— É isso mesmo? — perguntou ele. — Nunca vi um desses antes. É uma antiguidade.

— É, sim — respondeu Bryson, tirando o dispositivo da mão dele. — É isso mesmo, e ainda funciona. Podem me agradecer mais tarde. Agora continuaremos sabendo o que acontece no mundo sem precisar arriscar nossas NetScreens.

Michael gostou da ideia. Apesar do pavor que sentia de Kaine e seus seguidores, precisavam entrar na rede. Precisavam descobrir o que fazer.

Bryson sorriu como um pai orgulhoso.

— Não é difícil de usar. O maior problema é entrar na VirtNet usando o sistema antigo. Mas o meu velho pai, além de colecionador, é um tremendo gênio, e configurou direitinho esse bichinho. Podemos ver o que quisermos, e ninguém vai saber quem somos. Essa coisa não tem a menor ligação com as nossas identidades.

Ele apertou um botão, e a tela de vidro se iluminou, revelando o que parecia ser uma NetScreen como qualquer outra, mas sem nenhuma identificação pessoal, apenas links para notícias e jogos.

— Vamos ver o que anda acontecendo no mundo.

Bryson bateu com o dedo na tela do dispositivo, que obedeceu ao seu comando.

Depois de uma hora vasculhando o *NewsBops* em busca de sinais dos Tangentes doutrinados de Kaine e o estrago que poderiam ter causado no mundo, descobriram uma lista de eventos que os fez se sentir mais abalados do que nunca — coisas que provavelmente estavam sendo encaradas como ocorrências isoladas ou simples coincidências, embora Michael soubesse se tratar de algo muito mais sinistro. Eles três sabiam disso, aliás. Analisando a situação como um todo, ficava bem óbvio que a influência de Kaine se espalhava pelo mundo real.

Na Alemanha, um alto dirigente do governo tinha trocado de partido da noite para o dia, mudando de opinião em quase todos os assuntos importantes. Tinha subido à tribuna do parlamento bradando por mudanças nas leis. A matéria, porém, aparecia em destaque apenas em um site de humor, como curiosidade. Todo mundo pensou que o homem havia enlouquecido.

No Japão, um monge budista mundialmente famoso por sua atuação humanitária havia matado mais de trinta seguidores, enquanto dormiam, com uma faca da cozinha do mosteiro, passando de quarto em quarto durante a madrugada. No dia anterior, no entanto, o monge tinha se reunido com autoridades de vários países, sem demonstrar nenhum sinal de transtorno mental, como sempre defendendo a paz. Essa reunião, porém, acontecera na VirtNet, enquanto o monge certamente estava em seu Caixão.

Uma mulher canadense conhecida por seus serviços filantrópicos prestados à comunidade foi tirada do Caixão pela filha, preocupada com ela por estar lá dentro há tempo demais. A mãe saiu do Caixão espumando de raiva. Matou todos os filhos e depois o marido,

quando este chegou em casa. Tudo o que foi capaz de dizer para a polícia era que cumpria ordens.

Havia muitas outras histórias como aquela. E, em todas, vizinhos e amigos apareciam dizendo as mesmas coisas: “Ele era um ótimo sujeito”, ou “Ela nunca demonstrou ter um pingão de maldade dentro dela”.

Mas o que realmente convenceu Michael foram os relatos não relacionados à violência. Afinal, por que Kaine desejaria transformar Tangentes em humanos só para obrigá-los a fazer coisas terríveis e serem jogados na cadeia? Talvez isso fosse uma prova de que as transferências da Doutrina da Morte *não estavam* dando certo.

Ele e os amigos também encontraram diversas reportagens sobre pessoas com alteração repentina de comportamento, ou que haviam tomado decisões impulsivas e inexplicáveis. Executivos que tinham realocado grandes quantidades de dinheiro, ou realizado demissões em massa, ou vendido filiais de uma hora para outra. Governantes que tinham mudado de opinião de forma surpreendente o bastante para chamar a atenção do *NewsBops*, embora não de maneira tão escancarada quanto o tal político alemão. Atores que haviam abandonado o *set* de filmagem, atletas que tinham rescindido seus contratos, pessoas pedindo demissão do emprego no qual trabalhavam fazia anos. Havia tantas histórias, que Michael quase — *quase* — não se abalou quando viram uma matéria sobre Jackson Porter, acusado de ciberterrorismo.

Mas pelo menos Michael foi capaz de deixar esse fato de lado por um momento e se concentrar no possível plano de invasão dos Tangentes. Eram muitos casos parecidos acontecendo ao mesmo

tempo. Michael era viciado em noticiários, e nunca tinha visto uma coisa dessas.

— Só podem ser Tangentes — disse ele, no mínimo pela décima vez, quando leram outra notícia sobre um governante que se voltara contra seus aliados. — Isso é loucura. Como as pessoas não enxergam que esses fatos estão interligados?

— Pensa bem — disse Bryson. Ele desligou o dispositivo e o afastou com uma expressão de contrariedade, como se fosse ele a causa de tudo o que tinham descoberto. — Eles não sabem o que nós sabemos. Não dá para alguém simplesmente dizer: “Já sei” — acrescentou ele, estalando os dedos. — “Puxa vida, entendi tudo! Programas de computador estão invadindo a mente dessas pessoas!”

Michael revirou os olhos.

— Eu sei, mas é que está tudo muito estranho. Coisas bizarras e parecidas acontecendo ao mesmo tempo no mundo todo.

— Algumas dessas coisas podem ser obra de alguém que entrou na onda só para aparecer — argumentou Sarah. — Mas Kaine deve estar por trás da maioria. Acho que, depois de um teste com Michael e outros Tangentes, ele deve ter feito algumas modificações antes de mandar o lote seguinte, algumas semanas depois. Só não sei o que ele quer com isso.

Michael também não sabia.

— Pois é, muitas dessas coisas não fazem o menor sentido. Não têm coerência nenhuma. Até entendo o lance do governo e das empresas; ele pode estar preparando outros para tomar o controle. Mas por que a violência? — deu de ombros, sem saber como lidar

com o que talvez fosse o acontecimento mais relevante da história mundial.

— Caos — anunciou Bryson, soltando um suspiro sinistro em seguida.

Michael olhou para ele, à espera de uma explicação para aquele pronunciamento dramático.

— Caos — repetiu ele. — Vai ver Kaine só está interessado em promover o bom e velho caos.

— Por quê?

— Sei lá. Talvez ele queira que os humanos comecem uma guerra e matem uns aos outros.

— Não faz o menor sentido — rebateu Michael. — Por que ele criaria uma coisa como a Doutrina da Morte se quisesse exterminar a humanidade? Ele não quer ser um humano?

Foi a vez de Bryson dar de ombros.

— Acho que essa é a pergunta que vale um milhão. Quando ele falou sobre imortalidade, era como humano ou como Tangente? É por isso que precisamos descobrir o que está por trás dos planos desse cara.

Sarah levantou-se e se alongou, colocando as mãos nas costas enquanto se curvava na direção contrária à da mesa. Michael ouviu um estalo.

— Hoje precisamos relaxar e descansar — concluiu ela. — Vamos aproveitar a noite para dormir, porque amanhã será um grande dia.

— Ah, é? — questionou Bryson. — E o que exatamente vamos fazer?

Sarah lhe deu as costas e saiu andando, respondendo casualmente por cima do ombro.

— Vamos ao SSV.

3

Toda cidade grande — e a maioria das pequenas — contava com uma representação do SSV, ainda que muitas vezes não fosse identificada publicamente como tal. Na tarde do dia seguinte, depois de descobrirem onde ficava o escritório local do SSV, encontravam-se postados diante dele. Era uma construção discreta e um tanto degradada em um ponto distante da cidade, onde não era incomum a presença de traficantes e bandidos nas ruas. Foi por isso que Michael pediu ao taxista que esperasse do lado de fora até que eles entrassem.

— Tem certeza de que é *aqui*? — questionou Bryson.

— Absoluta — respondeu Sarah. — De qualquer maneira, o que pode acontecer de ruim se batermos na porta?

Bryson tamborilou os dedos no queixo.

— Pode acontecer alguma coisa ruim se algum viciado que estiver no meio de uma transação de drogas decidir dar um tiro em qualquer um que bater na porta. Não seria nada bom.

— É, com certeza isso seria uma coisa bem ruim — concordou Michael.

Mas aquela era uma discussão inútil. Todos eles sabiam que iriam entrar naquele edifício, fosse ele o que fosse.

Sarah foi até a porta de vidro sujo sob o toldo da fachada. A maçaneta de metal estava pendurada, presa apenas por um

parafuso.

— Podem deixar que eu bato, covardões.

Michael e Bryson se apressaram rumo à porta.

Havia um capacho velho — não exatamente o tipo de coisa que se costuma ver em um prédio comercial — largado na soleira, com um dos cantos roídos por um cachorro, ou um rato, combinando perfeitamente com a fachada do edifício. Em sua superfície lia-se: LIMPE OS PÉS, o que Michael achou “superadequado” para uma entidade como a SSV, onde ninguém tinha tempo a perder com cortesias desnecessárias.

Sarah estendeu o braço e bateu na porta. Ela estremeceu, e a maçaneta solta vibrou junto ao vidro, embora a porta se mantivesse fechada. Michael observou os batentes, peças de metal enferrujadas cravadas na madeira com a pintura marrom toda desbotada. Passou a ter dúvidas sobre aquele lugar — seu estado de abandono parecia um pouco exagerado. Lembrou-se de quando tinha visitado o escritório da agente Weber — ou melhor, quando fora sequestrado e levado à força até lá. A sala ficava sob um estádio de futebol. O SSV gostava de atuar na penumbra, ao que parecia.

Como ninguém atendeu, Sarah bateu de novo, desta vez com mais força, fazendo tudo estremecer ainda mais.

— Vamos lá, vamos lá — murmurou Bryson.

Algo estalou do outro lado da porta e, quando ela se abriu, uma sineta à moda antiga ressoou com o movimento. Por algum motivo, para Michael, aquilo pareceu ainda mais sem sentido ali do que todo o resto, já que se tratava de uma instituição que teoricamente

protegia a principal fonte de comércio e entretenimento do planeta. A figura do homem que os atendeu era ainda mais inacreditável.

Baixinho e gorducho, tinha uma barba grisalha no rosto e cabelos desgrenhados puxados de lado na cabeça quase calva. Usava uma camiseta regata amarelada e manchada, revelando braços peludos que provavelmente não tinham contato com a luz do sol no mínimo há uns vinte anos. Os suspensórios impediam que a calça marrom caísse, e um charuto apagado pendia de seus lábios como se tivesse se esquecido de que não fumava mais fazia horas.

— Quem são vocês, e o que querem aqui? — perguntou ele com uma voz surpreendentemente aguda.

Sarah continuou tomando a frente da situação.

— Viemos aqui conversar com um agente sobre uma coisa importante, muito importante. Tem a ver com a VirtNet.

Michael sentiu vontade de soltar um suspiro. Por mais que gostasse de Sarah, aquela não tinha sido uma boa abordagem. Dramática demais, e um pouco artificial.

— Tem um agente esperando por nós — disse Michael, seguindo seu instinto.

O homem tirou o charuto da boca e começou a tossir, soltando ruídos tão cavernosos que seu peito parecia prestes a explodir. Michael fez uma careta.

— Como é? — perguntou o sujeito, ainda pigarreando.

Foi a vez de Bryson se manifestar:

— Escuta só, cara, não precisa se fazer de desentendido. Sabemos que aqui é um escritório do SSV, e temos coisas bem sérias para conversar. Por favor, chama um agente... não temos muito tempo.

Pelo menos ele pediu por favor, pensou Michael.

O homem enfiou o toco de charuto de volta nos lábios acinzentados antes de perguntar:

— Qual é o nome do agente? E a senha?

Nesse momento, Michael sentiu saudade do Sono, porque por lá teria sido capaz de descobrir essa informação em dois tempos. Na Vigília, entretanto, só podiam contar com o próprio charme e esperteza.

— Bom, senhor — disse ele —, não conhecemos o agente daqui. E não temos uma senha. Mas só precisamos de cinco minutos. Prometo a vocês que não vão se arrepender em nos receber. Por favor.

— Somos inofensivos como mariposas — acrescentou Bryson com um sorriso abobalhado.

O homem mastigou o charuto como se fosse um pedaço de carne dura.

— Para dentro. Agora.

Michael suspirou de alívio e entrou atrás de Bryson e Sarah em um saguão escuro e mofado, com três cadeiras de encosto rígido e uma mesa vazia. O homem mandou que esperassem ali e bateu a porta, fazendo a sineta soar loucamente.

Depois disso, desapareceu por uma outra porta. Michael olhou para os amigos.

— Ele é... interessante.

Sarah balançou devagar a cabeça, concordando. Bryson exibia uma expressão de temor.

Menos de um minuto depois, o mastigador de charuto voltou. Abriu a porta e fez um gesto com a cabeça para que entrassem.

— A agente Weber vai falar com vocês.

4

Bryson e Sarah se levantaram para seguir na direção indicada por seu anfitrião, mas Michael hesitou. Não era possível que a agente Weber estivesse ali, em uma construção decrépita no meio de uma região barra-pesada. O homem percebeu sua desconfiança.

— Por videoconferência — murmurou ele de modo sucinto, como se já estivesse cansado de falar.

— Ah — respondeu Michael, apalermado.

Em seguida, atravessou com os amigos um longo corredor, que parecia mais bem cuidado a cada passo que davam — pintura nova, carpete sem manchas —, com o cara do charuto seguindo-os de perto. Ele grunhiu para virarem à esquerda, depois à direita, e ainda tiveram de descer vários lances de escada sem nenhuma indicação do andar em que estavam. Por fim, encaminhou o grupo por outra porta, outro corredor, e para dentro de uma saleta com uma WallScreen gigante ligada.

Michael respirou fundo, sentindo um aperto na garganta ao ver o rosto da agente Weber encarando-os da tela com seus cabelos escuros, os olhos de formato exótico e seu olhar profundo, como se fosse capaz de ler o pensamento das pessoas.

— Sentem-se — mandou ela.

Havia ali uma mesa comprida com cadeiras estofadas. Sem dizer uma única palavra, Michael e seus amigos se sentaram. Ele

percebeu que Sarah e Bryson tentavam evitar contato visual com a mulher na tela. Como se sua presença não fosse o bastante para intimidá-los, a imagem era reproduzida em uma proporção enorme, pairando sobre eles. Lembrou-se do dia em que ela fora visitá-lo *pessoalmente*, logo depois de ter acordado no corpo do pobre Jackson. Naquele momento, ela tinha lhe proporcionado um pequeno momento de conforto, pelo fato de saber que não estava sozinho; que o SSV o ajudaria a dar um jeito em tudo. Mas, desde então, não houvera nem sinal dela — a não ser sua possível aparição na casa da árvore, no Lifeblood.

Michael sentiu uma pontada de raiva, e suas têmporas começaram a latejar.

— Você já pode ir, Patrick — disse Weber, a voz amplificada pelos alto-falantes.

Bryson parecia estar se contendo para não rir. Repetiu bem baixinho o nome “Patrick” para Michael, como se fosse a coisa mais engraçada que já tivesse ouvido na vida.

Depois que o homem do charuto saiu, um silêncio desconfortável pairou na sala. Michael fez o que pôde para manter contato visual com a agente Weber, procurando pelo local onde estava a câmera que transmitia as imagens deles para o outro lado da linha. Determinado a mostrar atitude naquela circunstância, esperou que ela falasse primeiro. Mas a agente devia estar pensando a mesma coisa.

Por fim, ela disse:

— O que vocês querem?

A pulsação de Michael se acelerou.

— O que nós queremos? — repetiu ele. — Pensei que fosse dizer alguma coisa mais simpática, tipo: “Que bom saber que você está bem, Michael. Queria mesmo ter entrado em contato com você, Michael, mas as coisas andam uma loucura ultimamente. Por favor, aceite as minhas desculpas. Ah, e sinto muito por ter espionado você no Lifeblood, Michael”. Alguma coisa desse gênero.

A agente Weber não se deixou abalar. Continuou olhando para ele praticamente como se não o conhecesse. E, apesar de estar no corpo de um estranho, Michael sabia que ela o conhecia. Tinha até ido visitá-lo. Ele merecia um tratamento melhor que aquele. Bryson e Sarah se mexeram na cadeira, mas continuaram em silêncio.

— Por favor, me digam por que vieram falar comigo — pediu Weber. — Patrick insistiu que era importante. O SSV não tem tempo para brincadeiras de criança, então é melhor serem breves.

Michael se levantou. O latejar nas têmporas ganhou a força de uma britadeira.

— Como você pode...

Sarah o interrompeu, segurando seu braço. Ele nem tinha percebido a aproximação dela.

— Michael — disse ela —, vamos direto ao assunto: falar sobre Kaine e as coisas que apareceram nos noticiários.

— Acham mesmo que eu não sei nada sobre Kaine? — questionou a agente Weber. — É por *isso* que me procuraram?

A raiva de Michael se transformou em perplexidade. Por que ela estava se comportando daquele jeito tão estranho? Ainda não confiava em Bryson e Sarah?

— Fomos... ameaçados por Kaine — contou Sarah, surpreendentemente calma. — Ele queria que trabalhássemos para sua causa. Fez ameaças de morte, e está com os meus pais.

— *E* ele prometeu para nós os mundos da VirtNet — acrescentou Bryson. — A imortalidade. Não esquece dessa parte.

Sarah balançou a cabeça em concordância.

— Isso também. Mas *só* se fizéssemos o que ele quisesse. Alguém ajudou na nossa fuga, e coisas estranhas estão acontecendo na Vigília. Você deve conhecer a história do Michael e a Doutrina da Morte. E um monte de coisas malucas que estão saindo nos noticiários... tudo isso está relacionado de alguma forma. Nós... bem, queríamos falar com o SSV. Não entendo por que...

— Já chega — disse a agente Weber, sem elevar o tom de voz, mas com autoridade. — Não preciso ouvir mais nada, obrigada.

Michael ficou sem saber o que dizer. Na tela, viu a agente Weber se inclinar e acionar alguma coisa. Em seguida, ela chamou Patrick de volta à sala. O homem apareceu na porta um segundo depois.

— Por favor, acompanhe os visitantes até a saída — a agente Weber instruiu. — Nunca vi essas pessoas na vida antes.

A WallScreen se apagou.

XI. UM VISOR ESCURO

1

— Tem *certeza* de que era ela? — Sarah perguntou a Michael no táxi, depois de saírem da sede do SSV.

Estavam sentadinhos no banco de trás como crianças no ônibus da escola, com Bryson no meio.

— Sim — respondeu Michael. Tentou moderar sua raiva, afinal, Sarah não tinha culpa de nada. — A Aura dela no Lifeblood Deep é quase idêntica. Com certeza era ela. O mesmo nome, a mesma aparência. Além disso, ela apareceu no apartamento de Jackson Porter. Sei que é ela, e essa história de que nunca me viu é uma piada.

— Vai ver ela está querendo proteger a própria cabeça — especulou Bryson. — Se a missão dela era encontrar Kaine e acabar com a Doutrina da Morte, então ela fez o pior trabalho de todos os tempos. Apesar de agir como a representante de Deus na Terra, ela tem chefes, que não vão ficar nada contentes se ela parecer toda amiguinha da maior prova de seu fracasso: você — ele apontou para Michael. — Sem querer ofender, claro.

— Ah, claro — respondeu Michael. — Sem querer ofender.

Sarah não se deixou convencer.

— Deve ter mais coisa por trás disso. Não tem como ela fingir que não nos conhece e achar que vai ficar tudo por isso mesmo. Tem

mais alguma coisa acontecendo.

Michael concordava cem por cento com essa afirmação.

O taxista soltou um palavrão e reduziu a velocidade, parando no meio-fio. Em seguida, bateu no volante com as duas mãos.

— O que foi? — perguntou Bryson.

O taxista se virou para eles.

— Malditos hovercars da polícia — apontou para cima, como se fosse possível enxergar através do teto. — Me mandaram parar. Deve ser algum comedor de rosquinhas que precisa completar sua cota de multas.

Um incômodo se instalou no estômago de Michael. E se o policial fizesse perguntas sobre os passageiros, se quisesse ver o documento deles? *Mantenha a calma*, pensou consigo mesmo. Tinham verificado mais de uma vez as identidades falsas. Não devia ser tão difícil assim enganar um policial em uma simples inspeção de rotina.

— Seu rosto — murmurou Sarah.

Parecia uma coisa bem estranha para se dizer.

— Hã?

— Sua foto está no *NewsBops*. E se o policial reconhecer você?

Antes que ele pudesse responder, o hovercar da polícia baixou diante deles, ficando diante de Michael, e o calor de seus motores se espalhou pelo ar. A máquina prateada aterrissou no asfalto com um ligeiro baque, soltando um último zumbido antes de se desligar por completo. O trio permaneceu sentado por longos momentos.

— Aposto que fazem isso de propósito — resmungou o taxista do banco dianteiro. — Esses ratos estão sempre querendo dar prensas

na gente. Deve estar lá dentro bebendo um cafezinho e conversando com um amiguinho na rede. Filho de uma...

Michael desviou a atenção do discurso do sujeito. A inquietação no estômago estava se transformando em pânico, fazendo as palmas de suas mãos suarem e produzindo um bolo em sua garganta. Aquela expectativa era enlouquecedora.

Por fim, a porta da viatura se abriu, elevando-se sobre os batentes. Um homem de armadura completa em cor negra, o padrão da polícia, desceu do veículo, o rosto escondido atrás do visor escuro do capacete. Michael entendia o motivo de haver policiamento ostensivo naquela parte da cidade, mas mesmo assim sentia-se nervoso. Já imaginava o sujeito arrancando-o do carro e o surrando com aquelas luvas pretas até deixá-lo coberto de sangue da cabeça aos pés — o homem parecia mais um monstro robótico que uma pessoa.

O policial se encaminhou para a porta do motorista e se inclinou sobre a janela. O taxista esperou alguns instantes para abri-la, só para desafiá-lo.

— Algum problema, policial? — perguntou, mantendo um tom neutro, que deveria usar o tempo todo com as autoridades. — Não estava correndo, e meus documentos estão em ordem.

O visor do capacete abafou um pouco a voz do policial, mas mesmo assim seu tom era ameaçador.

— Só preciso que o senhor fique sentado aí com a boca fechada. Acha que consegue fazer isso? Pode fazer isso por mim, senhor?

Michael só conseguia ver a nuca do taxista de onde estava, mas notou que seus músculos se enrijeceram, e ele não respondeu nada.

Pelo menos não verbalmente, limitando-se a um breve aceno de cabeça.

— Assim está melhor — comentou o policial. — Agora vou precisar que seus passageiros obedientes e educados desçam do carro. E depressa.

2

Ele mandou os três se encostarem no muro de um edifício. Michael sentiu as pontas do reboco malfeito cutucando sua pele sobre a camiseta. O policial se recusava a erguer o visor, o que o tornava ainda mais parecido com um robô para Michael. Ele se lembrou de um robô no Sono, o que havia arrancado seu Núcleo — algo que, por ser um Tangente, Michael nem precisava ter —, e isso o fez pensar em Kaine. E se *ele* fosse o responsável por aquela suposta inspeção de rotina?

Por favor, não, Michael implorou ao universo. Como Kaine poderia ser *tão* poderoso? Recusava-se a acreditar nisso. Mesmo assim, encarou o policial e se perguntou se não seria um Tangente que havia ganhado vida.

— Qual é o nome de vocês? — perguntou o homem, quando uma parte de seu visor se acendeu. Michael viu os símbolos e as imagens que apareciam do lado de dentro. — E, antes que respondam, só vou dizer uma vez: não mintam para mim. Nem tentem. Vocês têm uma chance de me dizer a verdade. Qual é o nome de vocês?

Sarah respondeu primeiro, depois Bryson, e por último Michael. Já tinham sido pegos inúmeras vezes na VirtNet, e sempre haviam conseguido escapar. Era só alterar algumas linhas de código com

calma e tranquilidade... fazendo alguma *alusão* à verdade. Na vida real era um pouco diferente, mas o princípio era o mesmo. Um a um, passaram os sobrenomes falsos, com a firmeza de quem os tinha usado a vida toda.

O policial soltou grunhidos estranhos, talvez um sinal de que ouvia e registrava tudo, ainda que parecesse mais um robô com dor de barriga.

— Recebemos a denúncia de que uma pessoa procurada foi vista — disse o policial, caminhando devagar ao lado da fileira de detidos. Ele parou na frente de Michael e o encarou através do visor escuro, ou pelo menos foi isso o que lhe pareceu. — Um tal de Jackson Porter, que está desaparecido há duas semanas. Por acaso sabe alguma coisa sobre isso? Qual é seu nome mesmo? Ah, sim. *Michael*. O que você tem a dizer, garoto? Conhece alguém que se pareça com esse ciberterrorista?

Michael sentiu uma vontade quase irrefreável de fechar os olhos e acessar o código, de sair daquela encrenca hackeando. De repente, teve saudade da velha vida de Tangente, feliz em sua ignorância. Mentir para aquele policial parecia ser uma péssima ideia, principalmente considerando que seu rosto já tinha sido reconhecido. Não sabia o que fazer.

— Não, senhor — respondeu ele. — Ouvi falar sobre esse tal Jackson no *NewsBops*, mas pessoalmente nunca vi. E vocês? — ele olhou para os amigos, à espera de uma resposta, sabendo que havia cometido um grande erro ao tentar dar uma de espertinho.

Bryson e Sarah balançaram a cabeça em uma negativa tímida, mas dava para ver nos olhos deles que Michael tinha pisado na bola.

Talvez fosse melhor dizer a verdade e contar com a compreensão e a proteção das autoridades.

O policial enfim levantou o visor, revelando o rosto de alguém que parecia ter nascido para ser um homem da lei. Queixo quadrado, olhos escuros e indecifráveis. E não parecia nada feliz.

— Entrem na viatura — ele falou secamente. — Os três. Se tentarem alguma gracinha, vou usar as algemas de laser em vocês. Meu humor não está lá essas coisas hoje.

— Ei, policial! Posso ir embora? Por favor? — gritou o taxista do banco do motorista do carro.

— Suma daqui! — o policial berrou em resposta.

Claramente satisfeito em obedecer, o taxista pisou fundo e saiu cantando os pneus rua afora. Michael viu o táxi desaparecer ao longe, junto com suas esperanças.

3

Sarah e Bryson entraram primeiro. O policial segurava Michael pelo braço com mais força do que o necessário. Michael estava desesperado, e não só pelos motivos mais óbvios. Com certeza a polícia como um todo ainda não estava a serviço de Kaine, mas havia a *possibilidade* de ter sido capturado por um Tangente. Além disso, havia ainda a reação bizarra da agente Weber, por mais que as duas coisas pudessem não estar relacionadas. Jackson Porter estava *mesmo* desaparecido, e era acusado de crimes sérios — o rosto dele estava em todas as edições do *NewsBops*. O fato de alguém ter denunciado sua aparição não era tão estranho assim.

Fosse como fosse, Michael ser pego pela polícia colocava tudo em risco. E se ninguém mais soubesse o que Kaine estava tramando, e Michael não fosse capaz de convencê-los? Sentiu vontade de gritar com a agente Weber. Precisavam da ajuda do SSV.

— Sua vez — disse o policial, assim que Sarah se posicionou no meio do assento traseiro.

Nesse momento, todo o desespero de Michael veio à tona:

— Escuta só... posso conversar com o senhor? Em particular?

O visor do policial ainda estava aberto, mas sua expressão não mudou nem um pouco. Se o pedido de Michael o pegou de surpresa, ele não demonstrou isso em nenhum instante.

— Você quer falar comigo. Em particular — era mais uma afirmação que uma pergunta.

Michael fez que sim com a cabeça.

— Por favor.

O policial apertou seu braço com mais força ainda, afastando-o alguns metros do hovercar.

— Vai em frente, garoto. Pode falar.

— Nós dois sabemos quem eu sou — começou Michael.

— Obrigado por reconhecer que não está lidando com o policial mais idiota de todos os tempos. É por isso que estou levando vocês.

Michael apontou para a viatura.

— Eles dois não têm nada a ver com a minha fuga. São só dois amigos que chamei para virem junto. E... existe uma *razão* para eu ter fugido. O senhor pensa que é porque sou um criminoso, mas tem muita coisa por trás disso, e envolve esferas acima da polícia.

— Filho, que *diabos* você está falando?

— O senhor não pode me prender. Não pode. Temos informações sobre um terrorista *de verdade* e... precisamos... precisamos descobrir mais coisas.

O policial começou a balançar a cabeça antes mesmo de Michael acabar de falar.

— Não gosto de perder tempo com besteiras. Pode parar com os rodeios. Se quer me dizer alguma coisa, fale de uma vez.

O coração de Michael disparou. Havia se colocado em um beco sem saída.

— É... é uma coisa complicada. Escuta só, o que o senhor quer para liberar a gente? Dinheiro? Posso conseguir um bom dinheiro. Meus... meus pais são ricos, e eu não fugi de mãos vazias.

O policial ergueu a mão, e Michael percebeu que era hora de parar de falar.

— Preste atenção em uma coisa, menino. Já conheci muita gente corajosa na vida. E também muita gente burra. Você é uma rara combinação das duas coisas. Está tentando me subornar? A minha família é formada por dezoito gerações de policiais. Tenho ancestrais que faziam patrulha a cavalo, filho. *A cavalo*. Pensa que vou jogar tudo isso pela janela aceitando uns trocados de um adolescente?

Droga, pensou Michael. Era difícil ter argumentos para rebater aquela história de patrulha a cavalo. Decidiu mergulhar no oceano profundo e assustador da verdade.

— Certo, me desculpa. É que estou desesperado. O senhor não pode me levar. Por favor. Essa história toda tem a ver com Kaine; com certeza o senhor já ouviu falar nele, e nós temos informações importantes. Precisamos ir até a sede do SSV em Atlanta.

— Bom, se sabem tanto assim, é mais um motivo para eu levar vocês — rebateu o policial.

— Mas...

A paciência do policial se esgotou.

— Para a viatura. Agora.

Desolado, Michael obedeceu.

4

— Talvez seja até bom — comentou Sarah quando o hovercar levantou voo.

Locomoviam-se em alta velocidade por rotas designadas para esse tipo de veículo, operadas quase sempre por entidades do governo.

— Até bom? — repetiu Michael. — Tô curioso pra saber como isso pode ser bom — sabia que o policial os ouvia, mas não ligava.

— Precisamos contar para *alguém* — rebateu ela. — Acha mesmo que vamos conseguir encontrar meus pais e enfrentar Kaine e seu exército de Tangentes sozinhos? Acho que já fizemos tudo o que era possível... Procuramos o SSV, e não deu muito resultado. Agora tentaremos a polícia, o GBI, a Central de Inteligência, o que for preciso. Alguém vai acabar ouvindo a gente.

Bryson balançou a cabeça afirmativamente, posicionando-se ao lado de Sarah, mas Michael não se convenceu.

— Acho que só quem pode levar a gente a sério é o pessoal do SSV — ele interrompeu Sarah, antes mesmo que ela retrucasse: — Sim, *eu sei* que já tentamos, e que não deu certo. Vai ver a agente Weber estava preocupada com a presença de espiões, ou então com

a nossa segurança. Sei lá. Mas, de alguma maneira, precisamos arrumar um encontro cara a cara com ela.

— Não sei não, cara — disse Bryson, para desânimo de Michael, porque, se alguém ali gostava de se arriscar, esse alguém era ele. Caso ele desistisse e se resignasse a deixar tudo nas mãos da polícia, era bem provável que não avançassem muito além disso.

— Tudo bem — falou Michael, abrindo mão de sua posição. Por ora. — Com um pouco de sorte, alguém vai acabar escutando a gente. Escutando *de verdade*.

— Bom — acrescentou Bryson —, a não ser que queira chutar o policial para fora e pilotar o veículo você mesmo, acho que não temos muita escolha, não é? Não estamos no Sono, cara. Não tem jeito de manipular o código para sair dessa.

Em um instante de loucura e frenesi, Michael pensou em fazer exatamente isto: saltar sobre o banco da frente como um gorila que fugisse da selva. Não devia ser tão difícil pilotar um hovercar. Mas esse instante logo passou, e Michael se recostou no assento, cruzou os braços e olhou pela janela.

Abaixo deles, as ruas se estendiam como as fileiras de plantações da zona rural do Lifeblood Deep.

5

Seguiram em silêncio por um tempo, Michael com a cabeça a mil por hora. Não conseguia parar de pensar no que aconteceria na delegacia, na mão de quem seriam entregues. Alguém acreditaria em sua história? Quanto mais o trajeto se arrastava, mais ansioso ele ficava. As coisas simplesmente não se encaixavam.

A única pessoa que sabia a seu respeito além de Sarah e Bryson era Gabriela. Ela os ajudaria? E o fato de estar a caminho de Atlanta para visitar o pai também não passou despercebido. Parecia uma possibilidade maluca, mas Michael não sabia a quem mais recorrer. A situação se mostrava cada vez mais desesperadora. Ele poderia encontrar o endereço dela na rede em questão de instantes se tivesse a chance de...

Chegaram à região central da cidade, e os pensamentos de Michael se interromperam ao adentrarem a aglomeração de edifícios altos de vidro e aço, que refletiam a luz fraca do entardecer. Havia pouquíssimos hovercars no ar, mas Michael desviava o olhar sempre que um deles passava. Os demais carros pareciam estar o tempo todo em rota de colisão com a viatura, e desviavam somente no último instante. Isso deixava Michael apavorado.

Inclinando-se para a frente, dirigiu-se ao policial:

— Senhor?

O patrulheiro já tinha colocado de volta o visor; dava para notar as informações e os mapas brilhando em sua tela escura, mas, do ângulo em que Michael estava, não era possível enxergar muita coisa além disso.

— Quê? — respondeu o homem, claramente desinteressado.

Aquele sujeito até podia ser um babaca, pensou Michael, mas nem por isso deixava de ser um oficial da lei. Sarah bateu no ombro dele e arqueou as sobrancelhas quando ele se virou para encará-la, com uma expressão de quem pergunta com veemência: "Que diabos está fazendo?". Ele tentou acalmá-la com uma expressão que dizia "Relaxa", antes de se virar de novo para a frente.

— O senhor precisa acreditar em nós. É uma história maluca, mas é verdade.

— Que história?

— Bom, eu ainda não contei.

O homem lançou as mãos para o alto, irritado. O hovercar embicou para baixo, fazendo o estômago de Michael ir parar na boca, e Bryson soltou um gritinho agudo vergonhoso.

— Agora você quer que eu acredite em uma história que nem me contou? — perguntou o policial. — Filho, me responda uma coisa: por acaso já foi internado em algum manicômio? Já mandou examinar sua cabeça e descobriu que tem o cérebro do tamanho de uma laranja?

Por algum motivo, essa reação fez o sujeito parecer mais agradável, e Michael relaxou um pouco.

— Certo, escuta só. O senhor entra no So... na VirtNet com frequência? Gosta de games?

O homem soltou uma risada.

— E por acaso eu tenho cara de quem tem problema na próstata e precisa fazer xixi a cada vinte minutos? Claro que sim. O que isso tem a ver com a história?

— Bom, o senhor já deve ter ouvido falar em um jogador chamado Kaine, não ouviu? Ele andou aparecendo *bastante* nos últimos meses.

— Sim, filho, já ouvi falar em Kaine — ele virou o volante para a direita, e o hovercar contornou um prédio bem largo. O corpo de Sarah se projetou sobre o de Michael e, caso ele não estivesse tão

tenso, poderia até ter sido um momento agradável. — Me deixe adivinhar. Esse Kaine é seu tio? De repente, até seu pai?

— Não, ele é um Tangente. E está roubando o corpo das pessoas e inserindo programas... a inteligência dos Tangentes em humanos. Está transformando Tangentes em humanos, sabe? E matando gente de carne e osso para isso.

Michael fez uma careta. O que estava dizendo parecia mais e mais absurdo a cada palavra.

O policial se virou para Michael.

— Filho, não se preocupe. Temos um bom médico para loucos lá na delegacia. Já estamos chegando.

Michael se recostou no assento, sentindo-se ainda mais desconfortável. Manteve os olhos no visor do policial enquanto isso e, por um segundo, de um ângulo mais favorável, conseguiu ver algo. Seu rosto deve ter ficado pálido, porque Sarah e Bryson o encararam como se torcessem para que o médico de loucos da delegacia fosse bom mesmo.

— O que aconteceu? — murmurou Sarah.

Michael não conseguiu responder. Mal podia respirar. Preferia acreditar que tinha sido uma ilusão de ótica, não uma visão real. Mas a verdade era inegável.

Havia uma foto de Sarah. E, sob ela, uma legenda breve:

PROCURADA POR LIGAÇÃO COM CASOS DE PESSOAS
DESAPARECIDAS

Também viu de relance os nomes de Jackson e Bryson. Mas apenas uma palavra estava legível: cúmplices.

Agora *todos* eles eram procurados como foragidos.

XII. TIJOLOS QUEBRADOS

1

Sarah se inclinou para a frente para poder encarar Michael. Em seguida, perguntou em silêncio qual era o problema, mexendo a boca para que ele lesse seus lábios. O hovercar virou para a esquerda, e seu corpo se moveu na direção dela. Sentiu vontade de lhe dar um abraço apertado. Estavam cada vez mais encrocados. Um sentimento de tristeza se instalou em seu peito.

Sarah arqueou as sobrancelhas, à espera de uma resposta. Bryson ficou olhando para os dois, tamborilando os dedos no assento, ciente de que era melhor ficar calado.

Michael sabia que não adiantava mais tentar convencer aquele policial. Era impossível impedir que fossem levados à delegacia e fichados, presos e todo o resto. Um ciberterrorista foragido e uma sequestradora, provavelmente suspeitos de assassinato. E Bryson poderia estar sendo acusado de mais uma série de coisas. Mas nada disso importava. A polícia os considerava cúmplices. Tudo estava indo por água abaixo, e não havia como consertar a situação.

— Acho que estou passando mal — ele gritou de repente para o banco dianteiro. — Meu estômago. Estou quase vomitando, vamos descer.

— Estamos quase lá — respondeu o policial, olhando pelo retrovisor. — Agente aí mais uns minutinhos.

Michael sabia que seu rosto pálido corroborava sua história.

— Estou falando sério! Por favor! Preciso sair desta coisa!

— Uau — falou o homem, em um tom entre irritado e irônico. — Esse seu estômago é quase mágico. Resolve ficar embrulhado bem na hora em que o terrorista e seus amigos assassinos estão indo para a cadeia.

Não havia adiantado nada ter mantido o segredo.

— Não é mentira, não — respondeu Michael, desolado.

Até ele era capaz de detectar a derrota em sua voz.

— Aguarde firme aí. Você pode vomitar o quanto quiser quando estiver confortavelmente instalado na sua cela.

Sarah olhava para Michael e Bryson como se assistisse a um jogo de tênis, uma expressão de perplexidade estampada no rosto.

— Amigos assassinos? Como assim? Michael, do que ele está falando?

O pânico tomava conta de Michael.

— Eu vi uma coisa no visor dele. *Você* está sendo acusada no caso do desaparecimento dos seus pais. E eu e Bryson estamos como cúmplices.

O rosto de Sarah empalideceu, e Bryson deu um murro no assento.

— Calminhos aí! — gritou o policial. — Se querem cometer crimes de gente grande, então se preparem para ser punidos como gente grande. E fiquem calados; não quero ouvir nem mais um pio. Já estamos quase lá.

O hovercar passou rente a um prédio, rumo a uma velha construção de tijolos. As janelas estavam cobertas de sujeira, e o

aspecto geral era tão convidativo quanto o de qualquer outra delegacia de polícia do mundo.

— Deveria ganhar um bônus por isso — o policial comentou com uma risadinha. — Faria o implante de cabelos que eu tanto quero.

2

O veículo diminuiu a velocidade, e a frente se inclinou um pouco para cima, a fim de se preparar para a aterrissagem. Contornaram o edifício até chegar aos fundos, onde havia uma porta aberta com luzes acesas do lado de dentro. O policial manuseou os controles, e o veículo começou a descer para o local de pouso.

Michael olhou para a porta, que parecia uma boca aberta prestes a tragá-lo. Não era apenas a vida deles que estava em jogo. Pouquíssima gente sabia o que Kaine estava tramando — o que ele pretendia de fato. Quando os três estivessem presos, o Tangente ficaria livre para pôr tudo em prática. O medo tornava difícil para Michael o simples ato de respirar.

Não podia ser levado por aquele policial. E não seria. Todos os seus impulsos de racionalidade foram suprimidos naquele momento, e um instinto puro e selvagem de sobrevivência tomou conta dele.

Lançando o corpo para a frente, esgueirou-se pelo espaço na janela divisória que separava os assentos dianteiros do traseiro, agarrou o capacete do policial e o puxou para junto de si. Em seguida, contorceu-se e o pressionou com toda a força, como se quisesse arrancar a cabeça do sujeito. A parte de trás do capacete bateu no vidro, e ele soltou um grito abafado de dor.

— Seu filho da... — o homem fez menção de dizer algo, mas as palavras foram interrompidas por um grito quando Michael passou a balançar o capacete de um lado para o outro.

O policial largou o volante e tentou segurar os braços do agressor, apertando-o e arranhando-o com força, mas Michael estava enlouquecido. Seu estômago foi parar na boca quando o hovercar embicou para a esquerda e começou a cair.

— Segura o volante! — ele gritou para Sarah, mas não havia como ela passar por ele naquele espaço estreito da divisória de vidro.

Continuava segurando o capacete do policial, ciente de que o pescoço dele poderia se quebrar a qualquer momento. Michael cravou os pés no banco traseiro e saltou pelo espaço, aterrissando no assoalho da cabine. O policial o acompanhou, escapando da pressão do cinto de segurança e caindo sobre ele. Do lado de fora das janelas, o mundo girava, os prédios se mostravam em ângulos estranhos e o céu azul se revezava com o cinza das construções.

— Agora! — berrou Michael. — Pega o volante!

Sarah já passava pelo espaço, os braços estendidos. Bryson ajudou, empurrando-a por trás. Michael continuava em luta corporal com o policial, mas com medo de que ele sacasse a arma e atirasse. Em breve alguém viria atrás deles — com certeza uma viatura despencando pelo céu chamaria atenção na delegacia.

Sarah pegou o volante no momento em que o policial conseguiu libertar uma das mãos e dar um soco na cara de Michael. Luzes piscantes surgiram em uma explosão cintilante diante de seus olhos. Ele agarrou o visor do homem e o puxou com força, tentando

arrancá-lo do capacete. Alguma coisa estalou, mas o visor não se soltou, apenas se abriu.

O rosto do policial estava retorcido de fúria.

— Você deve ser o moleque mais burro que... — ele começou a dizer, mas o mundo inteiro parecia estar sendo tragado por um ciclone, porque tudo girava ao redor.

Michael olhou para Sarah, torcendo para que ela conseguisse controlar o veículo.

Ela virou o volante com força, usando todo o corpo como alavanca, tentando estabilizar a trajetória. O hovercar continuava a girar e a sacolejar, mas depois embicou para cima. O ronco dos motores fez as janelas vibrarem. Sarah contraía os lábios, a língua para fora e os olhos vidrados de tensão.

Michael ouviu o ruído de algo se partindo e foi mandado para o espaço sob o painel. O mundo todo se agitou ao som de vidro se estilhaçando e de metal atritando contra metal, e em seguida o barulho de tijolos sendo destruídos preencheu o ar.

Então tudo parou. O veículo ficou imóvel, inclinado para a direita. Michael olhou pela janela quebrada e não viu nada além do solo, bem mais abaixo.

3

O silêncio após a colisão era assustador, como se estivessem em uma montanha-russa e o tempo houvesse se congelado antes do que ainda viria pela frente. Ouviu gemidos e respirações pesadas, além de algumas buzinas na rua mais abaixo.

Os pensamentos de Michael se voltaram para o policial — ele se preparou para continuar lutando, mas não houve reação nenhuma. O homem estava caído e imóvel sobre o assoalho, a cabeça inclinada em um ângulo esquisito junto à porta do passageiro.

— Vocês estão bem? — murmurou Michael, movendo-se com cuidado para olhar ao redor.

Temia que um movimento mais brusco mandasse o veículo lá para baixo.

Bryson resmungou alguma coisa do banco traseiro, mas Michael não conseguiu vê-lo.

Sarah estava agarrada ao volante com as duas mãos, para não cair sobre Michael e o policial. Ela fez que sim com a cabeça. Por trás de seus ombros, era possível ver os escombros de tijolo e vidro pela janela arrebitada, e o princípio do escurecer de fim de tarde mais adiante. As peças de plástico e metal do hovercar estavam amassadas e deformadas, e a carcaça do veículo se equilibrava de forma precária na lateral do edifício.

A cabeça de Bryson apareceu na janela divisória entre o assento dianteiro e o traseiro, que ainda estava intacta.

— Esta coisa pode cair a qualquer momento. Vamos dar o fora daqui.

— Ele está morto? — perguntou Sarah, olhando para o policial. O visor rachado do capacete pendia para o lado, mas era impossível ver seu rosto, que estava prensado contra a porta.

— Não sei — respondeu Michael. Seu corpo doía por causa da posição desconfortável em que estava. Não sabia quanto tempo

mais iria aguentar. — Vai lá, Sarah. Desce. Daqui a pouco meus braços e minhas pernas vão ficar dormentes.

— E se o carro tombar? — perguntou ela.

— Vai querer estar aqui dentro quando isso acontecer? — rebateu Bryson. — A porta de trás está bloqueada por escombros de uma parede destruída. Vamos ter que sair pela sua janela.

— Certo.

Com movimentos cautelosos, ela foi mexendo os pés, até encontrar um lugar seguro em que se apoiar. Em seguida estendeu as mãos, agarrando-se à extremidade inferior da janela e elevando o corpo até uma viga de metal na parede destruída do prédio. Testou a firmeza da estrutura e logo depois desapareceu na escuridão do edifício. Michael ouviu o barulho dos tijolos quebrados sendo pisoteados.

— Vai você agora — Michael falou para Bryson. — Preciso me posicionar melhor antes de sair — começou a fazer isso enquanto o amigo passava para o banco da frente, usando o volante como apoio.

— Você encontrou o lugar perfeito para atacar um policial — Bryson comentou por cima do ombro, atravessando a janela quebrada e usando os mesmos pontos de apoio que Sarah. — Bem na frente da delegacia, para todo mundo ver. Eles devem chegar aqui em no máximo cinco minutos, com as armas engatilhadas e os dedos coçando.

— Desculpa aí — Michael soltou um grunhido. Seu corpo estava dolorido demais. — Da próxima vez, não espero tanto para atacar o policial. Prometo.

— Ótimo — Bryson saiu e se virou para dar a mão a Michael.

Michael estava pronto, pois já havia desvencilhado as mãos e também os pés, que apoiou no tronco do policial. Ele segurou o volante e fez força com o braço para suspender o corpo. Bryson o segurou pela camiseta e passou a puxá-lo. Movendo as pernas em busca de um local para se impulsionar com os pés, empurrou o assento do carro para se projetar na direção da janela quebrada.

Um som agudo de metal contra metal ressoou ao redor, junto com o de tijolos sendo esmigalhados, e o veículo balançou. A mão de Bryson escorregou e, em um momento de terror em que seu coração foi parar na boca, Michael escorregou vários centímetros antes de conseguir apoiar o pé no freio de mão entre os assentos. Alguém gritou, e em seguida o veículo se estabilizou, apesar de ainda se ouvir o som de metal se envergando e de tijolos sendo destruídos.

— Sai logo daí! — gritou Sarah.

— Estou tentando! — Michael berrou de volta.

Bryson conseguiu segurá-lo pela camiseta de novo e puxá-lo com força, soltando um grunhido. O medo que Michael sentiu se transformou em uma injeção de adrenalina, que o fez mover pernas e braços em desespero para sair dali, passando por cima de Bryson e caindo sobre Sarah. Ela o abraçou com força, os dois ofegantes.

— Cara, você enfiou o pé na minha boca — resmungou Bryson.

O veículo oscilou de novo, jogando mais uma cachoeira de escombros lá para baixo. Michael pensou que daquela vez ele fosse despencar do prédio, mas se estabilizou outra vez. Em algum lugar lá dentro, alarmes soavam.

— Vamos — disse Sarah, ficando de pé e ajudando Michael a se levantar.

Estavam no que parecia ser uma sala de reuniões, com uma mesa grande e cadeiras que não acomodavam ninguém.

Bryson se colocou ao lado dos dois, limpando a poeira da roupa.

— Pois é, como eu disse, eles vão chegar daqui a pouco.

Michael deu uma boa olhada na parede demolida atrás deles: tijolos espalhados pelo carpete, gesso estilhaçado, fragmentos de fios e canos balançando, e o hovercar amassado se equilibrando de algum modo em meio a tudo isso. Pensou no policial.

— Precisamos ajudá-lo — murmurou, apesar de ser a última coisa que estava disposto a fazer naquele momento.

— Os colegas dele vão chegar daqui a pouco — respondeu Bryson.
— Se essa coisa fosse mesmo cair, já teria despencado daí. A gente precisa ir. Agora.

Michael ficou aliviado com o fato de outra pessoa ter tomado a decisão por ele — era possível que o sujeito estivesse morto, e por sua culpa. Afastou esse pensamento e concordou com um gesto de cabeça, ainda tentando recobrar o fôlego. Sarah o pegou pela mão, e os três saíram às pressas da sala de reuniões.

4

Os alarmes ressoavam pelos corredores, e algumas pessoas corriam na direção das escadas, embora a maior parte dos ocupantes do prédio, aparentemente, já houvesse saído — ou então um monte de gente tinha faltado no trabalho naquele dia. Sair da

sala de reuniões tinha sido uma decisão fácil, pensou Michael, mas e depois?

— Não vai dar para a gente passar despercebido aqui — falou Sarah. Ela soltou a mão de Michael, e ele sentiu uma vontade estúpida de pegá-la de novo. — Com certeza, eles já sabem por quem procurar.

— Sem dúvida — concordou Michael. — Os policiais já devem ter memorizado nosso rosto.

— De repente dá para se esconder no porão — sugeriu Sarah. Foram caminhando para a porta mais próxima, que levava a uma escadaria, de onde uma mulher lançou um olhar apreensivo em sua direção pouco antes de entrar. — Só não dá para pôr a cara na porta. Vamos ter que sair por alguma janela ou... pela garagem, porta dos fundos, saída de emergência, qualquer coisa assim.

Michael abriu a porta da escadaria.

— Vamos descer o máximo que der. Depois damos um jeito.

Bryson ficou em silêncio, e não acompanhou os dois quando passaram pela porta. Seus braços estavam cruzados, e o rosto, franzido em uma expressão de concentração.

— Não dá para sair dessa hackeando — murmurou Michael.

— Eu sei — respondeu Bryson. — Estou pensando.

— Não é um bom momento para isso — retrucou Michael, mas no fundo torcia para que o amigo bolasse algum plano brilhante.

— Vamos lá! — gritou Sarah, claramente sem paciência.

— Tudo bem, tudo bem — retrucou Bryson, avançando para a escada. — Venham comigo.

Começaram a subir, e não a descer.

Sarah tomou fôlego para falar, pronta para argumentar, mas Michael segurou seu braço. Ela parou antes mesmo de começar, lançando-lhe um olhar ansioso.

— Acho que ele tem razão nessa — disse Michael, orgulhoso por conseguir manter o sangue-frio.

O olhar de derrota de Sarah mostrou que sabia que os outros dois estavam certos.

— Só quero dar o fora daqui.

— Eu também. Mas vamos cair na mão deles se formos lá para baixo. A polícia deve estar subindo essas escadas agora mesmo.

— Então é melhor a gente ir logo.

Bryson já tinha desaparecido do primeiro lance de escadas, e os dois foram no encalço dele, subindo dois degraus de cada vez.

5

Era um prédio de escritórios bem alto, e os números nas portas mostravam em que andar eles estavam. Vinte. Vinte e cinco. Trinta. Como o topo não chegava nunca, Michael parou para tomar fôlego, olhando para a espiral retangular de corrimões, sempre em ascendência. Sua respiração estava ofegante por causa do esforço, e o suor escorria do rosto e gotejava no chão.

— Precisamos... continuar... subindo — disse Sarah, também bufando.

— Preciso... continuar... respirando — ele ironizou em resposta.

Dava para ouvir gritos e passos ao longe, mas a acústica da escada tornava impossível distinguir as palavras ou saber a distância em que

estavam os responsáveis por produzir o barulho. O medo reverberava em seu peito, junto à respiração apressada.

— Qual é o plano, afinal? — questionou Sarah.

Por alguma razão, Bryson parecia ter acabado de levantar de um cochilo, e não de ter subido correndo um milhão de andares de escada. Ele apontou para cima.

— Se esconder.

— Se esconder — repetiu Michael.

— Sim, se esconder — respondeu Bryson, irritado. — Acham que eu entraria em uma missão impossível com vocês dois só para acabar na cadeia? Sem chance.

— Alguma coisa me diz que os policiais são bons em localizar pessoas escondidas — comentou Sarah. — Principalmente quando podem contar com cachorros que farejam gente a quilômetros de distância, sensores de movimento e vários outros equipamentos de primeira linha.

— Vamos acreditar no Bryson — falou Michael. — Ele sabe tudo.

Não estava sendo irônico — por mais incrível que parecesse, acreditava que o amigo era capaz de tirá-los daquela situação.

— Pois é — respondeu Bryson. — Podem acreditar. E, sem querer ofender, Mike the Spike, você estava totalmente errado.

— Ah, é? Sobre o quê?

— Você falou que não dava para sair dessa hackeando.

Bryson tentou esconder um sorrisinho quando se virou e continuou subindo as escadas, saltando dois degraus de cada vez. Michael e Sarah se entreolharam, em parte achando o comentário divertido, em parte curiosos, e partiram atrás dele.

Os sons mais abaixo — gritos, passos, portas sendo abertas e fechadas — se aproximavam cada vez mais. Michael corria escada acima, o coração batendo como uma britadeira dentro do peito.

6

Bryson não parava nunca; mantinha um ritmo constante, andar após andar. Quarenta. Quarenta e cinco. Cinquenta. Os músculos das pernas de Michael pareciam ter recebido uma injeção de ácido, ficando mais doloridos a cada segundo. Seus pulmões queimavam, e puxar o ar era uma luta. Tentou pedir a Bryson que diminuísse o ritmo, mas as palavras não saíam. Sarah parecia estar sofrendo o mesmo que ele, mas continuava subindo, um pouco à frente de Michael.

O último andar do prédio era o sexagésimo. Finalmente. Havia um portão bloqueando a passagem para o último lance de escadas, que terminava em uma porta com uma placa onde se lia: COBERTURA. A visão de Michael pulsava em compasso com o coração, fazendo tudo oscilar ao redor. O número sessenta pintado na porta do último andar balançava como se risse dele: “Por que não pegou o elevador, seu idiota?”.

Era uma boa pergunta, na verdade. Ele a fez para Bryson assim que o ar voltou aos seus pulmões, a respiração ainda pesada.

— Porque eles são vigiados por câmeras. Se bobear, já tem um policial em cada um. Além disso — complementou ele, respirando fundo —, eu não fazia ideia de que este prédio idiota era tão alto.

Sarah estava inclinada para frente, as mãos apoiadas nos joelhos, mas logo se recompôs.

— Bom, eles estão vindo — quando ela disse isso, Michael notou, em meio ao pulsar dos tímpanos, passos ecoando pelas escadas. — Devem estar revistando andar por andar, o que leva certo tempo, mas daqui a pouco devem estar por aqui.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Michael, à espera de que Bryson enfim revelasse seu plano.

O amigo assumiu a dianteira de uma forma que Michael nunca tinha visto antes, nem nos momentos mais críticos do Sono.

— Faremos o seguinte — disse Bryson. — Vamos lá — e começou a descer as escadas, uma iniciativa tão absurda, que Michael nem se deu o trabalho de perguntar a razão. — Só queria ver quantos andares o prédio tinha, mas a gente não pode se esconder no último, seria óbvio demais. Vamos descer um pouco para encontrar um bom lugar.

Seus passos ecoavam pelas escadas. As pernas de Michael tinham perdido o aquecimento, e ele começou a se sentir fraco.

— Então é esse o seu plano? — questionou Sarah. — Vamos ficar escondidos, torcendo para não ser encontrados?

Bryson lançou para ela um olhar ofendido por cima do ombro, e dava para ver em seu rosto que o sentimento era sincero, mas ele o escondeu atrás de um sorriso.

— Não me subestime, mocinha. Lembra o que eu falei sobre hackear?

— Sim.

Nesse momento, Michael se deu conta do que o amigo planejava.

— Vamos invadir o sistema deles, ver os vídeos das câmeras de segurança e escutar a comunicação pelo rádio. Assim poderemos

ficar sempre em movimento, evitando os lugares onde eles estão.

— Isso mesmo — confirmou Bryson.

Sarah reagiu como se já soubesse do plano desde o início.

— Podemos entrar na planta do prédio também. Pode ter uma saída que a gente nem imagina.

— Ei, vocês estão roubando meu grande momento — protestou Bryson. — O plano é meu, não esqueçam. Vocês queriam sair correndo por aí como um bando de galinhas decapitadas.

Sarah soltou uma risadinha de deboche que Michael esperou nunca ter que ouvir de novo.

— Pois é, e talvez a essa hora a gente estivesse em um café do outro lado da rua, só observando o movimento.

Bryson parou no quinquagésimo quinto andar.

— Aqui deve servir.

Estendeu a mão para acionar o mecanismo de abertura, que não se moveu. A porta estava trancada.

7

Michael ouviu alguém gritar, mas não conseguiu decifrar as palavras. Parecia algo sobre ir para o andar de cima.

— Trancada? — Bryson bufou de frustração. — Sério? Está trancada?

— Eles devem ter trancado tudo lá da central de segurança — falou Sarah, surpreendentemente calma. — Só precisamos entrar no sistema — ela já havia acionado o EarCuff, e a NetScreen se abriu, pairando à sua frente.

— É melhor você se esconder bem na rede — avisou Michael. Ficava mais apreensivo a cada segundo. — Anda logo!

Sarah estava concentrada, digitando com fúria no teclado virtual e passando o dedo enlouquecidamente pela NetScreen. Michael sentiu vontade de apressá-la de novo, talvez com berros de incentivo. Era o que podia fazer para ajudá-la, além de abrir sua NetScreen, mas seria perigoso demais. Kaine parecia estar à espreita a cada esquina, tanto nas virtuais como nas reais.

Uma mulher gritou um pouco abaixo de onde estavam, e o eco de suas palavras se espalhou ameaçadoramente pelo ar:

— São três! Lá em cima! Os sensores de calor captaram... — o restante da frase foi engolido pelo tropel de passos e ruídos de sapatos se arrastando no chão.

— Conseguiu alguma coisa? — Bryson perguntou para Sarah.

Ela franziu a testa, mas não respondeu. Michael espiou por cima do ombro, sem conseguir entender o que ela fazia. O que pôde ver foram palavras, gráficos e telas de firewall, mas tudo se movia depressa demais para fazer sentido. Sua confiança em Sarah, porém, era irrestrita.

Os ruídos na escada ficaram mais altos. Deviam estar a poucos andares de distância. Michael imaginou ter ouvido até a *respiração* de alguém. O ritmo de passos também se acelerava, e o impacto das solas contra o chão parecia reverberar em sua cabeça.

Sarah enfim resolveu falar, a voz tensa e carregada de urgência:

— Estou quase lá. Um de vocês tem que entrar no sistema. Preciso de ajuda para derrubar os sensores. Michael, entra você!

Ela não parou de mexer na tela nem por um instante.

— Eles estão quase... — ele tentou rebater.

— Vai logo!

Ele acionou o EarCuff, ciente de que os perseguidores também deviam tê-la ouvido. Fizeram uma pausa por alguns segundos, provavelmente pedindo silêncio uns aos outros. Mas logo em seguida voltaram a subir correndo as escadas, no máximo dois andares abaixo.

Michael olhou para a tela, torcendo para que pudessem entrar na rede sem que Kaine os capturasse. Sarah havia enviado uma série de códigos, e ele se pôs a trabalhar. Assim que conseguiu entrar no sistema de segurança do edifício — uma avalanche de palavras e imagens —, ouviu o som mecânico e inconfundível de uma porta sendo destravada. Os policiais, seguranças ou quem quer que fossem estavam logo abaixo, e talvez conseguissem avistá-los a qualquer momento. Manipular o sistema pouco adiantaria caso houvesse uma confirmação visual da presença dos três.

Bryson abriu a porta e saiu, com Sarah em seu encalço, mal desviando os olhos da tela. Michael foi atrás, os olhos fixos em sua tela, ciente de que Bryson fecharia a porta para eles. Estava escuro lá dentro, e a luz que vinha das escadas desapareceu com o clique da porta. O mecanismo que a trancava foi imediatamente acionado por Sarah. Pelo que havia visto do sistema até então, Michael notou que tudo no prédio era acionado pelo controle central. Isso era uma vantagem para eles.

Teve um sobressalto quando alguém começou a esmurrar a porta para tentar abri-la.

— Acho que viram a gente — disse Bryson, desanimado.

— Assumi o controle do sistema — respondeu Sarah, como se tivesse feito a coisa mais simples do mundo, como dar a descarga no banheiro. — Isso vai retê-los por um tempo.

— Mas não vai impedir que arrombem a porcaria da porta — retrucou Bryson.

— Verdade — iluminando o caminho com o brilho de sua Net-Screen, ela se virou e saiu correndo pelo corredor escuro.

Bryson foi atrás, e Michael também, quase sem desviar os olhos do que fazia, tentando entender melhor os programas de segurança do edifício.

Atrás deles, os perseguidores começaram a golpear a porta com algum objeto pesado.

8

Sarah abriu caminho pelo labirinto de corredores como alguém que trabalhasse ali há anos, enquanto seguia a planta do prédio exibida na tela. Parou diante dos elevadores, sob as luzes de emergência no teto, vermelhas como olhos demoníacos. O impacto do objeto contra a porta parecia sacudir o edifício inteiro.

— O que esse pessoal está usando? — perguntou Bryson, enquanto Sarah continuava vidrada na tela. — Trouxeram algum tronco de árvore aqui para cima?

Michael não respondeu, à espera de que Sarah lhe dissesse o que fazer. Ela enfim se manifestou:

— Certo, o plano é o seguinte — começou. Michael não entendia como ela conseguia permanecer tão calma, como se falasse sobre a próxima jogada de uma partida de futebol americano ou coisa do

tipo. — Bryson, você aperta o botão para o elevador descer. Michael, vou mexer nos sensores de calor, para que pensem que descemos alguns andares. Não podemos mandar o elevador até lá embaixo, ou vamos arruinar a única vantagem que temos quando a porta se abrir e eles perceberem que não tem ninguém lá dentro.

— E eu, o que faço? — indagou Michael.

— Você precisa derrubar o sistema de câmeras. Destruir completamente. Até posso bagunçar os gráficos de calor, mas um vídeo não dá para criar. É para apagar tudo, todas as câmeras do prédio.

— Pode deixar — respondeu ele, já começando a vasculhar o sistema em busca desses controles. O suor lhe escorria pelo rosto, e as pancadas sucessivas na porta martelavam em sua cabeça.

Uma campainha soou, e a porta do elevador do meio se abriu.

— Precisamos entrar um segundinho — falou Sarah, já se encaminhando lá para dentro. — Bryson, segura a porta aberta enquanto eu preparo tudo. Acho que estou quase conseguindo — Michael nunca tinha visto dedos tão ágeis. O rosto dela estava corado pelo esforço, e os tendões do pescoço, rígidos como cordas de piano, como se fossem arrebentar a qualquer momento por causa do estresse.

— Consegui! — gritou Sarah, percebendo tarde demais que não era uma boa ideia elevar o tom de voz. — Aperta o botão do trigésimo andar — ela sussurrou desta vez.

Bryson obedeceu, e o botão se acendeu. Michael trabalhava em sua tela, enfim conseguindo romper a proteção do firewall do controle das câmeras. Ele as desligou de um jeito que sugeria se

tratar de um problema de queda de energia, talvez provocado pelo estrago do acidente com o hovercar da polícia.

— As câmeras estão fora do ar — anunciou, aliviado, antes de desligar a NetScreen. Eles não sabiam nem onde as câmeras ficavam, mas era bom não precisar se preocupar com elas. Ouviu-se o estalo bem alto de mais uma pancada do objeto.

— Agora é hora de se esconder — murmurou Sarah, já em movimento. Michael e Bryson a seguiram pelo corredor, voltando para a escuridão sob as luzes vermelhas. A porta do elevador se fechou atrás deles. — Fiz um gráfico de calor falso no elevador, que vai se apagar por completo quando ele parar no trigésimo andar. Depois disso, sem as câmeras, eles não vão fazer nem ideia de onde a gente está.

Michael ia perguntar quanto tempo ela havia demorado para elaborar aquele plano, quando o barulho de algo metálico se arrebatando reverberou no ar, seguido de gritos e passos apressados.

— Precisamos dar o fora daqui — Sarah falou sem se alterar, a afirmação mais óbvia que Michael já ouvira na vida.

9

O brilho esverdeado da NetScreen de Sarah iluminava o caminho enquanto eles percorriam um mundo fantasmagórico de cubículos, mesas e vasos de plantas — os funcionários que trabalhavam ali já tinham sido evacuados fazia tempo. Sons de perseguição ecoavam pelo andar inteiro, entre ordens dadas aos gritos e solas de sapatos pisoteando o carpete. Estavam todos se espalhando, o que tornava

impossível descobrir de onde vinham os ruídos. Michael sentia cada batida de seu coração na garganta e nos tímpanos. Por fim, Sarah parou em uma sala de descanso, onde havia uma cozinha e várias mesas. Michael sabia que era arriscado continuar perambulando pelo local; havia gente demais perseguindo-os, e estavam vasculhando cada canto.

— Ali naqueles armários — murmurou Bryson, apontando para as portas sob a pia comprida da cozinha, sobre a qual havia uma torradeira e uma cafeteira.

— É perfeito — respondeu Sarah. — Vou continuar despistando — ela abriu a porta do meio e se ajoelhou.

Michael se agachou à sua esquerda e também abriu a porta de madeira. Havia bastante espaço vazio; dentro do armário só encontrou pratos descartáveis e alguns talheres de plástico, que empurrou para o lado antes de entrar engatinhando. Em seguida, virou-se para se sentar de frente para a porta, mantendo os joelhos junto ao peito, e fechou o armário por dentro. A escuridão súbita o fez pensar em apertar o EarCuff e acionar a NetScreen outra vez, só para ter alguma fonte de luz, mas acabou desistindo. Esperou às cegas, concentrado em tentar fazer a respiração e os batimentos cardíacos voltarem ao normal, os ouvidos em alerta para todo e qualquer ruído.

Em pouco tempo, fez-se silêncio. Michael não sabia quando tinha acontecido, mas em algum momento os alarmes haviam parado de tocar — o que só mostrava o quanto estivera apreensivo. Além do som da própria respiração, estava tudo silencioso e imóvel. E escuro.

Vários minutos se passaram. Não conseguia encontrar uma posição confortável no espaço apertado do armário, por mais que tentasse. Suas costas doíam, e os músculos estavam todos tensionados. Michael sabia que Sarah estava no compartimento ao lado, com a NetScreen ajustada para emitir o menor brilho possível, tratando de arrumar um jeito de saírem dali. Devia existir uma maneira de fazer isso. E, *caso* existisse, Michael tinha certeza de que ela descobriria.

Mesmo assim, não parava de suar. Seus nervos estavam à flor da pele, prestes a entrar em colapso. Havia gente espalhada pelos corredores, pelo prédio inteiro, à procura deles. E não só como um fugitivo — eles o consideravam um terrorista, um sequestrador, um cúmplice de assassinato e um foragido. Quando a polícia os pegasse, Kaine não demoraria muito a descobrir onde estavam. E então apareceria seu pessoal — que ele imaginava ser antigos Tangentes, como o próprio Michael.

Ouviu um barulho ali perto, e não vinha dos outros armários. Era uma tossidela, um pigarrear. Michael ficou paralisado, os ouvidos em estado de alerta.

Ouviu o som de passos, mais de uma pessoa. Pareciam vasculhar todo o perímetro, parando entre um ponto e outro. Não dava para saber se estavam no corredor ou na cozinha. Mas depois vieram as vozes, que pareciam estar a poucos metros de distância.

— Liga lá pra baixo — um homem sussurrou. — Pegue as últimas atualizações.

— Só um segundo — foi a resposta. Uma voz de mulher.

Michael sentiu que seu coração estava prestes a sair pela boca — estavam muito perto. Ficou imóvel. Um movimento em falso ou um

ruído que fosse, e seria descoberto.

Ouviu-se um bipe seguido de um som de estática quase inaudível. A mulher voltou a falar:

— O sistema está todo bagunçado. As câmeras estão desligadas, e os gráficos de calor estão rodando em looping. O sargento mandou uma equipe para o trigésimo andar por alguma razão, mas falou para vasculharmos este aqui, para ter certeza de que eles desceram.

— Acha que o sargento estava falando sério? — perguntou o homem.

— Sobre o quê? — questionou a mulher. Michael fechou os olhos e se concentrou para escutar melhor.

— Sabe do que estou falando.

A mulher fez uma pausa antes de responder:

— Acho que sim.

Um dos dois estalou a língua, e em seguida fizeram-se alguns segundos de silêncio.

— Que seja — disse o homem por fim. — Com vida, sem vida, não faz diferença. Desde que eu chegue em casa para o jantar. Estou cansado dessa palhaçada.

A mulher soltou uma risadinha.

— Quanta choradeira. Vamos revistar esses armários. Parecem um lugar perfeito para um esconderijo.

10

Em pânico, Michael percebeu que precisava se ajeitar para atacar quando a porta do armário fosse aberta. Em silêncio, bem devagar, ajoelhou-se, sentindo as costas roçarem a parte superior do móvel.

Era tarde demais para voltar atrás. Quando a porta se abrisse, ele avançaria como um SimKiller, com sangue nos olhos.

Os passos se aproximavam. Uma gota de suor escorreu sobre seu olho direito, e ele passou a mão nele para enxugá-la, à espera do inevitável. Havia alguém a poucos centímetros de onde estava — conseguia sentir sua presença, quase como uma sombra. Ouviu a pessoa arrastar os pés diante de sua porta, e então silenciar. Talvez ele ou ela estivesse se agachando, estendendo a mão para abrir o armário naquele exato momento. Michael cerrou os punhos e se preparou para a briga.

Nada aconteceu. Os segundos se sucediam.

Um, dois, três, quatro, cinco.

Nenhum ruído.

Seis, sete, oito, nove, dez.

Nada.

Ouviu então um pé se arrastando no chão, ainda bem próximo.

Silêncio.

Michael percebeu que prendia a respiração, como se seu peito estivesse bloqueado. Com cuidado, exalou o ar pelo nariz e inspirou lentamente. Mais um passo, e mais nada depois. Ninguém na cozinha dizia uma única palavra.

O que estariam fazendo? Os músculos de seu corpo se contraíram. Sua vontade era abrir a porta e partir para a briga. Mas se segurou, à espera de ouvir alguma coisa, o que quer que fosse. Era como se estivesse perdido no espaço sideral. O silêncio era absoluto. Mais alguns segundos se passaram.

E então, de um instante para o outro, o mundo se encheu de som.

Pés se arrastando. Rangidos. Grunhidos. Leves pancadas. Cliques metálicos. Murmúrios abafados, como se a boca que os emitisse estivesse sendo coberta por uma mão. O corpo de Michael ficou todo tenso — não sabia o que fazer, como reagir. Seus amigos poderiam estar encrencados, mas parecia estranho que nenhum deles tivesse pedido ajuda.

Mais sons de luta corporal: um tropel de passos, um impacto como o de alguém se chocando contra a geladeira. Estampidos altos de tiros. Alguém gritando algo que ele não conseguiu entender, e depois correria, passos se afastando pelo corredor. Um homem gemeu de agonia perto dele.

Incapaz de se conter por mais tempo, Michael estendeu o braço para abrir a porta quando tudo voltou a ficar em silêncio. A mão ficou parada em pleno ar, a incerteza o corroendo.

Alguns segundos depois, ouviu outro grunhido. Em seguida, passos pesados e cambaleantes cruzando a cozinha, como os de alguém ferido.

Tump, rasp, tump, rasp.

Cada vez mais próximos, e indo diretamente para o armário em que Michael estava todo encolhido, como um garotinho de escola fugindo de um valentão. Não aguentava mais. Desejando desesperadamente ter uma arma, abriu a porta e engatinhou para fora. Levantou-se com rapidez, pronto para a briga, mas acabou tropeçando na parte inferior do armário.

Estatelado no chão da cozinha, olhou para cima e viu um homem o encarando, os olhos ocultos nas trevas. O sujeito o agarrou pelo peito com as duas mãos. Michael tentou resistir, tentando afastá-lo

com os braços e as pernas, o medo fazendo seu coração disparar. O homem grunhiu e em seguida caiu sobre Michael antes que ele pudesse se esquivar. Um último suspiro escapou dos pulmões do desconhecido, que depois disso ficou imóvel.

Michael estava paralisado, tentando entender o que tinha acontecido.

As luzes vermelhas de emergência do corredor não eram suficientes para romper a escuridão da cozinha. Rastejou para desvencilhar seu corpo do desconhecido e acionou o EarCuff. Sua Net-

Screen se acendeu, lançando seu brilho sobre o homem que caíra sobre ele. Um policial. Com o rosto, a farda, o distintivo, as mãos, o corpo todo coberto de sangue. O olhar dele se fixara no teto, vazio, sem uma mísera faísca de vida. O homem estava morto.

Michael notou que as portas dos armários onde estavam os amigos tinham sido abertas, e que Bryson e Sarah ainda estavam lá dentro, encarando-o. Bryson parecia tão perplexo quanto Michael, mas Sarah tinha uma expressão estranha no rosto. Mais de alívio que de susto.

— Funcionou — murmurou ela.

XIII. DANCINHA DE ALEGRIA

1

Michael enfim se deu conta de que havia um cadáver ensanguentado em seu colo. Estremecendo, empurrou o homem para longe e foi se afastando, até bater com as costas na parede da cozinha. A NetScreen oscilava para cima e para baixo enquanto ele se movia, lançando sombras assustadoras pelo recinto. Sua respiração estava ofegante, e ele olhou para Sarah, sem saber como reagir ao que ela havia falado.

Ela e Bryson agora engatinhavam para fora dos respectivos esconderijos e se levantavam, os dois ao mesmo tempo. Sarah começou a mexer na NetScreen antes mesmo de ficar de pé. Michael olhou para o restante da cozinha e viu uma mulher morta caída junto à geladeira, com um buraco de bala na testa. Era policial também. *O que Sarah havia feito?*

Quando olhou de novo para ela, Sarah retribuiu o olhar como se houvesse lido os pensamentos dele. Ela parou de digitar e de mexer na tela, os ombros desabaram e seu rosto se contorceu em uma expressão de tristeza.

— O que aconteceu? — sussurrou Michael.

Os olhos de Sarah se voltaram para o homem no chão, e ela ficou abalada, como se só então tivesse se dado conta do que havia

acontecido. Fechando os olhos com força, sentou-se no chão e escondeu o rosto entre os braços.

Michael e Bryson trocaram olhares alarmados e se aproximaram dela, apesar de aparentemente não poderem fazer nada para ajudar. Michael deslizou a mão pelo braço dela, sentindo-se meio bobo. Não queria forçar a barra, mas sabia que outros policiais chegariam a qualquer momento. Principalmente depois de... o que quer que ela tivesse feito. Duas pessoas estavam mortas. Dois *policiais*. A situação não poderia ser pior.

Bryson foi o primeiro a questionar:

— Sarah, o que foi que aconteceu? A gente precisa sair daqui.

— Eu sei, eu sei — disse ela, inclinando a cabeça. Michael esperava ver lágrimas, mas não havia nada disso. Apenas um olhar de lamento. — Não se preocupem, eu já sei o que fazer — ela ficou de pé e se recompôs, batendo a poeira da calça. — Venham atrás de mim. Vamos estar fora daqui em cinco minutos.

— Mas... — Michael não conseguia encontrar palavras para o que queria dizer.

Sarah foi andando para o corredor.

— No caminho eu explico.

2

Meia hora depois, os três atravessavam um túnel de metrô, andando por uma plataforma acima do nível dos trilhos, a caminho de uma saída bem distante do centro dos acontecimentos. O coração de Michael doía por causa de Sarah.

Lembrou-se das milhares de vezes em que havia pensado nos motivos por que gostava tanto do Lifeblood: nada era mais emocionante, mais brutal, mais parecido com a vida real. Como tinha sido idiota! A única razão para aquilo ser divertido era *não ser* a vida real. Não chegava nem perto, aliás. Nada se comparava ao que viviam naquele momento.

— Acho melhor fazer uma pausa — falou Bryson. — Sossegar um pouco os nossos traseiros.

Chegaram a uma estação cheia de gente entrando e saindo dos trens, os olhos grudados nas NetScreens, ignorando umas às outras de uma maneira que sempre intrigara Michael. Caminhar e navegar na rede ao mesmo tempo havia se transformado em algo tão natural quanto andar e respirar.

Encontraram um banco para se sentar, e Sarah se acomodou entre os dois. Ninguém disse nada. Michael se apoiou na parede fria do metrô e fechou os olhos. Precisava encontrar as palavras certas para fazer com que Sarah se sentisse melhor. Não era culpa dela. De jeito nenhum.

Ela só fizera o que era preciso. Tinha hackeado o sistema de comunicação, mandando um alerta para todos os policiais presentes no edifício. O aviso dizia que os “meliantes” tinham roubado fardas da polícia e estavam na cozinha do quinquagésimo quinto andar, plantando uma bomba.

Sua intenção era só causar confusão e um pouco de pânico — ela imaginou que os policiais seriam evacuados, o que lhes daria tempo para fugir por uma rota secreta que mapeara na planta do prédio.

Um caminho que levava a uma entrada privativa para serviços de manutenção nos túneis do metrô.

Não era um plano absolutamente brilhante, mas estavam desesperados. Havia policiais no local onde se encontravam, e com a intenção bem clara de revistar os armários onde tinham se escondido. Então aparecera mais gente, as armas já disparando, sem nem se preocupar em saber se atiravam nas pessoas certas... como prever um desdobramento como esse?

Por causa de Sarah, tinham conseguido fugir. Escadas, elevadores de serviços, portas dos fundos, dutos de aquecimento central, saídas de incêndio — Sarah havia conseguido estabelecer a rota mais segura para que descessem ao metrô. E dera tudo certo. Michael, porém, não se sentia nem um pouco seguro. Era como se todas as pessoas do mundo estivessem atrás dos três fugitivos.

A Trifeta Perfeita, pensou. Isso deveria fazê-lo sorrir, e não deixá-lo ainda mais triste.

— Não podemos ficar aqui sentados — disse ele. — Precisamos fugir. Continuar nos escondendo. Não podemos ser vistos — o senso de urgência era sufocante; tornava difícil até o simples ato de respirar.

— Relaxa — respondeu Sarah. Michael nunca tinha ouvido a voz dela soar tão vazia. — Eles pensam que estamos no prédio. Eu cuidei de tudo.

Bryson se levantou.

— Nunca mais vamos poder nos dar o luxo de relaxar. Michael tem razão. Vamos embora. Pegaremos o primeiro trem que passar e sumiremos para o mais longe possível daqui.

Embarcaram na primeira composição que encostou na estação.

3

Eles se encolheram em um canto, sentados bem próximos um do outro, para decidir o que fazer a seguir. Ninguém pareceu reconhecê-los, apesar da foto deles estar estampada no *NewsBops*.

— O que vamos fazer? — murmurou Sarah, tão baixo que Michael ficou em dúvida de se não estaria falando consigo mesma. — Como vou conseguir encontrar meus pais? Como vou conseguir salvá-los?

Michael deu de ombros. Sua mente se voltava o tempo todo para Gabriela, imaginando se ela não poderia ajudá-los. Ela havia dito que visitaria o pai em Atlanta.

Como se lesse seus pensamentos, Bryson comentou:

— Deve ter alguém em algum lugar que possa ajudar a gente.

Sarah soltou um suspiro carregado.

— De repente, é melhor a gente se entregar.

— Nem pense nisso — protestou Michael, embora ainda não se sentisse pronto para falar sobre Gabriela. — Sério mesmo. Não é só um detetive preguiçoso tentando culpar você pelo sequestro dos seus pais. Tem muita gente atrás de nós. Kaine está na nossa cola. E sabe-se lá quantos Tangentes ele já converteu a essa altura. Ou o motivo para fazer isso. Se cairmos nas mãos da polícia, não vamos durar nem uma noite.

Sarah se virou lentamente para encará-lo, como se esse simples gesto sugasse todas as suas energias.

— Meio dramático, não?

— Está falando sério? Depois de tudo o que a gente passou? Não consigo nem olhar para as pessoas sem me perguntar se não são um Tangente morrendo de vontade de testar as novas mãos humanas na minha garganta.

Sarah soltou outro suspiro.

— Não sabemos nem se é isso mesmo o que está acontecendo — murmurou ela.

Michael sabia aonde precisavam ir. E também que seus amigos não gostariam nada da sugestão.

— Vamos ter que tentar outro contato com o SSV.

Sarah balançou a cabeça em discordância.

— Depois da recepção que tivemos naquele buraco com o cara do charuto? De jeito nenhum.

— Pois é, aquilo não deu certo mesmo — concordou Bryson.

— Podem acreditar — insistiu Michael —, precisamos tentar.

Nenhum dos amigos pareceu se convencer.

— Estou falando sério! — ele quase gritou.

— Você acabou de dizer que não era para a gente se entregar!

— Para a *polícia* — Michael respirou fundo, tentando exalar em seguida toda a sua frustração. — Sei de tudo que estão pensando. Mas agora é diferente. Não vamos aparecer do nada em um escritório qualquer do SSV. Precisamos ir a Atlanta e encontrar a agente Weber. Invadir a sede, se for preciso. Aliás, acho até *melhor* invadir, porque não quero ser capturado por seguranças nem policiais. Ela é a única com quem podemos correr o risco de falar — e, caso isso não funcionasse, teria que entrar em contato com Gabriela.

Bryson exibia uma expressão incrédula.

— Já fizemos isso, Michael. Você também estava lá, lembra? Ela não deu nem bola.

— Eu sei. Mas tinha alguma coisa estranha acontecendo ali. Vai ver nossa missão no Caminho era confidencial, ou o que aconteceu *comigo* era confidencial. Tenho certeza disso, aliás. Aposto que só ela e mais meia dúzia sabem a respeito da Doutrina da Morte, principalmente que a coisa funciona. Ela veio até mim. Ela veio até o meu... até o apartamento do *Jackson*, e falou que manteria contato. Ela pode ter sido ameaçada por Kaine e precisou recuar. Existem milhões de possibilidades. Mas ela é a única pessoa no mundo que daria uma chance para a gente. Eles precisam da gente, e vice-versa. Alguém tem que pôr um fim no que Kaine começou.

Sarah pareceu pensativa.

— De repente, ela também pode ajudar a encontrar meus pais.

— Exatamente — Michael tinha conseguido convencer Sarah. Fez de tudo para esconder seu alívio. Ela havia passado para o lado dele com mais facilidade do que imaginava. Agora faltava Bryson.

— O que você acha? — ele perguntou ao amigo. — Ela está em Atlanta.

Bryson concordou com um gesto de cabeça lento e relutante.

— Acho que, se formos de ônibus, conseguiremos passar despercebidos. E dá para dormir na estrada.

4

A viagem de ônibus era bem longa, e Michael não conseguia encontrar uma posição confortável no assento. Um avião, um trem,

um carro — qualquer coisa seria uma opção melhor, mas não podiam se arriscar. O ônibus parecia ser o mais anônimo dos meios de transporte. Ninguém daria muita atenção a três adolescentes com roupas encardidas pegando a estrada para visitar uma avó que morava longe.

Seus amigos dormiram depressa — a cabeça de Bryson era arremessada comicamente de um lado para o outro —, e Michael aproveitou a oportunidade para fazer contato com Gabriela. Queria saber se ela podia ajudá-los, antes de falar com os outros dois a seu respeito. Precisava fazer isso.

Michael não podia se arriscar na rede muito tempo, mas poderia convencê-la a se encontrar pessoalmente com ele quando estivesse em Atlanta. Depois de ligar a NetScreen, não foi preciso muito tempo para encontrá-la e mandar uma mensagem com uma identidade falsa. Ela respondeu quase de imediato.

MichaelPeterson240: Gabby, é o Jax. Precisamos conversar.

GabbyWonderWoman: Oi.

MichaelPeterson240: Ah. Oi. Que resposta rápida.

GabbyWonderWoman: Percebi que todas as suas contas sumiram.

MichaelPeterson240: Minhas contas como Jackson?

GabbyWonderWoman: É.

MichaelPeterson240: Pois é. Então, eu precisava de BEM mais tempo para explicar tudo.

GabbyWonderWoman: Não. Ninguém pode ser tão burro.

MichaelPeterson240: Exatamente.

GabbyWonderWoman: Pode me considerar a menina mais confusa de todos os tempos. Desde o Big Bang.

MichaelPeterson240: Eu sei. Também estou quase tão confuso quanto você.

GabbyWonderWoman: Ainda está querendo me dizer que não é o Jax?

MichaelPeterson240: Me dá uma chance de explicar tudo pessoalmente.

GabbyWonderWoman: Certo. Preciso ver você. Estou ficando maluca.

MichaelPeterson240: Tudo bem. Desculpa. Por tudo. Tchau.

GabbyWonderWoman: Amo você.

Quando leu a última frase, Michael soltou um suspiro. Sem saber o que fazer, saiu rapidamente da conversa e desligou o EarCuff. Ficou olhando para o ponto escuro onde pouco antes estivera sua NetScreen, o coração acelerado, os pensamentos a mil. O ônibus rugia e sacolejava na estrada escura.

O pai de Gabriela trabalhava no SSV. Na segurança do SSV, o que era meio redundante, segundo ela mesma. As coisas começaram a fazer mais sentido. Por algum motivo, Kaine queria ter esse tipo de acesso, e fora essa a razão para ter transferido Michael para o corpo de Jackson através da Doutrina da Morte. E, por mais culpado que pudesse se sentir, Michael usaria esse contato em proveito próprio para obter mais informações a respeito do SSV. Na melhor das hipóteses, descobriria uma maneira de entrar na sede para uma ter uma conversa com a agente Weber. Cara a cara.

Michael se ajeitou e fechou os olhos, apoiando a cabeça no vidro frio da janela. A vibração do motor do ônibus e dos pneus no asfalto, a escuridão convidativa — tudo parecia atraí-lo para o sono. Em certo sentido, sabia o verdadeiro motivo para querer rever Gabriela. Gabby. Ela era o único vínculo com sua nova vida. E... ela o amava. Que situação mais absurda.

Sentindo-se ridículo, deixou-se levar pelos sonhos.

5

Era preciso trocar de ônibus em uma cidadezinha perto da fronteira do Kentucky, e tinham umas duas horas para esperar. Cansados, famintos e com opções limitadíssimas, foram até uma lanchonete decrepita. Um dia inteiro tinha se passado, e a escuridão começava a cair sobre a cidadezinha poeirenta. Talvez fosse efeito da umidade, mas Michael se sentia sujo e grudento.

Tinha que contar aos amigos sobre Gabby.

Michael estava sentado à mesa ao lado de Sarah, e de frente para Bryson. Havia acabado de dar uma mordida em seu sanduíche de peito de peru, que engoliu com um gole de água praticamente morna — a entediada garçonete fizera o favor de dar só um cubo de gelo para cada um —, quando tomou coragem para isso.

— Então — ele começou, engolindo e limpando a boca com o guardanapo —, Jackson Porter tinha uma namorada. Eu me encontrei com ela duas vezes antes de achar vocês — ficou à espera de uma resposta, fingindo agir com naturalidade, mas ciente de que havia revelado seu segredo mais íntimo.

Bryson e Sarah se limitaram a olhar para ele. Mas os dois até pararam de mastigar.

— Acho que era isso que Kaine queria dizer quando falou que escolheu Jackson por um motivo — continuou ele. — O pai dela é do SSV. Presta serviços de segurança para eles. Em Atlanta, inclusive. De repente, podemos tirar vantagem dessa conexão — deu outra mordida no sanduíche, contente por enfim ter aberto o jogo.

A expressão de Bryson era de pura perplexidade.

— Do que você está falando? E por que só contou isso agora?

Sarah permaneceu em silêncio — um silêncio furioso.

— Ah, sim — respondeu Michael. — Só me dei conta disso depois que Kaine tocou no assunto. Então eu... hã... marquei um encontro com ela em Atlanta. Pensei em conversar com ela. Ver se pode nos ajudar. Ou quem sabe descobrir se ela sabe de alguma coisa. Pelo menos ela não está sendo perseguida pela mídia e pela polícia. Sei lá — depois de dito em voz alta, parecia uma péssima ideia.

Sarah largou o garfo no prato.

— Michael, como é que você pode pensar em se arriscar a envolver mais alguém nessa história? — ela se recostou no assento e cruzou os braços.

Bryson balançava a cabeça de um lado para o outro. Parecia confuso.

Michael tentou amenizar a situação:

— Ei, vocês não precisam se preocupar. Eu tomei cuidado. E sinto que preciso dar uma explicação para o que aconteceu. Tenho que falar com ela. Podemos fazer isso juntos.

— Seria melhor você ter consultado a gente primeiro — disse Sarah, bem séria.

Michael olhou para Bryson, que balançou a cabeça em sinal de concordância.

— Desculpa — falou Michael. — Você tem razão. Eu deveria ter consultado vocês. É que não parecia nada de mais e... eu queria fazer a coisa certa com ela. Oferecer algum tipo de consolo. Além disso, fiquei com a impressão de que ela pode ajudar a gente de alguma maneira. Sei lá. Desculpa.

Os três ficaram em silêncio, revirando a comida. Michael se sentia um idiota.

Deu mais um gole na água e quase engasgou quando viu um casal de jovens a algumas mesas de distância, olhando fixamente em sua direção. O homem tinha cabelos escuros penteados para trás à custa de muito gel, um visual que parecia ao mesmo tempo moderno e fora de moda há pelo menos uns cinquenta anos. Era magro, e tinha a pele marcada por cicatrizes de acne. Sua companheira, uma mulher de cabelos curtos e olhos da cor de grama seca, tinha a cabeça apoiada no ombro dele. Não havia comida nem bebida na mesa diante dos dois. E ambos encaravam Michael.

— Dá só uma olhada — sussurrou ele para Sarah, e apontou com o queixo na direção do casal, sentindo um frio na espinha.

Sarah ficou tensa.

— É melhor a gente sair daqui.

Bryson estava de costas para o casal. Ele notou a tensão dos amigos e se virou para dar uma olhada. Quando se voltou de novo para os dois, estava meio pálido.

— Certo, isso não parece nada bom — comentou. — Vamos dar o fora daqui.

Michael pegou um sanduíche e um punhado de batatas enquanto Sarah pagava a conta, e continuou comendo enquanto se dirigiam à saída, sentindo o olhar dos estranhos como raios laser sobre eles. Teve que fazer força para não olhar para trás.

Apesar de os amigos não dizerem nada, Michael sabia o que estavam pensando. Não poderia ser coincidência aquele casal esquisito estar de olho neles pouco depois de Michael ter entrado em contato com alguém pela rede.

Só restava torcer para que não tivesse cometido um grande erro.

6

Michael terminou o lanche já acomodado no ônibus. Limpou os farelos da roupa e a gordura das mãos na calça jeans, como um menino de cinco anos faria, antes de apoiar a cabeça na janela para ficar de olho na lanchonete ao fim da rua. Por algum motivo, sabia de antemão o que aconteceria. Não demorou nem um minuto para o casal sair porta afora de mãos dadas, em um gesto romântico. Foram direto para a rodoviária.

— Droga — disse ele.

— Estão seguindo a gente? — perguntou Sarah.

Bryson estava do outro lado do corredor, e se levantou para olhar pela janela.

— Se entrarem no ônibus, eu saio.

— Então somos três — concordou Michael, satisfeito por ninguém ter insistido no assunto de sua namorada.

A namorada de *Jackson*.

O homem e a mulher se aproximaram.

Bryson voltou para seu assento e se sentou com um suspiro.

— Depois de tantos anos falando de um encontro na Vigília, não era exatamente isso que eu tinha em mente. Ser perseguido pelo país. Em um ônibus.

Michael mal registrou a reclamação de Bryson, concentrado que estava no casal misterioso. Ambos continuavam circulando pelas imediações, inexplicavelmente atravessando a rua várias vezes, mas ainda pareciam estar a caminho do ônibus. O motorista já tinha assumido seu posto, e agora ligava o motor. A maioria dos passageiros estava nos devidos lugares, e Michael torceu para que o ônibus partisse logo. Queria abrir a maior distância possível daqueles dois *o quanto antes*.

Mas eles continuavam se aproximando. Abandonando a postura teatral de quem só estava conhecendo a cidade, foram caminhando direto para o ônibus. Para onde Michael se encontrava. A trajetória deles terminaria exatamente em sua janela.

— *Quem é essa gente?* — falou baixinho, sentindo um arrepio nos braços.

— Você acha que são Tangentes? — questionou Sarah.

Michael deu de ombros. Queria que o ônibus começasse a se mover logo. Passo a passo, com movimentos decididos, o casal foi chegando mais perto.

— Qual é — disse Michael, todo tenso, olhando para o motorista. O homem se mexia no assento, examinava o painel, ajustava o cinto, fazia tudo, *menos* dirigir.

Uma outra olhada revelou que o casal estava a poucos metros de distância. Michael quase perdeu o fôlego — era como se fossem capazes de acelerar sua trajetória no tempo, movendo-se em saltos quânticos. E então estavam debaixo de sua janela, esticando o pescoço para vê-lo, apesar de estar escuro dentro do veículo e ser impossível enxergar muita coisa. Mesmo assim, os olhos de ambos encontraram os de Michael, encarando-o com firmeza.

Os nervos de Michael estavam oficialmente à flor da pele.

— O que a gente faz agora? Cai fora?

Sarah deu de ombros e se inclinou sobre Michael para observar melhor os dois visitantes.

— Sei lá. De repente...

Ele olhou mais uma vez para o motorista, que enfim parecia estar pronto para pôr o ônibus em movimento. Ele engatou a marcha.

Michael voltou a atenção de novo para o casal do lado de fora da janela. A mulher lentamente levantou a mão, os dedos ligeiramente encurvados, mas esticados, a palma aparecendo, até que seu braço ficasse acima da cabeça, e apontou o indicador para Michael. Ambos tinham uma expressão de atordoamento no rosto. Olhavam para ele como se estivessem maravilhados. Michael sentiu um nó na garganta.

Antes que qualquer outra coisa pudesse acontecer, o motorista deu uma acelerada, para que os últimos passageiros embarcassem, e pôs o veículo em movimento. O casal ficou parado na rua, de mãos dadas, observando a partida do ônibus.

Viajaram a noite toda, chegando a Atlanta de manhã cedo, sem maiores incidentes. Exausto, Michael dormiu bem, apesar do encontro assustador com o casal da lanchonete. Ele e os amigos desceram do ônibus, tomaram um café da manhã bem rápido e saíram pela cidade, fazendo o possível para manter a discrição. Já estavam perto do destino — dava para vê-lo, aliás, por entre os prédios de tempos em tempos, enquanto caminhavam.

O estacionamento do estádio dos Falcons.

Onde tudo havia começado.

Michael só tinha um palpite sobre como encontrar a agente Weber e conseguir uma conversa cara a cara com ela, e contava com o fato de o Lifeblood Deep ser uma réplica exata do mundo real.

Era estranho relembrar o dia em que fora levado ao estacionamento do estádio, onde uma entrada secreta revelara a enorme sede subterrânea do SSV. O motivo principal para a estranheza era que tudo tinha acontecido no Sono, não na vida real. Quando a agente Weber fora visitá-lo, depois que tinha assumido um corpo humano, ela garantira que a conversa havia acontecido de fato, e que sua missão era verdadeira. A única diferença era o mundo onde tinha ocorrido.

Precisava conversar com ela. Desesperadamente. Pouco antes de descer do ônibus, havia mandado uma mensagem para Gabby, pedindo que ela entrasse em contato quando tivesse um tempinho para encontrá-lo. Enquanto esperava a resposta, Michael e os amigos cruzavam a cidade.

Passavam diante de um pequeno café quando alguém bateu no vidro do lado de dentro, dando um susto em Michael, que deu um

pulo e se afastou, cambaleante. Conseguiu se equilibrar, porém, antes de cair. Olhando para trás, Michael viu uma menina olhando pela janela, os olhos pregados nele.

Fui reconhecido, pensou, desanimado. Provavelmente do *NewsBops*. Ou a menina era como aquele casal na lanchonete? Havia alguma coisa estranha no olhar deles...

— Conhece aquela garota? — perguntou Bryson.

Michael balançou a cabeça em uma negativa, sentindo o pânico invadir seu peito.

— Vamos andando.

Mas, assim que disse isso, viu a menina sair pela porta do café. Michael sabia que era melhor correr, mas queria descobrir a verdade. Haveria outros como ele por aí?

— Ei, espera um pouco — disse Bryson para a garota, que caminhava na direção de Michael. Ele entrou na frente dela, as mãos estendidas, como um policial que afastasse os curiosos da cena de um crime. — Cai fora.

Sarah se posicionou ao lado de Michael e agarrou o braço dele. Inclinou-se e murmurou em seu ouvido:

— Vamos dar o fora daqui. Não fala nada com ela.

Mas Michael estava sem reação. Era uma garota estranha, com os cabelos loiros compridos emoldurando um rosto meio élfico, de olhos escuros. Ela parecia... distante, assim como o casal na lanchonete. Olhava por cima do ombro de Bryson, sorrindo para Michael, que se mostrava incapaz de se mover.

— Mas eu... só queria dizer um oi — disse ela, sem tirar os olhos de Michael. — Meu nome é Carol. Só queria dizer um oi para o

Primeiro.

Bryson se virou com uma expressão confusa no rosto.

— Cara, você conhece essa menina ou não?

Michael balançou a cabeça em discordância, ainda morrendo de medo, mas já se interessando pela possibilidade de descobrir alguma coisa. Devia haver alguma ligação entre essa Carol e os dois que o haviam encarado na noite anterior. Precisava descobrir qual era. Podia ser uma coisa banal, como reconhecer seu rosto do *NewsBops*, mas tinha que saber mais.

— Vamos ouvir o que ela tem para falar — ele disse baixinho. — De repente, descobrimos alguma coisa.

Bryson fez uma cara de interrogação e balançou a cabeça. Sarah apertou seu braço com mais força, até doer. Mas Michael ignorou os dois e falou com a desconhecida:

— Quem é você? Como sabe quem eu sou?

Ela sorriu outra vez. Na verdade, o sorriso ainda não tinha se desmanchado.

— Eu... Ele mostrou você para nós. Ele... — ela se interrompeu, olhando para Bryson e Sarah, como se dissesse algo que eles não podiam ouvir. — Reconheci você quando passou ao meu lado. O Primeiro. É assim que ele chama você.

Michael engoliu em seco. Suspeitava de a quem ela se referia, mas queria uma confirmação.

— Quem?

— Kaine, é claro! Não é... emocionante?

Ela deu uma risadinha, um risinho de menina de primário. Mas sua felicidade fez o estômago de Michael revirar. Sarah soltou seu braço.

Parecia prestes a desmaiar.

— Não esquece o meu nome — disse a garota. — É Carol. A gente vai se reencontrar em breve, com certeza. O mundo está mudando, sabe? Graças a Kaine. Graças a *você* — ela soltou um gritinho de alegria e saiu correndo pela rua, desviando das pessoas que passavam.

Michael se limitou a observá-la, sem saber o que dizer. O sol tinha se levantado, mas de repente o mundo parecia mais escuro.

XIV. A PORTA HORIZONTAL

1

Michael se virou para Sarah, pondo as mãos nos ombros dela.

— Olha para mim — pediu ele. — Está tão na cara assim? Que eu sou um Tangente?

A expressão de Sarah era de piedade, como a de alguém que visita um parente em um asilo e descobre que uma pessoa amada está perdendo a batalha contra a demência.

— Não — respondeu ela. — Você ouviu o que ela falou. Kaine mostrou você para eles.

Michael a sacudiu, com mais força do que gostaria.

— O que tem de errado comigo? Por que ele me escolheu?

Uma lágrima surgiu no olho dela.

— Está me machucando, Michael. Fica calmo, respira um pouco. Vamos dar um jeito nisso.

— Pois é — acrescentou Bryson. — Relaxa, cara. Solta ela.

Michael obedeceu, deixando as mãos penderem ao lado do corpo. As palavras de Bryson o irritaram, principalmente por saber que o amigo estava certo. Uma tristeza terrível quase o fez se sentar e chorar. Eram muitas emoções ao mesmo tempo. Sua mente não sabia como lidar com a situação. Ele era uma aberração. Nada além de um experimento. Um programa de computador enfiado em um corpo humano. Um assassino. E então tinha aparecido aquela

menina estranha dizendo que ele era uma espécie de herói para os outros Tangentes. *O Primeiro*. Sentiu vontade de vomitar.

— Michael — sussurrou Sarah.

Ele tinha fechado os olhos sem perceber. Estava encostado em uma parede, apesar de não se lembrar de ter se movido. Esfregou o rosto e olhou ao redor, na expectativa de encontrar Carol ou alguém parecido encarando-o, mas só havia Bryson e Sarah, os dois claramente abalados.

— Vamos lá — falou Bryson. — Vamos invadir o SSV e amarrar a agente Weber na cadeira se for preciso. Ela vai ter que nos ouvir. Todo mundo vai ter que nos ouvir. Vamos dar um jeito nisso, cara.

Sarah balançou a cabeça concordando, mas não disse nada. A lágrima que surgira em seu olho havia escorrido pelo rosto, deixando uma marca.

— Estou sentindo... — Michael tentou encontrar a palavra certa para se expressar. — Estou sentindo uma pressão dentro de mim; parece que vou explodir. Está difícil até para respirar — ele inspirou profundamente, várias vezes, enchendo e esvaziando os pulmões.

Era uma sensação de pânico terrível, e tudo por causa da maneira como uma menina havia rido.

Sarah o abraçou e sussurrou em sua orelha:

— Não importa quem você é nem de onde veio. Entendeu bem? Nada disso é culpa sua. Nós três vamos salvar os meus pais e acabar com os planos de Kaine de uma vez por todas. Certo? Não se preocupe com mais nada, muito menos com olhares e comentários.

A respiração e o pulso acelerado de Michael começaram a voltar ao normal. Sentia-se um imbecil.

— Desculpa — murmurou ele. — Me descontroliei um pouco.

— Um pouco? — questionou Bryson com um sorriso.

— Certo. Onde fica o estádio? — perguntou Sarah.

Michael sabia que ela não precisava perguntar, pois tinha mapeado a cidade toda centímetro por centímetro. Mesmo assim, gostou da demonstração de confiança.

— Por ali — disse ele, apontando por cima do ombro dela.

Alguns minutos mais tarde, seu EarCuff piscou. Gabby estava na cidade para encontrá-lo.

— Ela está aqui — contou ele aos amigos. — Gabby.

Nem Bryson nem Sarah pareceram ficar muito contentes. Michael sabia que eles consideravam aquele encontro arriscado.

— Não fala nada sobre o estádio — sugeriu Bryson. — Pede para ela ir até aquele café ali — disse, apontando para o outro lado da rua.

Michael mandou a mensagem.

2

Esperaram ali perto, escondidos na multidão, até que Gabby aparecesse. Queriam se certificar de que ela iria sozinha, apesar de Michael ter certeza disso. Tinha visto o olhar no rosto dela quando o descobrira no corpo de Jackson. Gabby era uma vítima inocente daquilo tudo, assim como ele.

Quando ela entrou no café, Michael, Bryson e Sarah atravessaram a rua e entraram também. O local estava meio vazio, e Gabby já estava acomodada em uma mesa, com uma expressão de ansiedade. Assim que viu Michael, o alívio em seu rosto foi tamanho,

que ele chegou a se sentir mal por tê-la arrastado para aquela confusão.

— Oi — disse ela quando ele se aproximou, desviando o olhar para Sarah e Bryson.

— Oi, Gabby — respondeu Michael, todo sem graça. O restaurante era quente, e cheirava a café torrado. — Esse é o Bryson. E essa, a Sarah. Pessoal, essa é a Gabby — agora ele a chamava pelo apelido com a maior naturalidade.

Trocaram cumprimentos, e o trio se sentou com movimentos cautelosos. Sarah observava Gabby do outro lado da mesa, e Michael não sabia se o olhar era de ciúme ou de desconfiança. Ou as duas coisas.

— E então? — questionou Sarah.

Todos os olhares se voltaram para Michael.

Ele engoliu em seco, lamentando por não ter pedido alguma coisa para molhar a garganta antes.

— Certo. Escuta só, Gabby... Desculpa essa esquisitice toda, mas tudo o que falei era verdade.

Os olhos dela ficaram marejados.

Bryson balançou a cabeça, murmurando:

— Uma loucura. Uma loucura mesmo.

Michael olhou feio para ele, deixando bem claro que seus comentários não iam ajudar em nada.

Então, para surpresa de Michael, Sarah tomou a frente na conversa. Estendendo a mão por cima da mesa, segurou a mão de Gabby.

— Quer que a gente chame você de Gabriela ou de Gabby?

— Gabby — respondeu ela, desvencilhando-se do toque de Sarah, claramente incomodada.

— Certo. Gabby, nós três somos amigos no Sono há um tempão. Mas aí descobrimos que Michael era um programa do Lifeblood Deep. Você sabe que as coisas são bem realistas por lá, não sabe?

Gabby fez que sim com a cabeça, mas evitou contato visual com ela.

Sarah continuou:

— Esses Tangentes... alguns parecem pessoas de verdade. E agora estão se tornando sencientes. Michael não fazia ideia do que estava acontecendo — ela olhou para ele como quem pede desculpas, mas Michael se sentia aliviado por Sarah ter assumido a palavra. — Ele era um Tangente. Mas aí outro Tangente, Kaine, descobriu um jeito de transferir a inteligência de um Tangente para o cérebro humano. Basicamente, o cérebro humano é um computador biológico. As pessoas vêm dizendo há décadas que isso é possível. Está me entendendo?

Sarah falava com tanta tranquilidade, e tanta convicção, que Michael ficou impressionado. Sentiu que ela poderia mesmo convencer Gabby. O que era um bom sinal. Talvez tivessem alguma chance com o SSV.

Gabby se inclinou sobre a mesa.

— Estão me dizendo que um Tangente chamado Michael... foi baixado para o cérebro do meu namorado? — ela se virou e encarou Michael. — Que esse... essa pessoa... não é mais o Jax? Que o Jax foi esvaziado, como se fosse um recipiente? É isso o que estão me dizendo?

Michael sentiu o estômago revirar ao se ver obrigado a explicar tudo de novo.

— A gente não sabe como funciona, na verdade. Ainda tenho esperança de que, sei lá, ele continue *armazenado* em algum lugar. Quer dizer, tudo é possível, não é? Talvez ele ainda... ele ainda exista. De repente, conseguimos até salvá-lo.

Gabby soltou uma risada, mas sem nem um pingo de humor.

— Sinceramente? — ela balançou a cabeça, recostando-se no assento e soltando um profundo suspiro. — Não tenho como acreditar nisso.

— É só pensar no Jackson — argumentou Michael. — No Jax. Vocês se conhecem bem. Tipo, eu pareço ser ele? De alguma forma?

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Não. Com certeza, não — fez uma pausa, pensativa. — Então me conta mais.

A conversa durou mais de uma hora. Bryson pediu café e bolo para todos, e eles contaram suas histórias e usaram o velho Net- Pad de Bryson para mostrar algumas das matérias mais suspeitas que tinham pesquisado sobre a possível aparição de Tangentes ao redor do mundo. Michael falou com Gabby sobre sua antiga vida, sobre sua família, sobre Helga, sobre tudo. Sarah contou sobre Kaine e o que ele havia feito com os três. Bryson disse que eles precisavam entrar na sede do SSV e confrontar a agente Weber.

Falaram, falaram e falaram, e Gabby só ouviu.

Por fim, ficaram sem ter o que dizer, e o silêncio pairou no ambiente. Michael estava ansiosíssimo para saber se tinham conseguido convencer Gabby.

Ela suspirou e apoiou as mãos na mesa, cutucando distraidamente as unhas.

— Sei que vai parecer brega, mas não estou nem aí. Eu amo... — ela se interrompeu, lançando um olhar para Michael — ... *amava* o Jax. De verdade. Ainda amo. Isso é tão confuso! Vocês bagunçaram minha cabeça para sempre.

Michael não disse nada e, sabiamente, os amigos também não.

— Nem sei mais no que acreditar — continuou Gabby. — Mas eu conheço Jax, e esse cara não é ele — ela apontou para Michael com o polegar. — Sem querer ofender, mas é que... dá para sentir que ele não está aqui. Sabem como é? E todas essas histórias que vocês me mostraram... No mínimo, fiquei muito assustada.

De repente, a postura dela mudou. Ela se ajeitou no assento, e uma faísca surgiu em seus olhos. Até sua pele pareceu ganhar mais cor. Michael percebeu que Gabby estava prestes a tomar uma decisão importante, e aguardava com ansiedade para saber qual seria.

— Não posso ser vista perto da sede do SSV — disse ela. — Muita gente de lá me conhece, por causa do meu pai. Mas posso ajudar vocês a entrar lá.

Eles se inclinaram para a frente, para ouvi-la melhor.

3

O estádio dos Falcons era uma construção imensa, revestida de vidro e metal. Parecia uma nave-mãe de um filme de ficção científica, pronta para sair voando pelo espaço. Como a temporada de futebol americano estava em recesso, o estacionamento era

apenas um imenso mar de asfalto, cercado por estruturas de vários andares projetadas para receber ainda mais carros. Parecia haver vagas suficientes para todas as pessoas do planeta irem assistir aos jogos dos Falcons.

Michael e os amigos atravessaram correndo o enorme espaço vazio, sentindo o chão sob os pés começar a esquentar com o sol matinal.

— No Lifeblood Deep, tinha um lugar ali na frente... uma vaga privativa que abria como um alçapão. Deve ser disso que a Gabby estava falando — só esperava que conseguissem encontrar o lugar certo.

Sarah já estava com a NetScreen em funcionamento. Era difícil enxergá-la sob a luz do sol, mas mesmo assim a projeção era visível. Gabby tinha falado que, quando entrassem no raio dos milhares de sinais que pairavam ao redor do estádio, conseguiriam encontrar a brecha de que precisavam para entrar. No café, haviam discutido sobre esses detalhes o máximo possível.

— Cara — disse Sarah —, este lugar é uma loucura. Faz os sinais lá de casa parecerem os de uma estação de rádio primitiva. Nunca vi tanta informação junta no mesmo lugar. Nem no Sono.

Bryson estalou a língua.

— Bom, então, é isso. A gente deve estar no lugar certo. Vou me juntar a você.

Os dois trabalhavam, cada um em sua tela, e Michael se sentiu meio deixado de lado. Mas sabia o motivo disso. Já tinha percebido a mesma coisa outras vezes. Bryson e Sarah estavam preocupados com ele. Achavam que Michael estava fragilizado, à beira de um

colapso, principalmente por causa dos estranhos encontros dos últimos dias. Não podia culpá-los por tentar pegar leve com ele. Era quase como se fosse um recém-nascido.

Pararam na última — ou primeira — fileira de vagas, a mais próxima do enorme estádio. Michael olhou ao redor. A estrutura se erguia diante deles como uma montanha de metal.

— Foi aqui que ela disse que seria — disse ele. — No lado noroeste.

Sarah se sentou no meio-fio, sem tirar os olhos da NetScreen, e Bryson se acomodou ao lado dela. Gabby tinha dado algumas dicas com base no que aprendera em suas visitas ao pai. Enquanto os amigos trabalhavam nisso, Michael ficou diante deles, sentindo-se mais inútil a cada minuto.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou. — Até onde lembro, sou bom nesse tipo de coisa, e bem esperto também.

Nem Bryson nem Sarah pareceram ter ouvido as palavras dele. Michael forçou uma risadinha, mas também não funcionou. Desistindo de conversar, ligou sua NetScreen e começou a vasculhar à procura de algo que os amigos pudessem ter deixado passar.

Trabalhavam nisso fazia cinco minutos, quando Michael ouviu um som bem estranho. Um lento, porém constante... tropel de *casco*. Desviou os olhos bem a tempo de ver, na curva do estádio, a alguns metros de distância, um policial montado em um cavalo. As ferraduras do animal pisoteavam a calçada, produzindo um retumbante e estranhamente deslocado ruído em meio ao burburinho da cidade.

Michael ficou alarmado, apesar de o policial não ter demonstrado muito interesse neles. Ainda. Mas era bizarro demais. A tecnologia humana encontrava-se em estágio tão avançado, que a realidade virtual era quase indiscernível da vida real, com máquinas sendo capazes de flutuar no ar como espaçonaves alienígenas. Mesmo assim, havia policiais andando a cavalo, como se fossem xerifes em busca de assaltantes de diligências. Lembrou-se do policial do hovercar falando sobre seus antepassados.

— Pessoal — sussurrou Michael —, é melhor acelerar as coisas. Tem um policial ali. A cavalo.

Bryson deu uma risadinha, mas não tirou os olhos da tela. Nem Sarah. Estavam totalmente concentrados. Michael torceu para que isso fosse um bom sinal.

— Bom, só estou dizendo... — murmurou ele, voltando a atenção para sua NetScreen, apesar de sentir que era perda de tempo, já que os dois amigos estavam bem mais adiantados naquela tarefa.

Então, duas coisas aconteceram, e tão depressa, que Michael não sabia qual havia ocorrido primeiro. Um estalo bem alto, e a superfície do estacionamento onde estavam sentados começou a tremer. Uma seção retangular ali perto se separou do solo e começou a baixar para um nível subterrâneo, em meio aos grunhidos do mecanismo de acionamento mais abaixo.

Obrigado, Gabby, pensou Michael, desejando poder vê-la de novo para agradecer pessoalmente.

O policial gritou alguma coisa ao longe e, quando Michael o olhou, ele fustigava o cavalo para que se apressasse. O som das ferraduras atingindo o asfalto lembrava o estampido de tiros.

— Rápido! — gritou Sarah, já de pé. — É a nossa chance!

Michael estava a caminho, e chegou lá antes dos dois amigos. Saltou sobre a rampa descendente de asfalto e se virou para observar a aproximação do policial. Bryson e Sarah se juntaram a ele. Os três ficaram de quatro e foram engatinhando para a beirada da plataforma, tentando ver o que havia mais adiante. Lá embaixo estava um breu só, mas, a não ser que o SSV tivesse usado algum truque em sua recriação no Lifeblood Deep, deveria haver uma segunda garagem ali embaixo.

Michael se deitou de bruços e deixou as pernas penderem para fora da extremidade. Em seguida, respirou fundo e se soltou, aterrissando alguns metros abaixo em uma superfície lisa de concreto. Ouviu Sarah caindo ali perto, e Bryson bem onde ele estava. O trio se levantou. A luz do dia iluminava a garagem o suficiente para saberem que não havia ninguém por perto.

A entrada secreta parou de se mover com um ruído agudo, e logo depois começou a subir para se fechar. Só havia se aberto pela metade.

— Foi você que fez isso? — Michael perguntou para Sarah.

Antes que ela respondesse, uma voz masculina ecoou lá em cima. Michael se virou, para ver o policial encarando-os.

— Que diabos estão fazendo aí? Voltem logo para cá! — ele sacou a arma, mas o cavalo recuou devido ao barulho do meca nismo.

O policial puxou as rédeas para estabilizar o animal. Em poucos segundos, estariam a salvo, assim que a parte móvel do estacionamento voltasse a se fechar.

— Parem essa coisa! — gritou o policial. Desta vez, apontou a arma lá para baixo com a mão bem firme. — O que está acontecendo? Vocês são... — ele se interrompeu, e uma expressão de reconhecimento surgiu em seu rosto.

Sabia quem eles eram.

A porta secreta se fechou, fazendo com que os três mergulhassem na escuridão.

Obrigado, Gabby, Michael pensou mais uma vez.

5

A NetScreen de Sarah acendeu, espalhando um brilho esverdeado pela garagem onde estavam. Michael não sabia o que dizer. Sua mente estava confusa. Mas pelo menos o local lhe parecia familiar.

— Por que a plataforma parou na metade do caminho? Foi você que programou isso? Talvez tenha desligado a tela?

Ele já sabia a resposta antes mesmo que Sarah explicasse.

— Não. Não sei nem se as dicas da Gabby estavam funcionando. Estava tentando, mas acho que o mecanismo abriu sozinho.

— Pode ser que *alguém* tenha aberto para nós — comentou Bryson. — E agora estamos presos.

— Não era isso que a gente queria? — rebateu Sarah. — Entrar aqui?

Michael soltou um suspiro.

— Era, mas aposto que tem seguranças fortões vindo para cá agora mesmo. A gente pode acabar preso antes mesmo de chegar perto da agente Weber.

— Sem falar no cara do cavalo — acrescentou Bryson. — Ele deve estar chamando todos os policiais da cidade. Somos as pessoas mais azaradas do planeta, por acaso? Não podemos dar sorte nem uma vez? — ele bufou, frustrado. — Um policial a cavalo. Só pode ser brincadeira. Fala sério!

Michael quase deu risada, a prova final de que estava mesmo enlouquecendo. Não tinha ideia do que dizer.

— Bom — falou Sarah —, ficar aqui parado não vai resolver nada. Vamos pelo menos tentar entrar... ou, de repente, se esconder, ou coisa do tipo.

— As damas primeiro — ofereceu Bryson, estendendo o braço e fazendo uma mesura.

— Não é a hora certa para ser cavalheiro. Pode ir primeiro *você*.

Michael revirou os olhos e saiu andando rumo às portas das quais se lembrava de sua primeira visita ao local. Bryson e Sarah foram atrás.

De forma nada surpreendente, as portas não estavam trancadas. Alguém *tinha deixado* os três entrarem ali.

Sarah suspirou.

— Espero que desta vez as coisas tenham um final mais feliz.

Michael escancarou a porta e adentrou o corredor timidamente iluminado pelas luzes de emergência espalhadas pelo teto. Era tudo idêntico ao que vira no Lifeblood.

— Você lembra o caminho para a sala dela? — questionou Sarah.

Michael balançou a cabeça.

— Não — respondeu, entre distraído e pensativo.

Em pleno horário de trabalho, aquele lugar não deveria estar fervilhando de atividade? O SSV deveria estar mais ativo do que nunca, considerando o que Kaine vinha aprontando.

— Vamos entrar mesmo? — questionou Bryson. — Está na cara que é algum tipo de armadilha. Mesmo que não seja, não tem ninguém aqui; por que a tal da Weber estaria? Vai ver hoje é dia do piquenique da empresa.

— Não vamos voltar atrás agora — falou Michael. — Não interessa que seja uma armadilha. Preciso falar com ela, e esse é o único jeito de conseguir.

Sarah pediu silêncio, erguendo a mão e franzindo a testa. Estava tentando escutar alguma coisa.

— Que foi? — murmurou Bryson.

Michael ouviu. Um clique-clique fraco e distante, que ficava cada vez mais alto e mais próximo. Percebeu o que era.

— Passos — comentou ele. — Tem alguém vindo para cá. Já ouvi esses sapatos antes.

— O que a gente faz? — perguntou Bryson. — É melhor se esconder? — forçou algumas portas do corredor, mas estavam todas trancadas.

Michael cruzou os braços e se pôs à espera.

— A gente não tem por que se esconder.

Os passos foram ficando ainda mais audíveis, e uma figura apareceu diante deles: uma mulher alta e elegante, de saia, com os cabelos longos flutuando sobre os ombros. Estava escuro demais

para enxergar seu rosto, mas Michael não tinha mais nenhuma dúvida.

A agente Weber foi caminhando pelo corredor até chegar bem perto de Michael. Ele conseguiu ver seus olhos, escuros e nada amistosos. Ela era treinada para não demonstrar seus sentimentos, mas para ler a reação dos outros com precisão.

— Michael — disse ela, com uma voz que exalava autoridade —, não é exatamente a maneira que pensei que fôssemos nos reencontrar, mas acho que não tem outro jeito.

— Eu... Precisamos falar com você — as palavras de Michael saíram carregadas de insegurança. — Sobre um monte de coisas. Mas por que você fingiu que não me conhecia?

Ela sorriu, virou-se e passou a caminhar, falando por cima do ombro:

— Venham. Vou explicar tudo, mas não temos tempo a perder.

XV. CADA PEDACINHO

1

Michael e os dois amigos seguiram a agente Weber corredor após corredor. Por fim, entraram em um elevador e desceram vários andares, além de um lance de escadas. Weber permaneceu em silêncio durante todo o caminho. O SSV parecia desativado; as salas estavam escuras e desertas. Era inquietante, principalmente à medida que desciam mais e mais. Michael duvidava de que todo mundo que trabalhava ali houvesse tirado folga no mesmo dia.

A razão para a sede estar tão vazia foi a primeira pergunta que Weber respondeu, e uma das únicas:

— Todos os meus agentes e analistas estão na VirtNet para uma missão de três dias — disse ela. — Fizemos a Submersão de casa. Estamos apenas com o mínimo de pessoal possível para manter as coisas em funcionamento por aqui.

Entraram em uma sala pequena e simples, tendo só uma mesa redonda e quatro cadeiras. Havia outra porta na parede dos fundos, feita de metal, com trancas pesadas, que chamaram a atenção de Michael.

— Não preciso nem dizer que o caso Kaine se tornou ainda mais crítico. Estamos vasculhando o mundo virtual, cada pedacinho dele, para encontrá-lo.

Michael esperava que Weber fosse pedir que se sentassem em torno da mesa, mas, em vez disso, ela foi até a porta pesada e se virou para encará-los.

— Sei que têm perguntas a fazer, mas as respostas são... difíceis. Não tive escolha a não ser fingir que não conhecia vocês da outra vez. Existem... facções na minha agência que discordam da minha forma de ação. Não gosto deles, e eles não gostam de mim. Sim, vocês entraram em contato comigo por uma linha segura, mas essa segurança só vale da porta para fora. Um monte de gente dentro do SSV poderia ter visto nossa conversa, e não podia deixar isso acontecer. Não fazem ideia do nível de confidencialidade da missão de vocês.

Michael achou ter entendido tudo perfeitamente.

— Em outras palavras: seu pessoal fez besteira, e você está tentando consertar as coisas, tirando a gente da jogada.

A agente Weber era uma mulher bonita, sem dúvida nenhuma. Mas a maneira como retorceu o rosto quando Michael disse isso a tornou horrenda. Essa expressão logo desapareceu, porém, e ela respondeu:

— Como eu disse, não temos tempo para que eu explique tudo. Existem diversas esferas envolvidas, Michael. A política é só uma delas. No fim, o que importa é a segurança da VirtNet e das pessoas que a frequentam. Meu trabalho é esse, e farei qualquer coisa, qualquer coisa *mesmo*, para cumprir minha missão. Entendeu bem?

Michael se encolheu e deu um passo para trás, gesto que tentou disfarçar, fingindo que só mudava de posição para ficar mais confortável. Aquela mulher era assustadora, e era difícil confiar nela.

Bryson entrou na conversa.

— Por que você continua chamando ele de Michael? O nome dele é Jackson Porter, não é? Você sabe da história toda, certo?

Uma expressão de raiva apareceu no rosto dela quando se virou para Bryson.

— Escutem aqui: não temos tempo para isso. Sim, Kaine nos enganou. De um modo grandioso. De maneiras que vocês não são nem capazes de entender. Sim, eu sei que Michael era um Tangente e foi transferido para o corpo de Jackson Porter. E sei que isso está acontecendo no mundo inteiro. Também sei que precisamos acabar com isso. E então, vão me ajudar ou vão continuar desperdiçando meu tempo?

— Como podemos confiar em você? — perguntou Sarah. — Foi por sua causa que fomos parar no Caminho, na armadilha preparada por Kaine.

Desta vez, Weber não pareceu sentir raiva, e sim frustração. Como se quisesse dizer mil coisas e não tivesse tempo para isso.

— Se pararem para pensar no que aconteceu até aqui, vão ver que nós também fomos enganados. Tentamos encontrar Kaine usando vocês. E funcionou. Não da maneira que esperávamos, mas *funcionou*. Temos algumas respostas; descobrimos coisas que não conseguiríamos de outra maneira. Nosso problema agora é descobrir como deter essa situação antes que as coisas saiam de controle. A influência dele está se espalhando, e não sabemos qual é seu verdadeiro objetivo. Não estou falando só dos Tangentes que ele tem transformado em humanos.

— Do que mais, então? — perguntou Michael. Teve que lembrar a si mesmo de que não poderia confiar em tudo o que ela dizia, apesar da aparente sinceridade. Dava para ver o estresse dela crescendo a cada minuto. A agente Weber estava assustada, o que Michael considerava uma coisa positiva. — O que pode ser pior que isso?

A agente Weber balançou a cabeça.

— Não disse que era pior. Mas, na VirtNet, a situação está tão grave quanto na Vigília. Kaine está tomando conta de tudo, e vocês vão perceber isso em breve.

— Ah, vamos? — perguntou Sarah.

— Sim — respondeu Weber. — Entendam: fui visitar você, Michael, depois que nos demos conta do que tinha acontecido. Estamos do mesmo lado. Precisei ser muito cautelosa, mas não tenho tempo para explicar tudo agora. Sabia que você viria atrás de mim depois daquela nossa conversa estranha por videoconferência. Vocês chegaram em boa hora, e preciso mais do que nunca da ajuda dos três.

Michael fez menção de dizer alguma coisa, mas ela ergueu a mão e o interrompeu.

— Não, por favor — falou. Não havia nenhum sinal de intimidação em sua voz. Ao contrário, ela estava quase trêmula. — Não temos tempo, acreditem em mim, não temos tempo! Preciso dos três na VirtNet; preciso da habilidade de vocês. Vão estar protegidos como nunca, eu garanto.

— Espera — disse Bryson. — Como assim? Quer que a gente entre... daqui?

Weber pareceu aliviada.

— Sim — ela se virou para a porta de metal atrás de si. — Tudo o que precisam está ali. Já está preparado.

2

O lugar parecia um necrotério. Duas fileiras de quase vinte NerveBoxes alinhadas em ambas as paredes, como se fossem caixões de verdade — de onde viera seu apelido. O ruído grave do maquinário preenchia o ar da sala fracamente iluminada, dando ao ambiente um ar fantasmagórico. Era quase como se já estivessem no Sono.

— Preparei três Caixões para vocês — disse a agente Weber, caminhando para o fundo do recinto. Michael e os outros foram atrás dela. — Sinto muito, mas não tenho muitas informações para oferecer... Kaine vem enganando meu pessoal desde o início e, quanto mais procuramos, mais evasivo ele se torna. Queria ter chamado vocês antes, mas era arriscado demais. Existem pessoas que vão ficar bem... aborrecidas se souberem que estão aqui.

Michael não queria deixar transparecer o quanto estava em conflito. Uma parte considerável de sua consciência achava um absurdo confiar naquela mulher e entrar em um Caixão sob seu controle. Mas estavam no SSV. Se não podiam confiar no serviço de segurança da VirtNet, com *quem* poderiam contar? E, se ele fosse embora, com certeza passaria o resto da vida na cadeia. Pelo menos ali havia uma chance de lutar.

— Você não falou o que precisamos fazer — protestou Bryson. — E não venha me dizer que nossa única instrução vai ser entrar lá e

derrotar Kaine.

A agente Weber franziu a testa para o amigo de Michael. Era a expressão mais sincera que já havia demonstrado até então, uma mistura de pena e remorso. Parecia se sentir verdadeiramente culpada por pedir que eles voltassem a arriscar a própria pele.

— Não, não acho que vocês vão derrotar Kaine — disse ela. — Na verdade, muito pelo contrário. Se cruzarem o caminho dele, seria perigoso demais tentarem alguma coisa sozinhos. Não posso expor vocês, como fiz ao pedir que entrassem no Caminho.

— Por causa dos seus inimigos no SSV — falou Sarah.

Weber fez que sim com a cabeça, mas depois pareceu se arrepender, e se corrigiu:

— Não são meus inimigos. Eles só acham, e têm convicção disso, que usar um Tangente está fora de cogitação. Sem querer ofender, Michael, mas você é uma criação de Kaine. É preciso entender que algumas pessoas não confiam em você.

Michael deu de ombros. Aquilo fazia mais sentido do que gostaria de admitir.

— Só quero que vocês consigam descobrir onde ele está, mas sem precisar *ir* até lá — continuou Weber. — Se descobrirmos a localização de seu código principal, ou ao menos a confirmação de se esse local existe ou não, posso elaborar um plano para destruí-lo. *Literalmente* destruí-lo. Temos um programa que pode dar início a uma reação em cadeia na programação dele e apagar sua existência. Mas só vai funcionar se soubermos onde ele está programado.

Ela parou de falar, encerrando a conversa. Michael quase deu risada. E ele pensando que da *outra* vez ela havia sido econômica nas instruções! Sua segunda missão parecia uma caçada a um alvo invisível. Mesmo assim, tinha seus motivos para embarcar nela, para descobrir mais sobre Kaine: os pais de Sarah, seus pais, o que tinha acontecido com a essência que tornava Jackson Porter um ser humano. Era algo que devia a Gabby, para falar a verdade.

— Só isso? — questionou Sarah. — Não tem pistas, nem nada do tipo?

Weber abriu um sorriso sem graça.

— É exatamente disso que estamos precisando.

Michael olhou para Sarah, depois para Bryson. Era difícil tentar adivinhar o que estavam pensando, mas Michael achava que deviam se sentir mais ou menos como ele. Com um pouco de medo, e muitas dúvidas. Além, claro, da velha sensação os corroendo por dentro: a vontade de jogar. De mergulhar de cabeça e conquistar o Sono do início ao fim.

Mas ele não comentou nada. Não poderia decidir tudo sozinho desta vez. Já tinha arrastado Bryson e Sarah demais para situações perigosas. Eles precisavam estar de acordo também.

— Temos um problema — falou Sarah.

O tom de sua voz elucidou a Michael algo que Weber ainda não sabia: eles já tinham concordado.

— Só um? — rebateu Weber. — Quem me dera ter tanta sorte.

Sarah ignorou o comentário.

— Toda vez que entramos no Sono, acabamos sendo rastreados por Kaine. Não importa quantas camadas de proteção tenhamos

codificado. Ele quer a gente ao lado dele por algum motivo. O Michael, pelo menos. Por isso temos evitado fazer a Submersão.

— Acreditem em mim, entendo vocês — respondeu a agente Weber. — E muito bem. Kaine é bem mais poderoso do que pensávamos. Mas acho que vocês vão se sentir melhor quando entrarem. Como agora sabemos que Kaine é um Tangente, passei horas e horas criando um novo programa de Invisibilidade. Ele tem várias camadas de profundidade... é quase invisível. Ninguém vai saber que vocês estão lá, prometo. Principalmente usando as identidades falsas que criaram.

Em vez de responder, Sarah se virou para Michael:

— O que você acha?

— Pode acreditar que estou muito curioso — limitou-se a dizer, e era verdade.

— Só tem um porém — acrescentou Weber. — Não vão poder ver o código como normalmente fazem quando estão lá. É o único jeito de a coisa funcionar. Para esconder vocês do código, preciso esconder o código de vocês.

— Um porém? — rebateu Bryson. — E você deixa esse pequeno detalhe para o final? Isso é uma verdadeira bomba! De que adianta estarmos lá se não podemos manipular o código?

As esperanças de Michael também tinham caído por terra.

O rosto da agente não revelava nada — era solene, concentrado, e seu comportamento emanava tranquilidade.

— Não seja infantil. Só estou dizendo que vocês não vão conseguir acessar o código da maneira como estão acostumados. Ainda podem

usar as NetScreens... É antiquado, eu sei. Mas três pessoas talentosas como vocês... Acho que vão dar conta.

— Não se pegarmos um gargalo — argumentou Michael. — Se conseguirmos fazer alguma coisa com uma NetScreen, provavelmente vai demorar demais.

A agente Weber balançou a cabeça de leve, como se concordasse.

— É isso, ou correr o risco de serem pegos por Kaine. A escolha é de vocês. As duas opções têm seu prós e seus contras.

Bryson falou exatamente o que Michael estava pensando:

— Acho que prefiro não ter Kaine no nosso pé.

— Então está decidido — falou a agente Weber, apesar de Michael não ter certeza de que a coisa já estivesse nesse ponto. No entanto, ninguém argumentou em contrário. — Vou tirar vocês de lá em vinte e quatro horas para saber se descobriram alguma coisa. Agora podem entrar nos Caixões.

3

Michael jogava com o coração. Era um fanático, um aficionado. Quando ouvia seu pai falar sobre o amor que sentia pelos Falcons, não fazia ideia do que isso significava. Mas era algo que, no seu caso, poderia ser dito sobre a Submersão. Antes de sua vida ser virada do avesso pelo SSV e por Kaine, Michael comia, dormia e respirava games. Estava no sangue que corria em suas veias, fosse ele apenas linhas de programação ou não. Era parte de quem ele era, e não fazia diferença não ter um corpo humano de verdade.

Os jogos eletrônicos eram tudo para ele, e esse amor tomou conta de sua mente quando se deitou no Caixão do SSV. Era algo ridículo,

levando em conta o perigo e a encrenca em que estava se metendo, mas sentiu uma emoção familiar e contagiante quando o dispositivo começou a fazer sua mágica — a ativação do NerveWire, a injeção dos LiquiGels, a expansão dos AirPuffs. Sua própria vida tinha se tornado um jogo, e os riscos eram maiores do que nunca, mas estava mais do que disposto a viver essa emoção no Sono.

A agente Weber os mandou para um Portal na esquina de duas ruas repletas de lojas e estabelecimentos que ele não conhecia. Quando abriu os olhos, a primeira coisa que pensou foi que era bom estar de volta. Weber havia avisado que não conseguiriam acessar o código da maneira como estavam acostumados — e uma verificada rápida mostrou que estava certa —, mas o mundo ao redor deles ainda mostrava sinais da presença do código: a aparência borrada de uma construção aqui e ali, as nuvens estáticas no céu em um lugar ou outro, pequenas partes da rua onde era possível ver os pixels caso se prestasse bastante atenção. Nem mesmo o melhor dos programadores era capaz de dar conta de tudo, e às vezes os detalhes eram deliberadamente deixados de lado. Tornar as coisas realistas demais podia confundir a cabeça das pessoas.

A não ser no Lifeblood Deep. Lá, as regras eram outras.

— Onde vocês acham que estamos? — perguntou Sarah, olhando ao redor.

Sua Aura — assim como a de Bryson — estava disfarçada, deixando da antiga aparência apenas o suficiente para reconhecerem um ao outro.

Michael, cuja aparência era uma versão adaptada de Jackson Porter, observou a rua com um pouco mais de atenção. Havia

algumas pessoas caminhando aqui e ali, mas parecia ser uma cidadezinha tranquila, com construções pequenas e lojas convencionais e nada atrativas. Uma barbearia, um café, um clube social, uma escola de programação. Havia até uma loja de móveis, o que significava que alguém havia se esforçado de fato para que o lugar parecesse uma cidade de verdade.

— Nunca estive aqui antes — comentou Bryson.

— Eu também não — disse Michael.

Sarah apontou ao acaso para uma das ruas, praticamente vazia.

— Não tem quase ninguém aqui. E estamos em pleno dia — para reforçar o que dizia, uma brisa leve começou a arrastar o lixo pelas ruas, produzindo uma espécie de eco.

Parecia um lugar abandonado.

— Isto aqui é tipo uma cidade-fantasma — falou Michael.

— É assustador — concordou Sarah. — Aonde vamos primeiro?

— Não poder ver o código está me deixando louco — Bryson continuava abrindo e fechando os olhos, como quem tenta tirar um cisco do olho. — Vamos parecer um bando de idiotas usando a Net-Screen no Sono. Essa Weber não sabe o quanto é importante manter nossa reputação? — ele balançou a cabeça em uma negativa.

Sarah deu um tapinha em suas costas.

— Seu ego vai sobreviver. Vamos, está na hora de explorar.

4

Dirigiram-se a uma parte mais urbanizada da cidade, onde era possível ver prédios altos à distância. Estranhamente, porém, quanto

mais se aproximavam, menos gente encontravam. E, o que era ainda mais bizarro, as *poucas* pessoas com quem cruzavam não esboçavam reação nenhuma. Era quase como se não os tivessem visto. Uma mulher passou com um olhar indiferente no rosto e, se Bryson não saísse da frente, levaria um encontrão.

— Espera aí — falou Michael. — Estamos literalmente escondidos de todo mundo? Ninguém consegue ver a gente?

— Não dá para violar mais as regras que isso — respondeu Bryson. Sarah ficou olhando para a mulher depois que ela se afastou.

— Acho que o SSV pode fazer o que quiser. Vejam só — ela apontou para a mulher.

Michael ficou observando enquanto ela parava e começava a girar em círculos, como se estivesse perdida e tentando se reencontrar. Arrastando os pés no chão, rodopiou várias vezes, como um zumbi, e depois atravessou as ruas sem nem se preocupar em verificar se vinha algum carro.

Carros, pensou Michael. Eram tão comuns no Sono quanto na Vigília — principalmente em um lugar como aquele, feito para reproduzir o ambiente de uma cidade com a maior fidelidade possível. Mas até então não tinha visto nenhum veículo passar.

— O que aconteceu com ela? — questionou Bryson.

— O que aconteceu com *este lugar*? — acrescentou Sarah.

Michael deu as costas para a andarilha sem rumo.

— Vamos andando. Isso é assustador.

As coisas foram ficando ainda mais esquisitas conforme se aproximavam do centro da cidade. As pessoas tinham desaparecido. Rachaduras surgiam nas construções e nas calçadas, e em seguida

sumiam. Logo depois, estavam lá de novo. Michael passou pela vitrine de uma loja sem nome e não viu reflexo nenhum no vidro. De nada, não apenas de si mesmo. Sentiu-se bem estranho olhando para aquilo — a superfície parecia ser de vidro, reluzente e quase opaca por causa da luminosidade do ambiente. Mas não havia nenhum reflexo. Apertou o passo.

Mais *bugs* apareceram. Um poste de luz parecia ondular, como se fosse feito de água. Uma tampa de bueiro flutuava no ar como um disco voador, para depois se desfazer em milhões de pixels — borboletas digitais que voaram para longe, desaparecendo na esquina. A calçada se ergueu em alguns pontos, e em seguida ficou plana de novo. Mais e mais falhas apareciam nas fachadas das construções, como se o próprio código começasse a entrar em decadência. Ou como se alguém o alterasse, o enfraquecesse.

— O que vocês acham que está acontecendo? — perguntou Bryson, muito tranquilo.

Michael não ficou surpreso com a calma do amigo. Apesar de estar tudo meio esquisito, nada era exatamente assustador. Pelo menos ainda não. Já tinham vivenciado uma série de situações bizarras.

— Aqui deve ser assim mesmo — especulou ele. — Weber pode ter colocado a gente em um jogo, e não em um ponto de encontro. Vai ver é *mesmo* uma cidade fantasma.

Sarah deteve o passo.

— Será que é uma boa ideia abrir a NetScreen? — ela lançou um olhar irritado para Bryson. — E não estou falando isso porque estou preocupada com a opinião dos outros. Vocês acham que Kaine vai conseguir rastrear a gente se eu acessar o código?

— Weber deve ter pensado bastante antes de falar que a gente podia mexer no código à moda antiga — respondeu Michael. — Se as nossas Auras estiverem protegidas como ela falou, estamos em segurança. Não acha?

Em resposta, ela acionou o EarCuff, ligando sua NetScreen. Depois de alguns minutos mexendo na tela, Sarah comentou:

— Puxa, está difícil ver alguma coisa. Está tudo piscando e se mexendo. Não estou acostumada a mexer no código com a NetScreen no Sono, mas deve ter alguma coisa errada.

Michael acionou a sua NetScreen e teve a mesma impressão. Raramente via o código do Sono daquele ponto de vista — no quadradinho de uma NetScreen —, mas parecia haver mesmo algo errado. O código ficava aleatoriamente embaralhado em alguns lugares, e saltava pela tela em outros, deixando tudo ainda mais confuso.

— Que estranho — foi tudo o que conseguiu dizer. Tentou digitar algumas linhas de código aqui e ali, mas nada parecia funcionar. As letras e os números eram tragados pelo caos da tela, sem produzir nenhum efeito visível. — Muito estranho.

— Vale a pena abrir a minha? — perguntou Bryson. — Pelo jeito, já estamos em um beco sem saída.

Sarah abriu a boca para responder, mas se interrompeu ao ouvir um grito vindo de trás do prédio mais próximo. Michael desviou os olhos da tela, sentindo um frio na espinha, e viu uma mulher sair correndo dos fundos do edifício, as mãos na garganta, como se houvesse alguém tentando estrangulá-la. Ela avançava alguns passos e depois parava, aparentemente tentando enfrentar alguma

força invisível. Em certo momento, cambaleou para o meio da rua e depois caiu.

A queda mostrou suas costas, e Michael soltou um suspiro de susto. Pequenos pontos azuis cobriam o espaço entre seus ombros, subindo para a nuca e enxameando seus cabelos. Ele se lembrava muito bem de onde tinha visto aquilo antes: no Black and Blue. SimKillers. Eles tinham devorado a alma virtual de Ronika, não apenas desfazendo seu código, como também produzindo danos permanentes em seu cérebro na Vigília. O mesmo parecia estar acontecendo com aquela mulher na rua. Como brasas vivas, os pontos azuis se espalhavam pelo seu corpo.

— Ela está sendo devorada — murmurou Bryson.

Para Michael, o comentário soou como a coisa mais sinistra que seu amigo já tinha dito na vida.

5

Sarah fez menção de ir ajudá-la, mas Michael a puxou pelo braço. Ela colidiu com ele na volta, e os dois cambalearam.

— O que está fazendo? — perguntou ela, esforçando-se para se soltar. — A gente precisa... — mas ela logo desistiu, virando-se lentamente para a mulher que era consumida pelo ataque a seu código.

Ela brilhava por dentro, com luzes azuis que pulsavam como um coração.

— Não tem nada que a gente possa fazer — falou Michael. — Vai saber... essa coisa pode se espalhar se a gente tocar nela. E, se tiver

algun SimKiller por perto, precisamos dar o fora daqui o quanto antes. Não preciso nem dizer isso pra vocês.

O solo sob os pés deles oscilou, lançando os três para o ar. Michael conseguiu cair em pé e segurar Sarah, mas Bryson aterrissou de joelhos.

— O que foi... — ele começou a dizer, mas a rua chacoalhou de novo.

Desta vez, Michael e Sarah caíram também.

A superfície tremia, a princípio com vibrações fracas, que depois foram ficando mais intensas. Michael se sentiu como em um barco no mar bravio. Os prédios ao redor chacoalhavam, oscilando de um modo que contrariava as leis da física. Pareciam feitos de borracha, contorcendo-se e dobrando-se em meio a diversos estalidos. Pedacos de concreto se desprendiam de sua superfície. Os ruídos preenchiavam o ar, com grandes explosões e rangidos metálicos. Michael se lembrou das visões que tivera durante o processo de Decadência de sua programação de Tangente, mas estava na cara que os amigos também estavam sendo afetados.

Apoiou as mãos na superfície instável da rua para se levantar, equilibrando-se como se estivesse em cima de uma AirSurfer. Michael estendeu a mão para Sarah e a ajudou a se levantar também. Ambos pareciam dançar.

— Não estou no clima para isso! — ela gritou sarcasticamente em meio ao ruído trovejante.

O rosto dela estava pálido de medo. Michael se perguntou se a amiga teria esquecido por um momento que estavam no Sono.

— Ei, vejam só! — gritou Bryson, apontando para a rua às costas deles.

Michael teve que dar um passo para trás para ver o que havia atrás de Bryson, e com isso quase caiu outra vez. Quando se equilibrou e conseguiu examinar a cena, não sabia exatamente a que o amigo se referia. Havia muita coisa para ver.

A mulher atacada digitalmente agora não passava de uma silhueta humana na forma de luzes azuis, e algumas delas começavam a se desfazer, levadas por um vento que Michael não conseguia sentir. Não fazia ideia do que tinha acontecido com ela, pois não havia nenhum SimKiller por perto.

Atrás dela, mais para o fim da rua, faixas luminosas de cores estranhas despencavam do céu como relâmpagos. Era como se o céu fosse feito de papel e houvesse garras rasgando-o em pedaços. Luzes verdes, azuis e amarelas piscavam com tanta força que ofuscavam os olhos de Michael, mesmo depois de ele ter virado a cabeça. Arriscando uma olhadela cautelosa, viu que as fissuras no horizonte cresciam, alcançando o solo e se espalhando para onde eles estavam.

Entendeu o que estava acontecendo. Pelo menos, em certo sentido. Em algum lugar, alguém estava literalmente apagando aquela cidade, e Michael não tinha ideia do que ocorreria com eles se ficassem parados testemunhando a destruição.

— Voltem para o Portal! — berrou ele. — Agora! — a visão dos três deitados nos Caixões do SSV, com morte cerebral, passou por sua mente. — Vamos!

Não foi preciso repetir. Os três já corriam aos tropeções, percorrendo em sentido contrário o caminho pelo qual tinham vindo. Um som diferente se fez ouvir no ar, abafando todo o resto — um guincho áspero e agudo. Michael olhou por cima do ombro e viu uma enorme cratera se abrindo em sua direção, transformando o pavimento da calçada em uma linha estilhaçada de estática digital. O mundo se desfazia, e seus tímpanos pareciam prestes a estourar por causa do barulho horrível no local.

A terra saltava sob seus pés, e as fendas no programa caíam como raios ao redor deles, tornando o barulho insuportavelmente alto. Michael viu a coluna prateada do Portal mais à frente, e até ele pareceu menos sólido que o normal.

Algo quente e úmido atingiu seu braço. Ele olhou para baixo e viu um daqueles fragmentos azuis de luz flutuando sobre sua pele. Michael o afastou com a mão, e o viu cair no chão e desaparecer no abismo do código que se desfazia.

— Mais rápido! — gritou, quase sem conseguir ouvir a si mesmo em meio aos guinchos ensurdecadores.

Sarah estava a seu lado, correndo com todas as forças, os punhos fechados e os braços em movimento. Bryson ia alguns passos à frente, pisoteando a superfície que se despedaçava. O caos em expansão estava prestes a envolvê-los.

Michael se concentrou no Portal, que estava a pouco mais de dez metros de distância. Ele se dissipava, como se fosse um pilar fantasmagórico saído de um sonho. E então uma falha se abriu sob ele, um buraco enorme no chão que se transformou em uma massa de pixels e um redemoinho de fragmentos de código sem sentido.

Em choque, viu o Portal cair dentro do abismo — desaparecer de um instante para o outro.

Michael parou de correr. Respirando fundo, olhou ao redor, vendo o mundo se desintegrar em torno deles. Sarah estava a seu lado, e ele a abraçou. Bryson se juntou a eles, que se apertaram em um abraço coletivo. O barulho e a destruição tomavam conta de tudo.

Sarah aproximou a boca da orelha de Michael, e com certeza disse alguma coisa, mas ele não conseguiu ouvir. No momento em que sentiu o hálito quente dela em sua pele, o chão sob seus pés entrou em colapso, e o trio despencou no abismo do código infectado.

Luz.

Som.

Vento.

Queda.

Michael não conseguiu mais se manter abraçado aos amigos, sendo levado para longe.

XVI. A ESCADA INFINITA

1

Michael não sabia como nem quando tinha terminado.

Não houve impacto na aterrissagem. Sua Aura não se ferira após despencar por vários quilômetros a partir da cidade abandonada. O barulho tinha sumido. Não havia som nenhum. Só um silêncio letárgico. Um silêncio tão absoluto que machucava seus ouvidos. Mas continuou deitado de costas naquele espaço escuro e estático.

Virou-se para o lado, sentou-se e avaliou como se sentia. Esperava sentir dor, ou pelo menos alguns pontos doloridos, mas estava bem, só um pouco tonto. A escuridão ao redor era tão intensa que parecia exercer pressão sobre seu corpo. Estendendo os braços, levantou-se e tateou ao redor, esperando encontrar uma parede, uma cadeira, alguma coisa. Mas não havia nada além do chão sólido a seus pés e do silêncio inabalável.

— Sarah? — chamou. Sua voz soou estranha aos próprios ouvidos, como se estivesse resfriado e com a cabeça toda congestionada. — Bryson? Vocês estão aí?

— *Mi-chael.*

Ele deu alguns passos para trás e algumas voltas em torno de si mesmo, desesperado para conseguir enxergar. Aquela voz. Era perturbadora... mecânica e sinistra, como se de alguém vindo de outra dimensão.

— *Mi-chael*.

Respirou fundo e deu mais uma volta em torno de si.

— Sarah? Bryson? — murmurou, e em seguida gritou: — Pessoal! São vocês?

— *Mi-chael*.

Era uma voz tão estranha e inumana que não era possível determinar sequer se era masculina ou feminina.

— *Sarah!* — berrou ele. — *Bryson!*

Não houve resposta.

Lembrou-se de sua NetScreen e acionou o EarCuff às pressas para ligá-la. O brilho esverdeado quase o cegou, mas não revelou nada além de escuridão ao seu redor. Ele a desligou, considerando que era melhor deixar os olhos se adaptarem melhor à falta de luminosidade — a tela não o ajudaria em nada ali.

Avançando com passos cautelosos, os braços estendidos diante de si, Michael parou, tentou acalmar a respiração e esperou, a cabeça virada para cima, espreitando a escuridão. Por fim, depois de alguns segundos, viu uma luz fraca pairando uns trinta metros acima dele no céu negro e sem estrelas.

Pôs as mãos em forma de concha em torno da boca e gritou o mais alto que podia:

— Sarah! Bryson!

Nada.

Mas a luz ainda estava lá. Bem fraquinha, mas visível.

Sentou-se no chão e baixou a cabeça. Michael precisava pensar. Não poder acessar o código era enlouquecedor. Nunca em sua vida tinha sido obrigado a recorrer a uma NetScreen para mexer na

programação dentro do Sono, e não sabia se era capaz de fazê-lo. O código na VirtNet era bem diferente do da Vigília. Era mais visual e intuitivo. Mas precisava tentar. Precisava alcançar aquela luz. De algum jeito.

Ligou a tela e pôs a mão na massa.

2

Demorou uma hora. Talvez os sessenta minutos mais longos e massacrantes de sua vida. Transpirando, concentrado, pesquisando incontáveis linhas de código, cercado por uma escuridão terrível e um silêncio opressivo. E o que conseguira depois de tanto esforço?

Uma escada.

Ele a roubara de um game que tinha jogado muito tempo antes, chamado Donkey on Platforms. Era um daqueles jogos que, de tão bobos, acabavam viciando. O jogador precisava passar por um intrincado labirinto de pontes, rampas, arcadas e plataformas totalmente aleatório, quase irracional, tudo isso enquanto tentava escapar de uma quantidade infinita de armadilhas e criaturas bizarras. E só para achar alguns macacos perdidos e levá-los de volta a um cara chamado Scooter.

No fim, Michael acabara entediado e havia programado escadas gigantescas para levar a melhor sobre o sistema. Agora, como Jackson Porter, não fora difícil refazer a façanha.

Uma dessas escadas estava posicionada diante dele, estendendo-se pela escuridão rumo à luz lá no alto.

Começou a subir.

A luz foi ficando mais brilhante à medida que ele subia, e seus limites, mais bem definidos. Era uma luz fria, quase azul, e brilhava em meio a uma passagem que parecia ser um círculo perfeito. Teve que parar várias vezes para ajustar a programação da escada; para se certificar de que ia na direção certa. Mais abaixo, ela ia se movendo no chão para se adaptar às suas necessidades. *As maravilhas do Sono*, pensou consigo mesmo.

Michael subiu, subiu e subiu na direção da luz. Se lançasse mais mão de sua sabedoria, com certeza poderia ter criado alguma metáfora filosófica para sua situação, mas tudo em que conseguia pensar naquele momento era nas mãos suadas e na falta que sentia dos amigos.

Depois de subir por uma boa meia hora, chegou perto da fonte de luz, parou alguns metros abaixo e olhou para o falso céu, com nuvens cinzentas contra o fundo azul. Deteve-se por mais um instante, tomou um último fôlego e subiu os degraus que faltavam, como um trabalhador que surgisse dos esgotos por uma boca de lobo a fim de voltar às ruas da cidade, torcendo para que não estivesse passando nenhum carro que viesse a arrancar sua cabeça.

Dois degraus abaixo da luz, parou, tão chocado pelo som que ouviu, que ficou sem reação. Havia se acostumado ao silêncio, apesar do pouco tempo. O ruído que ouvira era familiar e inconfundível: ondas majestosas e incessantes do mar.

Um mar?

Intrigado, escalou os últimos degraus e espiou pela abertura circular. Seus olhos aos poucos iam se ajustando à luz forte que vinha de cima, mas ainda não estava preparado para sair ao ar livre. Ofuscado pela luminosidade e ensurdecido pelo ruído, precisou de alguns segundos para se orientar. Quando conseguiu fazer isso, ficou de queixo caído.

Estava no alto de uma íngreme formação rochosa, no meio de um agitado oceano de águas arroxeadas. As ondas se chocavam contra as pedras e criavam uma espuma cristalina que parecia vinho espumante. O ruído era constante, e preenchia o ar. Um jato de água purpúrea atingiu seu rosto. Estava tão gelada que ele soltou um suspiro de susto. Enxugou os olhos e sentiu um leve ardor provocado pelo sal. Isso o fez se sentir mais desperto e energizado.

Estreitando os olhos, observou o mar infinito que se estendia em todas as direções, com sua superfície agitada pelas ondas. Não havia embarcações, nem aves, nem vida marinha à vista. Duas outras formações rochosas eram a única coisa a quebrar a monotonia do horizonte. Pareciam ficar a trinta metros de distância cada, formando um triângulo com aquela em que ele estava. De início não notou, mas, olhando melhor para as outras rochas, percebeu que havia uma pessoa em cada uma. E tinha certeza de quem eram aquelas pessoas.

Bryson e Sarah.

Michael terminou de subir e se ajoelhou na extremidade da passagem. Agitou os braços, gritando o nome dos amigos o mais alto que conseguiu, mas o rugido do vento e do mar eram mais fortes que sua voz. No fim, os amigos o viram e acenaram de volta.

Michael não conseguia sequer imaginar para onde tinham sido mandados — ou por que —, mas naquele momento isso não importava. O alívio de voltar a se juntar a Bryson e Sarah era maior que tudo.

Olhou de novo para a abertura de onde havia saído, e viu que ela tinha desaparecido, dando lugar ao mesmo tipo de formação rochosa do restante da ilha. Era como se o buraco nunca houvesse existido.

Que lugar é esse?, Michael se perguntou.

Examinou as águas inquietas mais abaixo, desejando ter coragem de atravessá-las a nado, e notou que havia algo estranho naquele oceano, além do fato de ser roxo. Ele tinha uma aparência de estática, com faíscas, flashes e linhas indistintas que se moviam como criaturas marinhas. E, quando parou para pensar na cor, lembrou-se de ocasiões em que havia entrado em áreas de programação bruta da VirtNet — áreas não desenvolvidas, à espera de programação.

Nadar não parecia uma boa ideia. Estava analisando a possibilidade de programar uma ponte, mas Sarah foi mais rápida: uma viga de luz verde de repente surgiu do rochedo onde ela estava. Era uma superfície simples e plana de cerca de um metro de largura, e preenchia a distância entre eles como se alguém a tivesse riscado com um marca-texto gigante. Michael sorriu, ainda sob o efeito agradável do jato de água fria que o atingira. Sabia exatamente como ela havia conseguido codificar aquela maravilha. Era de um jogo chamado Bridges. O game era tão excitante quanto o nome

sugeria, e o tinham jogado apenas uma ou duas vezes antes de partir para coisas mais interessantes.

Antes mesmo de chegar a Michael, outra ponte surgiu para conectar o rochedo de Sarah ao de Bryson, onde ele estava sentado, como se tomasse sol, o rosto virado para o céu de nuvens cinzentas, que escondiam os raios solares. Isso fez Michael pensar que Bryson devia passar tempo demais dentro de casa.

Michael se levantou, posicionou-se contra o vento e sentiu outra onda atingir sua ilhota e molhá-lo por inteiro. Aos risos, limpou o rosto de novo. Por um momento, esqueceu-se de tudo e sorriu, sentindo-se como uma espécie de rei do mundo.

Assim que a ponte de luz de Sarah chegou a Michael, ele saiu correndo em sua direção. A superfície era instável, tal como no jogo. Sua pele ficou toda arrepiada quando o vento agitou suas roupas molhadas, uma sensação que o energizou ainda mais. Apertou o passo.

Estava a uns cinco metros de distância — quase lá —, quando a ponte desapareceu, deixando nada além do ar sob seus pés. Ele gritou, e seu coração foi parar na boca enquanto o corpo despencava nas águas arroxeadas e revoltas.

4

A água gelada o tragou, abalando seus nervos e fazendo seu coração disparar. Ele bateu as pernas e se projetou para cima, voltando à superfície em meio à luminosidade arroxeadas. Mantendo-se à tona e movimentando as pernas, olhou para o rochedo de

Sarah, a poucos metros de distância, e viu a amiga o observando, com Bryson a seu lado.

— Desculpa — gritou ela. — Esqueci que nesse jogo os *timers* são imprevisíveis!

Ela soltou uma risada, tentando esconder o riso, mas em seguida caiu na gargalhada de novo. Bryson nem se preocupou em tentar esconder o quanto se divertia. O próprio Michael teria achado graça também, caso não sentisse que seu corpo, da cintura para baixo, estava prestes a congelar.

— Não sabia que você era *tão* lerdo assim! — Bryson gritou para ele.

Michael limpou a água do rosto, cuspiu o estranho líquido arroxeadado e foi nadando na direção dos amigos. De repente, notou algo com o canto do olho. Havia alguma coisa deslizando a seu lado — mais de uma, na verdade. Em um acesso de pânico, saiu nadando freneticamente até alcançar a rocha preta encravada no meio do mar e escalá-la. Continuou se afastando da beirada até bater as costas em uma parede de pedra.

Agachou-se quando uma onda enorme o prensou contra a rocha. Quando a água recuou, subiu para um ponto mais alto, tateando a pedra em busca de apoio para as mãos e os pés. Mais ou menos na metade da escalada, encontrou um trecho plano e parou, deitando-se de bruços para observar a água, morrendo de curiosidade para saber o que havia naquele oceano bizarro.

Mais uma onda gelada quebrou lá embaixo, e outro jato d'água se projetou em sua direção, fazendo-o baixar a cabeça. Quando a água

recuou, ele limpou o rosto e cuspiu, jogando os cabelos para trás. Em seguida, voltou a observar.

Não eram enguias nem peixes o que nadava pela água. Eram linhas soltas de código — fileiras de números e letras —, contorcendo-se e se mexendo como minhocas eletrocutadas.

Gritou para os amigos, sentindo as palavras arranharem sua garganta:

— Desçam aqui!

5

Quando Sarah e Bryson chegaram lá, Michael já estava de pé. Agachou-se, as mãos nos joelhos, para observar a água lá embaixo. O espaço era pequeno, e precisaram se sentar espremidos na superfície, as pernas pendendo para baixo. Uma onda quebrou, molhando os três. Sarah deu um gritinho e depois caiu na risada.

— Ei! — gritou Bryson, apontando para vários pontos diferentes. — O que foi isso? São...

Michael sabia que Bryson e Sarah também haviam visto, pois o rosto dela ficou imóvel sobre a pedra onde estava sentada.

— Esse é o código — falou Michael, apesar de saber que os amigos já tinham entendido esse detalhe. Não dava para negar o que viam. Era algo familiar demais, combinações de letras e números com que haviam se deparado incontáveis vezes. O oceano roxo estava repleto de linhas inquietas de código. E elas se comportavam como se estivessem desesperadas para criar um programa. — Foi infectado ou destruído de alguma forma, e deve ser por isso que estamos conseguindo vê-lo. Mas isso é puro código.

— Certo — falou Sarah, estendendo as mãos como quem procura se acalmar. — Vamos pensar juntos. Com que exatamente estamos lidando aqui?

— E como viemos parar neste lugar? — acrescentou Bryson. — O que aconteceu com aquela cidade? Onde estamos? E, já que é a hora das perguntas, onde posso conseguir um hambúrguer?

Era como se Michael estivesse em transe — mal ouviu os amigos. Ficou olhando para a água espumante e roxa sob seus pés, com uma onda quebrando atrás da outra, lançando jatos em sua direção. Para todo canto que olhasse, linhas de código se chocavam umas contra as outras. Havia tantas delas, que chegou a pensar que a própria água fosse composta daquelas coisas.

Bryson deu uma cotovelada de leve nele.

— Ei, acorda aí, campeão.

Michael balançou a cabeça, e precisou reajustar a visão depois de se concentrar por tanto tempo em coisas tão minúsculas.

— Desculpa. É que isso é muito esquisito.

— Pois é — foi tudo o que Bryson comentou em resposta. Mas, alguns segundos depois, ele acrescentou: — Acho que não vamos conseguir um hambúrguer tão cedo.

— Não mesmo.

— Essa água é só uma ilusão — falou Sarah de repente.

Michael presumia que ela vinha fundindo a cabeça de tanto pensar desde que haviam chegado àquele mundo estranho, e já devia ter uma teoria a respeito. Queria abraçá-la, com as roupas molhadas e tudo, porque sua mente estava imprestável naquele momento.

— Que tal explicar um pouquinho melhor? — pediu Bryson.

Sarah olhou para os dois quando outra onda quebrou mais abaixo, lançando jatos de água roxa sobre eles. Michael limpou os olhos mais uma vez, agora com gestos apressados, ansioso para ouvir o que ela teria a dizer.

Sarah limpou o rosto com as duas mãos, torcendo também os cabelos para se livrar da umidade.

— Bom, acho que Kaine está destruindo algumas partes do Sono — começou ela. — Acho que ele está destroçando o código, retalhando-o em pedacinhos. E acho que está tudo vindo para cá — ela estendeu o braço, apontando para o vasto oceano ao redor. — Tudo isto aqui é... é literalmente um lixão formado por dejetos do código e aqueles tijolinhos roxos que mantêm as coisas no devido lugar. Se a gente não tivesse a proteção dos programas da agente Weber, ia se dar muito mal.

— Como assim? — questionou Bryson. — Você acha que a gente ia ser despedaçado e despejado aqui como um monte de dejetos de código?

Sarah fez que sim com a cabeça.

— Alguma coisa do tipo. Não sei se Kaine... como posso dizer... fez com que esse mar se *manifestasse* de propósito, ou se é apenas um resultado natural do que ele está fazendo. Mas, como estamos protegidos, acho que criamos, mesmo sem querer, essas ilhas de pedra. Caso contrário, estaríamos nadando com os peixes também. E com morte cerebral, acredito eu, lá nos Caixões. Ou alguma coisa tão ruim quanto isso.

— A mulher que a gente viu... — comentou Michael — ... lá na cidade. Ela se dissolveu naquelas faíscas azuis, que nem a Ronika.

Isso poderia ter acontecido com a gente também — estremeceu só de pensar.

— Pelo amor de Gunner Skale, de onde foi que você tirou tudo isso? — Bryson perguntou a Sarah.

Ele parecia acreditar sinceramente nela.

Michael parou para pensar a respeito também, perguntando a si mesmo se em algum nível de seu subconsciente ele poderia ter criado aquela fuga, lembrando da capacidade instintiva de manipular o código antes de Kaine aplicar a Doutrina da Morte e transferi-lo para o corpo de Jackson Porter.

Sarah viu que ele estava pensativo e deu de ombros, abrindo um sorriso tímido.

— Às vezes, até eu me surpreendo comigo.

Os três ficaram em silêncio por alguns instantes, refletindo. Michael sabia como Sarah havia chegado àquela conclusão: depois de passar horas e horas lidando com a matéria bruta do Sono, a pessoa começava a entender como tudo funcionava por instinto. Fazia sentido. Assim como o que ele pensou a seguir.

— Já sei o que precisamos fazer — anunciou.

E, então, contou aos amigos.

XVII. SACA-ROLHA

1

O frio congelante quando mergulharam de novo nas águas inquietas do mar arroxeadado deixou Michael sem fôlego. Teve que fazer força para respirar enquanto se debatia em meio às ondas. Bryson e Sarah estavam a seu lado, esforçando-se para se manter à tona.

— É melhor isso dar certo! — gritou Bryson por sobre o rugido do mar.

— Você sabe que vai dar! — berrou Michael em resposta.

Os lábios de Sarah tremiam de frio. Estavam quase da mesma cor da água em que estavam mergulhados.

— É só lembrar que o que estamos respirando aqui não é ar de verdade. É apenas uma ilusão. Quando passarmos da parte mais difícil, vamos nos sentir mais à vontade, uma coisa que não aconteceu ainda desde que fizemos a Submersão após falar com Weber.

— A parte mais difícil? — falou Bryson. — Acho que tortura é uma palavra melhor. Vão ser os piores momentos da nossa vida.

Michael abriu um sorriso, que fez seu rosto congelado doer, como se estivesse prestes a se estilhaçar. Mas ele concordava com o amigo. O que fariam contrariava todo e qualquer instinto humano.

Só esperava que não acabassem mortos por isso.

— Vamos lá — falou para os dois. — Tenho quase certeza de que vai dar certo — ele abriu outro sorriso ao dizer essa frase.

— Quase certeza, é? — questionou Bryson, sem achar a menor graça.

— Noventa e nove por cento — era uma resposta sincera. Só restava torcer para que o um por cento de dúvida não determinasse o fim da vida deles.

Sarah segurou e apertou sua mão sob a água.

— Certo — disse ela. — Queria até dizer umas palavras de incentivo, mas a verdade é que estou com medo. Não sei se vou conseguir fazer isso.

— Vai, sim — insistiu Michael. — E já chega de ficar falando.

Ele respirou fundo e mergulhou, puxando Sarah junto. Ao abrir os olhos, sentiu a ardência provocada pelo sal, mas manteve as pálpebras abertas, lembrando a si mesmo de que na verdade era só sua imaginação lhe dizendo que estava no mar. De repente o incômodo passou, e sua visão ficou mais clara.

Sarah e Bryson nadavam a seu lado, com os olhos fechados, as bochechas cheias de ar e os cabelos flutuando em torno da cabeça. Os raios de luz se infiltravam na água arroxeadada, iluminando milhões de pedaços de código — números, letras e símbolos fundidos. Estavam por toda parte. Como peixinhos, nadavam em disparada de um lado para o outro.

Michael e os amigos continuavam afundando, devagar, mas de forma constante e determinada. Estavam decididos a contrariar as leis da física. Seguiram submergindo, agitando os braços e batendo as pernas.

Michael estendeu o braço para cutucar os dois, que abriram os olhos. Ficaram olhando um para o outro. Michael sabia que o medo estampado em seu rosto devia ser o mesmo que via na expressão de terror dos amigos. Estavam prestes a fazer algo que qualquer ser humano temia, por mais corajoso que pudesse ser.

Afogar-se.

2

Michael apontou para a própria boca, tentando mostrar a eles o que fazer. Era naquele momento ou nunca mais. Seus pulmões ardiam, implorando por uma lufada de ar. Se os três não assumissem em breve o controle psíquico sobre os corpos, poderiam morrer asfixiados.

Sarah assentiu com a cabeça, assim como Bryson.

A ideia havia sido de Michael, então ele sentiu que deveria ser o primeiro. Cada célula de seu corpo gritava para voltar à superfície e respirar o ar fresco que cobria o mundo sobre os oceanos. Mas ele resistiu. Depois de uma última e desesperada espiada nos amigos, abriu a boca e deixou a água entrar, sugando-a pela garganta para dentro dos pulmões.

Houve instantes de pânico absoluto, enquanto seu peito se enchia de dor e de uma necessidade excruciante de ar. O corpo foi tomado por espasmos, e seu coração de repente ficou vazio e sem vida, suspendendo as atividades e quase parando de bater. Ele se contorceu para a esquerda e depois para a direita, instintivamente sugando de novo o mar ao redor, como se, caso continuasse tentando, fosse capaz de tirar o oxigênio necessário da água, como

um peixe. Viu os amigos começando o mesmo processo, as bolhas de ar saindo da boca deles, os olhos arregalados de medo. Quando Michael pensou que fosse engasgar de vez, uma sensação de relaxamento se espalhou por seus músculos, e os pulmões se encheram de ar. Seu coração voltou a bater de novo, um pouco acelerado.

A transição foi instantânea — nada parecida com a de um quase afogado que vem à tona. Sabia o que tinha acontecido: seu corpo e sua mente — são e salvos dentro do Caixão do SSV — haviam se libertado da ilusão criada pelo Sono. Da fantasia de quase morte para uma experiência sob controle. Como resultado, não estava mais submerso em um meio líquido. A água fria do oceano que o pressionava, os sons abafados — tudo havia desaparecido e sido substituído por um ambiente ao ar livre. Michael ainda se sentia boiando, cercado por linhas de código, mas era possível respirar. E cada lufada de ar parecia o paraíso.

Sarah estava a alguns metros de distância, e dava para ver que ela também havia completado a transição. Bryson apareceu alguns segundos depois, mas em um ponto mais distante. Flutuavam todos juntos em um mundo de luzes roxas e linhas de código em estado bruto, desesperadas para voltar a constituir alguma coisa.

— Esses foram *mesmo* os piores momentos da minha vida — falou Sarah. A voz dela estava meio... *estranha*. Quase robótica, como se estivesse carregada de estática. — Me lembra de nunca mais nadar de novo?

Bryson agitou os braços, parecendo mais um pássaro gigante enlouquecido do que qualquer outra coisa, mas de alguma maneira

isso o ajudou a se aproximar dos dois.

— Sou obrigado a dizer que isso chegou ao número nove na escala de coisas tenebrosas. Preferia ser devorado em *Lizards of Laos* a ter que passar por isso de novo.

— Mas funcionou, certo? — perguntou Michael.

Não estava jogando nada na cara de ninguém. Só se sentia aliviado por não terem morrido afogados. Apesar de já terem morrido virtualmente várias vezes, por alguma razão aquela parecera quase real.

— Hã, parece que sim — murmurou Bryson, apontando para o mundo bizarro ao redor. — Se é que dá para chamar isso de funcionar. Esperava uma biblioteca ou coisa do tipo. No mínimo, uma cadeira.

Sarah se manifestou, e dava para ver que estava refletindo profundamente:

— É estranho, sabe? Porque, com todos os programas de proteção que a agente Weber usou contra Kaine, parece que ficamos com um pé fora e outro dentro. Não está sendo da maneira como estamos acostumados. Mas aqui estamos nós. Cercados pelo código. É quase algo normal, tipo, quando fechamos os olhos no Sono e acessamos a programação de onde estamos.

— Pois é, *quase* normal — respondeu Michael. — Espero que a gente possa fazer alguma coisa com tudo isso. Caso contrário, não vamos ter muita coisa a falar para a agente Weber além de ter descoberto como é a sensação de se afogar. Ainda não conseguimos nada sobre Kaine.

— Quanto tempo já se passou, aliás? — quis saber. Bryson

Sarah ligou a NetScreen, que se acendeu com seu brilho estranho no mundo de códigos voadores. Pesquisou algumas coisas antes de desligá-la outra vez.

— Ainda temos muito tempo antes de sair — disse ela. — Tipo umas treze horas. O que querem fazer?

Michael não tinha dúvidas a esse respeito.

— Só temos uma escolha. Precisamos remontar uma parte desse código. Se tudo isso foi destruído por Kaine, como aquela cidade em que estávamos, então deve ter vestígios dele aqui. Ou de alguém que esteja trabalhando para ele. Ou de quem quer que tenha feito isso por ele. Enfim, acho que podemos fazer um processo reverso. De repente, dá até para descobrir onde ele está escondido, se tivermos sorte.

Bryson soltou uma risadinha de deboche.

— Falando assim, parece que só faremos uns sanduíches ou coisa do tipo. Será mais difícil que Devils of Destruction, amigo.

— É mesmo — respondeu Michael. Não dava para discordar.

— Não vai ser tão ruim assim — falou Sarah. — Só vamos precisar do nosso cérebro desta vez, meninos. Está na hora de arregaçar as mangas.

Bryson olhou para Michael.

— Tem certeza de que a Tangente não é *ela*? Um daqueles programinhas pentelhos do jogo Ancient Digs of Runeville? Tenho quase certeza de que ela era um deles.

Michael respondeu agitando os braços para se virar, ficando de costas para os amigos. As luzes roxas brilhavam ao redor, e figuras misteriosas espreitavam à distância, obscuras e desfocadas. As

linhas de código zumbiam em torno deles como um milhão de centopeias em marcha, prontas para ser dissecadas e remontadas. Era uma forma de programação inédita para ele, além de um motivo de grande empolgação.

Estreitando os olhos, concentrado, estendeu as mãos e literalmente mergulhou na tarefa.

3

Demorou um pouco para ele se acostumar com o novo método de manipulação do código. Isso fez Michael se lembrar de seus dias de criança — da infância falsa, fabricada e programada —, quando, vivendo sua existência virtual no Lifeblood Deep, brincava com seus brinquedos. Objetos sólidos e tangíveis. Blocos, carrinhos, arminhas a laser e incontáveis bonequinhos dos games que as “crianças grandes” jogavam no Sono. Os pequenos só podiam entrar na VirtNet a partir dos oito anos de idade. Houvera uma onda de preocupação com a formação adequada do cérebro e com a socialização, então uma lei fora baixada a esse respeito, apesar de a idade mínima já ter mudado algumas vezes.

Nessa época, ele brincava com as mãos, usando a imaginação para se transportar a diferentes lugares no mundo virtual.

Fazia isso naquele momento. Brincava. Usava o corpo. Tocava os tijolinhos que constituíam a programação, sentindo-os nas mãos, tentando captar sua essência e decifrar suas origens, enxergar a imagem mais ampla da qual faziam parte.

Ele mesmo era parte do Lifeblood Deep. Literalmente. Ninguém era mais qualificado para essa tarefa do que Michael.

Pedacinho por pedacinho, foi examinando, deduzindo, construindo, manipulando. Brincando.

4

O tempo passou depressa, e Michael nem se deu conta. Estava imerso na diversão da programação. Poderia continuar fazendo aquilo indefinidamente, deixando seu corpo definhando no Caixão, até o dispositivo ser incapaz de continuar a mantê-lo em atividade.

Um tapinha no ombro o distraiu da tarefa.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Sarah.

Ele agitou os braços para se virar para a amiga. Ela parecia exausta, mas satisfeita. Bryson havia se afastado, tão empolgado com o código que não sabia nem mais onde estava. Uma sombra indecifrável pairava nas luzes arroxeadas mais à frente, como se uma baleia gigante estivesse vindo em sua direção.

— Consegui um monte de coisas — respondeu Michael, voltando a atenção para Sarah.

— Eu também. Acho que está na hora de juntar o que conseguimos — ela fez uma pausa e olhou ao redor. — Bom, acho que aqui não vai dar para fazer isso. Vamos começar a trabalhar juntos, então.

— Boa ideia.

Foram agitando os braços até onde estava Bryson, com um sorriso no rosto por causa da coreografia enlouquecida que faziam com as mãos.

5

Quando terminaram, o corpo inteiro de Michael doía, e seu estômago roncava. Foi preciso um grande esforço físico e mental para juntar toda a programação que tinham feito, e ele continuava morrendo de fome. As coisas no Sono eram assim mesmo. O Caixão fornecia os nutrientes de que o corpo precisava para se manter vivo e saudável, mas isso não impedia que a projeção virtual, mais cedo ou mais tarde, chegasse ao ponto de dar qualquer coisa por um cachorro-quente.

Um mundo inteiro de código organizado se estendia para além de onde a visão de Michael era capaz de alcançar. Era uma coisa linda de se ver, e os três haviam trabalhado de modo incansável durante a última hora, copiando os detalhes do que descobriram nas NetScreens para não se esquecerem mais tarde. Dessa forma, também poderiam compartilhar tudo com o SSV quando voltassem para a Vigília.

Michael desligou sua NetScreen. Por mais divertido que tivesse sido o processo, não aguentava mais. Não havia uma célula sequer em seu corpo que não implorasse por comida, e depois por um belo cochilo.

— Não acredito nesse cara — disse ele, quase acostumado com o leve eco em sua voz. — Acho que entendo por que Kaine quer ser humano. Mas querer apagar metade da VirtNet não faz muito sentido para mim.

— Sabe o que ainda não entendi? — perguntou Sarah. — O *motivo* de ele querer ser humano. Mesmo se for baixado para o corpo de alguém da nossa idade, só vai viver, no máximo, mais uns cem anos. No Sono, ele é imortal, certo? Pode viver para sempre.

— Bom, tem o problema da Decadência — comentou Bryson.
Sarah deu de ombros.

— Bom, se ele consegue baixar um Tangente no cérebro de um humano, com certeza é capaz de evitar isso.

Bryson soltou uma risada.

— Ia ser muito engraçado se, depois de tudo isso, ele acordasse no corpo de um cara qualquer e fosse atropelado por um ônibus no dia seguinte. Eu ia fazer questão de ir ao enterro.

Michael balançou a cabeça lentamente. Alguma coisa no que Bryson havia dito parecia muito errada.

— Sem chance — ele murmurou quando conseguiu reordenar os pensamentos. — Não é assim tão simples... Kaine só quer testar um corpo humano. Tem mais alguma coisa acontecendo. Lembra do que ele falou sobre a Doutrina da Morte ser um plano de *imortalidade*? Tipo, ele pode estar planejando trocar a inteligência dele de humano para humano a cada vinte anos, e ainda manter um backup na VirtNet para o caso de ser atropelado por um ônibus.

— Bom, pelo menos já temos a trilha dele — falou Sarah. — Sabemos por onde andou, o que fez e onde se esconde para... fazer o que quer que seja depois de um longo dia de trabalho.

— Vocês acham que esse cara dorme? — questionou Bryson. — Você dormia, Michael, eu sei, mas seus programadores queriam que pensasse que era humano.

Michael deu de ombros, o olhar perdido ao longe, onde sombras estranhas cresciam e se encolhiam atrás das luzes arroxeadas. Apesar do cansaço, estava empolgado com a quantidade de

informações que os três haviam obtido a partir do código desfeito. *O SSV deveria se ajoelhar e venerar a Trifeta Perfeita*, pensou.

— Quanto tempo ainda temos? — perguntou Bryson.

Sarah olhou para sua NetScreen, que ainda estava acesa.

— Uns quarenta e cinco minutos. Vamos torcer para ainda estarmos conectados com ela. Não estou vendo muitos Portais por aqui.

— Estamos conectados sim — falou Michael, com tanta convicção que ninguém contestou. Às vezes, ele simplesmente sabia dessas coisas.

Sarah começou a dizer algo, mas se interrompeu quando as luzes ao redor ficaram mais fracas. Não demorou muito para Michael entender tudo, e um desconforto se instalou em seu estômago.

As luzes que mantinham aquele estranho mundo feito de código começaram a piscar, e depois a desaparecer. Uma a uma, foram se apagando, como lâmpadas queimadas. A escuridão se intensificou, ou talvez aquelas sombras estranhas é que estivessem se expandindo. Fosse como fosse, não fazia diferença. Havia alguma coisa errada.

— Acho que não vai dar para esperar a Weber — disse Michael. — Precisamos entrar em algum outro programa — sabia exatamente qual seria a resposta de Sarah, e também que ela estava certa.

Sarah não o desapontou.

— Sem chance. Não tem link nenhum aqui... este lugar é uma espécie de lixão. Para achar uma saída, vamos precisar no mínimo do mesmo tempo que usamos para rastrear Kaine.

— Mesmo que a gente pudesse entrar em outro programa, de que adiantaria? — acrescentou Bryson. — No fim ia acabar todo mundo picotado pelos programas assassinos de Kaine e jogado aqui de novo. E ninguém sabe se a gente ia conseguir sobreviver uma segunda vez.

— Vocês são mesmo pessoas muito otimistas — resmungou Michael.

As luzes piscavam ao redor, cada vez mais depressa, como se tivessem sido atingidas por um vírus que se multiplicava exponencialmente. E as sombras cresciam. A escuridão se aproximava como uma neblina, apagando um mundo que pouco antes era composto de luzes arroxeadas.

— Quanto tempo falta? — perguntou Michael, apreensivo.

— Desde quando eu sou o cronômetro oficial de vocês? — rebateu Sarah, mas ligou a NetScreen mesmo assim. — Ela vai tirar a gente daqui dentro de uns vinte minutos. Tentem não molhar as calças.

Michael segurou o riso para não dar esse gostinho a ela. Desde quando Sarah era tão engraçadinha?

— Vão ser vinte minutos bem longos — murmurou Bryson.

Como se algum controlador cósmico do código tivesse ouvido seu comentário, o vento ficou mais forte. Os fragmentos roxos começaram a se juntar em nuvens azuladas. As lufadas cada vez mais fortes agitavam os cabelos e as roupas de Michael. As luzes continuaram sua dança, piscando e depois morrendo. Mais de dois terços delas já estavam apagadas, a escuridão sendo quase total.

E então, de um instante para o outro, aconteceu.

O vento ganhou a força de um furacão, atingindo Michael e seus amigos. Nuvens e névoas negras giravam ao redor, e uma sinfonia dissonante preencheu o ar, ameaçando deixar Michael surdo de uma vez por todas.

Foi quando, com o canto dos olhos, inclinando a cabeça para observar melhor, ele viu. Era um buraco escuro, profundo e imaculado: o negro mais negro que já tinha visto, crescendo cada vez mais, até atingir dezenas de metros de diâmetros.

E, em algum lugar lá dentro, Michael pensou ter visto um par de olhos amarelados.

6

Uma explosão retumbou atrás dele, uma concussão sonora que abalou a substância em que Michael flutuava, empurrando-o vários metros rumo ao código arroxeadado. Ele se virou e viu *outro* buraco se abrindo, a uns trinta metros de distância, mas esse não era negro — brilhava com uma luz alaranjada etérea que rompia a escuridão. Vultos apareceram dentro dele — silhueta de pessoas de todas as formas e tamanhos. Estavam se movendo, e na direção de Michael e de seus amigos.

Virou-se de novo para observar o buraco negro — os olhos. Sombras e mais sombras. Havia vultos lá também — ele os sentia, mais do que os via. Aproximavam-se. E bem depressa. Vultos escuros saltando do buraco.

Atordoado, Michael não teve tempo para sentir medo. Estendeu a mão e puxou os amigos mais para perto.

— Mas o que é isso? — gritou ele.

— O que vamos fazer? — berrou Sarah. — Ainda faltam dez minutos para a Weber resgatar a gente!

Bryson se desvencilhou da mão de Michael e ergueu os punhos.

— Vamos ter que encarar. Nem é tanto tempo assim!

Sem reação, Michael se colocou em posição de defesa também. Levantou os braços, mas sentia que isso era inútil. Os vultos surgiam dos dois lados: pessoas provenientes da luz alaranjada, criaturas das trevas do buraco negro. Perguntou-se o que aconteceria caso os três morressem. Naquele lugar, nada parecia ter explicação. E se Kaine estivesse por trás de tudo aquilo? E se a vida deles também pudesse ser arrancada dos próprios corpos?

Queria fugir, mas não havia para onde ir. O vento rugia, o barulho preenchia o ar e, de duas direções diferentes, os inimigos avançavam.

Sua vida era um total absurdo.

7

Michael e os amigos só tiveram uma fração de segundo para decifrar quem os atacava. Das trevas surgiram criaturas de pele escura de todos os tamanhos, saltando, rastejando e correndo, feras bastante diferentes entre si, que Michael nunca tinha visto na vida. Pareciam SimKillers transmutados em formas distorcidas e sobrenaturais, com olhos amarelados.

Da luz alaranjada e ofuscante saíam figuras mais reconhecíveis, apesar de estranhas. Todos pareciam saídos de jogos da VirtNet: guerreiros com machados, astronautas com trajes completos e armas a laser, gigantes com tacapes de madeira, uma mulher

montada em um felino com um tocha de fogo na mão, um cavaleiro em seu cavalo robótico, um vampiro diurno e seu bando de leões brancos, o sacerdote guerreiro de Grendelin e muitos outros. Avançavam em formação de combate, atrás de alguém que era claramente o líder do grupo.

Era uma mulher alta e forte, vestindo uma armadura futurista e brilhante. Tinha quatro braços, e carregava quatro armas. Em uma das mãos havia um cilindro grosso com lâminas giratórias na ponta. Em outra, um bastão de luz azul, pulsando como se estivesse prestes a disparar. Na terceira, uma caixa preta ameaçadora com um buraco na frente. Na última, um cano que parecia o de um canhão antigo de guerra.

Enquanto corria, tijolos apareciam sob seus pés, formando um caminho. O restante do exército avançava sobre as próprias superfícies — trilhas de luz, de cascalho, ou caminhos de pedra e grama. Gritos de batalha preenchiavam o ar, e seus olhos faiscavam de raiva.

Michael teve apenas alguns instantes para observar tudo isso. O tempo pareceu se arrastar enquanto se revelava uma das coisas mais estranhas que já tinha visto. Sua impressão era que de fato tudo acontecia *muito* devagar, como se a programação em si, aqueles fragmentos de infinitas terras virtuais destruídas, quisesse testemunhar o espetáculo. Os amigos de Michael estavam a seu lado, vendo a mesma coisa, sentindo os mesmos movimentos restritos, como se fossem moscas caídas em uma poça de melão.

E então, com uma rajada de vento e um ruído agudo, tudo voltou à velocidade normal.

Os guerreiros entraram em cena. De um lado, criaturas pretas como breu, com olhos amarelados como se em chamas, rosnando e estalando os dentes, saltando e se arrastando. Do outro, heróis de décadas de games, percorrendo sua trajetória mágica. A mulher determinada que os liderava estava a poucos metros do trio de amigos, e gritou a plenos pulmões com sua voz áspera e retumbante:

— Saiam do caminho, crianças! Ainda não chegou o dia de vocês morrerem!

Quem eram aquelas pessoas? E de onde tinham vindo?

O instinto tomou conta antes que a mente de Michael esboçasse qualquer reação. Ele agarrou seus dois amigos e os puxou para mais perto. Em seguida, estendeu a mão e começou a mexer no código, manipulando-o com a mente, com uma compreensão semelhante à que tivera na Ravina Consagrada. Tudo ao redor era fabricado, uma manifestação visual de sequências de letras, números e símbolos, inclusive ele mesmo, Bryson e Sarah. Agiu usando apenas seus pensamentos.

Michael e os dois amigos foram catapultados ao céu, três mísseis humanos em trajetória ascendente, justamente no momento em que os exércitos da luz e das trevas colidiam mais abaixo como duas locomotivas sem freio.

8

Michael interrompeu o voo algumas centenas de metros acima da batalha, e o trio ficou pairando naquele mundo etéreo e viscoso. Sua mente girava como um ciclone, arrebatada por um milhão de

pensamentos, além de uma injeção de adrenalina que tinha se espalhado pelo corpo inteiro.

Sarah o encarou como se estivesse com medo *dele*.

— Só fiz o que ela me mandou fazer — disse ele.

— Olhem! — gritou Bryson, apontando para baixo.

Dois combatentes haviam se isolado da batalha — uma criatura alongada feita de trevas com olhos amarelados, acompanhada de outra com pelo menos uma dezena de braços e pernas. Ambos vinham na direção deles, voando a toda velocidade.

— Tira a gente daqui, Superman — falou Bryson.

— Weber vai fazer a Emersão a qualquer momento — disse Sarah.

Michael sentiu a mente vazia, como se a explosão de esforço para codificar uma fuga dos exércitos rivais tivesse sugado todas as suas energias. Sem muita convicção, tentou repetir o que havia feito, mas sabia que seria inútil assim que começou.

— Desculpa — murmurou ele. — Foi só o desespero do momento.

— Pelo amor de Deus, o que foi que aconteceu lá embaixo? — Sarah perguntou, apreensiva, como se não houvesse duas criaturas medonhas e sombrias se elevando em sua direção como um jato de ar quente. — Quem é esse pessoal que apareceu para ajudar? E como foi que Kaine achou a gente?

— Que tal falar sobre isso mais tarde? — gritou Bryson. — Parece que, no fim das contas, vamos ter que lutar — deu de ombros, como se esse gesto fosse servir para alguma coisa.

Nesse momento, os vultos escuros os alcançaram.

A criatura comprida e serpenteante foi para cima de Michael, usando a cabeça como um aríete para golpear seu peito. Ele mal

teve tempo de ver os olhos amarelados antes de ser arremessado pelo céu viscoso e de um roxo cada vez mais escuro. Agitando loucamente os braços, reequilibrou-se bem a tempo de ver aqueles olhos de novo, bem na sua frente. Uma boca faminta se abriu, com dentes pretos e brilhantes, e se fechou sobre ele.

Michael se esquivou e estendeu os braços para segurar a criatura horrenda pelo pescoço. Apertou sua pele lisa e musculosa, mantendo distância das mordidas incessantes, que ameaçavam esmagar sua cabeça, desviando-se para a esquerda e para a direita e sacudindo o pescoço do monstro para evitar suas investidas.

A criatura se enrolou em seu tronco, e depois em suas pernas. Em poucos segundos, estava envolto dos pés à cabeça pela escuridão, que o comprimia com força, expulsando o ar de seus pulmões. Michael fez força para respirar, tentando encontrar algo que pudesse ajudá-lo, mas não havia nada. Com todas as forças que lhe restavam, resistiu, tentando arrancar a cabeça da criatura maligna.

Em um frenesi de agitação, os dois giravam como um saca-rolha pelo céu abaixo. A vertigem tomou conta de Michael, e o pescoço da criatura escapou de suas mãos. Em uma fração de segundo, ela abriu a boca e deu o bote. De repente, o mundo ficou negro. A cabeça de Michael estava dentro da boca do monstro. Apertando as mandíbulas, ela perfurou sua pele com os dentes. Ele não conseguiu ouvir nem o próprio grito, abafado em uma névoa de dor e pavor.

Com metade do corpo dentro da boca da criatura, tentou ainda resistir. A queda em espiral continuava. Michael tentava resistir à vertigem arrebatadora e lutava para conter as presas enormes que se cravavam em seu pescoço. Os músculos enrijeceram, e seu

estômago se revirou. O corpo alongado e poderoso da criatura ia esmagando o seu com cada vez mais força, tornando impossível respirar. A tontura foi se transformando em perda parcial de consciência. Estrelas e luzes piscantes invadiram seu campo de visão. A cabeça latejava, e ele se lembrou dos SimKillers. Da maneira como sugavam a vida digital de suas presas.

De quando tinham matado Ronika e quase acabado com ele.

Aquela coisa enrolada em seu corpo era uma espécie de parente dos SimKillers, Michael tinha certeza. Não estava zozzo só por causa da tontura e da dor. A essência de sua vida estava sendo ameaçada.

Fazendo mais força, soltou um grunhido enquanto empurrava a cabeça da cobra gigante. Os dentes da coisa começaram a se mover, saindo um pouco de sua pele. Sangue escorria pelos ferimentos do pescoço. Empurrou com mais força. Centímetro a centímetro, foi abrindo as mandíbulas monstruosas, sentindo a pressão na cabeça se aliviar, e a vertigem aos poucos desaparecer enquanto o sangue voltava a circular por seu corpo, como se as comportas de uma represa tivessem sido abertas, inundando suas veias de dor, adrenalina, exaltação e fervor. Michael gritou de novo, e desta vez conseguiu ouvir o som áspero, penetrante e abafado. Abrindo ainda mais a boca da criatura, o mundo roxo voltou a aparecer diante dele.

Com as mandíbulas da fera escancaradas, Michael ganhou confiança. Conseguia ouvir o estalo dos ossos e tendões, além do guincho de uma fera que estava sendo vencida. A pressão sobre seu corpo diminuiu, e em seguida cessou por completo. Michael se preparou para um último esforço, pronto para desfazer o monstro em pedaços.

Mas ouviu um estalo. Um jorro repentino de ruído e cores. O mundo oscilou, curvou-se, rodopiou. A escuridão envolveu tudo. E, um instante depois, Michael piscava várias vezes, a respiração ofegante, enquanto olhava para a tampa do Caixão da agente Weber.

Havia feito a Emersão. Tinha saído do Sono. Sentiu o Nerve-Wire saindo de sua pele, recuando para o devido lugar.

Tinha conseguido voltar.

XVIII. O CÓDIGO LANCE

1

Michael estava ensopado — em parte por causa dos LiquiGels, mas também em virtude do suor que cobria sua pele. Seu peito ofegava, e parecia que todo o ar do mundo seria pouco para satisfazer seus pulmões. De alguma maneira, havia conseguido se recompor para acionar o mecanismo de abertura, e ficou esperando por um tempo que lhe pareceram séculos até que a tampa se erguesse. A luz cálida do ambiente penetrou em seus olhos, e ele viu a agente Weber de pé a seu lado, encarando-o, o rosto dela meio borrado. Sua visão ainda não tinha se ajustado totalmente.

Com a mente atordoada, ainda conseguiu pensar que tinha sido bom entrar de shorts, pelo menos. Em geral ele deitava sem roupa no Caixão, para usufruir melhor dos benefícios sensoriais do dispositivo. Mas ficar como viera ao mundo naquele ambiente não teria sido uma boa ideia. No fim, estava certo.

— Você está bem? — perguntou a agente Weber.

Michael piscou algumas vezes para recuperar o foco. O olhar de preocupação no rosto da agente parecia genuíno. E ela havia cumprido a promessa de trazê-los de volta.

Ele se sentou, ignorando a tontura que esse movimento lhe causou.

— Sarah! — gritou. — Bryson!

— Eles estão bem — garantiu Weber, ajoelhando-se ao lado do Caixão. — Consegui tirá-los um pouco antes. Não sei por que foi tão difícil fazer a sua Emersão. Tinha alguma coisa interferindo, como se o sistema não conseguisse captar o seu sinal. Desculpa. Sério mesmo. As coisas devem ter sido bem ruins por lá.

Michael fez um aceno com a mão, como se não houvesse motivo para preocupação. Sabia muito bem o que tinha acontecido, e por que sua Emersão fora complicada. Aquela criatura — uma versão ainda mais bizarra dos SimKillers — sugava sua essência digital. A consciência do quanto havia chegado perto de um dano cerebral permanente o fez perder o fôlego. Aos tropeções, saiu do Caixão. Ficou de pé, oscilante, depois se sentou de novo e respirou fundo. E se não tivesse conseguido abrir as mandíbulas daquela coisa para tirá-la de sua cabeça? Até que ponto havia se aproximado da morte?

A agente Weber encostou a mão em seu ombro.

— Foi tão ruim assim?

Ele fez que sim com a cabeça, tentando não pensar em Ronika.

— Agora está tudo bem. É que... fui atacado por um... por uma das criaturas de Kaine. Como ele conseguiu encontrar a gente? Pensei que os seus programas de Invisibilidade fossem megacomplexos.

Weber ficou de pé, equilibrando-se com facilidade sobre os saltos, e ajudou Michael a se levantar.

— Não foi vocês especificamente que ele encontrou — explicou ela. — Já conversei com Bryson e Sarah sobre isso. Kaine percebeu uma atividade maciça de programação e mandou sua cavalaria. Sarah disse que conseguiu desmontar a estrutura do código antes que ele

rastreasse a presença de vocês. Não esperava que tanta coisa ruim pudesse acontecer em vinte e quatro horas. Peço desculpas. Mais uma vez.

— Tudo bem — respondeu ele. Não havia como culpar Weber. Eles é que tinham decidido se arriscar. De novo. O mais importante era que ela havia conseguido trazê-los de volta em segurança.

Weber apontou para a porta.

— Bom, vocês estão de volta, e estão todos bem. E, pelo que Sarah falou, descobriram coisas incríveis. Estou certa?

Michael sentiu uma ponta de orgulho, e torceu para que Weber não visse isso estampado em seu rosto.

— Pois é. Foi mesmo. E precisamos agir logo, antes que Kaine perceba e mude sua base de lugar.

Weber foi caminhando para a porta, os saltos batucando no chão.

— Já estou reunindo algumas pessoas de confiança. Foram todos chamados para a Sala de Guerra. Enquanto isso, pode tomar um banho e comer. E, como vamos precisar de toda a ajuda disponível, é melhor dormir um pouco também.

Para Michael, aquilo soou como algo bom. Muito bom.

2

Parecia que havia acabado de fechar os olhos quando alguém apareceu e o cutucou para acordá-lo. Com um sobressalto, sentou-se, olhando para os lados. Era como se seu corpo esperasse mais um ataque do monstro de Kaine.

— Ei, calma aí! — era Bryson. Sarah estava de pé a seu lado. Foi meio estranho reencontrar os dois no mundo real. — Não precisa

ficar tão arisco.

Aliviado, Michael fechou os olhos e desabou de novo na cama, que ficava em um quarto escuro, junto com várias outras. Os amigos já estavam roncando enquanto ele tomava banho e comia, e Michael não teve coragem de incomodá-los. Até sentiu vontade de acordá-los e abraçá-los — bom, pelo menos Sarah —, mas em vez disso se deitou e pegou no sono quase instantaneamente.

Sarah estava aos pés da cama, os braços cruzados, tentando esconder um sorriso. Estava feliz em vê-lo — dava para ver nos olhos dela.

— Como é que você está? — perguntou ela.

Michael soltou um grunhido e voltou a se sentar, pondo os pés no chão e esfregando os olhos. Não omitiu a verdade:

— Um lixo. Grogue. Dolorido. Parecendo uma velhota acabada — mas pelo menos a dor de cabeça tinha passado, restando apenas um leve latejar onde o Caixão havia simulado seu enfrentamento com o SimKiller. Isso se aquilo fosse *mesmo* um SimKiller.

— Como você sabe? — perguntou Bryson.

— O quê?

— Como você sabe como uma velhota acabada se sente?

— Já estive em um jogo de vovós, o Grannies at Teatime, e nem venha me dizer que nunca esteve lá.

Ele e Bryson começaram a rir como dois garotinhos de colégio no fundo da sala.

Sarah jogou as mãos para cima.

— Vamos parar com isso? Sei mais sobre esse jogo do que imaginam. Temos coisas um pouquinho mais importantes para

conversar.

— É verdade — concordou Bryson, ficando sério de repente.

Sarah se sentou ao lado de Michael na cama, inclinou-se para ele e lhe deu um beijo no rosto.

— Isso é uma coisa que Bryson nunca vai ter — murmurou ela, evidentemente sem se importar se o amigo ouvia ou não.

— Quem disse que eu quero? — rebateu ele, todo vermelho.

Sarah apenas sorriu, sem tirar os olhos de Michael, e de repente ele se sentiu muito, mas muito melhor.

— Certo — disse ele. — Qual é o plano? Cadê a Weber?

— Ela acordou a gente e disse que voltaria em um minuto — respondeu Sarah. — Pelo jeito, tem uma equipe inteira esperando em um lugar chamado Sala de Guerra para ouvir o que a gente descobriu.

Michael balançou a cabeça.

— É, ela falou isso para mim também.

— O que a gente vai dizer? — perguntou Bryson. — Não consigo nem apresentar um trabalho de escola sem tremer todo!

— Tremer todo? — repetiu Sarah. Ela deu um tapinha nas costas dele e se virou para Michael. — Que tal você falar?

— *Eu?* — respondeu Michael em um tom agudo. — Por que eu? Enquanto Bryson tremia todo apresentando trabalhos na escola, eu nem era uma pessoa ainda. Posso não saber direito como funcionam minhas cordas vocais.

Bryson deu uma risadinha.

— Tudo bem, então eu falo — decidiu Sarah.

Michael e Bryson se entreolharam: estava na cara que ela sabia desde o início quemalaria. Antes que Michael pudesse agradecer, alguém bateu na porta e logo em seguida a abriu. A agente Weber entrou com seu caminhar confiante de sempre.

— Está na hora — anunciou.

O tom de humildade e os pedidos de desculpas tinham ficado para trás. Ela havia voltado ao comando.

— Ainda não estamos prontos — falou Bryson. — Precisamos pensar no que dizer.

Sarah, porém, já estava de pé, caminhando para a porta. Ela se deteve ao lado da agente Weber e se virou para os amigos.

— Qual é? — falou. — A gente tira isso de letra.

3

A Sala de Guerra.

Michael prendeu o fôlego por alguns segundos quando a agente Weber os fez entrar. Parou para observar tudo melhor. De um lado da sala gigantesca, diversas fileiras de assentos — como em um teatro ou estádio —, ocupadas pela metade por homens e mulheres de todos os tipos físicos. Na frente de cada um havia uma NetScreen ligada, e todos continuaram trabalhando, sem dar atenção à chegada dos três. Michael se perguntou por que a sala não estava lotada por completo.

Do outro lado do recinto, um dos maiores projetores tridimensionais que Michael já havia visto na vida flutuava no ar. Projetores como aqueles eram usados em geral para jogar e ver filmes, mas esse, especificamente, era gigantesco, tendo pelo menos

trinta metros de largura e no mínimo a mesma altura. A profundidade era impossível de determinar — parecia se estender rumo ao infinito. Havia mapas, diagramas e telas com imagens ao vivo de lugares reais e programados. Um enorme e detalhado globo terrestre ocupava a posição central, girando lentamente, com símbolos e pontos indicativos em toda a sua superfície reluzente.

Michael se sentiu como um espião de elite, prestes a conquistar o mundo. Mas então percebeu que a agente Weber e os amigos o encaravam.

— Desculpa aí — murmurou ele. — Só estava pensando...

Weber apontou para um palco diante do globo terrestre flutuante, com várias cadeiras ao lado.

— Por favor — disse ela —, meu pessoal está cuidando de vários assuntos importantes. Não quero que isso tome mais tempo deles do que o necessário.

Michael ficou olhando para ela, incrédulo. Perguntou-se que outros assuntos poderiam ser tão importantes assim. Quando foi abrir a boca para questionar, Bryson se antecipou a ele:

— Assuntos importantes? — perguntou ele. — Está falando sério? Vocês...

Sarah o interrompeu.

— Vamos começar logo. Por favor?

Michael ficou surpreso ao notar que ela estava nervosa. Ele olhou para a plateia e viu que a maioria dos agentes do SSV tinha parado o que fazia para voltar a atenção para os recém-chegados. Fez um aceno sem jeito, sentindo-se a pessoa mais idiota do mundo. Ninguém acenou em resposta.

— À vontade — falou a agente Weber, mais uma vez apontando para o palco. — A plateia é toda sua. Vou estar nos controles... Se quiser mostrar alguma coisa no Painel de Guerra, é só fazer um link com o meu sistema.

— Sala de Guerra, Painel de Guerra... — Bryson cochichou para Michael. — Acho meio esquisito tudo isso só para vigiar a VirtNet. Esse lugar está me deixando cabreiro.

— Cabreiro? — repetiu Michael.

— É.

Sarah já estava a caminho do centro da enorme sala. A agente Weber ia andando a seu lado. Michael agarrou Bryson pela camisa e foi atrás dela. Era uma situação meio estranha, mas talvez já fosse de se esperar. Afinal, um programa de computador tentava dominar o mundo da raça humana.

Weber subiu ao palco e aproximou o microfone da boca quando os três se posicionaram atrás dela. A sala inteira ficou em silêncio para que ela falasse, os cochichos e as conversas paralelas cessando de imediato.

— Boa tarde — começou Weber, e sua voz ecoou pelo recinto. — Obrigada por terem vindo, ainda mais com um aviso de tão pouca antecedência. Alguns de vocês estão aqui virtualmente, mas fico contente em contar com a presença física de tanta gente. Só convidei aqueles com quem desenvolvi uma relação de sólida confiança ao longo dos anos.

Michael esquadrinhou a plateia com os olhos, curioso, e notou o que não havia visto antes: cerca de três em cada dez agentes eram projeções holográficas sobre os assentos. A diferença era quase

imperceptível, a não ser pelo brilho meio estranho no rosto e uma ou outra piscada na imagem, que interrompia a transmissão por um instante.

— Como bem sabemos — continuou Weber —, a VirtNet enfrenta a situação mais perigosa com que nos defrontamos desde que nossa agência foi criada, quase quinze anos atrás. Para citar uma frase bastante conhecida: “Temos diante de nós a maior das provações”. E eu queria todos vocês aqui hoje para...

Michael se desligou do discurso e continuou observando a sala enquanto ela falava. Sentia-se incomodado com alguma coisa, e essa sensação só crescia. Enquanto examinava o rosto daqueles agentes — homens e mulheres usando todos os tipos de vestimentas e adereços —, de repente deu-se conta. A impressão de que havia algo a temer era palpável, e ele sabia por quê.

— Sarah — murmurou ele, chegando mais perto.

Ela pediu que ele se calasse, fazendo cara feia.

Michael balançou a cabeça. Lembrou-se da encenação feita pela agente Weber por videoconferência no escritório em ruínas onde haviam entrado em contato com ela, e da explicação que dera mais tarde, quando tinham invadido a sede do SSV para confrontá-la. Ela disse que estava preocupada com gente dentro da agência cujas intenções eram duvidosas.

Então por que estavam ali, em uma sala com tanta gente, sendo apresentados como vencedores em uma cerimônia de premiação? E as recompensas todas que haviam oferecido por sua prisão? E a busca pelo fugitivo Jackson Porter?

Michael sentiu uma vontade repentina de pegar a mão dos amigos e arrastá-los para fora dali. De fugir enquanto era tempo. Mas já tinham sido vistos por muita gente. Não tinham a menor chance. Não ali.

Sarah subia ao palco, pigarreando e abrindo a NetScreen para consultar suas anotações, quando ele se voltou de novo para ela. Weber posicionou-se ao lado de Michael e, como se tivesse lido seus pensamentos, inclinou-se para ele e murmurou:

— Só trouxe aqui as pessoas que são da minha absoluta confiança. Mas nem mesmo eles sabem de tudo. Vocês vão ter que confiar em mim — ela fez uma pausa, o olhar correndo pela sala com uma expressão pensativa, como se parasse para refletir uma última vez. Em seguida, falou em voz baixa: — Eu tenho um plano.

— Bom, e você não acha que seria melhor explicar tudo para Sarah antes de ela se expor desse jeito? — rebateu Michael.

Weber negou com um ligeiro gesto de cabeça.

— Esse pessoal é do tipo que precisa muito saber bem onde está se metendo antes de entrar em ação. Quando começarem a entender o que Sarah está dizendo, o assunto provavelmente já vai estar resolvido. Na prática, eles são meu plano B.

— Como assim?

— Você já vai entender.

4

Michael ficou olhando para ela, sem saber o que dizer. Ele não fazia ideia de se podia confiar em Weber, mas só o que conseguiu fazer foi balançar afirmativamente a cabeça. Ela pareceu satisfeita com

isso e se dirigiu para o fundo da sala, onde ficava a mesa dos controles. Michael voltou a atenção para Sarah, que enfim havia começado a falar.

— Fico feliz por... — ela se interrompeu quando o microfone fez um ruído estranho, afastou-o um pouco para trás e tentou de novo. — Fico feliz por ter a oportunidade de falar sobre o que vimos. Porque meus amigos e eu vimos muita coisa — continuou, apontando para Michael e Bryson. — Um monte de coisas preocupantes. O que vamos falar precisa se tornar a prioridade desta agência; precisamos agir rápido.

Michael quase soltou um grunhido. Adorava Sarah, de verdade, mas, quanto antes ela cortasse aqueles preâmbulos, melhor.

— Acho que todos vocês conhecem o Tangente chamado Kaine — continuou ela. — Meus amigos e eu vimos em primeira mão que ele é autossenciente, e que isso não vai trazer muitos benefícios para a humanidade, não. O mais complicado é que, ao contrário dos Tangentes tradicionais, ele parece estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e não em um programa específico. Não sei se já foram informados a respeito da Doutrina da Morte, mas acho que sabem o que está acontecendo. O que vocês não devem saber é que Michael — ela apontou para ele outra vez — foi o primeiro caso de implantação bem-sucedida da Doutrina. Ele era um Tangente, mas sua consciência, sua inteligência, suas lembranças, tudo o que faz dele quem é, foram transferidas para um corpo humano. Meus colegas e eu estamos dispostos a compartilhar informações cruciais a respeito de como podemos deter o progresso de Kaine.

Desta vez, Michael não conseguiu segurar o grunhido. Meus *colegas*? Bryson ficou só olhando para a plateia, escondendo bem seus pensamentos.

Sarah foi em frente, falando com a maior naturalidade à medida que seguia com seu discurso.

— Visitamos uma cidade no So... na VirtNet onde não havia quase nenhum jogador. E os poucos que vimos pareciam perturbados ou anestesiados. Vimos uma mulher ser atacada por uma coisa que já conhecíamos, um programa criado para apagar digitalmente as pessoas. Logo em seguida...

Sarah foi contando tudo, cada vez mais confiante, como se já tivesse feito aquilo mil vezes antes. Michael ponderou que ela poderia ser a chefe do SSV algum dia. Tinha certeza de que ela era capaz. Parte por parte, ela relatou para os agentes — que em sua maioria prestavam uma atenção tremenda às palavras — todos os detalhes do que haviam testemunhado e experimentado. Da destruição da cidade, passando pelo mar roxo, até os restos de códigos nos quais haviam mergulhado para descobrir quem era Kaine e o que ele fazia. Michael seguiu o discurso de perto, apesar de os pensamentos se desviarem de tempos em tempos. Não conseguia parar de pensar na agente Weber. Aquela mulher era um enigma.

— ... conseguimos fazer o processo reverso para descobrir quantos lugares Kaine destruiu. Por que ele está fazendo isso, não sabemos. Ele também anda invadindo sites de vendas, roubando códigos de identificação pessoal e manipulando mercados financeiros. O motivo

para isso é bem óbvio: esse Tangente está angariando uma enorme quantidade de riquezas.

Angariando, pensou Michael. Sarah parecia mesmo uma profissional. Alguém tentou interrompê-la para fazer uma pergunta, e ela ordenou — não pediu, *ordenou* — que ele esperasse até sua exposição terminar.

Ela guardou o melhor para o final:

— Depois de toda a codificação que reunimos, e esse material foi registrado e enviado para a agente Weber, conseguimos descobrir quem é Kaine. Isso não quer dizer que sabemos por onde ele anda, ou o que costuma comer no mundo virtual, ou o que está tramando fazer a seguir. Mas descobrimos uma coisa muito mais importante — ela fez uma pausa para se certificar de que todos a ouviam. — Sabemos a localização da programação central de Kaine.

Os agentes começaram a cochichar entre si, e para Michael foi inevitável não sentir uma pontada de orgulho. Quanto treinamento aquelas pessoas não deviam ter? E experiência? Quantas horas por dia não deviam ter passado à procura de Kaine, desde a época em que pensavam que fosse um jogador, um humano, e não um Tangente? E, no fim, coubera a três adolescentes arruaceiros encontrá-lo. Michael, Sarah e Bryson, a Trilogia do Terror. Esforçou-se para não abrir um sorriso.

— Sabemos onde ele está — continuou Sarah. — Descobrimos seu código-fonte, sua inteligência. Seria de esperar que ele fizesse parte da enorme estrutura de códigos que compõem a VirtNet em si, ou alguma coisa próxima disso, para que pudesse acessar o que quisesse quando bem entendesse, mas não é esse o caso.

Sarah fez mais uma pausa, e Michael considerou que ela já estava exagerando. Foi então que ela disse as frases que provavelmente serviriam para resumir todo aquele discurso:

— O Tangente Kaine está em um jogo. No Lifeblood Deep.

5

Mais uma enxurrada de perguntas e conversas paralelas dominaram o recinto. Michael ouviu um clique-clique atrás de si e se virou para ver a agente Weber subindo ao palco com um controle remoto na mão. Quando chegou até onde estava Sarah, apertou um botão, e o enorme globo terrestre diante deles desapareceu, dando lugar à vista de uma cidade, fazendo um *zoom* na direção de um ponto específico. Por estar bem perto da projeção, Michael chegou a sentir um frio na barriga. Desviou os olhos, porque já sabia a imagem que apareceria.

A região central de Atlanta. Mais especificamente, uma pequena construção que ninguém pararia para olhar duas vezes ao passar em frente. Kaine havia escondido sua casa virtual sob o nariz da VirtNet. Provavelmente como uma demonstração de ousadia e poder.

Uma coisa pequena e estúpida, mas que fez Michael odiá-lo ainda mais. Aquele Tangente parecia ter aprendido todos os seus truques em filmes antigos.

— A presença de Kaine é sentida em todo o Sono — continuou Sarah, sem se preocupar em se corrigir desta vez. Estava empolgadíssima. — Mas ele é como qualquer outro Tangente, apesar de todo o poder que acumulou. Ele ainda é um programa, ainda é feito de código, por mais complicado que seja, e sua programação

está localizada em algum lugar. Ele escondeu tudo muito bem. Mas eu e os meus amigos o conhecemos até demais. E, examinando o mar de código de que acabamos de sair, e com base em experiências anteriores, conseguimos construir um atalho até sua base. Não foi nada fácil, mas conseguimos.

— Ele foi programado por quem, para começo de conversa? — perguntou alguém da plateia.

Sarah olhou para Michael. Ele deu de ombros, pois tinha no máximo um palpite.

— Isso não sabemos — confessou ela. — Mas ao que parece sua origem remonta ao início da era da internet. Ele foi programado para aprender e crescer, e está evoluindo para a senciência desde então, pelo que deu para entender — limpou a garganta e hesitou um pouco, obviamente preocupada em não perder o fio da meada. — Agora, voltando à localização do código...

A imagem gigantesca pairando mais acima detalhava a construção em questão — uma estrutura de três andares espremida entre dois arranha-céus. Como se tratava do Lifeblood Deep, o local era uma réplica exata da Atlanta real, e a casa de Kaine era classificada como um edifício histórico. Só por essa razão ainda não tinha sido demolido. Era o esconderijo perfeito para um Tangente traidor.

— Como ele costuma ser encontrado no Sono o tempo todo, acho que Kaine não usou a Doutrina da Morte em si mesmo — continuou Sarah. — Ainda é cedo demais. Ele vai querer fazer mais testes antes de se arriscar. Então, temos quase certeza de que ele está neste local.

A agente Weber assumiu o microfone, e Sarah deu um passo para o lado, como se fosse um movimento ensaiado. Michael ficou incomodado. Tinha certeza de que a agente ia ficar com todo o crédito agora que haviam chegado à parte principal da apresentação.

— Obrigada, Sarah — disse ela, abrindo um sorrisinho profissional que evidenciava o fato de sua mente já estar pensando no que diria a seguir. Weber se virou para a plateia. — Acho que nem preciso dizer o quanto temos a agradecer a Sarah e seus amigos. Eles estão sob uma pressão terrível. Basta dizer que já passaram por situações arriscadíssimas para nos ajudar em mais de uma ocasião, e que estamos em débito com eles.

Ela fez uma pausa. Os outros agentes entenderam a deixa, e enfim começaram a aplaudir. Michael era capaz de jurar que chegara a ouvir alguns gritinhos.

Quando os aplausos cessaram, Weber continuou:

— As informações que nossos jovens amigos reuniram são mais do que surpreendentes. Acho que temos motivos *de sobra* para ficar impressionados. Em vinte e quatro horas, eles conseguiram fazer o que nenhum de nós foi capaz: isolar o código central da programação do Tangente Kaine. Vou mandar tudo para vocês, a fim de começarmos uma análise completa e criarmos um plano de ataque. Nosso objetivo, que precisa ser atingido a qualquer custo... — ela ficou em silêncio para que eles se preparassem para o que ouviriam —, nossa meta é entrar em ação em sete dias.

Essa informação gerou uma onda de sussurros, como se fosse uma ideia absurda. Michael franziu a testa. Era tempo de mais ou tempo

de menos? Em sua cabeça, deveriam estar planejando uma ação para ontem. Kaine poderia mover sua base quando quisesse. Por outro lado, precisavam estar bem preparados.

Weber ergueu a mão para silenciá-los.

— O tempo é essencial. Vou explicar os últimos detalhes antes que comecem os trabalhos. Como podem ver no mapa de Atlanta...

Bryson chegou mais perto de Michael.

— Esse pessoal vai estragar tudo. Com cer-te-za — murmurou ele, e deu um passo para trás, sem esperar a resposta.

Michael detestava admitir, mas Bryson tinha razão.

6

Uma hora depois, Michael estava sentado em uma salinha comendo cachorro-quente. Não era exatamente uma coisa glamorosa para se fazer depois de uma reunião na Sala de Guerra do SSV.

Bryson estava a seu lado, encarando uma salada com todos os ingredientes possíveis. Sarah estava do outro lado da mesa, comendo cachorro-quente com bastante molho apimentado e queijo. Weber havia dito que precisava cuidar de alguns detalhes antes de decidir seu plano de ação — afinal de contas, os três ainda eram foragidos da lei, mesmo depois de terem aparentemente convencido o SSV de que eram inocentes das acusações de terrorismo e sequestro.

Quando Weber os deixou na sala do café, ela o apresentou para o sujeito da lanchonete, instruindo-o a providenciar o que quisessem

para comer. E fora assim que haviam recebido a salada e os cachorros-quentes.

— Sou obrigado a admitir — falou Bryson, comendo um pedaço de alface. — Eu me desliguei totalmente quando a mulher começou a falar um monte de coisa que a gente já sabia.

Michael largou metade do cachorro-quente no prato. Só descobriu que estava satisfeito várias mordidas depois de o estômago encher. Recostou-se no assento e soltou um grunhido.

— Argh. Comi demais.

— Ah, sério? — comentou Bryson, sarcástico. — Nunca ia perceber se não falasse — ele deu uma olhada cheia de reprovação para o prato de Michael.

— Da próxima vez vou pedir uma dessas suas saladinhas — rebateu Sarah. — Aí, meia hora depois, quando estiver morrendo de fome, eu peço mais cachorros-quentes.

Bryson respondeu enchendo a boca com sua comida de coelho. Soltou um gemido de satisfação enquanto mastigava.

— Você foi bem lá no palco — Michael disse para Sarah. — Sério mesmo. Minha previsão oficial: quando tiver trinta anos, vai ser a chefe do SSV. E depois presidente, aos quarenta. Não esquece que fui eu quem falou isso primeiro.

Bryson bufou.

— Isso se a gente ainda estiver vivo até lá.

O comentário soou mais sinistro do que ele provavelmente gostaria, e os três ficaram em silêncio. Por apenas alguns segundos, Michael havia se esquecido de todos os seus perseguidores.

— Obrigado por me lembrar — resmungou.

— Hã? — perguntou Bryson.

— Esquece.

Como um ato de desafio, deu mais uma mordida no sanduíche, agora frio. Se seu estômago falasse, teria muito do que reclamar.

A sala ficou em silêncio outra vez, enquanto o trio se perdia nos próprios pensamentos. Michael teve um sobressalto quando alguém bateu com força na porta, que se abriu logo em seguida, e a agente Weber — quem mais? — entrou.

— Já terminaram? — perguntou ela, com um tom de voz simpático demais para ser sincero.

Michael soltou um grunhido exagerado e se dobrou, com a mão na barriga. Estava ficando à vontade demais com aquela mulher. Sarah deu uma risadinha.

— Vou entender isso como um sim — falou Weber. Ela se aproximou da mesa, por cima do ombro de Bryson.

Ele não olhou para cima, apesar da nítida vontade de fazer isso.

— Que bom que puderam comer e descansar — continuou a anfitriã. — Porque precisamos partir.

— Quê? Partir para onde? — perguntou Michael, surpreso.

— Preciso de vocês de novo nas NerveBoxes.

Michael teve dúvida de se ela falava sério. Trocou um olhar confuso com os amigos. Sarah enfim verbalizou o que os três estavam pensando:

— Como assim? Você não disse que seus agentes iam analisar os dados antes de fazer qualquer coisa?

— Por que somos *nós* que precisamos entrar nos Caixões, aliás? — complementou Bryson. — Pensei que nossa parte já estivesse feita.

Não foi por isso que passamos todas as informações para os seus agentes?

Michael ficou olhando para a agente Weber, à espera de resposta. Mais uma vez, estavam à beira do precipício, prestes a ser empurrados.

— Meus agentes vão estar bem ocupados — disse Weber. — Rastreando vocês, apoiando vocês, oferecendo ajuda sempre que precisarem. E, sobretudo, tentando localizar os pais de Sarah. Vou ficar aqui trabalhando com eles. Para começo de conversa, precisamos localizar todas as pessoas que foram transformadas por essa Doutrina da Morte. Temos que entender a extensão do cenário como um todo. Enquanto isso, vou mandar *vocês três* para a VirtNet para cumprir a missão. Já provaram várias vezes do que são capazes, e eu não confiaria em mais ninguém para isso. Vocês conhecem Kaine como ninguém, e essa operação precisa ser discreta.

Michael olhou para os dois amigos, que pareciam tão perplexos quanto ele.

— Vou entender *isso* como um sim para esta missão — falou Weber, juntando as mãos em um gesto de triunfo. — Agora venham. Quero mostrar uma coisa para vocês.

7

A coisa que ela queria mostrar nem existia.

Pelo menos, não no mundo real.

Estavam no escritório de Weber, reunidos em torno de uma enorme projeção. Era uma compilação de imagens e palavras

girando lentamente em um movimento circular. Michael viu a foto de um cachorro — um *golden retriever* — com um menininho ajoelhado ao lado, um sorriso no rosto. Muita coisa passou pela cabeça de Michael ao ver aquela imagem, mas acima de tudo ela o fez sentir que a agente Weber no fim das contas era uma pessoa como qualquer outra.

Sem nenhum tipo de preâmbulo, ela mexeu na esfera projetada e de repente em seu lugar surgiu uma única imagem: uma caixa metálica retangular e comprida, com fios e eletrodos em sua superfície. Enquanto Michael e os outros observavam, a caixa começou a girar para se mostrar por inteiro.

— O que é isso? — questionou Bryson.

Weber estendeu a mão e tocou com os dedos as duas extremidades da imagem da caixa. Ela as segurou e esticou o objeto para mostrá-lo de forma ampliada. Michael não fazia ideia do tamanho real do dispositivo, já que se tratava apenas de uma projeção.

— É isso que vocês vão usar para derrubar Kaine — falou Weber, a voz cheia de satisfação. Ela soou satisfeita até demais, na opinião de Michael, mas ele não se incomodou com isso. A aversão dela ao Tangente parecia tão intensa quanto a deles. — É um projeto em que estou trabalhando faz um bom tempo. Muito tempo mesmo. E não é pouca coisa, se me permitem a falta de modéstia.

Ela ficou olhando para a caixa, com o orgulho estampado no rosto. Em seguida, piscou várias vezes e pigarreou, como se tivesse acabado de notar que não estava sozinha na sala.

— Me desculpem — disse ela. — É que... coloquei muito sangue, suor e lágrimas no desenvolvimento disso. Por favor, entendam minha empolgação agora que enfim posso colocar tudo em prática.

Desta vez, foi Sarah quem repetiu a pergunta óbvia:

— O que é *isso*?

A agente se recostou na cadeira, deixando a imagem girar à sua frente.

— Dei a ele o nome de Lance. Pareceu bem apropriado.

Bryson e Sarah não disseram nada, só ficaram olhando. Michael sabia que era a vez dele de perguntar, mas ficou sem jeito, esperando obstinadamente que a agente dissesse o que aquela coisa fazia. Ela ainda passou alguns segundos admirando sua criação antes de voltar a falar:

— É um programa, claro, a peça codificada mais complexa que já consegui elaborar na vida. Criei essa manifestação visual para facilitar a tarefa de posicionar e detonar.

Michael quebrou seu silêncio, pois a curiosidade falou mais alto:

— Posicionar e detonar? — repetiu ele.

Ela balançou a cabeça bem devagar.

— Sim. Vou me encontrar com vocês na VirtNet para entregar o programa em mãos, na forma deste dispositivo. Não vai ser nada fácil, mas vocês vão precisar entrar no local onde está a programação de Kaine, plantar o Lance, ativá-lo com uma senha de oito dígitos para iniciar a contagem regressiva e então sumir de lá. Quando a detonação for feita, o Lance vai aniquilar o Tangente, provocando uma reação em cadeia que vai apagar sua Aura onde

quer que ele esteja — ela fez uma pausa, dando um tempo para que assimilassem a informação.

Michael concordou que havia mesmo muita coisa para pensar a respeito. Em seguida, ela continuou:

— Passei muitos anos programando isso. Sabia que algum dia seria necessário. O Lance vai acabar com Kaine. Sei que é difícil de acreditar, mas eu garanto. Só precisamos pôr vocês no Lifeblood Deep, em Atlanta, dentro daquele prédio. O Lance vai cuidar do resto.

Michael esperava pelo inevitável porém.

— E como você vai fazer para pôr a gente no nível Deep, e ainda mais naquele prédio, sem que ninguém veja? Os programas de Invisibilidade não deixam que a gente veja a maior parte do código... Se acontecer o mesmo que rolou naquele mar roxo, vai ser igual a abrir uma faixa dizendo: "Ei, Kaine, estamos aqui, pode vir!" — ele não gostou do olhar de hesitação que surgiu no rosto dela enquanto falava. — Você tem um plano para isso, certo?

A expressão de Weber combinava com o que ela disse a seguir:

— Sim. E vocês não vão gostar dessa parte.

Michael se preparou para a bomba que viria.

A agente Weber soltou um suspiro. Sua empolgação a respeito do Lance havia desaparecido.

— Não vai ser fácil pôr vocês lá dentro. O nível Deep tem esse nome por um bom motivo, e o do Lifeblood é o mais difícil que existe. Sua razão de ser é justamente manter à distância as pessoas que não têm acesso para entrar, e vocês sabem como é difícil conseguir isso. Até mesmo para você, Michael. Você não é mais

quem costumava ser. Os alarmes soariam por toda a parte se eu pusesse vocês lá sem... sem tomar medidas extremas.

Bryson e Sarah se mexeram na cadeira, mas Michael permaneceu imóvel. Ele estava pronto para ouvir até que ponto as coisas chegariam.

— Vocês terão que entrar Espremidos — Weber disse por fim.

Michael olhou para Bryson, e depois para Sarah. Eles trocaram um olhar entre si, depois se viraram para ele.

Espremidos.

Michael só tinha ouvido esse termo algumas poucas vezes na vida, a maior parte delas em conversas sussurradas de crianças que não sabiam o que falavam. As pessoas não comentavam a respeito porque era ilegal. Era quase tão grave quanto mexer no Núcleo de alguém — ou então no seu próprio. Ninguém que Michael conhecia já tinha sido Espremido. Michael quase pediu para Weber repetir o que havia falado, para confirmar que tinha ouvido direito.

Mas ele sabia que era isso mesmo.

A agente Weber ia fazer com que entrassem Espremidos no Lifeblood Deep.

Que Deus nos ajude, pensou.

XIX. ESPREMIDOS

1

Michael estava sentado em cima da tampa do vaso sanitário, inteiramente vestido. Não precisava usar o banheiro; só queria ficar sozinho, mesmo que fosse apenas por uns poucos minutos. A agente Weber queria que fizessem a Submersão no Sono imediatamente, e os amigos estavam prontos para ir. Mas não ele. Michael queria um tempinho a sós, para pôr os pensamentos em ordem.

Weber havia despejado uma porção de notícias sobre eles de uma só vez, além de um monte de planos. Michael sentia todas as veias do corpo pulsando: na cabeça, no pescoço e até nos tornozelos. Já tinham feito muitas coisas perigosas antes, e voltar ao mundo real e acabar na cadeia não era uma alternativa viável. Mas ele não sabia se estava pronto para *aquilo*.

Para começar, o Lance, uma caixinha comum de metal que supostamente resolveria todos os seus problemas. Também voltar de imediato ao Sono, sendo que haviam acabado de arriscar a própria vida por lá, achando que seria a última vez. A tarefa de encontrar aquele prédio no Lifeblood Deep, passar pelos firewalls, plantar o dispositivo, acioná-lo e fugir. Era coisa demais para fazer de uma só vez. Isso sem contar que iriam ser Espremidos para dentro do nível Deep.

Espremidos.

Parecia uma palavra simples demais para uma coisa tão assustadora, dolorosa e terrível. Michael nunca tinha passado por aquilo, era óbvio, mas as histórias que ouvia eram aterradoras e, mesmo que apenas metade delas — as menos exageradas — fosse verdadeira, não havia como ser uma experiência agradável.

O processo em si era exatamente o que parecia. A Aura da pessoa, envolvida em programas de Invisibilidade, seria comprimida até ficar da espessura de uma linha de programação. Apesar de todo o seu conhecimento sobre codificação, não sabia como isso era feito, mas ao que parecia era algo bem literal. Para evitar os firewalls sofisticadíssimos que protegiam o Lifeblood Deep, e para escapar de qualquer detecção, era preciso se espremer por uma rachadura nas paredes virtuais. A maioria das pessoas descrevia o processo como tentar atravessar um muro de concreto se encolhendo a ponto de conseguir passar pelo espaço entre duas moléculas. Parecia impossível, mas, no mundo da programação, as pessoas eram capazes de tudo.

Desde que estivessem dispostas a sofrer as consequências.

E, claramente, a agente Weber achava que Michael e seus amigos estavam.

A porta do banheiro se abriu, e logo em seguida se fechou.

— Michael?

Era Bryson.

— Quê? — resmungou Michael.

Precisavam mesmo ir? Naquele exato momento? Não podiam ter nem uma noite de sono? Escondeu a cabeça entre as mãos.

— Precisamos adicionar mais fibras à sua dieta — falou Bryson, parado diante da porta do reservado onde Michael estava. — Você já está aí há vinte minutos, cara. Às vezes as coisas não fluem, amigo.

Michael abriu um sorriso, e, antes que se desse conta, estava soltando uma gargalhada.

— Pelo menos você ainda está vivo! — comentou Bryson.

Michael se levantou e saiu do reservado.

— Hã, senhor? — falou Bryson. — Não vai dar descarga?

— Não precisa. Só estava sentado aqui pensando em como adicionar mais fibras à minha dieta.

Bryson o observou com atenção.

— Ei, cara, você está bem? Eu estou com mais medo do que vocês dois juntos, se serve de consolo. Só estou escondendo isso para não perder a pose.

Michael respirou fundo.

— Estou bem, sim. É que parece loucura o que estão pedindo para nós, com todos aqueles agentes bem treinados à disposição. A mãe e o pai de Sarah... a vida deles está em risco.

— Mas já provamos do que somos capazes — disse Bryson, dando de ombros. — Sinceramente, você confiaria em alguém mais para fazer isso? Essa parada é nossa, cara. A Trilogia do Terror. Se existe alguém capaz de fazer esse tipo de coisa, somos eu, você e a Sarah. É entrar, cumprir a missão, livrar o mundo de um psicopata e cair fora. Enquanto isso, a agente Weber encontra os pais da Sarah. Bum. Já estamos prontos para a aposentadoria.

Michael sentiu uma vontade repentina e embaraçosa de abraçar o amigo. Ele precisava de umas palavras de incentivo, e Bryson tinha

Ihe oferecido justamente isso. Bryson deu um soco em seu braço, e Michael considerou que aquele gesto bastava.

Saíram do banheiro juntos, prontos para acabar com Kaine.

2

Ninguém falou nada enquanto eles se preparavam para entrar nos Caixões. Algumas mordidas em umas barrinhas de proteína, uma garrafa de isotônicos com muitos nutrientes, ficar só com a roupa de baixo. Apertos de mãos e abraços — Michael detestava essa parte. Sem perceber, agiam como se fosse a última vez em que se veriam.

Se alguém se incomodou com a presença da agente Weber na sala enquanto estavam quase sem roupa, ninguém demonstrou isso.

— Vou estar na minha NerveBox privativa — avisou Weber. — Fica aqui em cima, na minha sala. Nós nos vemos no ponto de encontro em quinze minutos. Vou entregar o dispositivo com o Lance, e vocês já poderão partir.

Tinha chegado a hora. Não havia mais explicações a dar nem questionamentos a fazer.

Weber saiu. Michael entrou no Caixão e fechou a tampa.

O NerveWire entrou em sua pele já úmida, e ele fechou os olhos.

3

Quando os abriu, estava de pé em uma estranha sala de mármore branco. As veias da pedra pulsavam, como se houvesse algum líquido tóxico sendo bombeado para dentro delas. Sarah estava lá, Bryson também. Além da agente Weber — todos vestidos

exatamente da maneira como estavam na Vigília, antes de entrar no Caixão.

— Então nos encontramos de novo — disse Weber, balançando a cabeça.

Deu as costas para eles, caminhou até as paredes cintilantes, estendeu a mão e deu algumas batidas ritmadas em sua superfície. Instantes depois, alguma coisa sibilou e estalou. Uma gaveta se abriu.

— Aqui está — disse, tirando de lá uma bolsa preta de alça, tomando todo o cuidado com ela, pois lá dentro havia um objeto retangular, deixando bem claro qual era seu conteúdo.

O Lance.

Weber se virou para eles e trocou um longo olhar com Michael e seus amigos, como se elegeisse mentalmente em quem confiava mais para carregar o precioso dispositivo que ela havia passado anos desenvolvendo.

— Tome aqui, Michael — disse por fim, entregando-lhe a bolsa.

Ele a pegou depois de um instante de hesitação, em que se perguntou por que tinha sido o escolhido, e ajeitou a alça no ombro. Com a bolsa junto ao quadril, abriu o zíper e deu uma espiada lá dentro, vendo exatamente o que esperava: metal reluzente e fios coloridos. Weber se inclinou em sua direção, deixando os cabelos caírem sobre o rosto. Ela apontou para um tecladinho na lateral do dispositivo, abrindo sua tampa protetora.

— Está vendo isto? — perguntou. — São oito números. Acho que a essa altura você já sabe de cabeça.

— É só isso? — perguntou Michael, sentindo-se meio bobo. — É só ativar essa coisa e nossos problemas estão resolvidos?

Weber deu um passo para trás e fez que sim com a cabeça.

— É como eu falei... encontrem o prédio e descubram a parte central da programação dele. Depois é só instalar o Lance e digitar o código. O resultado vai ser bem violento. Saiam depressa de lá e encontrem um Portal, ou então eu mesma faço a Emersão de vocês quando estiverem em um lugar seguro. Só queria que essa missão fosse um pouco menos perigosa.

— Por que estou com a sensação de que as coisas provavelmente não vão ser tão simples assim? — questionou Sarah, os braços cruzados, olhando para a bolsa pendurada no ombro de Michael.

— É justamente por isso que estou mandando vocês três — respondeu Weber. — Confio em vocês. Já vi do que são capazes. As coisas estão... muito complicadas para os meus agentes. Essa operação precisa ser discreta e silenciosa.

— E os programas de Invisibilidade? — perguntou Bryson. — Ainda estão em ordem?

Weber respondeu com um breve aceno de cabeça.

— Claro. Kaine não faz ideia de que estão a caminho. Continua valendo o mesmo que antes: vocês não vão conseguir ver o código da maneira como estão acostumados, e o Lifeblood Deep tem um nível de realismo que só vendo para crer. Usem as NetScreens se precisarem.

Ela lançou um olhar meio envergonhado para Michael. Ele passara a vida toda achando que o nível Deep era o mundo real. Era um lembrete doloroso de tudo o que havia perdido.

— Alguma pergunta antes de eu partir? — Weber parecia ansiosa para que entrassem em ação.

Michael e os amigos se entreolharam. E o trio deu de ombros.

A agente Weber parecia satisfeita, quase abrindo um sorriso.

— Que bom — disse ela. — Então está na hora de vocês serem Espremidos para o nível Deep.

4

As costas de Michael estavam pressionadas contra o mármore, entre Sarah e Bryson. Weber pediu para que dessem as mãos e não as soltassem de jeito nenhum. A mão de Bryson era mole e suarenta. A de Sarah, macia e delicada. Michael gostou muito mais de ficar de mão dada com ela.

Weber os encarou e se afastou alguns passos com uma expressão severa no rosto.

— A maior parte do trabalho vai ser feita por mim — ela avisou. — Vocês só precisam fechar os olhos e... aguentar as sensações intensas que estão prestes a vivenciar.

— Ou seja, a dor insuportável — murmurou Bryson. — A dor que vai me fazer chorar.

Michael sorriu um pouco, mas seu coração pulsava como o pé de um coelho assustado que vira num vídeo tempos atrás. Queria passar logo daquela parte.

— Sim, dor — respondeu Weber. — Mas outras coisas piores que a dor também. Fiquem de mãos dadas, tentem não entrar em pânico e... aguentem firme. Não vai demorar tanto assim. Quando entrarem, façam tudo o mais rápido possível — ela deu uma olhada

para a bolsa no ombro de Michael. Ele havia passado a alça por cima do peito para garantir que não caísse. — Você sabe o que fazer, certo?

Ele respondeu que sim com a cabeça, impaciente para começar logo.

A agente abriu um sorriso que Michael imaginou ser de compaixão. Isso ajudou um pouco, e, se Michael estivesse sozinho, ia querer dar um abraço de despedida nela.

— Certo — falou Weber. — Fechem os olhos.

5

Cerca de um minuto se passou antes que o processo começasse. Michael contou os segundos por algum tempo, mas depois abandonou a ideia porque estava ficando ainda mais ansioso. A primeira coisa que percebeu foi a redução da luminosidade. A escuridão os envolveu, e ele sentiu vontade de abrir os olhos. A agente Weber não falou se isso era realmente necessário, ou apenas uma recomendação, algo que poderia ajudar. *Droga*, pensou, arrependendo-se de não ter perguntado.

— Vocês acham que... — ele começou a dizer, mas um zumbido alto o interrompeu.

Foi como se o peso do ar tivesse começado a pressionar seus tímpanos. Sua pele se arrepiou, e ele mexeu os pés, sentindo um desconforto cada vez maior. Só o que podia fazer era segurar firme a mão de Sarah e de Bryson, e não largá-las. Acontecesse o que acontecesse. Ele precisava dos dois — o medo que sentia era algo

fora do normal. Talvez fosse a insegurança que o deixasse abalado daquele jeito.

O mundo começou a comprimi-lo, e o barulho ficou mais alto. Michael imaginou os LiquiGels no Caixão pressionando sua pele para simular a sensação de estar encostado em uma superfície sólida. Tentou se mexer de novo, mas não adiantou. A tensão o fazia notar cada batida de seu coração; sentia as veias pulsarem nas têmporas, no pescoço, no cotovelo, no corpo todo.

Tump.

Tump.

Tump.

Alguma coisa o puxava para longe de Bryson e Sarah, mas ele continuava segurando firme a mão dos amigos. Entrelaçou os dedos aos dos deles, recusando-se a deixá-los escorregar. Seus olhos se abriram por instinto, e a escuridão tomou seu campo de visão, fazendo-o fechá-los de novo. A sensação de estar sendo puxado continuava, mas, em vez de tentar soltar a mão dos amigos, a força se concentrava em seu corpo, como se quisesse separar os músculos dos ossos e desmembrá-lo. Esticá-lo de maneira impossível. O incômodo ficou mais forte, e a tensão piorava a cada segundo. Depois veio a dor — pontadas que o fizeram perder o fôlego. Algumas partes de seu corpo *estalavam*.

É só o Sono, pensou em um instante de pânico. *Não é real, não está acontecendo. Agente firme. Não se deixe levar.* Imaginou ter ouvido Bryson murmurar alguma coisa, mas estava perdido em meio ao zumbido que pulsava no ritmo de seu coração, reverberando por cada veia do corpo.

Tump.

Tump.

Tump.

As batidas de seu coração. As pulsações do ruído, pressionando suas orelhas, seu rosto, sua pele.

Tump.

Tump.

Tump.

A força continuava a agir sobre ele, esticando-o para a frente e para trás, fazendo-o estremecer ao imaginar como seu corpo estaria, todo distendido e grotesco. A dor se intensificou, fazendo os nervos latejarem, tornando-se insuportável. Um fluxo profundo de agonia brutal, como se cada molécula de seu ser estivesse sendo destroçada. Gritou, mas não emitiu nada além de uma tentativa de som em meio ao zumbido. A força o puxava sem parar, esticando-o infinitamente, tornando o pulsar de suas veias mais forte e mais alto.

Tump.

Tump.

Tump.

Em um canto distante de sua mente, sabia que seus dedos ainda estavam entrelaçados aos de Sarah e Bryson, mas seu corpo todo parecia um fio comprido, tenso e repleto de dor.

Tump.

Tump.

Tump.

Cada vez mais fino.

Pressionado com cada vez mais força.

Dor.

Uma tempestade de zumbidos e pulsações.

Gritos.

Um corpo agarrado a algo que não fazia sentido, linhas de código quase imperceptíveis.

O mundo entrando em colapso.

Dor. Muita dor.

Cabeça girando.

Impacto.

A mente, incapaz de suportar mais o que quer que fosse, se desligou.

Tudo se resumia ao nada.

Nem a pulsação restou.

XX. POSICIONAR E DETONAR

1

Ele flutuava no vazio, completamente alheio à passagem do tempo, sem consciência de quase nada. A dor, porém, havia diminuído, a escuridão o embalou, e ele dormiu.

Foi quando sentiu uma claridade, uma luz vermelha cintilante, que o acordou. Piscou várias vezes, estreitando depois os olhos. Estava deitado de barriga para cima. O céu azul pairava mais acima, com vários prédios se erguendo em sua direção, como dedos que apontavam para algo impossível de se ver.

Com a cabeça zonzá, virou-se de lado, o que não ajudou em nada. Atordoado, interrompeu o movimento, e viu Sarah e Bryson ainda dormindo. Estavam no final de um beco comprido, sem ninguém por perto e nada além de cimento, sujeira e lixo à vista. O tempo quente e úmido o fazia se sentir suado e grudento.

A sensação de realidade ao redor revelava que a agente Weber tinha conseguido. Estavam lá.

Michael e os amigos estavam dentro do Lifeblood Deep. Ela os havia inserido Espremidos por entre as brechas daquele código para lá de complexo. Para ele, era como estar em casa, o lugar onde sempre vivera. Não sabia o que pensar, tampouco o que sentir. Talvez seus pais e Helga ainda estivessem em algum lugar do nível Deep. Cativos, em uma cela ou coisa do tipo. Ou teriam

desaparecido, depois de ter o código apagado? Jurou a si mesmo que os procuraria, que vasculharia cada dígito, se fosse necessário. Logo depois que terminassem de resolver o caso Kaine.

De repente, sua mente se aclarou em um surto de pânico.

— Bryson! — gritou, apalpando a lateral do corpo para se certificar de que a bolsa entregue por Weber ainda estava lá. Sentiu o contorno do Lance, as extremidades em ângulos retos, e ficou um pouco mais aliviado. — Sarah! Acorda!

Os amigos de Michael grunhiram e esfregaram os olhos, piscando várias vezes, como ele tinha feito. Logo em seguida, porém, já estavam de pé, deixando o fato de terem sido Espremidos para trás, transformando a experiência em uma simples memória mais rápido do que Michael poderia imaginar.

— Este lugar é fantástico — comentou Sarah, olhando ao redor como se estivesse em outro planeta. — É tão... real — estendeu a mão para tocar a parede áspera de cimento do prédio mais próximo, uma torre de dezenas de andares. — Mal dá para perceber que estamos no Sono.

— Nem me fale — murmurou Michael, distraído. Imagens da família rondavam sua cabeça, mas eles precisavam ir andando; não havia tempo a perder. Por mais que a agente Weber tivesse dito que os programas de Invisibilidade eram garantidos, jamais cometeria outra vez o erro de achar que Kaine não conseguiria encontrá-los. — Vamos acabar logo com isso.

Bryson estava de olhos fechados, mas os abriu assim que Michael acabou de falar.

— Está como da última vez que ela mandou a gente. Não dá para acessar o código. Os programas de proteção estão mais fortes do que nunca.

— Tenho todas as informações baixadas — respondeu Sarah. — Só um segundinho — com um rápido toque no EarCuff, a Net-Screen esverdeada se projetou diante dela, que mexeu na tela com os dedos por alguns instantes. — Uau. A agente Weber sabe o que faz. Estamos bem perto. A menos de um quilômetro.

Michael olhou para a bolsa outra vez. Queria se livrar do Lance o quanto antes.

— Vamos lá, então — talvez devesse dizer algumas palavras de incentivo, mas nenhuma lhe veio à mente.

Bryson juntou as mãos em forma de concha em torno da boca e gritou:

— Kaine! Estamos chegando pra pegar você!

Sarah deu um tapa no ombro dele.

— O que está fazendo?

— Pois é — acrescentou Michael. — Essa pode ter sido a coisa mais idiota que você já fez.

Bryson deu de ombros.

— Eu odeio aquele rato de porão — era difícil não concordar com ele nesse ponto.

Os três correram pelo beco para ir ao encontro de Kaine.

2

Havia vários pedestres circulando pela calçada do prédio em que queriam entrar. Era idêntico ao do mapa que a agente Weber

mostrara na Sala de Guerra do SSV. Ladeado por dois edifícios altos, de apenas três andares, com janelas pequenas, fachada em uma mescla nada harmônica de aço e cimento — sua aparência não era agradável, e Michael não conseguia imaginar qual importância histórica aquilo poderia ter. Talvez a de ser uma das construções mais feias, sem graça e inúteis de todos os tempos?

— Hã — começou Bryson —, pensei que ele ia querer viver em um palácio ou um castelo — os três amigos observavam a casa de Kaine a um quarteirão de distância.

— Seria óbvio demais — falou Sarah.

Bryson cuspiu na calçada.

— Mal posso esperar para pôr um fim nisso.

— Pode deixar comigo — disse Michael, sentindo a raiva crescer dentro de si.

— Quê? — Bryson e Sarah perguntaram ao mesmo tempo.

Michael desviou os olhos do prédio.

— Eu posiciono o Lance. E cuido da detonação — fez uma pausa, escolhendo as palavras para dizer aquilo. — Fico feliz por ter a chance de acabar com ele.

Os amigos não comentaram nada. Bryson apenas balançou a cabeça em concordância, e Sarah olhou para o chão, como se estivesse preocupada com Michael. Ou então pensava na mãe e no pai. Mas Michael precisava fazer aquilo. Kaine arrancara dele sua família, sua vida, e Helga. Não importava que sua existência fosse falsa, que ele não passasse de um programa. Ele amava os pais, e Helga também. E era feliz. Ter um corpo de carne e osso de verdade abrigando sua inteligência não compensava aquelas perdas.

Iria matar Kaine, mesmo que os efeitos do Lance fossem tão arrasadores quanto Weber previa. Mesmo que todos os SimKillers do Sono fossem atrás dele, aquela coisa seria detonada antes que Michael soltasse o último suspiro.

— Prontos? — questionou Bryson. — Porque não temos tempo a perder.

— Eu estou — garantiu Michael.

Sarah voltou a exibir uma expressão determinada.

— Eu também. Só queria poder ter um plano melhorzinho. Vai ser difícil fazer isso sem mexer no código — ela acionou o EarCuff com uma cara de desgosto. — Acho que essa porcaria vai ter que servir.

— É — concordou Michael. — Vai servir, sim — não tinha dúvidas de que conseguiriam entrar naquele prédio e fazer o que precisava ser feito. A parte que o preocupava era a *saída*, pois Kaine na certa mandaria suas criaturas cercarem o edifício assim que percebesse a presença de intrusos. — O prédio ao lado tem um terraço aberto na frente. Podemos ficar escondidos lá enquanto damos um jeito de passar pelo sistema de segurança de Kaine.

— Parece um bom plano — falou Bryson. — Tentaremos fingir que somos turistas bobalhões no nível Deep enquanto andamos até lá. E nada de ficar olhando para o prédio em que vamos entrar.

— E nada de andar muito depressa — acrescentou Sarah. — Nem muito devagar.

— E... — Bryson começou a dizer, mas Michael já se afastava.

— Vamos logo de uma vez — disse ele, incapaz de esperar mais um segundo que fosse.

Chegaram ao terraço do prédio ao lado sem maiores contratempos, sem atrair nenhum olhar mais curioso. Três adolescentes, um com uma bolsa no ombro, Sarah com a NetScreen ligada diante do rosto. Pareciam estudantes comuns. O fato de terem se sentado ali para mexer nas telas só reforçava essa impressão. Michael se pegou pensando nas pessoas ao redor, sentindo uma estranha espécie de inveja por elas terem conseguido de alguma forma entrar no Lifeblood Deep. Obviamente, muitas eram Tangentes programados para fazer o mundo parecer o mais real possível.

Dividiram os trabalhos, e Michael ficou com a parte de desligar os sistemas de alarme — tanto o sonoro, que atrairia a atenção de guardas e passantes, como o que se comunicava com o exército de criaturas inomináveis de Kaine. Sarah atacaria os firewalls, procurando brechas para passarem despercebidos. Bryson cuidaria do sistema de câmeras e do controle eletrônico das fechaduras.

Enquanto trabalhava, Michael não conseguia parar de pensar na ocasião em que haviam tentado invadir o clube noturno de Ronika, o Black and Blue. Parecia ter sido um milhão de anos antes. Sentiu saudade do dia em que sua maior preocupação era tentar enganar dois seguranças de um clube noturno.

— Isso é... esquisito — comentou Sarah depois de um tempo.

Michael sabia do que ela estava falando. Os sistemas ali eram diferentes de qualquer outra coisa que já tivesse visto — muito básicos e, apesar de terem várias camadas e serem bem protegidos, não havia nem sinal da sofisticação de costume.

— Eu sei por quê — respondeu Bryson, olhando compenetrado para a tela. — Meu pai me ensinou algumas coisas sobre os primórdios da programação. Isso está no padrão de um sistema *muito* antigo. Tipo, de décadas atrás. Por que Kaine faria isso?

— Para evitar suspeitas — respondeu Michael. Olhou para os amigos, mas os dois estavam ocupados demais para desviar os olhos da tela. — Se ele fizesse alguma coisa muito avançada e pesada, as pessoas iam querer *muito* saber o que tem aí. E, como ele está no lugar onde fica a elite dos jogadores e dos hackers do Sono, não seria nada bom. É a velha história de esconder as coisas debaixo do nariz do mundo todo.

Sarah parecia hesitante.

— Está tudo fácil demais. Mais meia hora e já vai estar pronto. Esperava trabalhar nisso por umas oito ou nove horas, isso se a gente tivesse a sorte de conseguir.

— Pois é — concordou Bryson. — De repente, pode ser só um truque para atrair as pessoas a tentar a sorte.

Michael deu de ombros.

— Não sei. Talvez. Mas acho que faz sentido. Vamos entrar logo de uma vez e explodir a mente desse cara em pedacinhos.

Kaine estava dentro daquele prédio idiota — ele mesmo havia ajudado a rastrear seu paradeiro —, e Michael queria acabar logo com aquilo. Kaine poderia mover sua programação central caso perdessem mais tempo. Continuou concentrado em sua tarefa, e a empolgação foi crescendo até ganhar a mesma proporção de sua raiva.

Conforme prometido, trinta minutos mais tarde, Sarah desligou a NetScreen, soltando um suspiro.

— Certo. Estou pronta.

Bryson já tinha desligado a sua alguns minutos antes.

— Eu também. As câmeras mostram imagens em looping de uma hora atrás. Tem uma porta dos fundos que podemos acessar por um beco estreito ao lado do prédio. Está destrancada e pronta para receber três malucos ansiosos para explodir o lugar. E não tem nenhum segurança por perto, pelo que vi.

Michael terminou o que fazia naquele exato momento.

— Todos os alarmes estão desligados — fechou sua tela com um ar de triunfo. — E você tem razão: foi fácil demais. Quando entrarmos, precisamos estar atentos para as armadilhas que ele deve ter montado para o caso de alguém invadir.

— É verdade — concordou Sarah. — Duvido de que Kaine confie em alguém o suficiente para trabalhar como segurança aqui, e isso vale para jogadores e Tangentes. Deve ter mesmo um montão de armadilhas. Quem sabe o que vamos encontrar quando entrarmos aí? Uma penca de SimKillers, com certeza.

— Ainda estamos nessa? — perguntou Bryson.

— Com certeza — Michael se apressou em responder.

Sarah hesitou um pouco antes de dar a resposta:

— Cem por cento.

— Então vamos lá — falou Bryson com um sorriso um tanto tenso.

Bryson não estava mentindo quando disse que o beco que dava acesso à porta dos fundos era estreito. Michael precisou virar de lado, o peito e as costas roçando na parede, para poder passar. Ele foi na frente, com Sarah e Bryson logo atrás, em meio a duas paredes de concreto e décadas de lixo acumulado, o que tornava cada passo uma aventura. Os raios de sol mal conseguiam passar pelos dois paredões que os espremiavam, tornando a caminhada um tanto tenebrosa.

Quando estavam na metade do caminho, Michael parou e olhou para trás.

— Por enquanto, tudo certo. Nenhuma criatura bizarra pulou aqui para arrancar nosso pescoço.

— Estava pensando no Lifeblood Deep — respondeu Sarah. — Quando falam que aqui é uma réplica do mundo real, a coisa é pra valer mesmo. Dá para imaginar? Você nem sabia que era tudo falso, Michael! Ainda não consigo acreditar no quanto a programação daqui é realista. É como se a gente tivesse que seguir as mesmas regras da vida na Vigília.

Bryson soltou um riso de deboche.

— Não vai azarar a gente. Se existe alguém aqui disposto a quebrar as regras, esse alguém é Kaine. Aposto que ele só está esperando a gente entrar para atacar com todas as armas disponíveis no Sono.

— Bom saber que continua sempre otimista — comentou Michael.

Ele se virou e continuou andando, pisando em um rato morto e torcendo para que Sarah não o visse. No fim, foi Bryson que acabou soltando um gritinho.

Depois de um tempo, chegaram ao final da passagem estreita. Michael ficou espantado ao ver como o edifício era comprido, pois visto de frente parecia bem pequeno. Mas ele estava no Sono, e a presença de dois arranha-céus logo ao lado distorcia a perspectiva das coisas.

Michael prendeu a respiração e estendeu a cabeça para espiar mais à frente. O que viu foi um segundo beco, bem mais largo, que percorria os fundos do edifício e das torres ao lado. Ele ouviu o barulho dos carros e das pessoas ao longe, mas o local onde estavam era deserto, escuro e silencioso. Uma rajada de vento repentina balançou a tampa de uma lixeira, provocando um sobressalto em Michael. Os batentes rangeram, e logo depois o ruído cessou. O caminho estava livre.

— Vamos lá — murmurou ele para os amigos, saindo para o beco mais largo.

Bryson assumiu a frente a partir dali, guiando-os até a porta dos fundos do prédio de Kaine, aquela que havia conseguido destrancar. Era uma porta de metal bem simples, com uma maçaneta prateada e três degraus de cimento gastos e rachados à frente. Bryson apoiou as costas contra a parede ao lado da escadinha, e Michael e Sarah se posicionaram a seu lado. Michael apalpou o Lance dentro da bolsa, ansioso para colocá-lo em ação.

— Vale a pena tentar hackear umas armas? — perguntou Sarah. — Vai saber o que tem lá dentro...

— Não vai funcionar — rebateu Michael. Tinha certeza de que, apesar da sugestão, Sarah já sabia disso. Não havia sido fácil entrarem Espremidos no nível Deep. Tentar passar por alguma coisa maior ainda pelos firewalls, então, era um risco inadmissível. — Use as mãos e os cotovelos. Se eles atirarem ou jogarem bombas, se abaixe.

— Obrigada — respondeu Sarah. — Foram informações muito úteis.

— Agora não dá para fazer mais nada além de entrar — falou Bryson, o peito ofegante, a respiração profunda.

Ele fez um aceno de cabeça carregado de tensão para Michael e Sarah, correu para os degraus e subiu. Sarah foi em seguida, e por último Michael, que parou ao pé da escadinha. Ele viu Bryson virar a maçaneta com um gesto hesitante. O mecanismo fez um clique, e a porta se abriu.

Os três ficaram paralisados, na expectativa de que algum monstro aparecesse aos grunhidos, pronto para pôr um fim à vida deles. Mas nada aconteceu. Michael se inclinou para a frente e viu apenas escuridão além da porta entreaberta. Com uma pontada no coração, lembrou-se de uma historinha que Helga havia lhe contado quando era pequeno, sobre como passar um elefante por baixo da porta.

Ele a amava, e também aos pais. E Kaine os havia tirado dele.

— Vamos lá! — sussurrou com determinação. — Agora!

Bryson escancarou a porta, e eles se esgueiraram para dentro.

Entraram em um local que parecia ser um depósito — amplo, empoeirado e cheio de caixas, a maioria em prateleiras velhas e envergadas. Grande parte das coisas ali parecia ser de uso prático — fios, pedaços de metal e placas de circuito. Durante os poucos segundos que levaram para cruzar o recinto, Michael ficou admirando mais uma vez a programação quase perfeita do nível Deep. Era tudo muito realista, até as partes mais deterioradas.

Mas não iam ficar só observando. Sarah estava com a Net- Screen ligada, a planta do prédio aberta diante de si.

— Nem sinal da presença de alguém — disse ela, e saiu andando por um corredor escuro e comprido. — Em lugar nenhum. Pelo menos de acordo com os gráficos de calor.

— Era para ser assim tão fácil mesmo? — questionou Bryson. — Estou ficando nervoso.

— *Ficando?* — foi tudo o que Michael conseguiu dizer em resposta. — Vamos lá, Sarah, leva a gente até o mainframe. Ou onde quer que esteja a programação dele.

O dedo de Michael acariciava o tecido da bolsa, como se houvesse um gatilho lá dentro que ele pudesse puxar a qualquer minuto.

— Está no último andar — falou Sarah. — Em uma coluna central do prédio... e parece ter a mesma altura da construção, chegando até o subsolo, mas o jeito mais fácil de acessar é a partir de cima. Parece um silo. Não dá para dizer direito o que é.

Isso soou estranho para Michael, mas àquela altura não fazia diferença. Já haviam chegado até ali; não havia alternativa a não ser seguir em frente.

— Pela escada — disse Sarah, conduzindo-os pelo corredor.

Michael vinha logo atrás, com Bryson a seu lado. Entraram em outro corredor mal iluminado. Sarah parou na frente da primeira porta, abriu e entrou. Era uma escadaria. Passaram a subir correndo, saltando o maior número possível de degraus. Até então, ninguém havia aparecido no caminho deles. Só o que Michael ouvia eram os próprios passos. Caso houvesse seguranças, já estariam em seu encalço àquela altura, com certeza.

Portanto, não havia seguranças no prédio.

Isso significava que haveria algo provavelmente muito pior no local para onde iam. Lembrou-se da boca dos SimKillers, das mandíbulas, do hálito, de seu horrendo grunhido digital. Afastando esses pensamentos da cabeça, continuou subindo.

Segundo andar, terceiro andar. Mais um lance de escadas e estariam na cobertura, mas, em vez de continuar subindo, Sarah abriu a porta do último andar e entrou em um corredor. A Net-Screen estivera ligada o tempo todo, com a planta do prédio aberta. Passaram por mais um corredor, e depois outro. Viraram para um lado, em seguida para o outro. Ainda nem sinal de gente por perto. E nenhum som além dos que eles próprios faziam. Michael ficou de olho no teto, nas paredes, nos cantos, à procura de algo suspeito, mas não encontrou absolutamente nada. Era um prédio diferente de qualquer outro em que já tivesse estado.

Sarah parou diante de uma porta grande de metal que parecia um pouco mais nova do que todo o resto ali. Virou a maçaneta e a abriu — Bryson havia feito bem seu trabalho. Uma luz azulada vazou para o corredor, pulsando como um coração, e pela primeira vez ele ouviu

um ruído. Um grunhido grave e mecânico que acompanhava o ritmo da luz.

— Está aí dentro — disse ela.

Michael não hesitou. Passou por Sarah e Bryson e entrou em uma passarela que ladeava o recinto. Sob seus pés podia ver o que na planta do prédio parecia um silo: uma câmara redonda que dava a impressão de descer por quilômetros. A profundidade da abertura o fez perder o fôlego por um momento, e o espaço em si pareceu oscilar. A luz pulsante, o cheiro de ozônio e de metal... E havia mecanismos por toda parte: paredes repletas de circuitos, botões, chaves, fios e tubos, todos cobertos de luzes piscantes.

E aquele murmúrio pulsante que mais parecia um coração, agora que estavam mais perto de sua fonte.

Vump.

Vump.

Vump.

Vump.

Vump.

Michael notou a presença de Bryson e Sarah às suas costas e teve um sobressalto, como se tivesse ficado momentaneamente hipnotizado pelo ambiente ao redor. Eles mal notaram seu susto. Olhavam lá para baixo também.

— Certo — murmurou Michael, mais para si mesmo que para os outros dois, enquanto se ajoelhava e tirava a bolsa do ombro.

Posicionou-a com cuidado na grade de metal da passarela e a abriu. Em seguida, tirou o Lance do invólucro, manipulando-o com

gestos cautelosos, como se um movimento em falso pudesse matar todos eles.

Isso não é real, pensou. Nada disso é real. Aquilo era muito estranho. Depois de tantos anos, depois de tantos jogos, depois de tudo o que tinha vivido, pela primeira vez percebeu o quanto a vida no Sonho podia ser esquisita, o quanto seu mundo havia mudado, apesar de não ser exatamente seu.

Quando ele pôs o Lance na superfície da passarela, Sarah falou:

— Ô-ou.

Ele olhou para ela.

— Que foi?

— Acho que a nossa sorte acabou — disse ela, olhando para a NetScreen. Uma gota de suor descia pelo seu rosto. — Estou captando gráficos de calor do lado de fora do prédio. Umás dez pessoas, talvez mais.

Bryson cerrou os dentes e balançou a cabeça. Michael sentiu o pânico se espalhar pelo seu peito.

— Sejam lá quem forem, estão entrando — avisou Sarah.

7

A mente de Michael se desligou. Não havia tempo para pensar, só para agir por instinto. Não tinha como voltar atrás. Só restava ir em frente.

Posicionar e detonar o Lance.

Matar Kaine.

O que acontecesse depois disso não importava.

Voltando a se concentrar em sua tarefa, apanhou o dispositivo com cuidado e o examinou. Em seguida, abriu a tampa do teclado para digitar a senha. Seus amigos esperaram pacientemente a seu lado, cientes de que não adiantava apressá-lo.

Viu uma escada vertical presa à parede do outro lado do recinto, que levava às entranhas do maquinário. Foi nessa direção que seguiu.

— Nossos visitantes estão se espalhando pelo andar de baixo do prédio — alertou Sarah, surpreendentemente calma. Michael sabia que era por ele que ela agia assim. Precisava mantê-lo informado, e estava fazendo isso com a serenidade de alguém que passava instruções para uma receita de biscoitos. — É evidente que procuram alguma coisa, em uma espécie de formação militar.

Certo, pensou Michael, não exatamente uma receita de biscoitos. Ele chegou à escada e se inclinou por cima da grade para espiar o labirinto de máquinas, fios e tubos. As luzes pulsantes pareciam querer colocá-lo para dormir. A programação central de Kaine dava a impressão de descer para as profundezas da terra em um túnel que levava diretamente ao inferno. E Michael estava prestes a explodi-lo.

Sarah continuou sua narrativa.

— Eles começaram a subir pelas duas escadarias, aquela que usamos e a que fica do outro lado do prédio. Tem alguns subindo de elevador. Parece que se dividiram em grupos de três. Mas são humanos, pelo jeito... não SimKillers.

Estavam a caminho. E chegariam bem depressa.

— Estão armados? — perguntou Bryson.

— Hã, acho que sim — respondeu Sarah, em um tom de voz difícil de interpretar.

Michael se virou, dando as costas para os amigos, e apoiou o pé no primeiro degrau. Sustentou o Lance no braço esquerdo e segurou com força o corrimão com a mão esquerda.

Vump.

Vump.

Vump.

O som pulsante reverberava pelo seu corpo.

Vump.

Vump.

Vump.

Ele desceu mais um degrau, depois outro, tomando o cuidado de segurar com força o Lance. Suas costas roçaram um circuito mais atrás — aquele buraco era um aglomerado de fios e pedaços de metal. Quando desceu mais um degrau, suas mãos começaram a suar.

Sarah e Bryson haviam se movimentado pela passarela para ficar bem acima dele.

— Estão quase no terceiro andar... na escadaria — gritou ela lá para baixo. — E os que vieram de elevador... estão aqui. As portas vão se abrir agora mesmo.

Michael desceu mais alguns degraus enquanto ela falava, depois parou e olhou para cima. Sarah estava calma, e Bryson, uma pilha de nervos, mexendo os pés o tempo todo.

Vump.

Vump.

Michael continuou descendo. De alguma forma, sabia que estava quase lá. Weber tinha falado que a localização exata não importava muito; bastava plantar o Lance em algum lugar próximo da parte central da coisa toda. Ele saberia quando chegasse lá. Portanto, continuou descendo, os ombros tensos e os braços doendo.

Então ele viu.

Já tinha descido pelo menos cinco metros. Virando o corpo com cuidado, e agarrado à escada com o braço esquerdo, com o Lance ainda preso no direito, avistou uma concentração de luzes azuis piscando ao ritmo do ruído — *vump, vump, vump* — que preenchia o mundo ao redor. Tudo estava mais vívido, mais quente e mais reluzente ali. O ar vibrava. Conseguia sentir o zumbido na pele, e as costas e o pescoço se arrepiaram.

Se aquele lugar tinha uma parte central, ficava ali.

— Estão vindo pelo corredor! — gritou Sarah. Ele não conseguia mais vê-la. — Você só tem mais alguns segundos!

Bryson finalmente perdeu a pose.

— Vai logo, cara! Por que está demorando tanto?

Michael o ignorou, ajeitando-se melhor na escada. Colocando o Lance sob o braço por um momento, segurou o canto do dispositivo com os dedos, que estavam molhados de suor e quase o derrubaram. Inclinou-se para a frente e o apoiou contra as costelas.

— Eles estão na porta! — gritou Sarah.

— Estou quase lá! — berrou Michael lá para cima.

O tempo pareceu passar mais devagar, entrando na cadência das pulsações de som.

Vump.

Segurou o Lance com mais firmeza, afastou-o do corpo e estendeu o braço na direção do amontoado de luzes e fios.

Vump.

Gritos abafados vinham lá de cima. Uma porta foi aberta.

Vump.

Michael encontrou um emaranhado de fios em meio às luzes piscantes e colocou o Lance sobre eles com movimentos cautelosos, certificando-se de que o dispositivo estava apoiado com firmeza. Soltou-o com gestos lentos, tomando cuidado para que não caísse quando tirasse a mão.

Vump.

O som de passos ressoava pela passarela. Um homem e uma mulher berraram.

— Agora, Michael! — gritou Sarah. — A agente Weber vai fazer nossa Emersão!

Vump.

Sua mão escorregou da escada atrás de si, e o corpo se projetou para a frente, caindo de cara na mente de Kaine. Estava preso em meio a um mar de fios, e o metal quente queimava sua pele. O Lance estava bem diante dele, com o teclado ao alcance dos seus dedos.

Vump.

Sarah deu um grito, e um impacto pesado sacudiu a passarela mais acima. Bryson soltou um berro estrangulado. Mais uma pancada. Pés se arrastando. Gritos. Mais passos.

Michael digitou o primeiro número da senha.

Vump.

Um homem gritou lá para baixo, com uma voz potente que superou todo o ruído ao redor.

— Pare já o que está fazendo! Agora!

Michael o ignorou e digitou o número seguinte. E mais outro. E outro.

Vump.

Ele sentiu a vibração de alguém descendo a escada. Os dedos trêmulos digitaram mais um número. E mais outro. E outro.

Vump.

— Não se mexa, ou vou atirar! — a voz do homem estava mais próxima e mais alta.

Michael digitou o último número da senha, e nesse momento ouviu um clique.

8

Michael escutou o barulho do tiro, e o som da bala se encravando em algo próximo à sua orelha.

— Tudo bem, tudo bem! — berrou Michael.

Ergueu as mãos para mostrar que já havia parado. Não fazia mais diferença. A missão estava cumprida. *Faz agora a nossa Emersão*, ele falou mentalmente à agente Weber, em uma espécie de oração. *Por favor, agora. Faz a nossa Emersão agora.*

— Se desembarace dos fios e se afaste do dispositivo — o homem ordenou com um tom de voz bem mais tranquilo. — Volte para a escada. Agora.

— Tudo bem — respondeu Michael, mas com os olhos vidrados no Lance, esperando para ver o que o dispositivo faria.

Enquanto se desvencilhava do ninho de fios, continuou observando. Esperando. Torcendo. Nada aconteceu.

Seus pés encontraram a escada, e ele os apoiou no degrau mais próximo. Agachado sobre fios e tubos, virou-se para se agarrar à escada e viu um homem com uma arma enorme um pouco mais acima.

— Bem devagar — instruiu ele. — Vamos subir. Não tente nenhuma gracinha. Garanto a você que o próximo tiro eu não vou errar.

Michael balançou a cabeça em concordância, deu uma última olhada por cima do ombro para o Lance e resolveu obedecer, torcendo para que a agente Weber os tirasse de lá o quanto antes...

De repente, sentiu um frio na espinha. Havia acabado de tirar os olhos do Lance quando algo chamou sua atenção para aquela direção de novo. Atordoado, ficou observando, sem entender o que via. O dispositivo estava... derretendo. Suas pontas não eram mais quadradas nem afiadas em ângulos retos. Os fios se soltavam da superfície enquanto a coisa toda entortava e perdia a forma, transformando-se em uma sopa de metal prateado derretido, que começou a vazar pelo emaranhado de fios e a pingar sobre os circuitos mais abaixo.

Michael observou que algumas gotas caíam para o lado. Outras, para *cima*. Em uma questão de segundos, o Lance havia se transformado em uma porção de gotas prateadas voando em todas as direções, contrariando as leis da física. Só conseguiu pensar que a causa para aquilo devia ser algum tipo de magnetismo.

Olhando para o guarda com a arma, Michael percebeu que ele também observava tudo em silêncio. O olhar dos dois se encontrou.

— O que você fez? — perguntou ele, parecendo mais apreensivo que irritado. — O que era essa coisa?

— Sinceramente? — disse Michael. — Não faço ideia. Uma pessoa com muito mais dinheiro e poder que você me mandou pôr essa coisa aí e apertar alguns botões. Foi isso que eu fiz.

O homem não teve chance de responder. Uma cacofonia de sons de repente preencheu o ar. Em seguida, faíscas começaram a voar. O ruído pulsante cessou, substituído pelo que parecia ser o barulho de grandes pedaços de metal rangendo e se dobrando.

— O que está acontecendo? — gritou o homem, o medo estampado no rosto, agora coberto de suor.

Michael também estava assustado. Tudo o que conseguiu fazer foi encolher os ombros.

— Suba logo — ordenou o guarda, antes de começar a se deslocar escada acima.

Michael segurou o degrau imediatamente acima, mas, nesse momento, tudo começou a tremer. Os ruídos ficaram cada vez mais altos.

Enquanto Michael subia, o prédio inteiro passou a tremer com violência. As luzes azuis espalhadas pelo Núcleo da programação de Kaine começaram a piscar, estalar e estourar, e as placas de circuitos, a se soltar das paredes e cair, levando consigo outras partes do mecanismo. O calor se tornou mais forte, provocando um incômodo na pele de Michael em sua escalada.

Alcançou a passarela logo depois do guarda, e viu Bryson e Sarah com as mãos algemadas atrás das costas, sendo conduzidos para a saída. A estrutura toda oscilava para trás e para a frente, como se o mundo todo vibrasse, e os que tinham as mãos livres se apoiavam em algo para se equilibrar. As chamas ardiam mais abaixo, enquanto o Núcleo desabava sobre si mesmo. O barulho era ensurdecedor.

O homem que havia descido para buscá-lo tinha a arma apontada para o rosto de Michael. Ele gritou:

— Quando sairmos daqui, vamos dar um jeito em você! Agora ande logo! Vou estar logo atrás.

Michael concordou com um aceno de cabeça. A agente Weber faria a Emerção dos três do Lifeblood Deep a qualquer momento. Tinha certeza.

Por isso, foi em frente. Contornou a passarela com passos oscilantes, segurando-se na grade como os outros guardas, sentindo o ar quente que subia do interior em chamas do recinto. O suor escorria pelo seu corpo todo, mas continuou se movendo, com o guarda empurrando-o mais atrás com a arma encostada em suas costas.

Conseguiu chegar até a porta. Saiu para o corredor.

Alguma coisa explodiu atrás deles, um rápido deslocamento de ar. O prédio oscilou.

Michael atravessou o corredor com passos apressados. Tropeçou, recuperou o equilíbrio e correu até a escadaria, onde estavam os amigos e os outros guardas.

Começaram a descer os lances de escadas, saltando vários degraus por vez.

Outra explosão.

O prédio vibrou.

Michael caiu.

Em seguida, se levantou.

Estava na plataforma do segundo andar. Continuou descendo. Chegaram ao térreo, e saíram aos tropeções pelo corredor. Viraram para um lado, depois para outro. Tomaram uma direção diferente dessa vez, a caminho da porta da frente, e não rumo aos fundos do edifício. Diversas explosões abalaram o ar. Michael e todos os outros caíram, levantando-se em seguida. A poeira os sufocava. Continuaram indo em frente e chegaram à saída, saindo para o sol e o ar livre da rua.

Mais homens e mulheres armados os aguardavam do lado de fora. Atrás deles, uma multidão havia se reunido para observar a comoção. Caminhões de bombeiros se alinhavam nas ruas, e as viaturas de polícia, tanto as convencionais como as voadoras, estavam todas vazias, as luzes das sirenes piscando.

A cabeça de Michael rodava, e seus músculos queimavam. Mal conseguia ver alguma coisa, por causa da luminosidade repentina e do suor que caía sobre seus olhos. O homem que o havia conduzido para fora o segurou de maneira bruta e o arrastou para longe, para o mesmo lugar aonde Bryson e Sarah eram levados: um caminhão preto, cujas portas foram abertas naquele momento.

— Weber — murmurou Michael, os passos vacilantes, incapaz de manter a firmeza dos pés. — Weber — virou a cabeça à procura de um Portal, para tentar uma fuga. Havia algo errado. Não tinha

parado para pensar até então, mas as coisas deveriam ter acontecido de outro modo.

Plantar o dispositivo e detonar o Lance. Fazer a Emersão.

De repente, como em um sonho, *Gabby* apareceu. Ela estava na multidão, empurrando as pessoas para passar, indo em direção a Michael. Ele olhou para ela e não entendeu nada.

— Jax! — berrou ela, a expressão aterrorizada, correndo para ele. Dois policiais saíram atrás dela. — Michael!

— Gabby? — sussurrou ele, quase sem ouvir a si mesmo. Que diabos estaria acontecendo?

— Nada disso é real! — gritou ela, enquanto era agarrada pelo braço por um policial. — Quer dizer, na verdade é real, *sim!* Eles enganaram você! Eu não deveria ter ajudado... — o outro policial bateu na cabeça dela com o cassetete, e Gabby caiu desmaiada no chão.

Incapaz de pronunciar qualquer palavra que fosse, Michael deu um berro, um som de gelar a espinha que abalou os próprios ouvidos. Foi algo vindo de suas entranhas, um urro animalesco de confusão e dor. Foi arrastado para longe, e perdeu Gabby de vista.

Seus amigos estavam sendo lançados para dentro do caminhão. O pânico tomou conta de Michael. Não, não, não. Estava tudo muito *errado*.

— Gabby! — gritou.

Debateu-se para se livrar de seu captor, tentando localizar Gabby. O homem o deixou escapar, e Michael se virou e correu, os passos cambaleantes. Ia para onde estava Gabby.

Errado.

Tudo errado.

Um paredão de gente a cercava. Precisava chegar lá. Encontrá-la, ajudá-la, perder-se com ela na multidão.

Uma mulher apareceu diante dele, vestida com uma armadura preta. Carregava um cassetete também, e o projetou na direção do rosto de Michael. O bastão atingiu sua testa em um impacto violentíssimo, que fez seu mundo se transformar em uma mistura de dor e luzes brilhantes diante de seu campo de visão. Ele foi ao chão com o corpo todo mole, batendo a nuca no chão de concreto.

O céu e o topo dos prédios giravam mais acima. Quase perdeu a consciência, mas conseguiu aguentar firme, fazendo força para se manter acordado. Suas forças tinham se esvaído. Totalmente.

— Gabby — murmurou ele. — Weber. Onde estão vocês?

Em seguida, sentiu que era erguido do chão. Levado para o caminhão. Jogado lá dentro.

A porta foi fechada com um rangido seguido de um impacto retumbante, que deixou Michael e os amigos no escuro.

Ele fechou os olhos.

XXI. CRIMINOSOS

1

Michael perdia e recuperava a consciência de tempos em tempos. Acordou quando mexeram nele, identificando luzes e rostos, borrões de movimento. Sua cabeça doía, de uma maneira que fazia lembrar demais a Decadência. E tudo o mais o que havia acontecido. Inclusive Kaine. Uma náusea invadiu seu corpo.

Adormeceu.

2

— Ei — murmurou alguém. — Michael, você está bem?

Sarah. Era Sarah. Ele piscou algumas vezes antes de abrir os olhos por completo. Ela o encarava. Michael estava deitado de costas em uma superfície rígida. A dor de cabeça havia melhorado, mas a tontura ainda persistia. Com um grunhido, levantou-se com a ajuda dela. Seu coração ficou partido quando notou onde se encontravam.

Ele estava em um banco duro, preso com Sarah e Bryson em um recinto com iluminação fraca e grades de ferro por toda a parte — uma cela. Não havia mais ninguém por perto. Já teriam feito a Emersão?

— Cara — comentou Bryson —, aquela mulher deve ter destruído metade do seu cérebro com essa pancada. Eu vi tudo. Você ficou

apagado um tempão.

— O que... — Michael soltou um grunhido de dor.

Não conseguia falar.

Sarah foi até ele e segurou sua mão.

— Era tudo mentira — disse ela. — Eles não falaram muita coisa, só que estamos presos. Os policiais daqui são terríveis.

— O que... — Michael tentou dizer de novo. Talvez tivesse sofrido um dano cerebral gravíssimo, que o impediria de falar pelo resto da vida. — Vocês viram a Gabby?

Ele se virou para Bryson, que não parecia sequer tê-lo ouvido. O amigo estava uma pilha de nervos, esfregando as mãos enquanto olhava para as grades.

— Weber. Foi ela que armou tudo. Do início ao fim. Só espero algum dia poder... Só cinco minutos. É só disso que eu preciso.

Michael quis perguntar de que ele estava falando, mas estava difícil até para respirar.

— Não sabemos se foi ela — rebateu Sarah. — Na verdade, não faz o menor sentido ter sido ela. Depois que fizemos a Submersão no Sono, alguém deve ter interferido e assumido o controle da operação.

Bryson bufou ao ouvir aquilo.

A cada segundo que passava, Michael ficava mais convencido de que não se recuperaria nunca mais daquela pancada na cabeça.

— Espera aí... o que está acontecendo? O que vocês sabem que eu não sei?

Sarah continuou falando, mas não parecia se dirigir especificamente a Michael.

— Deve ter sido logo depois de Weber entregar o Lance. Quando fomos Espremidos. Tipo, nós todos desmaiamos. E dormimos por sabe-se lá quanto tempo. Eles tiveram tempo de sobra para fazer isso.

— Foi a Weber, estou falando — insistiu Bryson. Ele estava com as costas apoiadas na parede atrás do banco. — Não vem me dizer que ela entregou o tal do Lance e fez a nossa Submersão, mas aí de repente apareceu um outro pessoal e tomou a frente da situação. Não dá para acreditar nisso. Foi *ela* que armou tudo.

— Mas *por quê?* — questionou Sarah. — Já existiam razões de sobra para prender a gente. Michael é acusado de ser terrorista, e todo mundo acha que eu... dei sumiço nos meus pais — sua voz falhou, mas logo ela se recuperou. — Isso sem falar em todas as vezes que a gente quebrou as regras do Sono. Não faz sentido. Se Weber ou qualquer outra pessoa quisesse a gente na cadeia, era só chamar a polícia.

Michael olhava de um lado para o outro tentando acompanhar a discussão dos amigos, tentando ligar os pontos. Bryson balançava a cabeça, pensativo.

— Hã... — falou. E então repetiu: — Hã...

— Pessoal — Michael se mexeu no assento, fazendo uma careta de dor. — Podem me chamar de lerdo, mas do que vocês estão falando? O que a Gabby quis dizer naquela hora? Ainda estamos no nível Deep? Onde estamos? O que aconteceu? Isso é uma cadeia de verdade ou...

— Michael — Sarah falou baixinho, mas com firmeza, para interrompê-lo. — Michael, enganaram a gente.

— Como? — perguntou ele. — Fazendo o quê?

Sarah parecia estar arrasada.

— A gente não chegou nem a entrar no Lifeblood Deep — explicou ela. — Devem ter nos dopado em algum momento, arrancado a gente dos Caixões, sei lá, em vez de fazer a Submersão. Acabamos jogados no meio da rua, na Vigília. Na *Atlanta real*. É a única explicação.

A cabeça de Michael começou a girar outra vez.

— Fosse o que fosse aquilo lá naquele prédio, a gente destruiu a coisa toda de verdade. Na *Vigília*, Michael. E eu nem sei se tinha alguma coisa a ver com o Kaine.

XXII. DOIS VISITANTES

1

Michael estava deitado em uma cama em um recinto apertado. O chão, o teto e três paredes eram revestidos de pedra. A quarta era uma grade de grossas barras de ferro. A única fonte de luz era a de uma lâmpada que zumbia e piscava de tempos em tempos. Michael ficou olhando para o teto, dominado por uma melancolia que nunca havia experimentado. Preferiria estar morto.

Não sabia exatamente por que estava tão triste. Coisas ruins vinham acontecendo com ele fazia um bom tempo. Mas estar trancafiado depois de ter sido separado dos amigos — o que um guarda tinha feito umas duas horas antes — lhe proporcionara tempo e silêncio de sobra para pensar em todos os problemas.

E era isso o que tinha feito.

Pensou nos pais Tangentes, desaparecidos para sempre. Em Helga, sua amada babá Tangente, também desaparecida. Em Sarah, e no sequestro dos pais dela, de cujo sumiço ela era acusada. Em Bryson, suspeito de ser seu cúmplice. Em Kaine, à solta por aí e tomando mais corpos a cada minuto, até onde Michael sabia. Na agente Weber, a única pessoa em quem confiava além de Sarah e Bryson, e que o havia traído.

Pensou em Jackson Porter. Uma vida roubada.

Michael era um assassino, com ou sem intenção.

E em Gabby. Tinha sido *e/le* quem a arrastara para aquilo tudo. E não conseguia parar de pensar nela, caída no chão e ferida.

Era mais do que conseguia suportar.

Michael sempre tinha se orgulhado de não fazer o tipo chorão. Isso havia mudado recentemente. A luz mais acima ficou borrada e, quando foi coçar o rosto, seus dedos ficaram molhados.

Virou-se para a parede, encolhido em posição fetal.

Michael chorou. O tipo de choro que fez seu peito se apertar, a garganta se fechar e os ombros se sacudirem. O tipo de choro que deixava o nariz melecado, fazendo os soluços e as fungadas quebrarem o silêncio sinistro do ambiente.

Michael estava aos prantos.

2

Em algum momento, adormeceu. Só se deu conta disso quando um barulho na grade da cela o despertou dos sonhos vazios. Desorientado, sentou-se na cama.

Havia um guarda parado à sua frente, mascando chiclete com um ar indolente, com a arma na mão — fora com ela que ele havia batido nas barras metálicas. Ao ver que Michael estava acordado, pôs a arma de volta no coldre.

— Você tem visita — comunicou com ar de tédio. — Duas, na verdade. Um homem e uma mulher. Quem você quer ver primeiro?

Essa informação fez Michael despertar de vez. Ele se levantou.

— Quem... quem são eles?

— Não sei e nem quero saber. Quem vem primeiro?

Michael pensou a respeito. Era uma situação muito esquisita. Quem poderia ser? Por fim, ele respondeu:

— O homem, eu acho.

O guarda fez um aceno desinteressado com a cabeça e foi embora. Michael ficou parado onde estava, ouviu o barulho de algum objeto metálico sendo acionado, alguns sussurros e depois passos. Logo em seguida, um homem desconhecido apareceu, sozinho, de calça jeans e camisa preta. Tinha cabelos castanhos, barba por fazer e olhos azuis.

Michael nunca o vira antes.

— Você está mesmo encrencado, Michael — comentou o homem. Não havia gentileza em seu tom de voz, nem hostilidade. Foi uma afirmação totalmente neutra.

— Quem é você? — quis saber Michael.

— Meu nome não importa.

Michael esperava uma resposta mais esclarecedora, mas o homem ficou em silêncio. Apenas observava Michael com seu olhar gelado.

— Então... — Michael procurou as palavras certas para dizer — ... é grave mesmo? A polícia não diz nada. A gente pensou que estava no Sono. Alguém... alguém morreu?

Ele vinha evitando aquele pensamento, na esperança de que todo mundo tivesse conseguido escapar. Mas certamente estavam sendo tratados como se houvessem tentado *no mínimo* causar essa espécie de estrago.

— Se alguém morreu? — ironizou o homem. — Vocês fizeram algo muito pior que matar uma pessoa. Vocês mataram o SSV.

— Como é? Do que está falando? — Michael sentiu um aperto no peito, tentando entender o que o homem havia dito.

O estranho abriu um sorriso tristonho.

— Tudo bem, *mataram* é uma palavra forte demais. *Aleijaram* seria mais apropriado. Seriamente. Por um bom tempo. O dispositivo que você plantou lá era... era poderosíssimo, meu jovem. Ele causou uma reação em cadeia por todos os sistemas da agência, como um vírus de verdade, destruindo tudo em seu caminho, passando de estação em estação. Eles estão completamente fora do ar. Como você descobriu onde o mainframe estava escondido, jamais vou saber. E, sinceramente, não faz diferença. Não é por isso que estou aqui.

Michael ficou em silêncio, imóvel como uma estátua. Por mais inteligente que pudesse ser, sua mente era incapaz de registrar o que estava sendo dito ali.

O homem se aproximou das grades e se inclinou para a frente.

— Escute aqui, garoto. Vim ver você porque o mundo está mudando. Debaixo do nariz de todos. E você é parte disso, queira ou não. Não dá para dizer quanto tempo vai ficar preso, mas em algum momento, mais cedo ou mais tarde, vai sair, quando as... as circunstâncias determinarem. E quero que se lembre do meu rosto. Que se lembre muito bem de mim.

— Eu... — Michael tentou desesperadamente pensar em alguma coisa racional para dizer ou perguntar. — Você trabalha para Kaine? Para a agente Weber? Isso tem alguma coisa a ver com a Doutrina da Morte? Quem é você?

— Um amigo? — o estranho falou em um tom contemplativo. — Ou um rival? Isso vai depender do que acontecer nas próximas semanas.

Michael ficou sem saber o que responder. O homem continuou:

— Vou deixá-lo sozinho agora. Você tem muito o que pensar antes das coisas que estão por vir. Espero que tenha aprendido uma boa lição com o que aconteceu naquele prédio. Sobre a natureza da VirtNet. Sobre a natureza da realidade.

— Como assim?

— Se a humanidade é capaz de criar um outro mundo tão parecido com o nosso, como podemos saber o que é real e o que não é? — disse o estranho. — Se eu fizesse sua Emersão agora mesmo e o tirasse de dentro de uma NerveBox, você diria: “Ah! Estou de volta ao mundo real!”. Mas então eu poderia fazer sua Emersão de novo, e seria uma surpresa, porque você com certeza pensa que agora estamos na... como é mesmo que vocês dizem? Na Vigília — o homem ergueu as mãos e segurou as grades com força. — Eu poderia fazer essa Emersão centenas de vezes. Milhares. E como você iria saber quando estaria de verdade no mundo real? Aliás, como saber se existe mesmo um mundo real?

Michael estava tão perplexo que sentiu as pernas bambearem, quase fazendo-o ir ao chão. E não porque se tratava de uma ideia absurda, mas sim porque era a coisa mais assustadora que já tinha ouvido.

— Pense bem nisso — falou o homem, afastando-se das grades. — Reflita melhor sobre o fato de alguém ser considerado vilão por

querer proporcionar a imortalidade à espécie humana. Pense sobre isso e muito mais. Vai ter tempo de sobra para isso.

O homem se virou, pronto para ir embora.

— Espera! — gritou Michael. — Pelo menos... me diz quem você é.

— Não posso contar agora, Michael. Isso seria... emocionalmente difícil para você. Mas queria que visse meu rosto. Algum dia, em breve, isso vai ser importante. Até lá — com um aceno breve de cabeça, ele se foi, sem olhar para trás.

— Espera! — gritou Michael outra vez, mas a única resposta que ouviu foi o eco da própria voz.

3

Michael estava sentado na cama, tão atordoado pela visita daquele homem que era como se seu corpo tivesse sido separado da mente e sua consciência flutuasse por uma espécie de mundo etéreo onde nada fazia sentido. Algo maligno ressoava no ar, uma sensação impossível de não comparar com o momento terrível em que fizera a Emersão do Sono no corpo de outra pessoa.

Foi quando ouviu o clique-clique de um par de saltos altos se aproximando.

Não podia acreditar. Como ela poderia ter a coragem de aparecer ali? Virou-se para a grade no exato momento em que ela apareceu do outro lado.

— Sério mesmo? — perguntou ele. — *Você* veio me visitar aqui? Sorte sua que estou atrás das grades.

A agente Weber estava imóvel, com uma expressão indecifrável.

— Michael — disse ela —, existem coisas que você não entende. Principalmente sobre mim. E sobre o motivo por que as coisas precisaram acontecer dessa maneira.

O coração de Michael estava disparado, a respiração ofegante. Não conseguia nem falar.

— Tudo o que é dito aqui está sendo gravado — continuou ela. — Tenho que tomar cuidado. Mas saiba que isso que está pensando sobre mim não é verdade. Você e eu estamos do mesmo lado. Eu não sou... quem eu costumava ser, por exemplo — ela desviou um pouco o olhar quando disse isso, como se transmitisse uma mensagem secreta. — E o papel do SSV nisso tudo é mais complicado do que imagina.

Ela se inclinou para a frente e sussurrou tão baixinho que ele mal conseguiu ouvir:

— Foi o SSV que *criou* Kaine, Michael. Mas agora ele saiu do controle. E deliberadamente atraiu você para aquele prédio no Lifeblood Deep, para que pudesse ir até lá no mundo real. Não fui eu que fiz a troca. Juro pela minha vida. Ninguém mais no SSV merece confiança. E Kaine queria que todas as evidências da ligação dele com a agência fossem destruídas — ela respirou fundo e deu um passo para trás, como se houvesse dito uma coisa corriqueira, e não algo capaz de fazer a cabeça de Michael girar como um pião.

Ele ficou imóvel, trêmulo de raiva. E olhou ainda mais fundo nos olhos dela. Seus amigos faziam muita falta. Ele saberia como se portar, como superar aquele momento, caso Bryson estivesse sentado a seu lado fazendo piadinhas, ou se Sarah estivesse segurando sua mão.

— Só mais uma coisa antes de eu ir — falou Weber. — E isso é muito importante — ela se interrompeu, olhou para um lado, para o outro, e depois para Michael. — É impossível destruir uma inteligência humana. O mesmo vale para uma inteligência *programada*. Está me entendendo? Elas ficam armazenadas. Todas elas. Tanto a dos humanos como a dos Tangentes. A Decadência pode desorganizá-las um pouco, mas elas não deixam de *existir*. Podem ser reavivadas. Isso vai... — ela parecia estar à procura das palavras certas para dizer. — Acho que isso vai fazer diferença no conflito que está por vir. Se as coisas puderem voltar ao normal algum dia.

Isso fez com que tudo o mais ficasse em segundo plano por um momento. Apesar de não saber por que ela dizia aquilo, aquela informação o fez pensar em algo assustador demais para perguntar, mas ele foi em frente assim mesmo:

— Não que eu acredite em alguma coisa do que está falando — começou ele —, mas está querendo me dizer que os meus pais... os meus pais de verdade, meus pais Tangentes... eles estão vivos? E que Jackson Porter ainda está vivo? Que alguém descobriu como baixar uma mente humana?

Weber deu um passo para trás e olhou de novo para um lado e para o outro, antes de voltar a atenção para Michael.

— As coisas ainda vão piorar antes que tudo melhore — disse ela. — Mas eu acredito de verdade que vão melhorar. Tchau, Michael.

Ele não fez menção de gritar para que ela esperasse. Não adiantaria nada.

Seus saltos batucaram o chão em um ritmo veloz, e ela desapareceu corredor afora.

4

Quase toda a sua comunicação havia sido bloqueada, mas ele pôde ficar com o EarCuff e um acesso limitadíssimo à rede. Um pouco de entretenimento. Jogos mais simples. Até mesmo os criminosos viviam em um mundo onde só a realidade não bastava.

Deitou-se na cama e olhou distraidamente para a tela verde quase vazia da NetScreen. Seus pensamentos estavam a mil depois de tudo o que tinha ouvido de seus visitantes. Eram informações demais. E estranhas demais. O SSV havia *criado* Kaine? Seus pais e Helga ainda poderiam estar em algum lugar? Era o que sempre havia desejado.

Sua mente não conseguia absorver tanta coisa. Sentia falta do mundo fora da cela. Ficou se perguntando o que aconteceria. Estava preocupado. Com tudo.

Mas, sobretudo, naquele momento, sentia falta dos amigos.

Uma luzinha piscante fez sua atenção se voltar para a Net-Screen. Quando olhou, ela desapareceu.

Alguns segundos depois, piscou de novo, um pontinho branco na tela verde, que logo sumiu outra vez.

Ficou esperando.

Mais uma piscadela — desta vez mais longa.

Em seguida, duas palavras apareceram, visíveis e legíveis como se sempre tivessem estado ali.

Estou aqui, S.

Michael sentiu o peito se descontraír. Sua mente relaxou. A tensão em seu coração se desfez.

Sarah.

Somente ela teria a ousadia e a compaixão de fazer o que havia acabado de fazer. Parecia simples, mas ele sabia quanto esforço tinha exigido, e duvidava ser capaz de fazer o mesmo. Estavam sendo vigiados de perto, mas ele tentaria.

Sarah. Ela estava lá e, por enquanto, isso teria que bastar.

Começou a trabalhar em uma resposta. Demorou uma hora para romper a proteção dos sistemas da prisão sem ser detectado, mas não conseguiria dormir enquanto não fizesse isso. Depois de enfim mandar a mensagem, deitou-se, precisando desesperadamente de algumas horas de sono. O que ele enviou parecia apropriado — afinal, acima de tudo, eram jogadores. A mensagem pairou em seus pensamentos e sonhos durante toda a noite.

Vamos vencer.

EPÍLOGO

Dois dias depois, Michael recebeu uma terceira visita. Dessa vez, porém, nenhum policial veio anunciá-la. Uma série de campainhas e cliques metálicos ressoou pelos corredores da prisão. Michael estava deitado na cama, mas a movimentação estranha o fez se sentar para escutar. Passos pesados, cada vez mais próximos. A porta na grade da cela se entreabriu vários centímetros. Um homem entrou como se fosse o dono do lugar.

— Vamos lá, Michael — falou o recém-chegado. — Seu tempo na prisão acabou.

Era o pai de Sarah. Gerard.

Michael engoliu em seco e tentou dizer alguma coisa, mas sua voz falhou. Devia estar sonhando.

— Ou quem sabe prefere tirar um cochilo antes de ir?

Michael estava tão atordoado que nem ao menos detectou o sarcasmo; apenas se perguntou por que voltaria a dormir se a porta da cela estava aberta.

— Michael — falou Gerard em um tom mais impaciente —, levanta daí. Estamos indo embora.

— Tudo bem — ele conseguiu responder, levantando-se e se aproximando do pai de Sarah. — Tudo bem. Mas...

— É, eu sei. As coisas estão confusas para mim também. Vamos logo.

Michael balançou a cabeça e seguiu Gerard para fora da cela. Ao passar pelo corredor, notou que quase todas as portas estavam abertas. A prisão estava praticamente vazia.

— Sarah — falou Michael. — Bryson. Onde eles estão?

— Não se preocupe, eles já saíram. — Michael seguiu Gerard por uma porta pesada que estava entreaberta. — Estavam em outra ala. Já estão no carro esperando, junto com a minha esposa. Você vai estar com eles em dois minutos. Agora, apresse o passo.

Passaram por mais uma porta de segurança e entraram no saguão da prisão — o local estava quase completamente vazio; não havia nenhum policial à vista.

— Como pode? — questionou Michael, correndo para acompanhar o ritmo de Gerard na direção da luz do sol que os aguardava do lado de fora.

Gerard parou e se virou para Michael, a respiração ofegante.

— Eu e minha esposa fomos resgatados por um grupo de pessoas, que depois providenciou tudo isso — ele estendeu as mãos, olhando ao redor. — Disseram alguma coisa sobre serem Tangentes, mas que na verdade *não eram* mais Tangentes. Não entendi muita coisa, mas acha que eu me importei? Estamos sãos e salvos, e reencontramos nossa filha.

Ele começou a se virar, mas Michael o segurou pelo ombro, alarmado.

— Tangentes? — perguntou ele. — Tem certeza de que foi isso o que disseram?

Gerard fez que sim com a cabeça.

— Sim, liderados por uma mulher. O nome dela era Helga.

Ele agarrou Michael pelo braço e o puxou para a porta, e depois para o ar livre e o sol escaldante. Michael foi seguindo o pai de Sarah, correndo atrás dele até um carro que os esperava na rua com o motor ligado, sentindo uma pontinha de esperança surgir no peito.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, leitores. Todos os dias fico mais impressionado com quanto vocês são fantásticos, todos vocês. Obrigado, cidadão ou cidadã que inventou a internet; obrigado por tornar isso possível.

Obrigado, educadores, bibliotecários, livreiros e todos os profissionais que indicam meus livros para os incautos em busca de novas leituras.

Obrigado, Krista Marino, minha paciente, atenta e brilhante editora.

Obrigado, Michael Bourret, o melhor agente do mundo.

Obrigado, Lauren Abramo, a melhor agente internacional do mundo.

Obrigado, Random House, por me apoiar de forma tão incrível. E por fazer com que me sinta parte de uma família.

Obrigado, Lynette, por ficar do meu lado. Você é Tudo.

Obrigado Wesley, Bryson, Kayla e Dallin, por fazerem da paternidade uma experiência tão espetacular.

Obrigado, mãe, por me criar tão bem e por incentivar minha criatividade.

E este espaço pode ser meio estranho para fazer isso, mas...

Obrigado, Twentieth Century Fox, Gotham Group, Wes Ball, Wyck Godfrey, T. S. Nowlin, e todo o elenco e equipe do filme *Maze Runner*. Além de capturar minha visão com perfeição, vocês me trouxeram muitos novos leitores, o que me deixa imensamente grato.

E, mais uma vez, ainda que nunca seja demais repetir: obrigado, leitores. Muito obrigado.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE!

Mande um e-mail para opinio@vreditoras.com.br

com o título deste livro no campo "Assunto".

CONHEÇA-NOS MELHOR EM

vreditoras.com.br

facebook.com/vreditorasbr